



AS CRÔNICAS VAMPIRESCAS

ANNE RICE

PANDORA

Rico



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.Info](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Anne Rice, criadora do vampiro Lestat, das bruxas Mayfair e dos incríveis mundos em que vivem esses seres sobrenaturais, lança agora *Pandora*, o primeiro volume de uma nova série de crônicas vampírescas, cujos protagonistas estão ligados ao vampiro novato David Talbot, designado para ser o cronista de seus companheiros mortos-vivos.

Em um café de Paris, David se encontra com Pandora. Nossa heroína tem dois mil anos e é uma Filha dos Milênios, a primeira vampira criada pelo grande e poderoso Marius. A intenção de David é convencê-la a narrar a história de sua vida através dos séculos.

Relutante a princípio, Pandora acaba cedendo ao convite e se vê presa à narrativa cada vez mais apaixonada e envolvente de sua lenda mesmerizante, que nos transporta no tempo, da Roma Imperial à França do século XVIII e às cidades de Paris e Nova Orleans do século XX. Ela nos faz recuar até sua infância mortal no mundo de César Augusto, um mundo retratado por Ovídio e Petrônio. É nessa época da Roma Imperial que Pandora conhece e se apaixona pelo ainda mortal Marius, um homem belo, carismático e alegre. É dessa Roma que ela se vê obrigada a fugir para não ser assassinada pelos conspiradores que mataram sua família e pretendem dominar a cidade. Nós a acompanhamos em sua viagem para o exótico porto de Antioquia, na Síria, onde acontece o seu reencontro com Marius, já imortal e atormentado por sua natureza vampíresca. É ele quem concede a Pandora o "Dom das Trevas", quando se lançam na fantástica aventura de um casamento conturbado que duraria dois séculos.

ANNE RICE

PANDORA
CRÔNICAS VAMPIRESCAS — VOLUME XI

Tradução de Adalgisa Campos da Silva
Formatação de LeYtor

A stylized, handwritten signature in black ink that reads "Rocco". The letters are fluid and connected, with a prominent 'R' and a long, sweeping tail on the 'o'.

Dedicado
a Stan, Christopher e Michele Rice
a Suzanne Scott Quiroz
e Victoria Wilson

A memória de
John Preston

aos
irlandeses de Nova Orleans
que, na década de 1850,
edificaram em Constance Street
a grande igreja de Sto. Afonso,
legando-nos,
através da fé, da arquitetura e da arte,
um monumento esplêndido
à
"glória que foi a Grécia
e
à grandeza que foi Roma".

Sobre a Sra. Moore e o eco nas cavernas de Marabar:

... mas o eco foi minando de forma indescritível seu controle sobre a vida. Chegando num momento em que ela estava cansada, o eco conseguiu murmurar:

— *Pathos*, piedade, coragem — essas coisas existem, mas são idênticas, e a sujeira também. Tudo existe, nada tem valor.

E. M. Forster

Passagem para a Índia

Crês que há um só Deus. Fazes bem.

Também os demônios crêem e tremem.

Epístola de São Tiago

2:19

Como é ridículo e sem experiência aquele que se surpreende com qualquer coisa que acontece na vida.

Marco Aurélio

Meditações

Outro aspecto desta nossa mesma crença é que muitas criaturas são condenadas; por exemplo, os anjos expulsos do paraíso por orgulho, e que agora são demônios; e os homens na terra que morrem afastados da Fé da Santa Igreja, especificamente os pagãos; e também aqueles que são batizados mas vivem uma vida não-cristã, e assim morrem sem amor — todos esses serão condenados ao inferno eterno, como me ensina a crer a Santa Igreja. Sendo assim, achei impossível tudo acabar bem, como Nosso Senhor estava me mostrando. Mas não tive o que responder a essa revelação senão: "O que é impossível para vós não é impossível para mim. Honrarei minha palavra em todos os aspectos, e farei tudo terminar da melhor forma possível." Assim me ensinou a graça de Deus...

Julian de Norwich

CAPÍTULO 1



Não faz nem vinte minutos que você me deixou aqui no café, que recusei o seu pedido, dizendo que jamais escreveria para você a história de minha vida mortal, como me tornei uma vampira — como só encontrei Marius anos depois de ele ter perdido a vida humana.

Agora, aqui estou eu com seu caderno aberto, usando uma das canetas de ponta fina e tinta indelével que você me deixou, encantada com a pressão sensual da tinta negra no papel caro, branco e imaculado.

Naturalmente, David, você me deixaria uma coisa sofisticada, uma página convidativa. Este caderno de capa de verniz escuro, não é?, lavrado com um desenho de rosas exuberantes, sem espinhos mas com uma bela folhagem, um desenho que só em última análise significa *Desígnio* porém revela uma autoridade. Os escritos contidos nessa bela e pesada encadernação contarão, diz esta capa.

As páginas grossas têm linhas azul-claras — você é prático, pensa em tudo, e deve saber que nunca pego da pena para escrever coisa alguma.

Até o barulho da caneta tem seu encanto, o ranger agudo que lembra bastante aquele das melhores penas da Roma antiga quando eu as usava nos pergaminhos para escrever cartas a meu pai, quando eu registrava num diário os meus lamentos... ah, aquele barulho. Só o que está faltando aqui é o cheiro da tinta, mas temos a boa caneta de plástico que durará muitos volumes, deixando uma marca tão fina e profunda quanto eu quiser fazer.

Estou pensando em seu pedido para escrever. Você vê que conseguirá algo de mim. Vejo-me cedendo, quase como uma de nossas vítimas humanas cede a nós, talvez descobrindo enquanto a chuva continua caindo lá fora, enquanto continua o vozerio aqui no café, que acho que isso pode não ser a agonia que imaginei — recordar mais de dois mil anos — mas quase um prazer, como o próprio ato de beber sangue.

Agora quero alcançar uma vítima que, para mim, não é fácil de dominar: meu passado. Talvez essa vítima fuja de mim numa velocidade equiparável à minha. Seja como for, agora estou procurando uma vítima que jamais enfrentei. E há aí a emoção da caçada, isso que o mundo moderno chama de investigação.

Se não, por que veria eu agora esses tempos de forma tão viva? Você não tinha para me dar nenhuma poção mágica que soltasse meus pensamentos. Só há uma poção mágica para nós, o sangue.

Você disse a certa altura quando estávamos indo para o café:

— Você se lembrará de tudo.

Você, que entre nós é tão jovem e no entanto era tão velho e tão culto quando mortal. Talvez seja natural que tenha tanta garra para tentar coligir nossas histórias.

Mas por que tentar explicar aqui essa sua curiosidade, essa coragem diante da verdade sanguinolenta?

Como você pôde ter acendido em mim esse desejo de voltar atrás quase exatamente dois mil anos — para contar meus dias mortais na Terra, em Roma, e como fiquei com Marius, e como ele teve pouca chance diante do Destino.

Como origens tão recalçadas e há tanto tempo negadas poderiam de repente acenar para mim? Uma porta se abre. Uma luz brilha. Entre.

Estou sentada no café.

Escrevo, mas paro e olho em volta para as pessoas aqui nesse café parisiense. Vejo os tecidos unissex sem graça dessa época, a americanazinha ingênua com sua farda verde-oliva, levando tudo o que possui dentro de uma mochila pendurada no ombro; vejo o velho francês que vem aqui há décadas só para olhar as pernas e os braços nus das moças, para alimentar-se dos gestos como se fosse vampiro, para ficar esperando por aquele momento precioso e exótico em que uma mulher dá uma risada e se recosta na cadeira com um cigarro na mão, e o tecido sintético de sua blusa fica esticado no busto, revelando os mamilos.

Ah, velho. Ele é grisalho e veste um paletó caro. Não ameaça ninguém. Vive inteiramente do olhar. Hoje, voltará para um apartamento modesto mas elegante que ele tem desde a última Grande Guerra, e assistirá a filmes da jovem beleza Brigitte Bardot. Ele vive pelos olhos. Não toca numa mulher há dez anos.

Não estou à deriva, David. Vou ancorar aqui. Pois não quero que minha história saia como se contada por um oráculo bêbado.

Estou vendo esses mortais com mais atenção. Eles são tão inexperientes, tão exóticos e no entanto tão deliciosos para mim; têm o mesmo aspecto que deviam ter os pássaros tropicais quando eu era criança; tão cheios de vida, vibrantes, rebeldes, eu queria agarrá-los para ter isso, fazer suas asas baterem em minhas mãos, capturar o voo e possuí-lo e compartilhá-lo. Ah, aquele momento terrível na infância em que acidentalmente se esmaga um pássaro vermelho e se lhe tira a vida.

No entanto, alguns desses mortais são sinistros em seus trajes mais escuros: o indefectível traficante de cocaína — e eles estão por toda parte, nossas melhores presas — aguardando o contato na esquina, a jaqueta comprida de couro criada por um estilista italiano famoso, cabelo rapado dos lados e com um tufo no alto para lhe dar um ar diferente, e dá mesmo, embora não seja necessário, considerando seus grandes olhos negros e a dureza do que a natureza pretendia que fosse uma boca generosa. Ele faz aqueles gestos rápidos e impacientes com o isqueiro na mesinha de mármore, a marca do viciado; fica se contorcendo, se virando, não consegue estar confortável. Não sabe que jamais voltará a sentir-se confortável. Quer sair para satisfazer o vício e dar uma cheirada, mas precisa aguardar o contato. Seus sapatos estão brilhando demais, e

suas mãos esguias nunca envelhecerão.

Acho que esse homem morrerá hoje. Aos poucos, vai crescendo em mim o desejo de matá-lo pessoalmente. Ele alimentou muita gente com esse veneno. Seguindo-o, envolvendo-o em meus braços, eu nem teria de cercá-lo de visões. Eu o faria saber que a morte estava chegando na forma de uma mulher branca demais para ser humana, muito amaciada pelos séculos para ser outra coisa além de uma estátua viva. Mas os homens que ele está esperando planejam matá-lo. E por que deveria eu intervir?

Como essas pessoas me vêem? Uma mulher de longos cabelos castanhos ondulados e macios que me cobrem como um véu de freira, um rosto de uma brancura que parece efeito de cosméticos, e olhos anormalmente brilhantes, mesmo por trás dos óculos de ouro.

Ah, ainda bem que atualmente há tantos estilos de óculos — pois se precisasse tirar estes, eu teria de ficar de cabeça baixa, para não assustar as pessoas com o simples jogo do amarelo, do castanho e do dourado em meus olhos, que, com os séculos, foram ficando cada vez mais como pedras preciosas, de modo que pareço uma cega com topázios no lugar das pupilas, ou antes orbes cuidadosamente formados de topázio, safira, até de água-marinha.

Olhe, já enchi tantas páginas, e tudo o que estou dizendo é Sim, vou lhe contar como tudo começou para mim.

Sim, vou lhe contar a história de minha vida mortal na Roma antiga, como acabei amando Marius e ficando com ele e depois me separando dele.

Que transformação em mim, essa resolução.

Como me sinto poderosa segurando esta caneta, e como estou ansiosa para nos situar com clareza e precisão antes de começar a atender a seu pedido.

Estamos em Paris, em uma época de paz. Chove. Prédios cinzentos altos e suntuosos com suas janelas duplas e balcões de ferro margeiam este bulevar. Carros barulhentos, pequeninos e perigosos correm pelas ruas. Cafês, como este, estão lotados de turistas internacionais. Igrejas antigas viraram cortiços superlotados, palácios foram transformados em museus, em cujos salões passo horas contemplando objetos do Egito ou da Suméria mais velhos até do que eu. A arquitetura romana está em toda parte, réplicas perfeitas dos templos de minha época agora são bancos. A língua inglesa está impregnada de palavras do meu latim nativo. Ovídio, meu amado Ovídio, o poeta que previu que sua poesia sobreviveria ao Império Romano, provou estar certo.

Entre em qualquer livraria e você o encontra em pequenas brochuras bem-feitas, idealizadas para atrair os estudantes.

A influência romana se propaga, gerando imponentes carvalhos em meio à floresta moderna de computadores, discos digitais, microvírus e satélites espaciais.

É fácil aqui — como sempre — encontrar um mal que se possa abraçar, um desespero que valha uma terna realização.

E comigo sempre tem de haver um pouco de amor da vítima, um pouco de piedade, uma ilusão de que a morte que eu trago não prejudica o grande manto da inevitabilidade, feito de árvores e terra e estrelas, e acontecimentos humanos, que paira eternamente à nossa volta, prestes a se fechar sobre tudo o que é

criado, tudo o que conhecemos.

Ontem à noite, quando você me encontrou, o que achou? Eu estava sozinha na ponte sobre o Sena, caminhando na derradeira e perigosa escuridão de antes do romper da aurora.

Você me viu antes que eu percebesse que você lá estava. Meu capuz estava abaixado e deixei meus olhos na penumbra da ponte terem seu momentinho de glória. Minha vítima estava junto à balaustrada, não mais que uma criança, mas machucada e assaltada por cem homens. Ela queria morrer na água. Não sei se o Sena tem profundidade suficiente para alguém se afogar. Tão perto da Ponte St-Louis. Tão perto da Notre Dame. Talvez tenha, se a pessoa conseguir resistir a fazer um derradeiro esforço para continuar viva.

Mas senti a alma dessa vítima como cinzas, como se seu espírito tivesse sido cremado e só sobrasse o corpo, uma casca desgastada, castigada por doenças. Abracei-a, e quando vi o medo em seus olhinhos negros, quando vi a pergunta surgindo, envolvi-a com imagens. A fuligem que cobria minha pele não foi suficiente para impedir que eu parecesse a Virgem Maria, e ela murmurou hinos e preces, até viu meus véus nas cores que ela conhecera em criança nas igrejas, enquanto se entregava a mim, e eu — sabendo que não estava precisando beber, mas sequiosa por ela, sequiosa pela angústia que ela podia exalar em seu momento final, sequiosa pelo saboroso sangue vermelho que me encheria a boca e faria com que eu me sentisse humana por um instante em minha monstruosidade — entreguei-me às suas visões, inclinei seu pescoço, afoguei sua pele suave e magoada, e foi então, quando cravei meus dentes nela, quando bebi de seu sangue — foi então que soube que você estava ali. Você observava.

Eu sabia, e senti, e vi a nossa imagem em seu olho, de forma perturbadora, enquanto assim mesmo o prazer me percorria, fazendo-me crer que eu estava viva, de certa forma ligada a campos de trevo ou árvores com raízes maiores do que os galhos que elas erguem para o firmamento.

A princípio, odiei você. Você me viu enquanto eu me regalava. Você me viu enquanto eu cedia. Você nada sabia dos meus meses de fome, de contenção, de andar ao léu. Você só viu a súbita liberação de meu desejo impuro de sugar a alma da criatura, fazer seu coração subir na carne dentro dela, tragar de suas veias cada preciosa partícula que ainda quisesse sobreviver.

E ela queria sobreviver. Envolto em santos, e sonhando de repente com os seios que a amamentaram, seu corpo jovem lutou, debatendo-se contra mim, ela tão macia, e minha própria forma dura como uma estátua, meus mamilos secos preservados em mármore, nenhum conforto. Que ela veja sua mãe, morta e agora esperando. Que eu vislumbre em seus olhos moribundos a luz através da qual ela partiu céleste rumo a esta salvação certa.

Então esqueci você. Eu não queria ser roubada. Bebi mais lentamente, deixei-a suspirar. Deixei seus pulmões se encherem com o ar frio do rio, sua mãe se aproximando cada vez mais, fazendo com que a morte agora fosse para ela mais segura que o ventre. Tomei cada gota que ela podia dar.

Ela estava morta apoiada em mim, como alguém que eu tivesse socorrido, alguém que eu ajudaria a sair da ponte, uma moça enfraquecida, doente, bêbada. Enfiar a mão em seu corpo, rompendo tão facilmente a carne com esses dedos

delicados, e apertei seu coração e trouxe-o até os lábios e chupei-o, minha cabeça escondida por seu rosto, chupei o coração como uma fruta, até não ter mais sangue em qualquer fibra ou ventrículo, então lentamente — talvez por sua causa — ergui-a e deixei-a cair na água que ela tanto desejara.

Agora ela não lutaria enquanto seus pulmões estivessem se enchendo d'água. Ela não se debateria desesperadamente pela última vez. Servi-me do coração pela última vez, até dele tirar a cor do sangue, em seguida joguei-o onde ela estava — uvas esmagadas — pobrezinha, filha de cem homens.

Então encarei você, mostrando-lhe saber que você observava do cais. Acho que tentei assustá-lo. Furiosa, mostrei-lhe como você era fraco, que nem todo o sangue dado a você por Lestat haveria de torná-lo páreo para mim se eu resolvesse mutilá-lo, infundir-lhe um calor fatal e imolá-lo, ou apenas puni-lo com uma cicatriz profunda — simplesmente por me haver espionado.

Na verdade, eu jamais havia feito uma coisa dessas com alguém mais jovem. Sinto pena deles quando eles vêm a nós, os antigos, e ficam tremendo de medo. Mas pelo que conheço de mim, devo ter recuado tão rápido que você não pôde me seguir naquela noite escura.

Alguma coisa em seu porte me encantou, o modo como se aproximou de mim na ponte, seu corpo anglo-indiano jovem e moreno que sua verdadeira idade mortal tornava tão graciosamente sedutor. Sua própria postura parecia pedir-me, sem humilhação:

— Pandora, podemos conversar?

Minha mente viajava. Talvez você soubesse. Não me lembro se o tirei de meus pensamentos, e sei que suas habilidades telepáticas não são das mais fortes. Minha mente de repente viajava, talvez espontaneamente, talvez incitada por você. Pensei em tudo o que eu lhe poderia contar, que era tão diferente das histórias de Lestat e das de Marius através de Lestat, e quis alertá-lo, alertá-lo a respeito dos vampiros antigos do Extremo Oriente que o matavam se você entrasse em seu território, simplesmente pelo fato de você estar ali.

Eu queria ter certeza de que você entendia o que todos tínhamos de aceitar — a fonte de nossa fome vampiresca imortal residia realmente em dois seres — Mekare e Maharet — tão antigas que agora têm um aspecto horrendo, mais do que belo. E se elas se destruíssem, morreremos todos com elas.

Eu queria lhe contar sobre os outros que nunca nos conheceram como tribo nem conheceram a nossa história, que sobreviveram ao terrível fogo que nossa Mãe Akasha infligiu a seus filhos. Queria lhe contar que havia coisas andando aqui na Terra parecidas conosco, mas que não são nem de nossa raça nem humanas. E queria de repente tê-lo sob minhas asas.

Deve ter sido a sua provocação. Você estava ali, o cavalheiro inglês, usando o protocolo com uma naturalidade que nunca vi em homem algum. Fiquei fascinada com suas roupas finas, com o fato de você ter se presenteado com uma capa preta de lã penteada, de ter até se dado ao luxo de ostentar uma vistosa echarpe de seda vermelha — tão diferente do que você era quando acabou de ser feito.

Compreenda, eu nada percebi na noite em que Lestat o transformou em vampiro. Não senti esse momento.

Todo o mundo preternatural faiscou semanas antes, porém, sabendo que um mortal entrara no corpo de outro mortal, tomamos conhecimento dessas coisas, como se as estrelas nos contassem. Uma mente preternatural capta as pequenas ondas desse corte violento no tecido da normalidade, depois outra mente recebe a imagem, e ela vai-se propagando.

David Talbot, o nome que todos conhecíamos da venerável ordem dos detetives paranormais, a Talamasca, conseguiu passar toda a sua alma e seu corpo etéreo para o corpo de outro homem. Esse corpo propriamente dito estava possuído por um ladrão de corpos que você expulsou dali. E uma vez fixado no corpo jovem, você, com todos os seus escrúpulos e valores, todo o seu conhecimento de setenta e quatro anos, permaneceu ali ancorado naquelas células jovens.

E assim surgiu David o Renascido, David com o verniz da beleza indiana, e a força crua e bem nutrida da linhagem britânica, que Lestat transformou em vampiro, transformando corpo e alma, acrescentando um componente de milagre ao Dom das Trevas, alcançando mais uma vez um pecado que deixaria pasmos seus contemporâneos e os mais velhos.

E isso, isso foi feito com você por seu melhor amigo! Bem-vindo às trevas, David. Bem-vindo ao reino da "lua inconstante" de Shakespeare.

Corajosamente você veio vindo em minha direção, na ponte.

— Perdoe-me, Pandora — você disse baixinho.

Impecável sotaque da alta sociedade britânica, e aquela costumeira cadência britânica falsa e tão sedutora que parece dizer que "nós todos salvaremos o mundo".

Você manteve uma distância educada entre nós, como se eu fosse uma virgenzinha do século passado e você não quisesse melindrar minhas sensibilidades de menina. Eu sorri.

Então me satisfiz. Avaliei-o completamente, esse novato que Lestat - contrariando a interdição de Marius — ousara fazer. Vi os componentes que faziam de você um homem: uma alma humana imensa, destemida, mas um tanto apaixonada pelo desespero, e um corpo que Lestat quase se machucara para tornar poderoso. Ele lhe dera mais sangue do que poderia dar com facilidade quando o transformou. Tentara lhe dar a coragem, a esperteza, a astúcia dele; tentara lhe passar um arsenal através do sangue.

Ele trabalhou bem. Sua força era complexa e evidente. O sangue de nossa Rainha Mãe Akasha estava misturado ao de Lestat. Marius, meu antigo amante, também dera sangue a ele. Lestat, ah, o que estão dizendo agora? Estão dizendo que ele pode até ter bebido o sangue de Cristo.

Foi essa primeira questão que discuti com você, dominada pela curiosidade, pois sondar o mundo em busca de conhecimento costuma revelar tanta tragédia que acho isso uma coisa abominável.

— Conte-me o que há de verdade — disse eu — nessa história de *Memnoch*. Lestat afirmou que visitou o Paraíso e desceu ao Inferno. Trouxe um véu de Santa Verônica. O rosto de Cristo estava estampado ali! Isso converteu milhares ao cristianismo, acabou com a alienação e veio em socorro da amargura. Levou outros Filhos das Trevas a depor as armas à claridade mortal da manhã, como se

o sol de fato fosse o fogo de Deus.

— Sim, tudo isso aconteceu como descrevi — disse você, baixando a cabeça com uma modéstia educada, mas comedida. — E você sabe que alguns... de *nós* morremos neste fervor, enquanto jornais e cientistas colhiam nossas cinzas para exame.

Fiquei fascinada com sua calma. Uma sensibilidade do século XX. Uma mente dominada por uma riqueza incalculável de informações, rápida nas respostas, com um intelecto dedicado a agilidade, síntese, probabilidades, e tudo isso tendo como pano de fundo experiências terríveis, guerras, massacres, talvez o que já houve de pior no mundo.

— Tudo aconteceu — disse você. — E realmente estive com Mekare e Maharet, as antigas, e não precisa ter medo que eu não saiba o quanto a raiz é frágil. Foi bondade sua pensar em mim de forma tão protetora.

Fiquei encantada, mas me calei.

— O que achou desse Santo Vêú? — perguntei.

— Nossa Senhora de Fátima — você disse delicadamente. — O sudário de Turim, um aleijado se levantando das águas milagrosas de Lourdes! Que consolo deve ser aceitar tão facilmente uma coisa dessas.

— E você não aceitou? Você balançou a cabeça.

— E nem Lestat, na verdade. Foi uma mortal, Dora, quem trouxe o Vêú para o mundo depois de roubá-lo dele. Mas era uma peça singularíssima e muito bem-feita, isso eu lhe digo, mais digna do nome "reliquia", talvez, do que qualquer coisa que eu já tenha visto.

De repente, você pareceu abatido.

— Um plano imenso entrou na feitura do Vêú — você disse.

— E o vampiro Armand, o delicado Armand com seu ar de menino, ele acreditou naquilo? — perguntei. — Armand olhou para o pano e viu o rosto de Cristo — disse eu buscando a sua confirmação.

— O suficiente para morrer por isso — disse você solene. — O suficiente para abrir os braços para o sol da manhã.

Você desviou a vista e fechou os olhos. Isso foi um pedido simples e direto para que eu não o fizesse falar de Armand e de como ele entrara na fogueira da manhã.

Suspirei — surpresa e suavemente fascinada por ver que você era tão articulado e cético, e, no entanto, tão profunda e francamente ligado aos outros.

Você disse numa voz trêmula:

— Armand. — E ainda sem olhar para mim: — Que Réquiem. E ele já sabe se Memnoch era real, se o Deus Encarnado que tentou Lestat era de fato o Filho do Deus Todo-poderoso? Alguém sabe?

Fiquei fascinada com sua honestidade, sua paixão. Você não era desencantado nem cínico. Você se envolvia com esses acontecimentos, essas criaturas e as perguntas que fazia.

— Eles guardaram o Vêú a sete chaves — disse você. — Está no Vaticano. Houve duas semanas de loucura na Catedral de St. Patrick, na Quinta Avenida, quando o povo veio olhar nos olhos do Senhor; depois o levaram dali, para os cofres deles. Duvido que haja alguma nação na Terra hoje que tenha poder para

conseguir sequer dar uma olhadela nele.

— E Lestat — disse eu. — Onde ele está agora?

— Paralisado, calado — você disse. — Lestat está no subterrâneo de uma capela em Nova Orleans. Não se mexe. Não fala. A Mãe veio ao encontro dele. Você a conheceu, Gabrielle, ele a transformou em vampira.

— Sim, eu me lembro dela.

— Nem ela consegue fazê-lo reagir. Seja lá o que ele tenha visto em sua jornada ao Paraíso e Inferno, de qualquer maneira ele não sabe mesmo o que foi, ele tentou contar isso a Dora! E mais tarde, depois que escrevi a história toda para ele, em poucas noites, ele ficou nesse estado.

— Está com os olhos vidrados e o corpo mole. Ambos fazem uma curiosa Pietà, ele e Gabrielle. Na capela desse convento abandonado. A mente dele está fechada, ou pior, está vazia.

Vi que estava gostando muito de sua maneira de falar. Na verdade, me pegou desprevenida.

— Deixei Lestat por não ter meios de ajudá-lo nem de alcançá-lo — você disse. — E preciso saber se há antigos que queiram acabar comigo. Preciso fazer minhas peregrinações e meus avanços para conhecer os perigos desse mundo em que fui admitido.

— Você é tão direto. Não tem astúcia.

— Ao contrário. Estou escondendo de você meus melhores trunfos. — Você me deu um sorriso lento, educado. — Sua beleza me confunde. Está acostumada a isso?

— Bastante — disse eu. — E cansada. Vamos deixar isso para trás. Deixe-me só alertá-lo, há seres velhos que ninguém consegue explicar. Dizem que você esteve com Maharet e Mekare, que agora são a mais Velha e a Fonte de onde tudo se origina. Obviamente elas se afastaram de nós, de tudo, retirando-se para algum lugar secreto, e não têm gosto pela autoridade.

— Absolutamente certo — você disse —, e meu contato com elas foi lindo porém breve. Elas não querem governar ninguém, e, enquanto houver história do mundo e os descendentes físicos de Maharet estiverem aqui, os milhares de descendentes humanos que ela teve desde tempos tão remotos que nem datados são, ela, Maharet, tampouco destruirá a si mesma e a sua irmã, destruindo assim a todos nós.

— Sim — disse eu — nisso ela crê, na Grande Família, nas gerações que ela acompanha há milhares de anos. Eu a vi quando nos reunimos todos. Ela não nos vê como maus — você, ou eu ou Lestat — ela acha que somos naturais, mais ou menos como vulcões ou incêndios que devastam florestas, ou raios que fulminam uma pessoa.

— Exatamente — você disse. — Agora não há Rainha dos Condenados. Só tenho medo de um outro imortal, que é o seu amante, Marius. Porque foi Marius que, antes de deixar os outros, proibiu terminantemente a criação de bebedores de sangue. Sou de origem baixa no entender de Marins. Isto é, se ele fosse inglês, é o que ele diria.

Balancei a cabeça.

— Não posso acreditar que ele lhe fizesse mal. Ele não foi a Lestat? Não

veio ver o Véu com os próprios olhos? Você respondeu Não às duas perguntas.

— Ouça este conselho: sempre que sentir a presença dele, fale com ele. Fale com ele como falou comigo. Puxe uma conversa que ele não tenha coragem de encerrar.

Você tornou a sorrir.

— É uma maneira muito inteligente de colocar a coisa — disse você.

— Mas não acho que você deva temê-lo. Se ele quisesse que você fosse embora da Terra, você teria ido. O que temos de temer são as mesmas coisas que os humanos temem — o fato de haver outros de nossa espécie, com poderes e crenças variados, e de jamais sabermos com certeza onde eles estão e o que fazem. Este é o conselho que lhe dou.

— É muita gentileza sua perder tempo comigo — você disse. Quase chorei.

— Ao contrário. Você não conhece o silêncio e a solidão em que vivo, e tomara que nunca conheça, e aqui você me deu calor sem morte, alimento sem sangue. Estou contente que você tenha vindo.

Vi você olhar para o céu. O hábito dos jovens.

— Sei que agora temos de nos separar. Você virou-se para mim de repente.

— Encontre-me amanhã à noite — você disse em tom de súplica. — Vamos dar continuidade a este contato! Encontre-a no café aonde você vai todas as noites e fica meditando. Acharei você. Vamos conversar.

— Então você me viu lá.

— Ah, muitas vezes — disse você. — Sim. — Você tornou a desviar a vista. Vi que era para esconder a emoção. Então seus olhos negros voltaram-se para mim.

— Pandora, temos o mundo, não temos? — você sussurrou.

— Não sei, David. Mas encontrarei você amanhã à noite. Por que não me apareceu lá? Um lugar aquecido e iluminado.

— Parecia uma invasão bem mais abusiva, abordá-la na privacidade sagrada de um café movimentado. As pessoas vão a lugares desse tipo para ficar sozinhas, não vão? Isso pareceu de certa forma mais adequado. E eu não estava querendo ser *voyeur*. Como muitos novatos, preciso me alimentar todas as noites. Foi por acaso que nos vimos naquela hora.

— Isso é encantador, David — disse eu. — Há muito tempo ninguém me encanta. Encontrarei você lá... amanhã à noite.

Então uma maldade se apossou de mim. Aproximei-me de você e abracei-o, sabendo que a dureza e a frieza de meu corpo antigo haveriam de despertar o mais profundo terror num recém-nascido como você, passando tão facilmente por mortal.

Mas você não recuou. E quando beijei sua face, você beijou a minha.

Agora me pergunto, aqui sentada neste café, escrevendo... tentando lhe dar com estas palavras talvez mais do que você esteja pedindo... o que eu teria feito se você não tivesse me beijado, se você recuasse com aquele medo tão comum nos jovens.

David, você é mesmo um enigma.

Está vendo que comecei a relatar aqui não a minha vida, mas sim o que se passou nessas duas noites entre nós dois.

Permita isso, David. Permita que eu fale de nós dois, e depois talvez eu possa recuperar minha vida perdida.

Quando você chegou aqui no café hoje à noite, não dei muita importância aos cadernos. Você tinha dois. Eram grossos.

O couro dos cadernos cheirava bem e quando você os pousou na mesa, só então detectei em sua mente disciplinada e contida um lampejo de que eles tinham a ver comigo.

Eu havia escolhido essa mesa no meio do salão, como se eu quisesse estar no centro de um turbilhão de atividade e cheiros mortais. Você parecia satisfeito, sem medo, absolutamente à vontade.

Você estava com outro traje incrível de corte moderno com uma farta capa de lã penteadada, de muito bom gosto, porém antiquada, e, com essa pele dourada e esses olhos radiantes, você virou a cabeça de todas as mulheres ali dentro e a de alguns dos homens também.

Você sorriu. Deve ter-me achado parecida com um caracol debaixo daquela capa com capuz, óculos de ouro cobrindo mais da metade do rosto, e um traço de batom comercial nos lábios, um rosa arroxeado que me fez lembrar hematomas. Eu achara aquilo muito sedutor no espelho da loja e ficara satisfeita pelo fato de minha boca ser algo que eu não precisava esconder. Meus lábios já quase não têm cor. Com esse batom eu podia sorrir.

Eu estava com aquelas minhas luvas de renda preta, de pontas cortadas, para meus dedos poderem sentir, e sujara as unhas para elas não brilharem como cristal ali no café. E estendi a mão para você e você a beijou.

Lá estavam aquela sua audácia e aquele seu protocolo. Então o seu sorriso mais caloroso, um sorriso no qual acho que aquela sua fisiologia antiga deve ter falado mais alto, porque você pareceu excessivamente sábio para alguém tão jovem e de constituição tão forte. Fiquei fascinada com a perfeição da personagem que você compusera para incorporar.

— Não sabe que alegria é para mim — você disse — você ter vindo, termine deixando sentar aqui com você.

— Você me fez querer isso — disse eu, erguendo as mãos, e vendo que seus olhos estavam fascinados com minhas unhas cristalinas, apesar do encardido.

Estendi-as para você, esperando que você recuasse, mas você confiou sua cálida mão morena a meus frios dedos brancos.

— Você vê em mim um ser vivo? — perguntei-lhe.

— Ah, sim, definitivamente, um ser vivo dos mais radiantes e perfeitos. Pedimos o nosso café, como os mortais esperam que peçamos, sentindo um prazer maior com o calor e o aroma do que eles jamais poderiam imaginar, até mexendo a bebida na xícara com aquelas colherinhas. Eu tinha diante de mim uma sobremesa vermelha. A sobremesa continua aqui, claro. Pedi-a simplesmente porque era vermelha- morangos cobertos com calda —, com um cheiro forte e doce que agradaria às abelhas.

Ri de suas lisonjas. Gostei delas.

Achando graça, zombei delas. Deixei o capuz escorregar e sacudi os cabelos fazendo com que seu volume e sua cor escura refletissem a luz.

Naturalmente ele não é um sinal para os mortais, como é o cabelo louro de Marius ou o de Lestat. Mas adoro o meu cabelo, adoro o manto que ele forma quando cai nos meus ombros, e adorei o que vi em seus olhos.

— Bem lá no fundo, há uma mulher dentro de mim — disse eu. Escrever isso agora — neste caderno enquanto estou sentada aqui sozinha — dá estrutura a um momento banal, e parece uma confissão tristíssima.

David, quanto mais escrevo, mais o conceito de narrativa me excita, mais acredito no peso de uma coerência que é possível na página, embora não o seja na vida.

Mas repito, eu não sabia mesmo que pretendia pegar essa sua caneta. Estávamos conversando.

— Pandora, quem não souber que você é uma mulher é um idiota — você disse.

— Como Marius se irritaria comigo por ficar satisfeita com isso -disse eu.

— Ah, não. Ele antes usaria isso como um ponto forte a favor da posição dele. Eu o deixei, deixei-o sem uma palavra, na última vez em que estivemos juntos (isso foi antes daquela travessurazinha de Lestat de sair por aí num corpo humano, e muito antes de ele encontrar Memnoch, o Demônio), deixei Marius, e, de repente, eu queria poder encontrá-lo! Queria poder falar com ele, como nós dois estamos nos falando agora.

Você pareceu muito perturbado por mim, e com razão. Em algum nível, você devia saber que há muitos anos tediosos eu não revelava esse entusiasmo todo por coisa nenhuma.

— Você escreveria sua história para mim, Pandora? — perguntou você de supetão.

Fui completamente pega de surpresa.

— Nesses cadernos? — você insistiu. — Escreva sobre o tempo em que você vivia, o tempo em que você e Marius se encontraram, escreva o que quiser de Marius. Mas é a sua história que eu mais quero.

Fiquei pasma.

— Por que cargas d'água você haveria de querer isso de mim? Você não respondeu.

— David, naturalmente você não voltou para aquela ordem de seres humanos, a Talamasca, eles sabem demais...

Você ergueu a mão.

— Não, e jamais voltarei. E se algum dia houve qualquer dúvida a respeito, fiquei sabendo de uma vez por todas pelos arquivos que Maharet guarda.

— Ela o deixou ver os arquivos, os livros que ela salvou ao longo do tempo?

— Deixou, é espantoso, sabe... um depósito cheio de tabuletas, rolos, pergaminhos, livros e poemas de culturas sobre as quais o mundo nada sabe, acho eu. Livros perdidos do tempo. Obviamente ela me proibiu de revelar qualquer coisa que eu encontrasse ou de dar detalhes sobre o nosso encontro. Disse que era uma grande imprudência mexer com isso, e confirmou o seu receio de que eu pudesse ir para a Talamasca, meus velhos e paranormais amigos mortais. Não fui. Nem vou. Mas essa é uma promessa muito fácil de cumprir.

— Por quê?

— Pandora, quando vi todos aqueles escritos antigos, percebi que eu já não era humano. Percebi que a história que ali estava para ser colhida já não era minha! Não sou um destes! — Seus olhos percorreram o lugar. — Claro que você deve ter ouvido isso mil vezes de vampiros novatos! Mas sabe, eu acreditava com todas as forças que a filosofia e a razão construiriam para mim uma ponte através da qual eu poderia transitar entre os dois mundos. Bem, não existe ponte. Acabou.

Você refletia a sua tristeza, que faiscava em seus jovens olhos e na maciez da sua carne.

— Então você sabe disso — disse eu. Não planejei as palavras. Mas elas saíram. — Você sabe. — Dei uma gargalhada amarga e suave.

— Sei mesmo. Fiquei sabendo quando peguei os documentos de sua época, tantos de sua época, da Roma Imperial, e outros fragmentos de pedras inscritas que eu nem poderia esperar localizar. Eu soube. Não me importava com esses documentos, Pandora! Importo-me com o que somos, o que somos agora.

— Que extraordinário — disse eu. — Você não sabe o quanto o admiro, nem o quanto esse seu temperamento me atrai.

— É bom ouvir isso — disse você. Depois, inclinou-se para mim: -Não digo que não levemos conosco nossas almas humanas, nossa história; claro que levamos.

— Lembro-me uma vez há muito tempo, Armand me contou que perguntou a Lestat: "Como algum dia entenderei a raça humana?" Lestat disse: "Leia ou veja todas as peças de Shakespeare e você ficará sabendo de tudo o que precisa saber sobre a raça humana." Armand fez isso. Devorava os poemas, assistia a todas as peças, aos novos filmes fantásticos com Laurence Fishburne e Kenneth Branagh e Leonardo DiCaprio. E da última vez em que Armand e eu conversamos, eis o que ele disse sobre sua educação: "Lestat tinha razão. Ele não me deu livros, mas um passaporte para o entendimento. Esse Shakespeare diz — e estou citando Armand e Shakespeare conforme Armand recitou, como recitarei para você —, como se as palavras viessem do meu coração:

*Trás amanhã e trás amanhã de novo,
Vai, a pequenos passos, dia a dia,
Até a última sílaba do tempo;
Inscrito. E todos esses nossos ontens
Têm alumiado aos tontos que nós somos
Nosso caminho para o pó da morte.
Breve candeia, apaga-te! Que a vida
É uma sombra ambulante; um pobre ator
Que gesticula em cena uma hora ou duas,
Depois não se ouve mais; um conto cheio
De bulha e fúria, dito por um louco, Significando nada. **

* Shakespeare, William. *Macbeth*, ato V, cena V. Tradução de Manuel Bandeira. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora, 1961. (N. da T.)

— "Esse homem diz isso", disse-me Armand, "e todos sabemos que é absolutamente verdadeiro e cada revelação mais cedo ou mais tarde acabou se confirmando, e, no entanto, queremos gostar da maneira como ele disse, queremos ouvir de novo! Queremos lembrar tudo! Não queremos esquecer nem uma palavra."

Ficamos os dois calados por um momento. Você baixou os olhos, apoiou o queixo nas mãos. Eu sabia que você estava sentindo todo o peso da entrada de Armand no sol, e adorei sua interpretação daquelas palavras, e as palavras propriamente ditas.

Finalmente, eu disse:

— E me dá prazer. Imagine, prazer. Você recitar essas palavras para mim. Você sorriu.

— Quero saber agora o que podemos aprender — você disse. — Quero saber o que podemos ver! Então venho a você, uma Filha dos Milênios, uma vampira que bebeu da própria rainha Akasha, que sobreviveu dois mil anos. E lhe peço, Pandora, por favor, escreva para mim, escreva a sua história, escreva o que você quiser.

Custei a lhe dar uma resposta.

Então eu disse incisivamente que não podia. Mas alguma coisa se alvoroçara em mim. Eu via e ouvia discussões e discursos de séculos atrás, via a luz elevada do poeta iluminando eras que eu conhecera intimamente por causa do amor. Outras eras que jamais conheci, vagando, ignorante, um fantasma.

Sim, havia uma história a ser escrita. Havia. Mas naquele momento, eu não podia admitir.

Você estava desolado, tendo pensado em Armand, tendo lembrado a entrada dele no sol da manhã. Você chorava por Armand.

— Havia algum vínculo entre vocês? — você perguntou. — Desculpe a audácia, mas havia algum vínculo entre você e Armand quando se conheceram, pelo fato de Marius ter dado a vocês dois o Dom das Trevas? Sei que não existe ciúme, isso dá para sentir. Eu não mencionaria o nome de Armand se percebesse que havia mágoa em você, mas o resto é uma ausência, um silêncio. Não havia nenhum vínculo?

— O vínculo é apenas dor. Ele entrou no sol. E a dor é inequivocamente o mais fácil e o mais seguro dos vínculos.

Você abafou o riso.

— O que posso fazer para fazê-la considerar o meu pedido? Tenha piedade de mim, Gentil Senhora, confie-me sua canção.

Sorri com indulgência, mas era impossível, achei.

— Ela é muito desafinada, meu caro — disse eu. — É muito... Fechei os olhos.

Eu quis dizer que minha canção era dolorosa demais para ser cantada.

De repente você ergueu os olhos. Sua expressão mudou. Era quase como se você estivesse ostensivamente tentando parecer que entrava em transe. Lentamente, você virou a cabeça. Apontou, com a mão junto à mesa, depois relaxou a mão.

— O que é, David? — perguntei. — O que está vendo?

— Espíritos, Pandora, fantasmas.

Você estremeceu, como se para limpar a cabeça.

— Mas isso é inédito — disse eu. Entretanto, sabia que ele estava dizendo a verdade. — O Dom das Trevas tira esse poder. Até as bruxas antigas, Maharet e Mekare, nos contaram isso, que desde que o sangue de Akasha entrou nelas, e elas se tornaram vampiras, nunca mais viram nem ouviram os espíritos. Você esteve recentemente com elas. Contou-lhes sobre esse poder?

Ele fez que sim com um gesto de cabeça. Obviamente, por lealdade, era obrigado a dizer que não o tinham. Mas eu sabia que não tinham. Vi na mente dele, e já tinha percebido quando encontrei as gêmeas antigas, as gêmeas que derrubaram a Rainha dos Condenados.

— Eu vejo espíritos, Pandora — disse você com um ar perturbadíssimo. — Vejo-os em toda parte, se eu tentar, e em alguns lugares muito específicos quando eles querem. Lestat viu o fantasma de Roger, a vítima dele em *Memnoch, o Demônio*.

— Mas isso foi uma exceção, um acesso de amor na alma do homem que de certa forma desafiou a morte, ou postergou o fim da alma, algo que não conseguimos entender.

— Vejo espíritos, mas não vim aqui para sobrecarregá-la com isso nem assustá-la.

— Precisa me contar mais sobre isso — disse eu. — O que você acabou de ver?

— Um espírito fraco. Não podia fazer mal a ninguém. É um desses humanos infelicitíssimos que não sabe que morreu. Eles *são* uma atmosfera em volta do planeta. Os "presos à terra" é como podemos chamá-los. Mas, Pandora, tenho mais do que isso em mim para explorar.

Você prosseguiu.

— Aparentemente, cada século produz um tipo novo de vampiro, ou digamos que nosso processo de crescimento não estivesse mais estabelecido no início do que o processo dos seres humanos. Uma noite talvez eu lhe conte tudo o que vejo, esses espíritos que nunca ficavam claros para mim quando eu era mortal. Contarei uma coisa que Armand me confiou sobre as cores que ele viu quando ganhou vida, como a alma deixava o corpo em ondas de cor radiante!

— Nunca ouvi falar de uma coisa dessas!

— Eu também vejo isso — você disse.

Dava para ver que falar de Armand lhe causava um sofrimento quase excessivo.

— Mas o que possuiu Armand para acreditar no Vêu? — perguntei, subitamente espantada com meu próprio ardor. — Por que ele entrou no sol? Como pôde uma coisa dessas acabar com a razão e a vontade de Lestat? Verônica. Eles sabiam que esse nome significa *Vera Ikona*, que essa pessoa jamais existiu, que ela não poderia ser encontrada por alguém que voltasse à antiga Jerusalém no dia em que Cristo carregou a cruz? Ela foi uma invenção dos padres. Eles não sabiam?

Acho que eu tinha pegado os dois cadernos, pois baixei os olhos e vi que, de

fato, estava com eles na mão. Na verdade, segurava os dois junto ao peito e examinava uma das canetas.

— Razão — murmurei. — Ah, preciosa razão! E a consciência num vazio. — Sacudi a cabeça, com um sorriso amável para você. — E os vampiros que agora falam com espíritos! Humanos que passam de um corpo a outro.

Prossegui com uma energia totalmente inusitada.

— Esse culto aos anjos que virou moda, a devoção vicejando em toda parte. E gente levantando das mesas de operação para falar da vida após a morte, um túnel, um amor inclusivo! Ah, você deve ter sido criado numa época auspiciosa! Não sei o que fazer com isso.

Você ficou visivelmente bastante impressionado com essas palavras, ou antes com a maneira como expus meu ponto de vista. Eu também.

— Eu só estou começando — disse você — e vou freqüentar os brilhantes Filhos dos Milênios do mesmo modo como videntes de esquina que põem cartas de tarô. Estou louco para olhar em bolas de cristal e espelhos escurecidos. Vou procurar agora entre aqueles que as pessoas tacham de loucos e desconsideram, ou entre *nós*, entre aqueles como você, que contemplaram algo que acreditam não deverem compartilhar! É isso, não é? Mas estou lhe pedindo para compartilhar. Não quero mais saber de alma humana comum. Não quero mais saber de ciência e psicologia, de microscópios e talvez nem de telescópios apontados para as estrelas.

Eu estava encantada. Quanta sinceridade você transmitia. Meu rosto fervia com o que eu estava sentindo por você enquanto o olhava. Acho que fiquei boquiaberta de tão maravilhada.

— Sou um milagre para mim — você disse. — Sou imortal e quero aprender sobre nós! Você tem uma história para contar, você é antiga e está profundamente esgotada. Sinto amor por você e aprecio que seja o que é e nada mais.

— Que coisa estranha de dizer!

— Amor. — Você deu de ombros. Ergueu os olhos, depois tornou a olhar para mim para enfatizar. — E choveu sem parar durante milhões de anos, e os vulcões ferveram e os oceanos esfriaram e aí veio o amor? — Você deu de ombros fazendo pouco desse absurdo.

Eu não pude deixar de rir de sua historinha. Perfeita demais, pensei. Mas de repente fiquei aflitíssima.

— Isso é muito inesperado — disse eu. — Porque se eu tiver uma história, uma historinha mínima...

— Sim?

— Bem, minha história, se eu tiver alguma, é muito objetiva. Está ligada exatamente ao que você colocou.

De repente senti alguma coisa. Tornei a rir com doçura.

— Entendo você! — disse eu. — Ah, não que possa ver espíritos, pois esse é um grande tema em si mesmo.

— Mas agora estou vendo a fonte de sua força. Você viveu uma vida humana completa. Ao contrário de Marius, ao contrário de mim, você não foi levado na flor da idade. Foi levado quase na hora de sua morte natural, e não

aceitará as aventuras e as falhas dos presos à terra! Você está determinado a ir em frente com a coragem de alguém que morreu de velhice e depois descobre que levantou do túmulo. Você chutou as coroas fúnebres. Está preparado para o monte Olimpo, não?

— Ou para Osíris nas profundezas das trevas — disse você. — Ou para as sombras do Hades. Naturalmente estou preparado para os espíritos, para os vampiros, para aqueles que vêem o futuro e afirmam conhecer vidas passadas, para você que tem um intelecto incrível num belo invólucro, para resistir muitos anos, um intelecto que talvez quase tenha destruído seu coração.

Tomei fôlego.

— Perdão. Isso não era do meu feitio — você disse. — Não, explique o que quis dizer.

— Você sempre tira o coração das vítimas, não? Você quer o coração.

— Talvez. Não espere que eu tenha a sabedoria de Marius, ou das gêmeas antigas.

— Você me atrai para você — você disse.

— Por quê?

— Porque você tem uma história dentro de você; ela está articulada, esperando ser escrita, por trás de seu silêncio e de seu sofrimento.

— Você é muito romântico — disse eu.

Você esperou pacientemente. Acho que podia sentir o tumulto dentro de mim, o tremor de minha alma diante de tantas emoções novas...

— É uma história tão pequena — disse eu. Eu via imagens, lembranças, momentos, as coisas que podem incitar uma alma a agir e a criar. Via as fraquíssimas possibilidades da fé.

Acho que você já sabia a resposta.

Você sabia o que eu faria quando eu não sabia.

Você sorria discretamente, mas estava ansioso, esperando.

Olhei para você e pensei em tentar escrever, escrever tudo...

— Está querendo que eu vá embora, não está? -você perguntou. Levantou, pegou seu casaco respingado de chuva e inclinou-se com graça para beijar minha mão.

Eu estava segurando os cadernos.

— Não — respondi. — Não posso fazer isso. Você não fez nenhum julgamento precipitado.

— Volte daqui a duas noites — falei. — Prometo que terei os dois cadernos para você, mesmo que eles estejam inteiramente em branco ou contenham apenas uma explicação melhor do motivo por que não posso recuperar minha vida perdida. Não desapontarei você. Mas não espere nada, a não ser que eu venha e lhe entregue esses cadernos.

— Duas noites — você disse —, e nos veremos de novo aqui. Calada, fiquei olhando você sair do café.

E agora você está vendo que começou, David.

E agora está vendo, David, transformei o nosso encontro na introdução da história que você me pediu para contar.

CAPÍTULO 2



A HISTÓRIA DE PANDORA

Nasci em Roma, durante o reinado de Augusto César, no que atualmente se considera o ano 15 a. C., ou quinze anos "antes de Cristo".

Toda a história romana e os nomes romanos que dou aqui são exatos; não os falsifiquei, não inventei histórias nem acontecimentos políticos. Tudo se relaciona com meu destino final e com o destino de Marius. Nada está incluído por amor ao passado.

Omiti meu sobrenome. Fiz isso porque minha família tem uma história, e não posso associar a reputação, os feitos e os epítáfios antigos de meus familiares ao que vou contar aqui. Marius também, quando confiou em Lestat, não deu o nome todo de sua família romana. E respeito essa atitude, e o sobrenome dele tampouco é revelado.

Augusto era imperador há mais de dez anos, e nessa época era maravilhoso ser uma mulher culta em Roma, as mulheres tinham muita liberdade, e meu pai era um senador rico, eu tinha cinco prósperos irmãos e era órfã de mãe, mas era paparicada por tutores e amas gregos que me satisfiziam todas as vontades.

Agora, se eu realmente quisesse dificultar as coisas para você, David, escreveria em latim clássico. Mas não vou fazer isso. E preciso lhe contar que, ao contrário de você, o meu aprendizado do inglês foi meio desorganizado, e naturalmente não aprendi essa língua nas peças de Shakespeare.

Realmente convivi com muitos estágios da língua inglesa em minhas perambulações e em minhas leituras, mas foi neste século que adquiri uma intimidade maior com ela, e estou escrevendo para você em inglês coloquial.

Há outra razão para isso, que, tenho certeza, você entenderá se tiver lido a tradução moderna do *Satiricon* de Petrónio, ou das sátiras de Juvenal. O inglês mais moderno equivale realmente ao latim da minha época.

As cartas formais da Roma Imperial não lhe darão essa idéia. Mas os grafites espalhados pelos muros de Pompéia demonstrarão o que eu digo. Tínhamos uma língua sofisticada, numerosos atalhos verbais e expressões comuns inteligentes.

Vou escrever, pois, no inglês que me soa equivalente e natural.

Deixe-me dizer rapidamente — enquanto a ação está suspensa — que nunca fui, como Marius disse, uma cortesã grega. Eu estava vivendo sob esta aparência quando Marius me concedeu o Dom das Trevas, e talvez por

consideração a antigos segredos mortais ele me tenha caracterizado dessa forma. Ou talvez me apresentasse assim por desprezo. Não sei.

Mas Marius sabia tudo sobre minha família romana, que era uma família de senadores, de uma aristocracia tão pura e privilegiada quanto a família mortal dele. Sabia que meus ancestrais eram do tempo de Rômulo e Remo, e eram da mesma linhagem mortal que ele. Marius não sucumbiu a mim pelos meus "belos braços", como indicou a Lestat. Essa banalização talvez fosse uma provocação.

Não guardo nada contra nenhum dos dois, nem Marius nem Lestat. Não sei quem entendeu mal o quê.

Meu sentimento por meu pai continua tão grande até este momento, enquanto estou escrevendo para você aqui neste café, David, que fico pasma com o poder da escrita — de ir colocando as palavras no papel e me lembrando de maneira tão viva do rosto amoroso de meu pai.

Meu pai teria um fim terrível. Ele não merecia o que lhe aconteceu. Mas alguns parentes nossos sobreviveram e restabeleceram nossa família tempos depois.

Meu pai era rico, um dos autênticos milionários daquela época, com muitos investimentos de capital. Ele lutou como soldado mais vezes do que era exigido dele, um senador, um homem ponderado e calmo por temperamento. E após os terrores da Guerra Civil, ele foi um grande partidário de César Augusto e gozou bastante das boas graças do imperador.

Naturalmente ele sonhava com a volta da República Romana; todos sonhávamos. Mas Augusto havia unificado e pacificado o Império.

Estive com Augusto muitas vezes em minha juventude, sempre em algum evento social concorrido e sem consequência. Ele era igual ao que parecia nos retratos; um homem magro de nariz comprido e afilado, cabelo curto, um rosto comum. Era de natureza bastante racional e pragmática, desprovida de qualquer maldade anormal. Não tinha vaidade pessoal.

O coitado realmente teve a sorte de não antever o futuro — de não ter idéia nenhuma dos horrores e da loucura que começariam com Tibério, seu sucessor, e se perpetuariam por tanto tempo no governo de outros membros de sua família.

Só mais tarde compreendi totalmente a singularidade e o sucesso do longo reinado de Augusto. Foram quarenta e quatro anos de paz por todas as cidades do Império?

Ai, nascer naquela época era nascer numa época de criatividade e prosperidade, quando Roma era a *caput mundi*, ou a capital do mundo. E quando olho para esse período, vejo como era poderosa a combinação de tradição com uma grande fortuna; ter valores antigos e poder novo.

A vida de nossa família era conservadora, severa, até um tanto decadente. No entanto, tínhamos todos os luxos. Meu pai foi ficando cada vez mais calmo e conservador. Gostava dos netos, nascidos enquanto ele ainda era vigoroso e ativo.

Embora tivesse lutado principalmente nas campanhas do Reno no norte, ele passara algum tempo servindo na Síria. Estudara em Atenas. Prestara tão bons serviços que estava tendo direito a uma aposentadoria precoce nos anos em que eu cresci, uma retirada precoce da vida social que gravitava em torno do Palácio Imperial, embora eu não percebesse isso na época.

Meus cinco irmãos nasceram antes de mim. Então, quando nasci, não houve o "luto ritual romano" que dizem haver nas famílias romanas quando nascia uma menina. Longe disso.

Cinco vezes meu pai ficara ali no átrio, aquele pátio interno principal, ou peristilo, de nossa casa com seus pilares, escadarias e mármore imponentes — cinco vezes ele se postara ali diante da família reunida e segurara um filho recém-nascido, examinara-o e declarara-o perfeito e adequado para ser criado como seu, como era prerrogativa sua. Agora, você sabe que ele tinha o poder de vida e morte sobre os filhos a partir daquele momento.

Se, por algum motivo, meu pai não quisesse esses meninos, ele os "exporia" para que morressem de fome. Era contra a lei roubar uma criança dessas e fazer dela um escravo.

Alguns esperavam que, já com cinco filhos, meu pai se livrasse de mim imediatamente. Para que uma menina? Mas meu pai nunca expôs nem enjeitou nenhum dos filhos de minha mãe.

E quando cheguei, dizem, ele chorou de alegria.

— Graças aos deuses! Uma bonequinha. — Ouvi essa história *ad nauseam* de meus irmãos, que, sempre que eu fazia alguma cena ou alguma travessura, diziam em tom de mofa: "Graças aos deuses, uma bonequinha!" Isso virou uma provocação simpática.

Minha mãe morreu quando eu tinha dois anos, e dela só guardo na memória a doçura e a ternura. Ela perdera tantos filhos quanto os que parira, e era muito comum morrer cedo. Seu epitáfio foi lindamente escrito por meu pai, e sua memória honrada durante toda a minha vida. Meu pai nunca trouxe outra mulher para casa. Dormiu com algumas das escravas, mas isso não tinha nada de extraordinário. Meus irmãos faziam o mesmo. Era uma coisa normal nas famílias romanas. Meu pai não trouxe nenhuma mulher de outra família para tomar conta de mim.

A perda de minha mãe não me dói porque eu era simplesmente muito nova quando ela morreu, e se chorei quando ela desapareceu não me lembro.

O que me lembro é de ter para mim um palacete romano antigo grande e retangular, com muitas salas retangulares saindo do retângulo principal, uma pouco depois da outra, o conjunto aninhado num grande jardim no alto do monte Palatino. Era uma casa com pisos de mármore e paredes ricamente pintadas, e o jardim ia serpenteando, envolvendo todas as salas.

Eu era a verdadeira menina dos olhos de meu pai, e lembro-me que passava horas maravilhosas vendo meus irmãos treinarem no jardim com suas espadas curtas de folha larga, ou ouvindo as aulas que seus tutores lhes davam, e depois com os meus próprios professores que eram ótimos e me ensinaram a ler a *Eneida*, de Virgílio, inteira quando eu ainda nem tinha cinco anos.

Eu adorava as palavras. Adoro cantá-las e dizê-las e, agora mesmo, devo confessar, estou tendo a alegria de escrevê-las. Eu não poderia ter-lhe contado isso há algumas noites, David. Você me trouxe algo e preciso revelar o que é. E não posso escrever rápido demais neste café mortal, senão os humanos vão notar!

Ah, então vamos continuar.

Meu pai achava engraçadíssimo eu saber, com tão pouca idade, recitar

versos de Virgílio e a coisa de que mais gostava era me exibir em banquetes que ele oferecia aos amigos senadores conservadores e um tanto antiquados, e às vezes ao próprio César Augusto. César Augusto era um homem agradável. No entanto, acho que meu pai jamais o acolheu de bom grado em nossa casa. Mas de vez em quando, suponho, o imperador precisava ser banqueteados.

Eu chegava correndo com minha ama, dava um recital empolgante e era mandada rapidamente para onde eu não pudesse ver os orgulhosos senadores de Roma se empanturrando de miolos de pavão e *garum* — naturalmente você sabe o que é *garum*. Trata-se daquele molho horrível que os romanos punham em tudo, mais ou menos como o ketchup de hoje. Definitivamente, com esse molho, não havia por que a pessoa servir-se de enguias nem de lulas, nem de miolos de avestruz nem de feto de carneiro, nem de qualquer das iguarias que eram servidas com grande fartura.

A questão é que, como você sabe, os romanos pareciam ter um lugar especial no coração para a gula autêntica, e os banquetes inevitavelmente viravam uma desgraça. Os convidados iam para o vomitório da casa tirar o peso dos cinco primeiros pratos da refeição a fim de poderem então engolir os demais. E eu ficava lá em cima na cama rindo, escutando aquelas gargalhadas e aqueles vômitos todos.

Depois vinha o estupro da equipe toda de escravos que serviam à mesa, fossem rapazes ou moças ou uma combinação dos dois.

As refeições em família eram completamente diferentes. Então éramos romanos antigos. Todo mundo se sentava à mesa; meu pai era o chefe incontestado da casa, e não tolerava críticas a César Augusto, que, como você sabe, era sobrinho de Júlio César, e não governava realmente por lei como imperador.

— Na hora certa, ele deixará o cargo — dizia meu pai. — Ele sabe que não pode sair agora. Hoje, ele está mais cansado e sábio do que ambicioso como já foi. Quem vai querer outra Guerra Civil?

Os tempos realmente estavam prósperos demais para que homens importantes fizessem uma revolta.

Augusto manteve a paz. Respeitava profundamente o Senado romano. Reconstruiu templos porque achava que as pessoas precisavam da devoção que haviam conhecido na República.

Doava milho do Egito aos pobres. Ninguém morria de fome em Roma. Ele mantinha uma quantidade estonteante de festivais, jogos e espetáculos antigos — o bastante para deixar a pessoa enjoada, na verdade. Mas, em geral, como romanos patriotas, tínhamos de estar presentes.

Claro que havia grande crueldade na arena. Havia execuções cruéis. Havia a eterna presença da crueldade da escravidão.

Mas o que não é compreendido pelas pessoas hoje é que, ao lado de tudo isso, havia um sentimento de liberdade individual até por parte do homem mais pobre.

As cortes deliberavam sem pressa. Consultavam leis passadas. Seguiam a lógica e o código. As pessoas podiam expor suas idéias bem abertamente.

Menciono isso porque é uma questão-chave nesta história: o fato de Marius e eu termos nascido numa época em que a lei romana era, como Marius dizia,

baseada na razão, em oposição à revelação divina.

Somos totalmente diferentes daqueles bebedores de sangue levados para a escruidão em terras de magia e mistério.

Não só confiávamos em Augusto quando éramos vivos, como também acreditávamos no poder concreto do Senado romano. Acreditávamos na virtude e no caráter públicos; adotávamos um modo de vida que não envolvia rituais, orações, magia, a não ser de modo superficial. A virtude estava embutida no caráter. Essa foi a herança da República romana que Marius e eu compartilhamos.

Naturalmente, nossa casa era cheia de escravos. Havia gregos brilhantes e trabalhadores resmungões e um bando de mulheres correndo para cima e para baixo, polindo bustos e vasos, e a própria cidade estava abarrotada de escravos alforriados — homens libertos —, alguns deles muito ricos.

Eram todos nossa gente, nossos escravos.

Meu pai e eu passamos a noite em claro quando meu velho professor grego morreu. Ficamos segurando sua mão até seu corpo esfriar. Ninguém era espancado em nossa casa em Roma a não ser por ordem de meu pai. Nossos escravos do campo ficavam à toa embaixo dos pés de fruta. Nossos administradores eram ricos e ostentavam a riqueza nas roupas.

Lembro-me de uma época em que havia tantos escravos gregos velhos no jardim que eu podia passar dias e dias ouvindo-os discutir. Eles não tinham mais nada para fazer. Aprendi muito com isso.

Cresci felicíssima. Se está achando que exagero a amplitude de minha educação, consulte as cartas de Plínio ou outros livros de memórias propriamente ditos e correspondência da época. Moças da classe alta tinham uma boa educação; as romanas modernas costumavam ir aonde bem entendiam sem que os homens as tolhessem. Participávamos da vida da mesma forma que os homens.

Por exemplo, eu não tinha nem oito anos quando fui levada pela primeira vez à arena, com várias das esposas de meus irmãos, para ter o discutível prazer de ver criaturas exóticas, como girafas, ficarem correndo em disparada pela arena antes de serem mortas a flechadas. Depois desse espetáculo veio um pequeno grupo de gladiadores que fez picadinho de outros gladiadores, e, então, entrou o bando de criminosos para servir de pasto aos leões famintos.

David, estou ouvindo o rugido desses leões como se fosse agora. Não há nada entre mim e o momento em que eu ficava sentada nas arquibancadas de madeira, na terceira fileira de baixo para cima — talvez os melhores lugares —, e assistia a essas feras devorarem seres humanos, como era suposto eu assistir, com uma expressão de prazer, cujo objetivo era demonstrar antes um coração forte, um destemor diante da morte, do que uma monstruosidade simples e absoluta.

A platéia gritava e ria enquanto homens e mulheres corriam das feras. Algumas vítimas não davam essa satisfação ao público. Ficavam simplesmente inertes quando o leão faminto atacava. As que estavam sendo comidas vivas quase sempre ficavam estiradas ali num estupor como se suas almas já tivessem alçado vôo, embora o leão não tivesse atingido a garganta.

Lembro-me do cheiro disso. Porém, mais do que tudo, me lembro da algararra do público.

Passei no teste de caráter, consegui olhar tudo. Consegui assistir ao campeão gladiador finalmente encontrar seu fim, todo ensangüentado estirado no chão, enquanto a espada lhe varava o peito.

Mas me lembro com certeza de meu pai declarar a meia voz que aquilo tudo dava náuseas. Aliás, todo mundo que eu conhecia achava que aquilo dava náuseas. Meu pai achava, como outros, que o homem comum precisava desse sangue todo. Nós, os bem-nascidos, tínhamos de presidir a esse espetáculo para o homem comum. Havia uma certa religiosidade em toda aquela selvageria espetacular.

A produção desses terríveis espetáculos era considerada uma responsabilidade social.

Além disso, a vida romana era uma vida em que as pessoas passavam muito tempo na rua, envolvidas em atividades, assistindo a cerimônias e espetáculos, sendo vistas, interessando-se e convivendo com os outros.

A população da cidade, nós, os bem-nascidos, e a plebe íamos todos em massa assistir a uma procissão triunfante, uma grande oferta no altar de Augusto, uma antiga cerimônia, um jogo, uma corrida de carruagens.

Agora no século XX, quando assisto à intriga e à carnificina em filmes e na televisão por todo o nosso mundo ocidental, fico pensando se as pessoas não precisam disso, não precisam ver violência, carnificina e morte em todas as formas. A televisão às vezes parece uma série ininterrupta de lutas ou massacres de gladiadores. E olhe só o comércio que há atualmente de filmes de guerra de verdade.

Filmes de guerra tornaram-se arte e entretenimento.

O narrador fala com voz macia enquanto a câmera passeia sobre um monte de corpos ou de crianças esqueléticas soluçando com suas mães morrendo de fome. Mas isso prende. A pessoa pode se espojar, sacudindo a cabeça, nessa morte toda. A televisão dedica noites a antigas películas mostrando homens morrendo com armas na mão.

Acho que olhamos porque ficamos com medo. Mas em Roma, a pessoa tinha de olhar para ficar resistente, e isso se aplicava a homens e mulheres.

Mas o ponto principal é que eu não vivia trancada como as gregas deviam viver nas antigas famílias helênicas. Eu não sofri sob os costumes dos primeiros tempos da República Romana.

Lembro-me vivamente da beleza absoluta dessa época, e da convicção sincera de meu pai de que Augusto era um deus, e que Roma nunca fora mais agradável às suas divindades.

Agora quero lhe contar uma recordação muito importante. Deixe-me montar a cena. Primeiro, vamos tomar a questão de Virgílio, e o poema que ele escreveu, a *Eneida*, amplificando e exaltando enormemente as peripécias do herói Enéias, um troiano a fugir dos horrores da derrota infligida pelos gregos saídos do famoso cavalo de madeira para massacrar Tróia, a cidade de Helena.

É uma história linda, que eu sempre adorei. Enéias deixa a Tróia moribunda e segue bravamente para a bela Itália, onde funda a nossa nação.

Mas a questão é que Augusto amou e sustentou Virgílio durante toda a vida deste, que era realmente um poeta respeitado, um poeta que ficava bem citar, um poeta aprovado e patriota. Era de muito bom-tom gostar de Virgílio.

Virgílio morreu antes de eu nascer. Mas aos dez anos eu já lera tudo o que ele escrevera, e lera Horácio também, e Lucrécio, muita coisa de Cícero e todos os manuscritos gregos que possuíamos, e que eram muitos.

Meu pai não construiu sua biblioteca para se mostrar. A biblioteca era um lugar onde membros da família passavam horas. Era também onde ele se sentava para escrever cartas — o que ele parecia estar sempre fazendo —, cartas em nome do Senado, do imperador, das cortes, de seus amigos etc.

Voltemos a Virgílio. Eu também lia outro poeta romano, que ainda vivia e estava totalmente em desgraça com Augusto, o deus. Era o poeta Ovídio, o autor de *As metamorfoses* e de dezenas de outras obras chulas, hilariantes e obscenas.

Pois bem, antes de eu ter idade para lembrar, Augusto virou-se contra Ovídio, a quem ele já havia amado, e o baniu para um lugar horrível no mar Negro. Talvez não fosse tão horrível. Mas era o tipo de lugar onde cidadãos romanos cultos esperam que seja horrível — muito distante da capital e cheio de bárbaros.

Ovídio viveu bastante tempo lá, e seus livros foram banidos de Roma. Não era possível achá-los nas livrarias nem nas bibliotecas públicas. Nem nas bancas de livros do mercado.

Você sabe que essa foi uma época efervescente para a leitura popular. Havia livros por toda parte — em rolos e em códice, isto é, com as páginas presas — e muitos livreiros tinham equipes de escravos gregos que passavam o dia copiando livros para consumo do público.

Prosseguindo, Ovídio caíra em desgraça com Augusto e fora banido, mas homens como meu pai não iriam queimar seus exemplares de *As metamorfoses*, nem de qualquer outra obra de Ovídio, e só não intercediam pelo perdão de Ovídio por medo.

O escândalo todo tinha uma ligação com a filha de Augusto, Júlia, que era uma vagabunda pública e notória segundo os padrões de quem quer que fosse. Como Ovídio se envolveu nos casos amorosos de Júlia, eu não sei. Talvez seu poema sensual anterior, *Os amores*, fosse considerado uma influência perniciosa. Havia também muita "reforma" no ar durante o reinado de Augusto, muita discussão sobre os antigos valores.

Acho que ninguém sabe o que aconteceu realmente entre César Augusto e Ovídio, mas Ovídio foi banido da Roma Imperial e condenado a morrer no exílio.

Mas eu lera *Os amores* e *As metamorfoses* em velhos exemplares na época desse incidente que desejo relatar. E muitos dos amigos de meu pai viviam preocupados com Ovídio.

Agora a recordação específica. Eu tinha dez anos, estava chegando em casa depois de brincar, toda suja de terra, cabelo solto, vestido roto — e entrei correndo no grande salão de visitas de meu pai e me atirei nos pés de seu divã para ficar escutando a conversa. Ele estava recostado com toda a dignidade romana apropriada, conversando com vários homens, também recostados, que haviam ido visitá-lo.

Eu conhecia todos aqueles homens exceto um, e este era louro de olhos azuis, e muito alto, e durante a conversa — toda em sussurros e acenos de cabeça — ele virou-se e piscou para mim.

Era Marius, com um tom de pele ligeiramente bronzado de suas viagens e uma beleza incandescente nos olhos. Ele tinha três nomes como todo mundo. Mas eu tampouco revelarei seu sobrenome. Mas eu sabia. Eu já sabia que ele era mais ou menos aquele "*enfant terrible*" em termos intelectuais, o "poeta" e o "vadio". O que ninguém me havia dito era que ele era lindo.

Pois bem, nesse dia, Marius ainda era mortal. Isso foi uns quinze anos antes de se transformar em vampiro. Calculo que ele só tivesse vinte e cinco anos. Mas não tenho certeza.

Prosseguindo, as visitas não prestavam atenção em mim, e ficou evidente para aquela minha mente infantil sempre curiosa que eles estavam dando a meu pai notícias de Ovídio, que aquele louro alto com os incríveis olhos azuis, o que chamavam de Marius, acabara de voltar da costa báltica e oferecera a meu pai vários presentes, que na verdade eram bons exemplares da obra de Ovídio, tanto passada quanto atual.

Os homens garantiam a meu pai que ainda era muito arriscado ir a César Augusto interceder por Ovídio, e meu pai acatou isso. Mas se não me engano, ele entregou a Marius, o louro, um dinheiro para ser dado a Ovídio.

Quando os cavalheiros estavam todos de partida, vi Marius no átrio, avaliei a altura, que era bastante incomum para um romano, deixei escapar uma expressão infantil de surpresa e uma gargalhada. Ele tornou a piscar para mim.

Marius usava o cabelo curto nessa época, num corte à moda militar romana com uma franjinha cacheada; seu cabelo era comprido quando foi transformado em vampiro, e agora também é, mas, naquela época, tinha aquele típico corte militar romano sem graça. Mas era um cabelo louro que refulgia ali no átrio, e ele parecia o homem mais inteligente e marcante que eu já havia visto. Estava cheio de simpatia quando olhou para mim.

— Por que você é tão alto? — perguntei. Meu pai achou graça nisso, claro, e nem quis saber o que os outros estavam pensando daquela sua filhinha toda imunda, pendurada em seus braços e falando com suas honradas visitas.

— Minha jóia — disse Marius —, sou alto porque sou bárbaro! — Ele riu, e foi sedutor ao rir, tratando-me com deferência, como se eu fosse uma pequena dama, o que raramente alguém fazia.

De repente ele crispou os dedos como se fossem garras e investiu para mim imitando um urso.

Gostei dele na mesma hora!

— Não, de verdade! — disse eu. — Você não pode ser bárbaro. Conheço seu pai e suas irmãs. Eles moram ali embaixo. A família vive falando de você na mesa, sempre bem, claro.

— Disso eu tenho certeza — disse ele, caindo na gargalhada. Eu sabia que meu pai estava ficando nervoso.

O que eu não sabia era que uma menina de dez anos podia ser prometida em casamento.

Marius empertigou-se e disse com aquela sua suave e belíssima voz,

treinada tanto para falar em público quanto para palavras de amor.

— Sou descendente, por parte de mãe, dos celtas, minha belezinha, minha musa mirim. Sou do povo alto e louro do norte, o povo da Gália. Minha mãe era princesa nessa terra, ou assim me contam. Já ouviu falar nesse povo?

Eu disse que era óbvio que sim e comecei a recitar palavra por palavra o relato de Júlio César sobre a conquista da Gália, ou terra dos celtas:

— "A Gália toda compreende três partes..."

Marius ficou realmente impressionado. Como todo mundo. Então prossegui:

— "Os celtas estão separados dos aquitanos pelo rio Garona, e da tribo dos belgas pelos rios Marne e Sena..."

Meu pai, ligeiramente constrangido a essa altura com a filha deslumbrada no centro das atenções, interveio, assegurando aos presentes que eu era sua jóia, criada sem disciplina como uma selvagem, e que por favor não fizessem caso.

E eu disse, audaciosa e encenqueira nata que era:

— Mande meu carinho ao grande Ovídio! Porque eu também desejo que ele volte para Roma.

Em seguida, recitei vários versos provocantes de *Os amores*:

Ela riu e beijou com toda a alma,

Beijos que fariam Júpiter largar o raio tridentado.

Dói pensar que esse sujeito tenha recebido uns tão bons!

Oxalá não fossem do mesmo tipo!

Todos riram, exceto meu pai, e Marius gostou tanto que foi ao delírio, aplaudindo. Isto foi só o que me faltava como incentivo para avançar nele agora fingindo-me de urso, como ele avançara para mim, e para continuar recitando as palavras quentes de Ovídio:

Ademais, foram beijos melhores do que eu lhe ensinara, Ela parecia possuída por um conhecimento novo. Agradavam demais — mau sinal! Sua língua entrava neles, E minha língua também estava beijando.

Meu pai me agarrou pelo braço e disse:

— Chega, Lydia, acabe com isso!

E os homens riram mais ainda, solidarizando-se com ele e abraçando-o, e depois rindo de novo.

Mas eu precisava ter uma vitória final sobre aquele bando de adultos.

— Por favor, pai -disse eu. — Deixe-me terminar com umas palavras sábias e patrióticas que Ovídio disse: "Eu me congratulo por não ter vindo ao mundo antes deste tempo. Esta época está a meu gosto."

Isso pareceu deixar Marius mais espantado do que divertido. Mas meu pai puxou-me para o seu lado e disse bem claramente:

— Lydia, Ovídio agora não diria isso, e você, sendo ao mesmo tempo uma erudita e uma filósofa, deveria garantir aos caríssimos amigos de seu pai que sabe muito bem que Ovídio foi banido de Roma por Augusto por um bom motivo e que ele nunca mais pode voltar a Roma.

Em outras palavras, ele estava dizendo: "Pare de falar em Ovídio." Mas Marius, sem se deixar desencorajar, ajoelhou-se diante de mim, magro e elegante, com olhos azuis mesmerizantes, pegou minha mão, beijou-a e disse:

— Transmitirei seu carinho a Ovídio, Lydiazinha. Mas seu pai tem razão. Todos nós precisamos concordar com a censura do imperador. Afinal de contas, somos romanos.

Então teve a estranhíssima atitude de falar comigo como se eu fosse adulta:

— Acho que Augusto César já fez muito mais por Roma do que alguém jamais esperou. E ele também é poeta. Escreveu um poema chamado "Ajax" e queimou-o porque disse que não era bom.

Eu estava me divertindo como nunca. Teria fugido com Marius naquela mesma hora!

Mas tudo o que consegui fazer foi ficar dançando em volta dele quando ele saiu do Vestíbulo e passou pelo portão.

Acenei para ele.

Ele se demorou.

— Adeus, Lydiazinha — disse. Em seguida falou a meia voz com meu pai, e ouvi meu pai dizer:

— Você está louco!

Meu pai virou as costas para Marius, que me deu um sorriso triste e desapareceu.

— O que ele quis dizer? O que aconteceu? — perguntei a meu pai. — Qual é o problema?

— Escute, Lydia — disse meu pai. — Nas suas leituras, você já encontrou a expressão "prometida em casamento"?

— Já, pai, claro.

— Bem, esse tipo de sonhador vadio acha o máximo prometer casamento a uma menina de dez anos porque significa que ela não tem idade para casar e ele tem dez anos de liberdade, sem a censura do imperador. Fazem isso a três por dois.

— Não, não, pai — disse eu. — Eu nunca vou esquecê-lo. Acho que o esqueci no dia seguinte.

Passsei cinco anos sem tornar a ver Marius.

Lembro-me porque eu tinha quinze anos, já devia estar casada e não queria casar de jeito nenhum. Eu vinha me safando disso há vários anos seguidos, fingindo doença, loucura, acessos totalmente incontroláveis. Mas o tempo se esgotava para mim. Na verdade, eu era núbil desde os doze anos.

Nessa época, estávamos todos postados no sopé do monte Palatino, assistindo à mais sacrossanta das cerimônias — as Lupercais — apenas mais uma das festas anuais que faziam parte da vida romana.

As Lupercais eram muito importantes para nós, embora não seja possível relacionar seu significado a um conceito cristão de religião. Era louvável gozar este festival, participar como cidadão e como romano virtuoso.

E, além do mais, era um grande prazer.

Então eu estava lá, relativamente perto da gruta de Lupercal, assistindo com outras jovens, enquanto os dois eleitos daquele ano eram besuntados com sangue de bodes imolados em sacrifício e em seguida envolvidos nas peles dos animais sacrificados. Eu não estava conseguindo ter uma boa visão, mas já vira aquele ritual muitas vezes e, quando há uns anos meus irmãos correram nesse

festival, consegui me colocar na frente para ver tudo.

Aí, vi perfeitamente quando cada um dos dois jovens escolheu a própria companhia e iniciou a corrida ao redor da base do monte Palatino. Eu me adiantei porque se esperava que eu fizesse isso. Os jovens estavam batendo de leve no braço de cada moça com uma tira de pele de bode, o que, segundo o ritual, nos purificaria e nos tornaria férteis.

Eu me adiantei e recebi o golpe ritual, e tornei a recuar, desejando ser homem e poder correr ao redor do monte com os outros homens, idéia nada incomum para mim em qualquer época de minha vida mortal.

No íntimo, eu via com um certo sarcasmo a idéia de "ser purificada", mas, nessa idade, eu me comportava em público e não humilharia meu pai nem meus irmãos em hipótese alguma.

Essas tiras de pele de bode, como você sabe, David, são chamadas de *februa*, e fevereiro vem dessa palavra. Quanto à língua e toda a magia que, sem querer, ela comporta, vamos deixar isso para lá. Certamente as Lupercais tinham a ver com Rômulo e Remo; talvez até repetissem antigos sacrifícios humanos. Afinal, a cabeça dos jovens estava besuntada de sangue de bode. Fico arrepiada porque na época dos etruscos, muito antes de eu nascer, essa cerimônia devia ser bem mais cruel.

Talvez tenha sido nessa ocasião que Marius viu meus braços. Porque eu os oferecia ao chicote ritual, e já estava, como você pode ver, exibida como eu era, rindo com os outros enquanto a companhia de homens continuava a corrida.

Na multidão, vi Marius. Ele olhou para mim e depois tornou a olhar para seu livro. Estranhíssimo. Eu o vi encostado a uma árvore, escrevendo. Ninguém fazia isso — ficar encostado numa árvore, segurando um livro com uma das mãos e escrevendo com a outra. O escravo ficava postado a seu lado segurando um tinteiro.

O cabelo de Marius estava comprido e maravilhoso. Bem selvagem.

Eu disse a meu pai:

— Olhe, lá está nosso amigo bárbaro, Marius, aquele alto, e ele está escrevendo.

Meu pai sorriu e disse:

— Marius vive escrevendo. Marius tem jeito para escrever, se não tiver para mais nada. Vire as costas, Lydia. Fique quieta.

— Mas ele olhou para mim, pai. Quero falar com ele.

— Você não vai, Lydia! Você não vai agraciá-lo com nenhum sorriso! Na volta para casa, perguntei a meu pai:

— Se você for me casar com alguém, se, tirando o suicídio, não houver outra maneira de eu evitar esse acontecimento repugnante, por que não me casa com Marius? Eu não entendo. Ele é rico. Sei que a mãe dele era uma princesa celta incivilizada, mas o pai o adotou.

Meu pai fulminou:

— Onde foi que você ficou sabendo disso tudo?

Ele estacou, o que era sempre mau sinal. A multidão desviou de nós e continuou seguindo o seu curso.

— Não sei. É uma coisa sabida por todo mundo. Virei-me. Lá estava

Marius rondando, olhando para mim.

— Pai — disse eu —, deixe-me falar com ele!

Meu pai se ajoelhou. Grande parte da massa já havia passado.

— Lydia, sei que isso é terrível para você. Cedi a todas as suas objeções em relação a seus pretendentes. Mas, acredite. O próprio imperador não aprovaria o seu casamento com um historiador louco e errante como Marius! Ele nunca prestou serviço militar, não pode entrar no Senado, é praticamente impossível. Quando você se casar, vai casar bem.

Enquanto nos afastávamos, tornei a me virar, só pensando em distinguir Marius no meio da multidão, mas, para minha surpresa, ele estava rígido, olhando para mim. Com aquele cabelo solto, estava muito parecido com o Vampiro Lestat. Ele é mais alto que Lestat, mas tem a mesma constituição ágil, os mesmos olhos muito azuis e uma musculatura forte, e um formato quadrado de rosto que é quase feminino.

Afastei-me de meu pai e corri para ele.

— Bem, eu queria casar com você — disse eu — mas meu pai não deixa. Nunca esquecerei a expressão de seu rosto. Mas antes que ele pudesse falar, meu pai me abraçara e iniciara uma conversa respeitável para mudar o assunto:

— Ora, Marius, como vão as coisas com seu irmão no exército? E como vai a sua história? Ouvi dizer que você já escreveu treze volumes.

Meu pai recuou, virtualmente me levando embora. Marius não se moveu nem respondeu. Logo estávamos subindo a ladeira com outras pessoas.

Todo o curso de nossas vidas foi modificado naquele momento. Mas Marius e eu não poderíamos ter sabido disso de jeito nenhum.

Vinte anos se passariam antes que nos encontrássemos novamente.

Eu estava com trinta e cinco anos então. Posso dizer que nos encontramos num reino de trevas em mais de um aspecto.

Por ora, deixe-me preencher a lacuna.

Casei-me duas vezes, devido a pressões da Casa Imperial. Augusto queria que todos nós tivéssemos filhos. Eu não tinha nenhum. Meus maridos semearam muitos, porém nas escravas. Portanto, eu estava legalmente divorciada e livre pela segunda vez, e resolvi então retirar-me da vida social, só para o imperador Tibério, que subira ao trono imperial aos cinquenta anos, não se meter comigo, pois ele era um puritano mais público e um ditador mais doméstico que Augusto. Se eu ficasse em casa, se não sáisse para ir a banquetes e festas e andasse com a imperatriz Livia, mulher de Augusto e mãe de Tibério, talvez eu não fosse obrigada a virar madrastra! Ficaria em casa. Tinha de cuidar de meu pai. Ele merecia. Embora gozasse de saúde perfeita, ele estava velho!

Com todo o devido respeito aos maridos que mencionei, cujos nomes são mais do que notas de rodapé em histórias romanas conhecidas, fui uma péssima esposa.

Eu tinha bastante dinheiro pessoal dado por meu pai, não escutava nada, e só cedia ao ato de amor nos meus termos, o que eu sempre conseguia, sendo dotada de beleza suficiente para fazer os homens sofrerem de verdade.

Entrei para o culto de Ísis só para irritar esses maridos e ficar longe deles, a fim de poder freqüentar o Templo de Ísis, onde eu passava a maior parte do

tempo com outras mulheres interessantes, algumas muito mais corajosas e anticonvencionais do que eu ousava ser. Eu achava as prostitutas muito interessantes. Via aquelas mulheres brilhantes e dissolutas como tendo conquistado uma barreira que eu, a filha amorosa de meu pai, jamais conquistaria.

Virei freqüentadora assídua do Templo. Fui iniciada afinal numa cerimônia secreta e desfilava em todas as procissões de Ísis em Roma.

Meus maridos abominavam esses meus hábitos. Talvez por isso eu tenha largado o culto depois que voltei para a casa de meu pai. Seja como for, talvez isso tenha sido bom. Mas a sorte não podia ser moldada com tanta facilidade por qualquer decisão minha.

Mas Ísis era uma deusa importada, do Egito, obviamente, e os romanos mais velhos desconfiavam tanto dela quanto de Cibele, a terrível Grande Mãe do Extremo Oriente, que levava seus devotos homens a se castrarem. A cidade estava cheia desses "cultos orientais" e a população conservadora tinha ojeriza a eles.

Esses cultos não eram racionais, eram extáticos ou eufóricos. Ofereciam um renascimento completo através do conhecimento.

O conservador romano típico era prático demais para esse tipo de religião. Quem aos cinco anos de idade não soubesse que os deuses eram criaturas inventadas e os mitos, histórias criadas, era um idiota.

Mas Ísis tinha uma característica curiosa — algo que a separava da cruel Cibele. Ísis era uma mãe e uma deusa amorosa. Ísis perdoava tudo a seus seguidores. Ísis era anterior a toda a Criação. Ísis era paciente e sábia.

Era por isso que a mulher mais degradada podia rezar no Templo. Por isso nenhuma jamais foi rejeitada.

Como a Abençoada Virgem Maria, tão conhecida atualmente no Ocidente e no Oriente, a rainha Ísis concebera seu divino filho por meios divinos. Do morto e castrado Osíris, ela extraiu por conta própria a semente viva. E muitas vezes foi retratada em pinturas ou esculturas com o divino filho, Hórus, sobre o joelho. Tinha o busto nu em total inocência para alimentar o jovem deus.

E Osíris mandava no mundo dos mortos, seu falo perdido para sempre nas águas do Nilo, onde dele corria um fluxo interminável de sêmen, fertilizando os extraordinários campos do Egito todos os anos quando o rio transbordava.

A música de nosso templo era divina. Usávamos o sistro, que era como uma espécie de lira pequena de metal rígido, e flautas e adufes. Dançávamos e cantávamos juntas. A poesia das ladainhas de Ísis era refinada e alegre.

Ísis era a Rainha da Navegação, mais ou menos como a Abençoada Virgem Maria seria chamada mais tarde de "Nossa Senhora Estrela do Mar".

Quando sua imagem era carregada para a costa a cada ano, a procissão era tão esplendorosa que Roma inteira saía para ver os deuses egípcios com suas cabeças de bicho, a enorme abundância de flores e a estátua da própria Rainha Mãe. Os hinos ecoavam pelo ar. Seus sacerdotes e sacerdotisas desfilavam com vestes de linho branco. Ela própria, em mármore, e carregada no alto, segurando o sistro sagrado, suntuosamente vestida com uma túnica grega e um penteado grego.

Essa era a minha Ísis. Afastei-me dela após meu último divórcio. Meu pai antipatizava com o culto, e eu mesma já usufruía dele por tempo suficiente. Como mulher livre, eu não me fascinava com as prostitutas. Minha vida era infinitamente melhor. Eu cuidava da casa de meu pai e, apesar de conservar os cabelos pretos e enxergar muito bem, ele já estava suficientemente velho para o imperador deixá-lo em paz.

Não posso dizer que me lembrasse de Marius ou pensasse nele. Ninguém falava em Marius há anos. Ele desaparecera de meus pensamentos após as Lupercais. Não havia força na Terra capaz de me indispor com meu pai.

Meus irmãos todos tinham sorte. Fizeram bons casamentos, tiveram filhos e voltaram das duras guerras em que lutaram, defendendo as fronteiras do Império.

De meu irmão mais moço, Lucius, eu não gostava muito, mas ele era sempre um pouco nervoso e dado à bebida e, aparentemente, ao jogo também, o que incomodava muito sua mulher.

Ela, eu adorava, como a todas as minhas cunhadas, sobrinhas e todos os meus sobrinhos. Eu adorava quando esses bandos de crianças chegavam lá em casa, gritando e correndo com "a bênção de tia Lydia", como jamais podiam fazer em suas casas.

O mais velho de meus irmãos, Antony, tinha tudo para ser um grande homem. O destino não deixou que ele se realizasse. Mas tinha preparo para ser grande, recebeu uma boa educação e era muito sábio.

A única tolice que vi Antony cometer foi me dizer uma vez com todas as letras que Lúvia, a mulher de Augusto, envenenara o marido para que o filho Tibério subisse ao trono. Meu pai, a única outra pessoa presente na sala, protestou severamente:

— Antony, nunca mais torne a falar sobre isso! Aqui, nem em qualquer outro lugar! — Meu pai se levantou e, sem querer, colocou em perspectiva o estilo de vida que ele e eu levávamos. — Fique longe do Palácio Imperial, fique longe das famílias imperiais, esteja nas primeiras fileiras dos jogos e sempre no Senado, mas não entre nas querelas nem nas intrigas deles!

Antony ficou muito irritado, mas a irritação nada tinha a ver com meu pai.

— Eu disse isso só para as duas pessoas a quem posso dizer, o senhor e Lydia. Odeio jantar com uma mulher que envenenou o marido! Augusto deveria ter restaurado a República. Ele sentiu que ia morrer.

— Sentiu, e sabia que não poderia restaurar a República. Isso era simplesmente impossível. O Império já se estendeu até a Britânia no Norte, para além da Pártia no Oriente; cobre todo o norte da África. Se você quiser ser um bom romano, Antony, peça a palavra e abra a sua consciência no Senado. Tibério convida a isso.

— Oh, pai, o senhor está muito iludido — disse Antony. Meu pai encerrou a discussão.

Mas ele e eu vivíamos exatamente a vida que ele descrevera.

Tibério logo tornou-se impopular perante o ruidoso populacho romano. Era muito velho, muito seco, muito desprovido de senso de humor, muito puritano e tirânico ao mesmo tempo.

Mas tinha uma qualidade que compensava. Além de adorar e conhecer profundamente filosofia, ele havia sido um ótimo soldado. E esta era a característica mais importante que o imperador precisava ter.

As tropas o respeitavam.

Ele reforçou a Guarda Pretoriana em volta do Palácio, contratou um homem chamado Sejanus para dar as ordens por ele. Mas não trouxe legiões para Roma, e falava muito bem de direitos individuais e liberdade, quer dizer, para quem conseguisse permanecer acordado para escutar. Eu o achava um mal-humorado.

O Senado ficava agitado quando ele se recusava a tomar decisões. Os senadores não queriam assumir as decisões! Mas isso tudo parecia relativamente sem risco.

Então aconteceu um incidente horrível que me levou a francamente odiar o imperador e perder minha fé no homem e em sua capacidade de governar.

Este incidente envolveu o templo de Ísis. Um mau-caráter esperto, afirmando ser o deus egípcio Anúbis, atraía uma devota de Ísis de alta estirpe para o templo e a levava para a cama, enganando-a completamente, embora eu não tenha a mínima idéia de como ele possa ter feito isso.

Lembro-me dela até hoje como a mulher mais idiota de Roma. Mas deve haver outra explicação.

De qualquer maneira, tudo aconteceu no templo.

E aí esse homem, esse falso Anúbis, apareceu diante daquela mulher virtuosa e bem-nascida e lhe disse nos termos mais crus que ele a possuía! Ela correu para o marido aos gritos. Foi um escândalo de uma engenhosidade extraordinária.

Havia anos que eu não freqüentava o templo, e me dava por satisfeita com isso.

Mas jamais sonhei que o imperador pudesse tomar uma atitude mais pavorosa.

O templo inteiro foi arrasado. Todos os membros do culto foram banidos de Roma e alguns, executados. Nossos sacerdotes e sacerdotisas foram crucificados, seus corpos pendurados numa árvore para, conforme a antiga expressão romana, morrerem lentamente, e apodrecerem, diante de todo mundo.

Meu pai entrou em meu quarto. Foi até o pequeno santuário de Ísis. Pegou a estátua e espatifou-a no chão de mármore. Depois catou os cacos maiores e tornou a espatifá-los um a um. Transformou a imagem em pó.

Balancei a cabeça afirmativamente.

Eu esperava que ele me condenasse por meus hábitos antigos. Fiquei triste e em estado de choque diante do que acontecera. Outros cultos orientais estavam sendo perseguidos. O imperador estava agindo para cassar o direito de asilo de vários templos do Império.

— O homem não quer ser imperador de Roma — disse meu pai. — A crueldade e as derrotas fizeram-no ceder. Ele é rígido, tedioso e está morrendo de medo de morrer! Um homem que não tem vontade de ser imperador não pode ser imperador. Não agora.

— Talvez ele deixe o cargo — disse eu com tristeza. — Ele adotou o jovem

general Germânico Júlio César. Isso significa que Germânico será o herdeiro dele, não?

— Que vantagem tiveram os primeiros herdeiros de Augusto quando foram adotados? — perguntou meu pai.

— O que está querendo dizer? — perguntei.

— Use a cabeça — disse meu pai. — Não podemos continuar fingindo que somos uma República. Precisamos definir o cargo desse imperador e os limites do poder dele! Precisamos definir uma forma de sucessão que não seja o assassinato!

Tentei acalmá-lo.

— Pai, vamos sair de Roma. Vamos para nossa casa da Toscana. Lá, sempre é bonito, pai.

— A questão é essa. Não podemos, Lydia — disse ele. — Tenho de ficar aqui. Tenho de ser leal a meu imperador. Preciso fazer isso por toda a minha família. Preciso ficar no Senado.

Em questão de meses, Tibério enviou seu belo sobrinho Germânico Júlio César para o Oriente, só para afastá-lo da adulação da população de Roma. Como eu disse, as pessoas diziam o que pensavam.

Germânico era para ser o herdeiro de Tibério! Mas Tibério era demasiado ciumento para ficar ouvindo o povo aclamar Germânico por suas vitórias bélicas. Ele queria o homem longe de Roma.

E assim, esse jovem general bastante simpático e sedutor foi para o Oriente, para a Síria. Desapareceu da vista de seus admiradores romanos, do centro do Império, onde um grupo de cidadãos podia determinar o destino do mundo.

Mais cedo ou mais tarde haveria outra campanha no Norte, todos imaginávamos. Germânico dera uma surra nas tribos germânicas em sua última campanha.

Meus irmãos me descreveram vivamente esse feito durante o jantar.

Contaram como voltaram para vingar o terrível massacre do general Varo e suas tropas na Floresta de Teutoburgo. Eles poderiam terminar o serviço, se convocados novamente, e iriam. Eram exatamente o tipo dos patrícios à moda antiga que iriam!

Enquanto isso, corria o boato de que os *delatores*, os famigerados espíões da Guarda Pretoriana, embolsavam um terço dos bens dos delatados. Achei isso horrível. Meu pai balançou a cabeça e disse:

— Isso começou na época de Augusto.

— Sim, pai — retruquei —, mas, nessa época, o que se considerava traição eram atos e não palavras.

— Mais uma razão para se ficar calado. — Ele se recostou, abatido. — Lydia, cante para mim. Vá buscar a sua lira. Faça um daqueles seus poemas épicos cômicos. Faz muito tempo.

— Estou muito velha para isso — disse eu, pensando nas paródias bobas e chulas da obra de Homero que eu costumava fazer com tanta rapidez e liberdade que todos ficavam fascinados. Mas estremeci com a idéia. Lembro-me dessa noite de modo tão palpável que agora não consigo parar de escrever esta história, mesmo sabendo quanto sofrimento preciso confessar e explorar.

O que significa escrever?, David, você verá essa pergunta repetida, porque a cada página eu compreendo mais — e vejo os padrões que antes me escapavam, e me faziam mais sonhar do que viver.

Naquela noite, fiz um poema épico engraçadíssimo. Meu pai riu. Ele adormeceu no divã. Depois, como se saindo de um transe, falou:

— Lydia, não passe a vida sozinha por causa de mim. Case por amor! Você não deve desistir!

Quando me virei, ele já estava dormindo de novo.

Duas semanas depois, ou talvez um mês, nossa vida acabou abruptamente.

Cheguei da rua um dia e encontrei a casa completamente deserta, a não ser por dois velhos escravos apavorados — homens que na verdade eram da casa de meu irmão Antony — que me deixaram entrar e trancaram a porta com violência.

Atravessei o enorme Vestíbulo, passei pelo peristilo e entrei na sala de jantar. Vi uma cena espantosa.

Meu pai estava todo paramentado para a guerra, armado de espada e punhal. Só faltava o escudo. Estava até com a capa vermelha. A couraça do peito estava polida e reluzente.

Ele olhava para o chão, e com razão. O chão fora todo escavacado. O lar antigo de gerações passadas fora escavacado. Esta havia sido a primeira sala da casa nos primórdios de Roma, e era em volta deste lar que a família se reunia, orava, fazia as refeições.

Eu jamais havia visto coisa igual. Tínhamos os nossos altares domésticos, mas isso, um enorme círculo de pedras chamuscadas! Havia realmente cinzas ali, à vista. Como aquilo parecia sinistro e sagrado!

— Em nome dos deuses, o que está acontecendo? — perguntei. — Onde está todo mundo?

— Foram embora- disse ele. — Libertei os escravos, mandei todos embora. Estava lhe esperando. Você tem que sair daqui já!

— Não sem o senhor!

— Você não vai me desobedecer, Lydia!

Eu nunca vira uma expressão tão súplice e no entanto tão digna em seu rosto.

— Há uma carroça lá nos fundos, pronta para levá-la para a costa, e um mercador judeu que é meu amigo de toda a confiança, que vai tirá-la de navio da Itália! Quero que você vá! Seu dinheiro já está no navio. Suas roupas. Tudo. Eu confio nesses homens. Mas tome este punhal.

Ele pegou o punhal numa mesa ali perto e entregou-o a mim.

— Você observou bastante os seus irmãos para saber como usar isto — disse ele — e isto. — Pegou uma bolsa. — Isto é ouro, a moeda que todo mundo aceita. Pegue e vá embora.

Eu sempre andava com um punhal, e estava com ele no suporte preso ao antebraço. Mas não podia chocar meu pai com isso agora, então pus o punhal na cinta e peguei a bolsa.

— Pai, não tenho medo de ficar a seu lado! Quem se virou contra nós? Pai, o senhor é senador de Roma. Acusado de qualquer crime, tem direito a um

juízo perante o Senado.

— Ah, minha filha caríssima e esperta! Você acha que o malvado desse Sejanus e seus *delatores* acusam alguém abertamente? Seus *speculatores* já flagraram seus irmãos e as mulheres e os filhos deles. Estes aqui são escravos de Antony. Ele os enviou para me alertar enquanto lutava, enquanto morria. Ele viu o filho ser atirado no muro. Lydia, vá embora.

Obviamente eu sabia que esse era um costume romano — assassinar a família inteira, eliminar a esposa e toda a prole do condenado. Era até de lei. E em questões como essa, quando começavam a falar que o imperador virara as costas para um homem, qualquer um de seus inimigos poderia chegar antes dos assassinos.

— O senhor vem comigo — disse eu. — Por que fica aqui?

— Morrerei como um romano em minha casa — disse ele. — Agora, vá embora se me ama, minha poeta, minha cantora, minha pensadora. Minha Lydia. Vá! Não admito desobediência. Passei a última hora de minha vida tomando providências para a sua salvação. Me dê um beijo e me obedeça.

Corri para ele, beijei-o nos lábios e, imediatamente, os escravos me conduziram através do jardim.

Eu conhecia meu pai. Não poderia contrariá-lo em seu desejo final. Eu sabia que, à moda antiga romana, ele provavelmente acabaria com sua vida antes que os *speculatores* arrombassem a porta de entrada.

Quando cheguei ao portão, quando vi os mercadores hebreus e sua carroça, não consegui ir.

O que vi foi o seguinte:

Meu pai cortara os dois pulsos e caminhava ao redor do lar doméstico, deixando o sangue escorrer para o chão. Ele realmente dera um talho nos pulsos. Ia ficando lívido à medida que andava. Em seus olhos havia uma expressão que só mais tarde eu compreenderia.

Ouviu-se um estrondo. A porta de entrada estava sendo arrombada. Meu pai estacou. E dois homens da Guarda Pretoriana aproximaram-se dele, um dos quais com comentários escarninhos:

— Por que não acaba de se matar, Maximus, e nos poupa esse trabalho? Vá em frente.

— Vocês estão orgulhosos com o que estão fazendo! — disse meu pai. — Covardes. Gostam de matar famílias inteiras? Quanto recebem em dinheiro? Já lutaram em alguma batalha de verdade? Venham, morram comigo!

Dando as costas para os soldados, ele rodopiou com o punhal e a espada na mão, e derrubou os dois homens, na hora em que estes partiam para cima dele, pegando-os desprevenidos. Meu pai cravou-lhes diversas punhaladas.

Ele cambaleava como se fosse desmaiar. Estava exangue. O sangue lhe jorrava dos pulsos. Seus olhos reviravam nas órbitas.

Planos loucos me ocorreram. Precisávamos levá-lo para a carroça. Mas um romano como meu pai jamais cooperaria.

De repente os hebreus, um jovem e um mais velho, me seguraram pelos braços e me arrastaram para fora daquela casa.

— Prometi que iria salvá-la — disse o velho. — E você não vai fazer de

mim um mentiroso perante o meu amigo.

— Larguem-me — sussurrei. — Quero ficar com ele até o fim! Desvencilhando-me deles, que me seguravam educada e timidamente, virei-me e avistei ao longe o corpo de meu pai junto ao lar. Ele apressara seu fim com o próprio punhal.

Fui jogada na carroça, olhos fechados, tapando a boca com as mãos. Caí em meio a almofadas macias, peças de tecido, rolando quando a carroça começou a descer bem devagar a estrada sinuosa do monte Palatino.

Soldados berraram para que saíssemos do caminho.

O hebreu mais velho disse:

— Sou meio surdo, senhor, o que disse? Deu certo. Eles nos ultrapassaram.

O hebreu sabia exatamente o que estava fazendo. Enquanto o povo passava depressa por nós, ele se mantinha naquele passo lento. O jovem veio à traseira da carroça.

— Meu nome é Jacob — disse ele. — Tome, vista todos esses mantos brancos. Agora você está parecendo uma oriental. Se a interrogarem na saída, levante o véu e faça um ar de desentendida.

Passamos pelos portões de Roma com uma facilidade incrível. Diziam:

— Salve, David e Jacob, estão fazendo boa viagem? Ajudaram-me a embarcar num grande vaso mercante, com escravos remadores e velas, nada fora do comum, e me levaram a um quartinho de madeira, sem nada de supérfluo.

— Isso é tudo o que temos para você — disse Jacob. — Mas vamos zarpar agora.

Ele tinha cabelos castanhos compridos e ondulados e barba. Usava vestes listradas até o chão.

— No escuro? — perguntei. — Zarpar no escuro?

Isso não era comum.

Mas quando saímos, quando os remos começaram a se mover, e o barco atingiu a distância adequada e começou a rumar para o sul, percebi o que estávamos fazendo.

Toda a bela costa sudoeste da Itália era bem iluminada pelas centenas e centenas de palacetes. Faróis erguiam-se sobre os rochedos.

— Nunca mais tornaremos a ver a República — disse Jacob desanimado, como se fosse um cidadão romano, o que acho que, na verdade, ele era. — Mas o último desejo de seu pai foi realizado. Agora estamos a salvo.

O velho aproximou-se de mim. Disse que seu nome era David. Ele se desculpou insistentemente pela falta de criadas para me atender. Eu era a única mulher a bordo.

— Ah, por favor, tirem essas idéias da cabeça! Por que correram todos esses riscos?

— Durante muito tempo fizemos negócios com seu pai — disse David. - Anos atrás, quando piratas afundaram nossos navios, seu pai arcou com a dívida. Ele confiou novamente em nós, e nós lhe pagamos o quintuplo. Ele acumulou riquezas para você. Estão guardadas, no meio do nosso carregamento, como se nada fossem.

Entrei na cabine e desabei naquela cama pequena. O velho, olhando para o outro lado, trouxe-me uma coberta.

Aos poucos, percebi uma coisa. Eu estava convencida de que eles me trairiam.

Eu não tinha palavras. Não tinha gestos nem sentimentos dentro de mim. Virei a cabeça para a parede.

— Durma — disse ele.

Tive um pesadelo, um sonho que não se comparava a nenhum outro que eu já tivera na vida. Eu estava perto de um rio. Queria beber sangue. Fiquei à espreita na relva para pegar um dos aldeões e, quando peguei o coitado, agarrei-o pelos ombros e cravei-lhe duas presas no pescoço. Fiquei com a boca cheia daquele sangue delicioso. O sangue era muito doce e muito forte para ser descrito, e até no sonho eu sabia disso. Mas eu tinha de prosseguir. O homem estava quase morto. Deixei-o cair. Outros que eram mais perigosos estavam no meu encalço. E havia outra terrível ameaça à minha vida.

Cheguei às ruínas de um templo, longe do pântano. Era num deserto -num estalar de dedos, passava-se do alagado à areia. Tive medo. O dia ia raiar. Eu precisava me esconder. Além do mais, eu também estava sendo caçada. Digeri aquele sangue delicioso e entrei no templo. Nenhum esconderijo! Grudei meu corpo contra as paredes frias! Elas tinham cenas em relevo. Mas não havia nenhum compartimento, nenhum esconderijo para mim.

Eu tinha de chegar às montanhas antes do amanhecer, mas isso não era possível. Eu estava indo em direção ao sol!

De repente, em cima das montanhas, apareceu uma luz fatal. Meus olhos doíam insuportavelmente. Estavam em fogo.

"Meus olhos", gritei e quis tapá-los. O fogo me cobriu. Gritei. "Amon-Rá, eu o amaldiçoô!", gritei outro nome. Eu sabia que queria dizer Ísis, mas não era esse nome, era outro título para ela que saía de meus lábios.

Acordei. Sentei empertigada na cama, tremendo.

O sonho era claro como uma visão. Encontrava profunda ressonância em minha memória. Teria eu vivido antes?

Saí para o convés do navio. Estava tudo bem. Avistávamos a costa nitidamente calma e os faróis, e o navio prosseguia. Eu contemplava o mar e queria sangue.

— Isso não é possível. É um mau agouro, um luto deturpado — disse eu. Eu sentia o fogo. Não conseguia tirar da boca o gosto de sangue, esquecer o quanto ele parecia natural, saboroso, perfeito para a minha sede. Vi o corpo retorcido do aldeão novamente na charneca.

Aquilo era um horror; não era maneira de fugir do que eu acabara de presenciar. Eu estava exasperada e febril.

Jacob, o alto e jovem, aproximou-se de mim. Ele estava com um jovem romano. Este raspava os primeiros fios de barba mas, à parte isso, parecia uma criança corada e radiosa.

Fiquei pensando desanimada se, aos trinta e cinco anos, eu era tão velha que achava bonita qualquer pessoa jovem.

Ele disse chorando:

— Minha família também foi traída. Minha mãe me fez partir!

— A quem devemos esta tragédia compartilhada? — perguntei. Toquei suas faces molhadas. Ele tinha uma boca de bebê, mas a barba raspada era áspera. Tinha ombros largos e fortes, e usava apenas uma túnica leve e simples. Por que não estava sentindo frio lá fora no mar? Talvez estivesse.

Ele balançou a cabeça. Ainda era bonitinho e ficaria um belo homem. Tinha os cabelos escuros graciosamente cacheados. Não temia suas lágrimas, nem se desculpava por elas.

— Minha mãe ficou viva para me contar. Ela continuou respirando com dificuldade até eu chegar. Quando os *delatores* disseram a meu pai que ele havia conspirado contra o imperador, meu pai riu. Riu mesmo. Acusaram-no de conspirar com Germânico! Minha mãe não quis morrer sem me contar. Ela disse que a única coisa que acusavam meu pai de ter feito era discutir com outros homens como ele serviria sob o comando de Germânico se eles fossem enviados para o norte.

Balancei a cabeça desanimada.

— Entendo. Meus irmãos provavelmente fizeram a mesma coisa. E Germânico é o herdeiro do imperador e *Imperium Maius* do Oriente. No entanto isso é traição, falar em servir a Roma sob o comando de um general bonito.

Virei-me para sair. Entender não era nenhum consolo.

— Vamos levá-los para cidades diferentes — disse Jacob. — Para amigos diferentes. Melhor não dizermos.

— Não me deixe — disse o garoto. — Não esta noite.

— Está bem — respondi. Levei-o para a cabine e fechei a porta, com um aceno de cabeça cortês para Jacob, que assistia a tudo com a consciência de um guardião.

— O que você quer? — perguntei.

O menino ficou olhando para mim. Balançou a cabeça. Estendeu os braços. Virou-se, aproximou-se de mim e beijou-me. Começamos a nos beijar furiosamente.

Tirei a túnica e deitei na cama com ele. Ele era um homem mesmo, rostinho delicado ou não.

E quando cheguei ao momento do êxtase, o que foi facilímo, dada a sua fenomenal energia, senti gosto de sangue. Eu era a bebedora de sangue do sonho. Fiquei sem forças, mas não importava. Ele tinha tudo de que precisava para terminar os ritos da sua satisfação.

Ele se levantou.

— Você é uma deusa — disse.

-Não murmurei. O sonho aparecia. Ouvi o vento na areia. Senti o cheiro do rio. — Sou um deus... um deus que bebe sangue.

Praticamos os ritos do amor até não conseguirmos mais.

— Seja discreto e muito correto com nossos anfitriões hebreus — disse eu. — Eles jamais entenderão esse tipo de coisa.

Ele fez que sim com a cabeça. — Adoro você.

— Não precisa. Como é seu nome?

— Marcellus.

— Ótimo, Marcellus, durma.

Marcellus e eu passamos todas as noites juntos até finalmente avistarmos o farol de Faro e sabermos que havíamos chegado ao Egito.

Era perfeitamente óbvio que Marcellus seria deixado em Alexandria. Ele explicou-me que sua avó materna ainda vivia, uma grega, e, na verdade, todo o seu clã.

— Não me conte tanta coisa, simplesmente vá — disse eu. — E seja inteligente e cuidadoso.

Ele me implorou para acompanhá-lo. Disse que se apaixonara por mim. Queria casar-se comigo. Não se importava que eu fosse estéril. Não se importava que eu tivesse trinta e cinco anos. Ri baixinho, indulgente.

Jacob reparou nisso tudo e baixou os olhos. E David olhou para o outro lado.

Uma boa quantidade de baús seguiu com Marcellus para Alexandria.

— Agora — disse eu a Jacob — você vai me dizer para onde estou sendo levada? Talvez eu tenha algumas idéias a respeito, embora duvide que possa melhorar os planos de meu pai.

Eu continuava me perguntando. Seriam honestos comigo? E agora que me haviam visto bancando a prostituta com o garoto? Eram homens tão religiosos.

— Está indo para uma grande cidade — disse Jacob. — Não podia ser um lugar melhor. Seu pai tem amigos gregos lá!

— Como poderia ser melhor que Alexandria? — falei.

-Ah, é de longe melhor — disse Jacob. — Deixe-me falar com meu pai antes de lhe dizer mais alguma coisa.

Havíamos zarpado. A terra se afastava. Egito. Escurecia.

— Não tenha medo — disse Jacob. — Está com um ar apavorado. — Não estou apavorada — respondi. — É só que sou obrigada a ficar deitada na cama pensando, recordando e sonhando. — Olhei para ele, enquanto ele, timidamente, desviava a vista. — Passei essas noites todas abraçada com esse menino como se ele fosse meu filho.

Essa era uma das maiores mentiras que eu já pregara na vida.

— Ele era uma criança em meus braços. — E que criança! — E agora tenho medo de pesadelos. Você tem de me contar: qual é o nosso objetivo? Qual é o nosso destino?

CAPÍTULO 3



— Antioquia — disse Jacob. — Antioquia no Orontes. Amigos gregos de seu pai estão à sua espera. E eles são amigos de Germânico. Talvez com o tempo... mas eles lhe serão leais. Você deverá se casar com um grego de estirpe e posses.

Casar! Com um grego, um grego provinciano? Um grego da Ásia! Contive o riso e as lágrimas. Isso não iria acontecer comigo. Coitado! Se esse homem fosse realmente um grego da província, ele teria de reviver toda a conquista de Roma.

Seguimos navegando, de um porto a outro. Eu refletia sobre essas coisas todas.

Foram banalidades enjoadas desse tipo que sem dúvida me protegeram do luto e do choque absolutos e inexoráveis pelo que tinha acontecido. Preste atenção se está com a faixa do vestido bem amarrada. Não veja seu pai morto no chão com seu próprio punhal cravado no peito.

Quanto a Antioquia, eu andara envolvida demais na vida de Roma para saber ou ouvir muita coisa sobre essa cidade. Se Tibério enviara seu "herdeiro", Germânico, para este posto a fim de afastá-lo da popularidade de Roma, raciocinei: Antioquia deve ser o fim do mundo civilizado.

Por quê, em nome dos deuses, não fugi em Alexandria?, pensei. Alexandria era a maior cidade do Império, depois de Roma. Era uma cidade jovem, construída por Alexandre, a quem deve o seu nome, mas era um porto maravilhoso. Ninguém jamais ousaria arrasar o templo de Ísis em Alexandria. Ísis era uma deusa egípcia, mulher do poderoso Osíris.

Mas o que tinha isso a ver com as coisas? E já devia estar com idéias conspiratórias, mas não permitia que elas chegassem ao nível da consciência e maculassem meu caráter de romana bem-nascida.

Agradei em silêncio a meus guardiões hebreus por essa inteligência, por esconder essas idéias até do jovem romano Marcellus, o outro homem que eles haviam resgatado dos assassinos do imperador, e pedi respostas francas a minhas perguntas a respeito de meus irmãos.

— Todos pegos desprevenidos — disse Jacob. — Os *delatores*, aqueles espíes da Guarda Pretoriana, são rapidíssimos. E seu pai tinha muitos filhos.

Foram os escravos de seu irmão mais velho que pularam o muro obedecendo à ordem do amo e foram correndo alertar seu pai.

Antony. Espero que você tenha tirado o sangue deles. Sei que morreu

lutando. E minha sobrinha, minha pequena Flora, será que conseguiu fugir dali aos gritos, ou eles lhe deram um fim misericordioso? A Guarda Pretoriana agindo com misericórdia! Que idéia mais idiota.

Eu não disse nada em voz alta. Apenas suspirei.

Afinal, quando olhavam para mim, esses dois mercadores judeus enxergavam o corpo e o rosto de uma mulher; naturalmente meus protetores deviam pensar que havia uma mulher dentro de mim. A discrepância entre as aparências externas e a disposição interna sempre me perturbava. Por que perturbar Jacob e David? Para Antioquia.

Mas eu não tinha intenção de viver em nenhuma família grega antiquada, se é que tal coisa ainda existia na cidade grega de Antioquia, uma família em que as mulheres viviam isoladas dos homens e passavam o dia fiando lã, sem jamais sair de casa, sem qualquer tipo de participação na vida do mundo.

Minhas amas tinham me ensinado todas as artes da mulher virtuosa e eu realmente sabia fazer tudo que qualquer outra mulher sabia com fio, linha ou tear, mas eu conhecia muito bem os "Hábitos Antigos dos Gregos", e tinha uma vaga lembrança da mãe de meu pai, que morreu quando eu era muito pequena — uma matrona romana virtuosa que vivia fazendo lã. Assim fizeram constar em seu epitáfio, e também no epitáfio de minha mãe. "Ela tomou conta da casa. Ela fez lã."

E assim falavam de minha mãe! As mesmas palavras irritantes.

Bem, ninguém faria isso constar no meu. (Que engraçado refletir agora, milhares de anos mais tarde, sobre o fato de eu não ter epitáfio!)

O que eu não conseguia perceber em meu desânimo geral era que o mundo romano era vasto, e sua parte oriental era drasticamente diferente das terras bárbaras do Norte, onde meus irmãos haviam lutado.

Toda a Ásia Menor, para onde rumávamos, havia sido conquistada por Alexandre da Macedônia centenas de anos antes. Como sabe, Alexandre foi pupilo de Aristóteles. Alexandre quis disseminar a cultura grega por toda parte. E na Ásia Menor as idéias e os hábitos gregos não encontraram apenas cidades e fazendeiros do interior, mas, sim, culturas antigas, como o Império da Síria, receptivas às novas idéias, à graça e à beleza da ilustração grega, e querendo colocar sua literatura, sua religião, seu estilo de vida e sua moda em sintonia com essas idéias.

Antioquia foi construída por um general de Alexandre o Grande que pretendia rivalizar a beleza de outras cidades helênicas, com esplêndidos templos, prédios administrativos e bibliotecas de obras na língua grega, escolas em que a filosofia grega era ensinada. Estabeleceu-se um governo helênico — bastante esclarecido comparado ao despotismo oriental antigo mas, no entanto, por baixo de tudo isso, havia o conhecimento e os costumes e possivelmente a sabedoria do Oriente cheio de mistérios.

Os romanos conquistaram Antioquia por ser essa cidade um grande centro de comércio. Era única sob esse aspecto, como Jacob me mostrou, desenhando grosseiramente um mapa com o dedo molhado na mesa de madeira. Antioquia era um porto do grande Mediterrâneo por ficar apenas a trinta e dois quilômetros da foz do rio Orontes.

Porém, a leste, dava para o deserto: todas as antigas estradas das caravanas levavam a Antioquia, os mercadores de camelo que traziam artigos fantásticos de terras fabulosas — que hoje sabemos serem a Índia e a China — como seda, tapetes e jóias que nunca chegavam aos mercados de Roma.

Inúmeros outros mercadores passavam por Antioquia. Boas estradas ligavam a cidade, a leste, com o rio Eufrates e, mais além, com o Império da Pártia. Ao sul, conduziam a Damasco e à Judéia, e, ao norte, naturalmente, ficavam todas as cidades feitas por Alexandre, que floresceram sob o domínio romano.

Os soldados romanos adoravam viver ali. Era uma vida fácil e interessante. E Antioquia adorava os romanos porque eles protegiam as estradas de comércio e as caravanas, e mantinham o porto em paz.

— Você encontrará palácios abertos, arcadas, templos, tudo o que procura e mercados incríveis. Há romanos por toda parte. Espero no Altíssimo que nenhuma pessoa de seu meio a reconheça! Esse é um risco que seu pai não teve tempo de prevenir.

Fiz um gesto de pouco caso.

— A cidade hoje tem professores e um comércio de livros?

— De toda parte. Encontrará livros que ninguém consegue ler. E o grego é falado por todo mundo. É preciso ir para o interior para encontrar um agricultor pobre que não entenda grego. O latim já virou idioma corrente.

— Os filósofos não param nunca. Falam de Platão e Pitágoras, nomes que não me dizem muito; falam da magia caldeia da Babilônia. Naturalmente há templos para qualquer deus imaginável.

Ele prosseguiu, refletindo à medida que falava.

— Os hebreus? Pessoalmente acho que eles são muito materialistas, querem ficar de conversa com os gregos, andar de saíote e freqüentar os banhos públicos. Interessam-se demais pela filosofia grega. Esse pensamento que os gregos construíram está invadindo tudo. Não presta. Mas uma cidade grega é um mundo convidativo.

Ele ergueu os olhos. Seu pai tomava conta de nós, e estávamos muito juntos, em sua mesa do convés.

Ele rapidamente me pôs a par de outros fatos:

Germânico Júlio César, herdeiro do trono imperial, o filho oficialmente adotado por Tibério, recebeu o *Imperium Maius* em Antioquia. Ou seja, ele controlava todo este território. E Cneu Calpúrnio Piso era governador da Síria.

Garanti-lhe que eles nada saberiam de mim ou de minha família antiquada ou de nossa casa velha e pacata no monte Palatino, espremida entre tantas outras mansões novas e extravagantes.

— Tudo é à moda romana — protestou Jacob. — Vai ver. E você vem com dinheiro! E me perdoe, mas continua bonita nessa idade. Tem uma pele viçosa e um porte de menina.

Suspirei e agradei a Jacob. Estava na hora de ele ir embora, a menos que quiséssemos que seu pai nos passasse um sermão.

Eu contemplava o movimento incessante daquelas ondas azuis.

No íntimo, eu dava graças por nossa família ter deixado de freqüentar as

festas e os banquetes do palácio imperial, mas naquela hora me arrependi dessa gratidão, sabendo que essa reclusão talvez tivesse preparado nossa queda.

Eu havia visto Germânico em seu desfile triunfal por Roma, um jovem deslumbrante, mais ou menos como Alexandre fora, e soube por meu pai e meus irmãos que Tibério, receando a popularidade de seu herdeiro designado, enviara-o para o Oriente a fim de afastá-lo do povo romano.

O governador Piso? Jamais pus os olhos nele. Corria o boato que ele havia sido enviado para o Oriente para infernizar Germânico. Oh, que desperdício de talento e de raciocínio.

Jacob voltou.

— Bem, você chega incógnita nesta grande cidade — disse Jacob. — E tem protetores de grande caráter muito caros a Germânico. Ele é jovem e cria um clima de vitalidade e alegria na cidade.

— E Piso? — perguntei.

— Todo mundo o odeia. Especialmente os soldados, e você sabe o que isso significa numa província romana.

Pode-se passar a vida, ou quase esse tempo todo, contemplando o movimento e o rugido do mar da amurada de um convés.

Nessa noite, sonhei com sangue pela segunda vez. O sonho era bem parecido com o primeiro. Eu estava sequiosa de sangue. E havia inimigos no meu encalço, inimigos que sabiam que eu era um demônio e precisava ser destruída. Eu estava correndo. Meus parentes me haviam abandonado, deixando-me desprotegida, exposta às superstições do povo. Então avistei o deserto e percebi que iria morrer. Acordei, sentei-me chorando na cama, mas logo tapei a boca para ninguém ouvir.

O que me perturbava de maneira atroz era a sede de sangue. Eu não conseguia imaginar uma coisa dessas quando estava acordada, mas nesses sonhos eu era o monstro que os romanos chamavam de Lamia. Ou assim parecia. O sangue era doce, o sangue era tudo. Estaria certo o velho grego Pitágoras? As almas migram de um corpo a outro? Mas minha alma nessa vida passada havia sido a de um monstro.

Durante o dia, fechava os olhos de vez em quando e me flagrava perigosamente à beira do sonho, como se houvesse uma armadilha em minha mente, esperando para engolir minha consciência. Mas à noite, era quando eles vinham com mais força. *Você já me serviu antes! O que quereria dizer isso? Venha para mim.*

Sede de sangue. Fechei os olhos, encolhi-me na cama e rezei: "Mãe Ísis, purifica minha mente dessa loucura de sangue."

Depois recorri ao velho e simples erotismo. Trazer Jacob para a cama! Quem dera. Eu não sabia que os hebreus eram, e continuariam sendo sempre, os homens mais difíceis de seduzir!

Tudo ficou esclarecido com grande tato e elegância.

Considerarei todos os escravos. Fora de cogitação.

Os primeiros a serem descartados foram os escravos remadores, entre os quais não havia nenhum grande "Ben Hur" acorrentado esperando que eu fosse resgatá-lo. Eram apenas a escória dos criminosos pobres, acorrentados à moda

romana, a fim de se afogarem caso o navio fosse a pique, e eles estavam morrendo, como morrem de tédio e chibatadas todos os escravos que remam nas galés. Não era uma cena agradável descer ao porão de uma galé e ver aqueles homens dobrando as costas.

Mas meus olhos estavam frios como os de um americano assistindo em cores pela tevê a cenas de crianças morrendo de fome na África, corpinhos negros esqueléticos e cabeçudos chorando de sede. Intervalo das Notícias, Intervalo dos Comerciais, Chamada, a CNN agora passa a transmitir diretamente da Palestina: apedrejamento, balas de borracha. Sangue televisivo.

Os outros a bordo eram marinheiros sem graça, e dois velhos e piedosos mercadores hebreus que me olhavam como se eu fosse uma prostituta, ou coisa pior, e viravam a cabeça sempre que eu aparecia no convés com minha túnica longa e minhas madeixas soltas.

Que desgraça eu devia parecer! Mas que idiota eu era naquela época, realmente, vivendo anestesiada, e como a viagem foi agradável - tudo porque a dor e a raiva de verdade ainda não tinham tomado conta de mim. As coisas aconteceram depressa demais.

Gozei a última lembrança que eu tinha de meu pai aniquilando aqueles soldados de Tibério, aqueles assassinos baratos enviados por um imperador covarde e indeciso. E o resto, tirei da cabeça, simulando a atitude do romano ou da romana calejados.

Um poeta irlandês moderno, Yeats, caracteriza melhor do que ninguém a atitude dos romanos diante do fracasso e da tragédia.

Olha com frieza a vida, a morte. Cavaleiro, segue!

Nenhum romano jamais discordou disso.

Esta era a minha posição - única sobrevivente de uma grande casa, a quem o pai ordenou que "vivesse". Eu não ousava pensar no destino de meus irmãos. Suas esposas encantadoras, seus filhinhos. Não conseguia imaginar o massacre das crianças — meninos sendo trespassados por espadas, ou bebês atirados contra a parede. Oh, Roma, você e sua sabedoria cruenta. Certifiquem-se de matar a prole. Matem a família inteira!

Deitada sozinha à noite, eu me via tendo outros terríveis sonhos sanguinolentos. Pareciam fragmentos de uma vida perdida, uma terra perdida. Trechos vibrantes de música ressoavam nesses sonhos, como se alguém estivesse tocando um gongo e outras pessoas ao lado estivessem tangendo solenemente tambores fundos de superfície macia. Vi confusamente um mundo de pinturas estranhas, rígidas e chapadas nas paredes. Olhos pintados à minha volta. Bebi sangue! Bebi de um ser humano pequenino e trêmulo que se ajoelhou diante de mim como se eu fosse a Mãe Ísis.

Acordei, peguei o grande jarro ao lado da cama e bebi toda a água. Bebi para desafiar e satisfazer essa sede do sonho. Quase passei mal depois de beber aquela água.

Tentei recordar. Teria eu algum dia tido sonhos assim quando criança?

Não. E agora esses sonhos tinham o calor de uma recordação! Da iniciação no malfadado templo de Ísis, quando isso ainda era moda. Eu havia sido embriagada e mergulhada no sangue de um touro, e estava dançando

selvagemmente em círculos. Tinha a cabeça cheia de ladainhas de Ísis. Prometiam-nos o renascimento!

— Não conte nunca, não conte nunca, não conte nunca...

Como poderia um iniciado contar alguma coisa dos ritos, quando estava tão embriagado que mal se lembrava deles?

Ísis agora me trazia recordações de uma adorável música de liras, flautas, adufes e o som mágico das cordas de metal do sistro, que a própria Mãe segurava. Só havia lampejos daquela dança sangrenta nua, daquela noite de subir às estrelas, de ver o horizonte da vida em seus ciclos, de aceitar perfeitamente apenas por um instante que a lua estivesse sempre mudando e que o sol se pusesse assim como sempre nascia. Abraços de outras mulheres. Rostos macios e beijos e corpos num só embalo.

— Vida, morte, renascimento, isso não é uma série de milagres — disse a sacerdotisa. — Milagre é aceitar essas coisas. Fazer o milagre em seu próprio seio.

Naturalmente não tínhamos bebido sangue! E o touro, aquilo era um sacrifício apenas para a iniciação. Não trazíamos animais indefesos aos altares floridos de nossa Abençoada Mãe, não, ela não pedia isso de nós.

Agora, no mar, sozinha, eu ficava acordada para evitar esses sonhos sanguinolentos.

Quando eu era vencida pelo cansaço, um sonho chegava junto com o sono como se estivesse esperando meus olhos se fecharem.

Eu estava numa câmara dourada, bebendo sangue, sangue da garganta de um deus, ou assim parecia, e havia coros cantando ou entoando preces — era um som monótono e repetitivo que não merecia propriamente ser chamado de música, e quando me saciei de sangue, esse deus, ou seja lá quem fosse este ser, esta coisa orgulhosa de pele aveludada, ergueu-me e colocou-me sobre um altar.

Eu sentia vivamente o mármore frio sob meu corpo. Percebi que estava sem roupa. Não tive vergonha. Ao longe, ecoando por aqueles grandes salões, ouvia-se um choro de mulher. Eu estava saciada de sangue. Os que entoavam preces se aproximaram com pequenas lamparinas de barro. Os rostos à minha volta eram escuros, escuros o bastante para terem vindo da Etiópia ou da Índia distantes. Ou do Egito. Olhe! Olhos pintados! Olhei para minhas mãos e meus braços. Estavam escuros. Mas eu era aquela pessoa sobre o altar, e digo pessoa porque, no sonho, dava para ver nitidamente que eu era um homem deitado ali. Sentia uma dor lancinante. O deus disse:

— Isso é só a passagem. Agora você beberá de cada um de nós, apenas um pouquinho de sangue.

Só quando acordei é que fiquei tão intrigada com a breve transição para o sexo masculino como com tudo o mais. Eu estava impregnada de uma idéia de arte e mistérios do Egito — conforme eu havia visto em estátuas douradas à venda no mercado, ou quando as dançarinas egípcias se apresentavam num banquete, como esculturas ambulantes de olhos delineados de preto e negras perucas trançadas, murmurando naquela língua misteriosa. O que achavam elas de nossa Ísis em trajes romanos?

Um mistério me intrigava: algo atacava a minha razão. Exatamente a

mesma coisa que os imperadores romanos tanto haviam temido em cultos egípcios e orientais me empolgava: o mistério e a emoção que afirmam uma superioridade da razão e da lei.

A minha Ísis havia sido uma deusa romana, mesmo, uma deusa universal, a Mãe de todos nós, tendo o seu culto se disseminado por um mundo grego e romano muito antes de chegar à cidade de Roma propriamente dita. Nossos sacerdotes eram gregos e romanos, homens pobres. Nós, a congregação, éramos todos gregos e romanos.

Algo martelava em minha cabeça. Dizia: "Recorde." Era uma vozinha desesperada dentro de meu cérebro que me instava a "recordar" para meu próprio bem.

Mas recordar só me trazia pensamentos confusos e atrapalhados. De repente, caía um véu entre a realidade de minha cabine no barco e o mar revoltado — entre isso e um mundo obscuro e assustador, de templos cobertos de palavras que eram mágicas! Rostos alongados e com um belo bronzado. Uma voz murmurou:

— Cuidado com os sacerdotes de Rá, eles mentem!

Estremeci. Fechei os olhos. A Rainha Mãe estava acorrentada ao trono! Chorava! Era dela aquele choro. Atroz.

— Mas está vendo, ela esqueceu de como se governa. Faça o que mandamos.

Sacudi-me para despertar. Eu queria e não queria saber. A Rainha chorava debaixo de seus monstruosos grilhões. Eu não conseguia vê-la com clareza. Tudo ia acontecendo. Era movimentado.

— O Rei está com Osiris, está vendo. Vê como ele olha; cada um cujo sangue você bebe, você dá a Osiris; cada um se torna Osiris.

— Mas por que a Rainha gritou?

Não, isso era loucura. Eu não podia me deixar levar por essa confusão. Eu não podia em sã consciência passar da razão a essas fantasias ou recordações achando que elas tinham algum fundamento.

Aquilo não podia ter pé nem cabeça. Deviam ser imagens deturpadas de dor e culpa, culpa por eu não ter corrido para o lar e me matado com uma punhalada no peito.

Tentei lembrar da voz tranquilizadora de meu pai, explicando como o sangue dos gladiadores satisfazia a sede dos mortos, os *Manes*.

— Ora, dizem que os mortos bebem sangue — falou meu pai numa conversa durante um jantar realizado há muito tempo. — Por isso temos tanto medo de todos aqueles dias funestos, quando os mortos supostamente podem circular pela Terra. Pessoalmente, acho isso uma tolice. Devemos reverenciar nossos ancestrais...

— Onde estão os mortos, pai? — perguntou meu irmão Lucius.

Quem tinha começado a falar do outro lado da mesa, citando Lucrécio numa vozinha feminina triste que, no entanto, impunha silêncio a todos aqueles homens? Lydia:

Da terra volta à terra, mas o que quer que Venha dos céus, tem de subir novamente Reconvocado aos altos templos do céu E a morte não destrói os elementos

Da matéria, só quebra as combinações.

— Não — retrucara meu pai com muita delicadeza. — Cite antes Ovídio: "Os espíritos pedem pouco; dão mais valor à piedade do que a um presente caro. — Ele bebeu o vinho. — Os espíritos estão no outro mundo, onde não podem nos fazer mal.

Meu irmão mais velho, Antony, dissera:

— Os mortos não estão em lugar nenhum e não são nada.

Meu pai ergueu a taça.

— A Roma — disse, e agora era ele quem citava Lucrécio. — "Na maioria das vezes a religião gera crimes e perversidades."

Ombros se erguendo e suspiros pela mesa. A atitude romana. Até os sacerdotes e as sacerdotisas de Ísis teriam aderido a Lucrécio quando ele escreveu:

Nossos medos e nossos estados sombrios Devem, pois, ser dissipados não por raios de sol, Não por aquelas radiantes flechas de luz, Senão pela percepção da natureza, e por um projeto De contemplação sistemática.

Embragada? Drogada? Sangue de touro? Sistemática? Bem, tudo dava no mesmo! Conheça! Torça a poesia ao seu modo. E o falo de Osíris vive para sempre no Nilo, e a água do Nilo insemina a Terra Mãe do Egito eternamente, a morte dando origem à vida com a bênção da Mãe Ísis. Simplesmente um esquema particular e uma espécie de forma sistemática de contemplação.

O navio seguia seu curso.

Passei mais uns oito dias aflita com esse tormento, muitas vezes passando a noite em claro e dormindo só durante o dia para evitar os sonhos.

De repente, de manhãzinha, Jacob bateu à minha porta.

Subíamos o Orontes, tendo feito metade do percurso até a cidade.

Estávamos a vinte milhas de Antioquia. Penteei o cabelo da melhor forma que pude (nunca fazia isso sem a ajuda de uma escrava), prendendo-o num coque na base do crânio, depois cobri minhas túnicas romanas com um grande manto preto e preparei-me para desembarcar — uma oriental, de rosto coberto, protegida por hebreus.

Quando a cidade despontou — quando o imenso porto nos saudou e em seguida nos envolveu com todos os seus mastros, seu alarido, seus cheiros e seus gritos, corri ao convés para olhar essa cidade. Era esplêndida.

— Está vendo? — disse Jacob.

Desembarcada de liteira, vi-me sendo carregada às pressas por amplos mercados ribeirinhos, e em seguida para uma grande praça quadrada, cheia de gente. Por toda parte eu via templos, pórticos, livrarias, até os muros altos de um anfiteatro — tudo o que eu poderia esperar ver em Roma. Não, aquela não era uma cidadezinha.

Os jovens se acotovelavam nas barbearias para serem barbeados, como era de regra, e penteados com a indefectível franjinha cacheada cuja moda fora lançada por Tibério. Havia lojas de vinho por todo lado. Os mercados de escravos estavam apinhados. Vi de relance a entrada das ruas dedicadas aos ofícios — a rua dos fabricantes de tendas, a rua dos prateiros.

E lá, em toda a sua glória, bem no centro de Antioquia, erguia-se o templo

de Ísis!

Minha deusa, Ísis, com seus fiéis entrando e saindo, sem serem perturbados, e em grupos numerosos. Havia alguns sacerdotes com um ar muito decente vestidos de linho, postados à porta! O templo estava lotado.

Pensei: posso fugir de qualquer marido aqui!

Aos poucos, fui percebendo que uma grande agitação começara no fórum, o centro da cidade. Escutei Jacob ordenando aos homens que saíssem logo da rua larga do mercado e entrassem nas ruas secundárias. Meus carregadores corriam. As cortinas foram cerradas pela mão de Jacob para que eu não visse o que se passava do lado de fora.

A notícia era anunciada em latim, grego e caldeu. Assassinato, Assassinato, Veneno, Traição.

Olhei pela cortina.

O povo estava chorando e amaldiçoando o romano Cneu Calpúrnio Piso, amaldiçoando-o e a sua esposa, Placina. Por quê? Eu não simpatizava com nenhum dos dois, mas o que era aquilo?

Jacob tornou a gritar para meu carregador se apressar.

Abriam-se uns portões e logo estávamos no Vestíbulo de uma casa bastante grande, da mesma cor e com o mesmo projeto da minha de Roma, só que bem menor. Vi os mesmos requintes, o peristilo afastado, grupos de escravos em prantos.

A liteira foi prontamente colocada no chão e eu saltei, preocupadíssima com o fato de não terem me parado na entrada para lavarem meus pés, como era de bom-tom. E meu cabelo ondulado estava todo solto.

Mas ninguém reparou em mim. Fiquei olhando em volta, espantada com as cortinas e passamanarias orientais que guarneciam os vãos, os pássaros: engaiolados cantando por toda parte em suas pequenas prisões. Os tapetes: tecidos cobrindo todo o chão, uns por cima dos outros.

Duas mulheres, que obviamente eram senhoras da casa, aproximaram-se de mim.

— Qual é o problema? — perguntei.

Elas eram tão elegantes quanto qualquer mulher rica em Roma, coberta de pulseiras e vestidas com túnicas debruadas em ouro.

— Eu lhe imploro — disse uma das mulheres —, pelo seu próprio bem, vá embora! Volte para a liteira!

Elas tentaram me empurrar para dentro do compartimento guarnecido com cortinas da liteira. Eu não queria entrar. Fiquei furiosa.

— Não sei onde estou — disse eu. — E não sei quem vocês são! Agora parem de me empurrar!

O dono da casa, ou alguém que claramente tinha ar de dono da casa, veio correndo para mim, com o rosto banhado em lágrimas e o cabelo grisalho em desalinho — descabelado como no luto. Ele rasgara a túnica. Sujara o rosto de terra! Era um velho corcunda com uma cabeçorra, todo encarquilhado.

— Seu pai foi meu colega na juventude — disse-me ele em latim. Ele me segurou pelos braços. — Jantei em sua casa quando você era um bebê. E vi-a engatinhando.

— Simpático — disse eu rapidamente.

— Seu pai e eu estudamos em Atenas, dormíamos debaixo do mesmo teto. As mulheres ficaram em pânico tapando a boca com as mãos.

— Seu pai e eu lutamos ao lado de Tibério na primeira campanha dele. Lutamos contra aqueles bárbaros sinistros.

— Muito corajosos — disse eu.

Meu manto caiu, revelando meus longos cabelos revoltos e meu vestido simples. Ninguém fez caso.

— Germânico juntou nesta casa porque seu pai me recomendou!

— Oh, céus, estou entendendo! — disse eu.

Uma das mulheres fez sinal para eu entrar na liteira. Onde estava Jacob? O velho não queria deixar que eu fosse embora.

— Eu estava com seu pai e Augusto quando chegou a notícia do massacre de nossas tropas na Floresta de Teutoburgo, de que o general Varo e todos os seus homens estavam mortos. Meus filhos lutaram com seus irmãos nas legiões de Germânico quando ele castigou essas tribos do norte! Oh, Deus!

— É, é mesmo uma maravilha — disse eu, solene.

— Entre na liteira e vá embora — disse uma das mulheres. O velho me agarrou.

— Lutamos com aquele louco do rei Armínio! — disse o velho. — Podíamos ter vencido! Seu irmão Antony não foi favorável a desistir e voltar, foi?

— Eu... não...

— Tire-a daqui — gritou um jovem patricio, que também estava chorando. Ele se adiantou e me empurrou para a liteira.

— Para trás, seu imbecil! — disse eu. Dei-lhe uma bofetada. Enquanto isso, Jacob conversava com os escravos, inteirando-se da notícia.

Jacob chegou do meu lado, enquanto o grego grisalho soluçava e me beijava o rosto.

Jacob assumiu o comando da situação, guiando-me para a liteira.

— Germânico acaba de ser assassinado — segredou-me Jacob. — Todas as pessoas leais a ele estão convencidas de que o imperador Tibério incitou o governador romano Piso ao assassinato. Foi envenenamento. A notícia está se alastrando pela cidade como um incêndio.

— Tibério, seu idiota! — murmurei, revirando os olhos. — Uma covardia atrás da outra!

Afundi novamente no escuro. A liteira estava sendo levantada.

Jacob prosseguiu:

— Cneu Calpúrnio Piso tem aliados aqui, naturalmente. Todo mundo está brigando com todo mundo, indo à forra. Violência. Essa família egípcia viajou com Germânico para o Egito. Já há motins. Vamos!

— Adeus amigo — gritei para o velho grego ao sair daquela casa. Mas acho que ele não escutou. Ele tinha se ajoelhado. Amaldiçoava Tibério. Falava aos gritos em suicídio e implorava que lhe dessem o punhal.

Estávamos na rua novamente, correndo.

Eu ia atravessada na liteira, pensando desanimada ali no escuro. Germânico morto. Envenenado por Tibério!

Eu sabia que essa recente viagem de Germânico para o Egito deixara Tibério furioso. O Egito não era como nenhuma outra província romana. Roma era tão dependente dos cereais do Egito que os senadores eram proibidos de ir lá. Mas Germânico fora, "só para ver as relíquias antigas", diziam seus amigos nas ruas de Roma.

Uma mera desculpa!, pensei desesperada. Onde estava o julgamento? A sentença? Veneno!

Meus carregadores corriam. O povo gritava e soluçava à nossa volta.

— Germânico, Germânico! Devolvam nosso belo Germânico! Antioquia enlouquecera.

Enfim, estávamos no que obviamente era uma ruela estreita, pouco mais que um beco — você conhece o tipo, pois um gradeado de vielas assim foi descoberto nas ruínas de Pompéia na Itália. Havia o cheiro de urina masculina acumulada nos potes na esquina. Havia o cheiro de comida emanando de chaminés altas. Meus carregadores corriam e tropeçavam nas pedras toscas do calçamento.

Chegamos a ter de nos atirar para o lado para desviar de uma carruagem que vinha a toda pela via, as rodas, sem dúvida, procurando se encaixar nos sulcos abertos para ela na pedra.

Bati com a cabeça no muro. Estava furiosa e assustada. Mas Jacob me disse:

— Lydia, estamos com você.

Cobri-me toda com o manto, de modo que somente um olho me permitia ver a luz nas frestas dos dois lados das cortinas. Eu segurava o punhal.

A liteira foi posta no chão. Era o interior de uma casa fresca. Ouvi o pai de Jacob, David, discutindo. Eu não entendia hebreu. E nem tinha certeza de que ele estivesse falando hebreu.

Finalmente, Jacob tomou a palavra em grego, e percebi que eles estavam comprando à vista uma boa casa para mim, muito bem equipada, inclusive com bons móveis, deixada recentemente por uma viúva rica que lá vivera sozinha, mas infelizmente os escravos haviam sido vendidos. Não tinha escravos. Foi uma rápida transação em dinheiro.

Finalmente ouvi Jacob dizer em grego:

— É melhor você estar me dizendo a verdade.

Quando a liteira ia sendo levantada, fiz sinal para ele, chamando-o.

— Com essa, é a segunda vez que lhe devo a vida. Aquela família grega que deveria me dar abrigo está mesmo correndo perigo?

— Claro — disse ele. — Quando começa um motim, quem se importa? Eles foram com Germânico para o Egito! Os homens de Piso sabem disso! Qualquer pessoa pode, ao menor pretexto, atacar, matar e pilhar qualquer outra. Olhe, fogo.

Ele mandou os homens se apressarem.

— Está bem — disse eu. — Nunca mais diga o meu nome verdadeiro. De agora em diante meu nome será Pandora. Sou uma grega de Roma. Paguei-lhe para me trazer aqui.

— Com certeza, minha cara Pandora- respondeu ele. — Você é uma

mulher forte. A escritura de sua nova casa foi passada com um nome falso, muito menos simpático. Mas atesta que você é viúva, emancipada e cidadã romana. Vamos receber a escritura quando efetuarmos o pagamento todo em ouro, o que não faremos antes de estar dentro da casa. E se o homem não me der essa escritura com tudo bem explicitado para protegê-la, eu o estrangulo.

— Você é muito inteligente, Jacob — disse eu, abatida.

E assim se arrastou essa escura e sacolejante jornada na liteira até que finalmente paramos. Escutei a chave de metal girando na fechadura do portão e depois fomos levados para o amplo Vestíbulo da casa propriamente dita.

Eu devia ter esperado em consideração a meus guardiões, mas saltei desesperada daquela pequena prisão sórdida e escura, jogando o manto no chão e respirando fundo.

Estávamos no amplo Vestíbulo de uma boa casa, muito simpática e decorada com muita criatividade.

Até naquela hora, com as idéias dispersas, vi a fonte de cabeça de leão junto ao portão por onde tínhamos acabado de entrar, e lavei os pés na água fria.

O Vestíbulo, ou átrio, era enorme, e, mais adiante, vi os ricos divãs da sala de jantar no outro extremo de um jardim interno bastante grande — o peristilo.

Não era aquele meu velho casarão antigo e suntuoso no monte Palatino, que foi ganhando novas galerias e salas ao longo de várias gerações, invadindo seus amplos jardins.

Era um tanto pretensiosa demais. Mas era imponente. Todas as paredes estavam recém-pintadas numa tendência mais oriental, acho eu — mais volutas e linhas sinuosas. Como eu poderia julgar? Quase desmaiei de alívio. Seria eu realmente deixada em paz ali?

Lá estava a escrivaninha no átrio e ao lado dela, livros! Ao longo da colunata que flanqueava o jardim, vi muitas portas. Ergui os olhos e vi as janelas fechadas do segundo andar que davam para os terraços. Esplendor. Segurança.

Os pisos de mosaico eram antigos; eu conhecia o estilo, as figuras festivas do desfile das Saturnais. Só podiam ter sido importados da Itália.

Pouco mármore autêntico, colunas de gesso, mas muitos murais bem-feitos, onde havia aquela quantidade de praxe de ninfas alegres.

Fui até a relva úmida do peristilo e olhei para o céu azul.

Eu só queria respirar, mas chegara a hora da verdade em relação aos meus pertences. Eu estava atordoada demais para perguntar pelo que era meu. E finalmente não houve necessidade disso.

Jacob e David primeiro fizeram um inventário total do mobiliário da casa que estavam comprando para mim, enquanto eu os olhava vidrada, mal acreditando na paciência que tinham para os detalhes.

E quando encontraram todos os cômodos em boas condições, e um quarto de dormir no fundo da galeria à direita, e um pequeno jardim à esquerda, depois da cozinha, eles subiram, acharam tudo adequado e aí desembalaram minhas coisas. Baú após baú.

Então, para cúmulo do meu espanto, o pai de Jacob, David, abriu um rolo e começou realmente a fazer um inventário de tudo que me pertencia, desde grampios de cabelo até tinta e ouro.

Jacob, enquanto isso, foi mandado fazer alguma coisa na rua!

Reconheci a letra apressada de meu pai nesse inventário que David lia com voz abafada.

— Objetos de uso pessoal — David disse no sumário final de uma parte dessa conferência. — Roupas, um, dois, três baús — para o quarto maior, levem! Prataria, para a cozinha. Livros aqui?

— Sim, por favor. — Eu estava espantada demais com a honestidade e a meticulosidade dele para falar.

— Ah, quantos livros!

— Ótimo, não precisa contar! — disse eu.

— Não posso deixar de fazer isso, compreende, esses frágeis...

— É, eu sei. Continue.

— Deseja suas estantes de marfim e ébano montadas aqui na sala da frente?

— Magnífico.

Desabei no chão, e fui logo levantada por dois solícitos escravos asiáticos e instalada numa poltrona romana de pernas em xis espantosamente macia. Deram-me um copo de água fresca e pura. Bebi tudo, pensei em sangue. Fechei os olhos.

— Tinta, material para escrever na escrivania? — perguntou o velho.

— Por favor — suspirei.

— Agora, todo mundo fora — disse o velho, distribuindo rápida e generosamente moedas a esses escravos asiáticos, que fizeram uma grande medida e saíram do quarto de costas, quase tropeçando uns nos outros.

Eu ia tentar formular uma frase sensata expressando gratidão quando uma nova leva de escravos entrou — quase trombando com a equipe que saía - carregando cestas com todas as coisas comestíveis que se podia encontrar numa feira, incluindo pelo menos nove tipos de pão, jarros de azeite, melões, verduras e defumados suficientes para durar dias — peixe, carne e exóticos frutos do mar, secos como pergaminho.

— Já para a cozinha, deixem só um prato de azeitonas com queijo e pão para a senhora naquela mesa ali à esquerda. Tragam o vinho da senhora, o que o pai dela mandou.

Oh, que incrível! O vinho de meu pai.

Então todos foram mandados embora novamente, com montes de moedas distribuídas, e o velho rapidamente voltou ao seu inventário.

— Jacob, venha cá, conte para mim esse ouro enquanto leio o rol para você! Metal, moeda, mais moeda, jóias valiosíssimas? Moeda, barras de ouro. Sim...

E assim prosseguiram, rapidamente.

Onde meu pai havia escondido esse ouro todo? Eu não fazia idéia. O que eu iria fazer com ele? Iriam eles realmente me deixar ficar com tudo? Eram homens honestos, mas aquilo era uma fortuna.

— Espere até todo mundo ter ido embora — disse David — e então guarde esse ouro em vários esconderijos pela casa. Você vai achar esses esconderijos. Não podemos fazer isso em seu lugar, pois ficaríamos sabendo onde estaria o

ouro. Suas jóias? Algumas eu deixo aqui para serem escondidas, pois são valiosas demais para serem exibidas no meio do povo logo no começo.

Ele abriu um cofre de pedras preciosas.

— Está vendo este rubi? É excepcional. Olhe o tamanho. Pode alimentá-la pelo resto da vida se for vendido a um homem honesto pela metade do que vale. Cada jóia aí nesta caixa é excepcional. Entendo de jóias. Estas são escolhidas a dedo entre as melhores. Está vendo estas pérolas? Perfeitas.

Ele devolveu o rubi e as pérolas ao cofre e fechou a tampa.

— Sim — disse eu num fio de voz.

— Pérolas, mais ouro, prata, metal... — murmurou ele. — Está tudo aqui! Devíamos ter mais cuidado mas...

— Oh, não, vocês fizeram milagres — declarei.

Fiquei olhando para o pão e o vinho na taça. A garrafa de vinho de meu pai. As ânforas de meu pai espalhadas pela sala.

— Pandora — disse Jacob, dirigindo-se a mim com a maior seriedade. - Estou aqui com a escritura desta casa. E com outro documento que descreve sua entrada oficial no porto com o seu novo nome, Julia de tal. Pandora, temos de deixá-la.

O velho sacudiu a cabeça e mordeu o lábio.

— Temos de partir para Éfeso, minha filha — disse ele. — Estou envergonhado de ter de deixá-la, mas logo o porto estará fechado!

— Há navios em chamas no porto — disse Jacob com voz abafada. - Derrubaram a estátua de Tibério no fórum.

— O negócio está fechado — disse-me o velho. — O homem que vendeu a casa nunca a viu e não sabe o seu nome verdadeiro, e não resta nenhuma evidência dele aqui.

— Vocês fizeram milagres para mim — disse eu.

— Agora você ficará sozinha, minha bela princesa romana — disse Jacob. — Fico agoniado de deixá-la assim.

— Precisamos ir — disse o velho.

— Fique três dias sem sair de casa — disse Jacob, chegando-se a mim, o máximo que conseguia, como se até tivesse a intenção de quebrar todas as regras e beijar meu rosto. — Há um número suficiente de legiões aqui para sufocar esse motim, mas vão preferir deixar a revolta arrefecer por si mesma a massacrar cidadãos romanos. E esqueça aqueles amigos gregos. A casa deles já está um inferno.

Eles viraram-se para sair!

— Vocês foram bem pagos por tudo isso? — perguntei. — Se não, peguem o quanto quiserem do meu ouro. Faço questão!

— Nem pense numa coisa dessas — disse o velho. — Mas para seu sossego, fique sabendo que seu pai me ajudou financeiramente duas vezes quando meus navios foram capturados por piratas no Adriático. Seu pai investiu no meu negócio e dividi com ele o lucro que obtive. Os gregos deviam dinheiro a seu pai. Não se preocupe mais com essas coisas. Mas temos de ir!

— Deus esteja com você, Pandora — disse Jacob.

Jóias. Onde estavam as jóias? Levantei-me de um salto e abri o cofre.

Havia centenas delas, sem jaça, de uma transparência deslumbrante, um acabamento primoroso. Reconheci o valor, a transparência e o esmero no acabamento daquelas jóias. Peguei o grande rubi oval que David me havia mostrado e mais outro parecido e joguei-os para os dois homens.

Eles ergueram as mãos para recusar.

— Ah, mas vocês têm de aceitar — disse eu. — Me dêem essa honra. Me dêem a confirmação de que sou uma romana livre e vou viver como meu pai mandou! Isso me dará coragem! Aceitem isso de mim.

David sacudiu a cabeça inflexível, mas Jacob pegou o rubi.

— Pandora, tome aqui as chaves. Venha conosco e tranque o portão da rua e depois as portas do Vestíbulo. Não tenha medo. Há lamparinas por toda parte. Azeite em quantidade...

— Vão logo! — disse eu quando eles cruzaram o umbral. Tranquei o portão e fiquei segurando as barras, olhando para eles. — Se não conseguirem sair, se precisarem de mim, voltem aqui.

— Temos a nossa gente aqui — disse Jacob em tom tranquilizador. - Agradeço de coração o belo rubi, Pandora. Você sobreviverá. Entre, passe o ferrolho nas portas.

Consegui chegar até a cadeira, mas não me sentei. Antes, desabei e rezei, "*Lares familiares...* espíritos da casa, preciso encontrar o vosso altar. Dai-me as boas-vindas, por favor, não trago má sorte para ninguém. Cobrirei de flores o vosso altar e acenderei o vosso fogo. Dai-me paciência. Deixai-me... descansar."

No entanto, eu nada fiz a não ser ficar sentada horas no chão petrificada, as mãos bambas, enquanto escurecia. Enquanto aquela estranha casinha ficava às escuras.

Um sonho sanguinolento começou, mas eu não queria aceitá-lo. Aquele templo estrangeiro, não. O altar, não! O sangue, não. Bloqueei aquilo tudo e imaginei que estava em casa.

Eu era uma menina. Que eu sonhe com isso, eu disse a mim mesma, que estou ouvindo o meu irmão mais velho, Antony, falar de guerra no norte, obrigando os ensandecidos germânicos a retrocederem para o mar! Ele amara muito Germânico. Os meus outros irmãos também. Lucius, o mais jovem, tinha uma natureza muito fraca. Partia-me o coração pensar nele clamando por misericórdia enquanto os soldados o faziam em pedaços.

O Império era o mundo. Tudo o que estava além era caos e miséria e lutas. Eu era um soldado. Sabia lutar. Sonhei que estava vestindo a couraça. Meu irmão disse:

— Fiquei aliviadíssimo ao descobrir que você é homem, sempre achei que fosse.

Só fui acordar na manhã seguinte.

E foi então que fiquei sabendo realmente o que era dor e sofrimento.

Tome nota disso. Porque conheci o total absurdo do destino, da sorte e da natureza com um realismo maior do que um humano tem capacidade de suportar. E talvez a descrição disso, por breve que seja, possa servir de consolo a outra pessoa. O pior custa a chegar, e depois, a passar.

A verdade é que não se pode preparar ninguém para uma coisa dessas,

nem passar uma idéia do que isso seja através da linguagem. É preciso conhecer. E isso eu não desejo a ninguém no mundo.

Eu estava sozinha. Fiquei zanzando por todas as salas, dando murros nas paredes, chorando e rangendo os dentes, andando em círculos. Não existia Mãe Isis.

Não existiam deuses. Os filósofos eram tolos! Os poetas cantavam mentiras.

Eu soluçava e arrancava os cabelos. Rasguei o vestido facilmente, como se fosse uma roupinha de recém-nascido. Tropeçava em cadeiras e mesas.

Às vezes, eu sentia uma alegria enorme, uma libertação de todas as falsidades e convenções, todos os meios pelos quais se pode fazer de refém uma alma ou um corpo!

Então a assombrosa natureza dessa libertação me cercou por inteiro como se a casa não existisse, como se a escuridão desconhecesse as paredes.

Três dias e três noites passei nessa agonia.

Esqueci de comer. Esqueci de beber.

Não acendi nenhuma luz. A lua quase cheia iluminava suficientemente esse labirinto insignificante de pequenas câmaras pintadas.

O sono me abandonara definitivamente.

Meu coração batia acelerado. Meus membros se contraíam, depois relaxavam e tornavam a se contrair.

Às vezes, eu ficava deitada na boa terra úmida do pátio, por meu pai, porque ninguém deitara seu corpo na boa terra úmida, como deveria ter sido feito na hora em que ele morreu, antes de qualquer cerimônia fúnebre.

De repente, vi por que essa desgraça era tão importante, aquele corpo todo ferido que não foi colocado na terra. Vi a gravidade dessa omissão como poucos jamais verão o significado de qualquer coisa. Aquilo era da maior importância porque não importava a mínima!

Viva, Lydia.

Olhei para os arbustos frondosos do jardim. Senti uma estranha gratidão pelo fato de ter aberto olhos humanos nessa escuridão aqui na Terra por tempo suficiente para ver essas coisas.

Citei Lucrécio:

"O que vem dos Céus sobe aos Céus?"

Loucura!

Ai de mim, como eu disse, passei três dias e três noites vagando, rastejando, chorando e gritando.

CAPÍTULO 4



Finalmente, um dia, quando o sol da manhã se derramava pela abertura do telhado, olhei para os objetos na sala e percebi que não sabia o que eram, nem para que serviam. Desconhecia o nome que tinham. Estava alienada de suas definições. Nem sequer conhecia esse lugar.

Sentei-me e percebi que estava olhando para o larário, o santuário dos deuses protetores da casa e de seus moradores.

Isso era a sala de jantar, naturalmente, e aquelas coisas eram os divãs, e ali estava o glorioso leito conjugai!

O larário era um santuário elevado de três paredes, um pequeno templo com três frontões, dentro do qual se colocavam imagens dos velhos deuses dos lares. Ninguém nessa cidade profana sequer os levava com a falecida.

As flores estavam mortas. O fogo simplesmente se extinguira. Ninguém o apagara com vinho, como se deveria fazer.

Fui engatinhando pelo jardim do peristilo com meu vestido em farrapos, colhendo flores para esses deuses. Encontrei a lenha e acendi o fogo sagrado deles.

Fiquei olhando para eles. Durante horas. Parecia que eu nunca mais tornaria a me mexer.

A noite caiu.

"Não durma", sussurrei. "Passe a noite em vigília! Eles estão esperando por você quando escurece, aqueles egípcios! A lua, olhe, está quase cheia, falta mais ou menos uma noite para ficar completamente cheia."

Mas o pior da minha agonia passara e eu estava exausta, e o sono chegou para me envolver. O sono chegou como se para dizer: "Não se preocupe mais."

O sonho veio.

Vi homens com vestes douradas.

— Agora você será levada para o santuário. Mas o que há nesse lugar? Eu não queria olhar.

— Nossa Mãe, nossa amada Mãe das Dores — disse o sacerdote.

As pinturas das paredes eram fileiras e fileiras, uma em cima da outra, de egípcios de perfil e de palavras feitas de figuras. Havia mirra queimando nesse local.

— Venha — disseram aqueles que me seguravam. — Agora você está livre de todas as impurezas e partilhará da sagrada fonte.

Eu ouvia uma mulher chorando e gemendo. Dei uma olhada no salão antes

de entrar. Lá estavam eles, o Rei e a Rainha em seus tronos. O Rei imóvel e com o olhar parado como no último sonho, e a Rainha lutando para se desvencilhar dos grilhões dourados. Ela usava a coroa do Alto e do Baixo Egito. E linho plissado. Seu cabelo não era peruca, mas sim tranças de verdade. Ela chorava e suas faces brancas estavam manchadas de vermelho. Seu colar e seus seios também. Ela parecia suja e ignominiosa.

— Minha Mãe, minha deusa — disse eu. — Mas isso é uma abominação. Esforcei-me para despertar.

Sentei-me e coloquei a mão sobre o larário e olhei para as teias de aranha que o sol da manhã tornava visíveis nas árvores do jardim.

Achei ter ouvido pessoas murmurando na antiga língua egípcia.

Eu não iria permitir isso! Eu não enlouqueceria.

Basta! O único homem que eu jamais amara, meu pai, disse: "Viva."

Era hora de agir. De levantar e ir em frente. De repente, eu estava cheia de força e determinação.

Minhas longas noites de luto e pranto equivaleram à iniciação no templo; a morte fora o agente tóxico; a compreensão fora a transformação.

Agora isso acabara, e o mundo sem sentido estava tolerável e não precisava ser explicado. E nunca há de ser, e como fui tola de achar que seria.

A minha situação justificava ação.

Enchi uma taça de vinho e fui para o portão levando-a comigo.

A cidade parecia calma. As pessoas passavam para lá e para cá, desviando a vista ao depararem com uma mulher maltrapilha e descomposta no Vestíbulo de sua casa.

Finalmente um artesão arrastando-se sob o fardo de tijolos.

Ofereci-lhe o vinho.

— Estou doente há três dias — disse eu. — E a morte de Germânico? Como vai a coisa na cidade?

O homem ficou gratíssimo pelo vinho. O trabalho o envelhecera. Seus braços eram finos. Suas mãos tremiam.

— Senhora, obrigado — disse ele. Bebeu a taça toda de uma vez, como se não fosse capaz de interromper-se. -Nosso Germânico foi exposto em praça pública para todo mundo ver. Como era bonito. Alguns o comparavam ao grande Alexandre. As pessoas não conseguiram chegar a uma conclusão. Ele foi ou não envenenado? Uns dizem que sim, outros que não.

"Os soldados dele o adoravam. O governador Piso, graças aos deuses, não está aqui nem ousa voltar. A mulher de Germânico, a encantadora Agripina, carrega as cinzas de Germânico numa urna junto ao seio. Vai a Roma, pedir justiça a Tibério."

Ele devolveu-me a taça. — Agradeço-lhe humildemente.

— A cidade já voltou ao normal.

— Ah, sim, o que poderia parar esse mercado famoso? — gabou. — Os negócios continuam como sempre. Os soldados leais de Germânico mantêm a paz, esperando justiça. Eles não deixarão o criminoso Piso voltar, e Sêncio está reunindo todos os que serviram sob o comando de Germânico. A cidade está feliz. A chama arde por Germânico. Se houver guerra, não será aqui. Não se

preocupe.

— Obrigada, você me ajudou bastante.

Peguei a taça, tranquei o portão, fechei a porta e comecei a agir.

Comendo uns pedacinhos de pão para ter alguma força e recitando a meia voz o senso comum de Lucrécio, inspecionei a casa. Havia um amplo e luxuoso banheiro à direita do pátio. Bem iluminado. Um fluxo de água corrente saía das conchas das ninfas para a bacia de argamassa, e a água estava agradável. Não havia necessidade de acender o fogo para aquecê-la.

No quarto estavam as minhas roupas.

Os vestidos romanos eram simples, como você sabe, apenas camisolões ou túnicas longas. Usávamos duas ou três superpostas, mais uma túnica de proteção, para ser usada quando se saía, a estola, e finalmente a pala, ou manto, que ia até os tornozelos e era cingida abaixo do busto.

Escolhi as mais finas túnicas, compondo três camadas de gaze de seda, e depois uma pala de um vermelho vivo que me cobria da cabeça aos pés.

Em toda a minha vida eu nunca tivera de calçar minhas próprias sandálias. Isso era uma coisa engraçadíssima e irritante!

Todos os meus artigos de toalete haviam sido arrumados em mesas onde havia espelhos de metal polido. Que enrascada!

Sentei-me em uma das muitas cadeiras douradas, puxei o espelho de metal e tentei usar as pinturas como minhas escravas sempre haviam feito.

Consegui escurecer as sobrancelhas, mas meu pânico dos olhos egípcios me deteve. Pintei os lábios de vermelho, passei pó branco no rosto, mas foi só. Não dava para tentar empoar os braços, do jeito que eles teriam sido empoados para mim em Roma.

Não sei o que eu parecia. Agora eu tinha de conseguir trançar esse maldito cabelo, e consegui, e enrolei as tranças em caracol na base do crânio. Usei uma quantidade de grampos suficiente para vinte mulheres. Puxando os cachos soltos para emoldurarem meu rosto, na testa e dos lados, vi no espelho uma mulher romana, simples e aceitável, achei, cabelo repartido ao meio, sobrancelhas pretas e lábios vermelho-rosados.

Juntar todos esses panos era a maior complicação. Tentei acertar os comprimentos. Tentei deixar a estola de seda cair reta e cingi-la embaixo do busto. Quer dizer, esses pregueados, esses franzimentos e esses cintamentos todos. Sempre estive rodeada de escravas. Finalmente, com duas túnicas de baixo e uma fina estola vermelha comprida, joguei em cima uma pala de seda, bem ampla, franjada e toda bordada a ouro.

Pus anéis e pulseiras. Mas tentei ocultar o máximo possível sob esse manto. Lembrei que meu pai amaldiçoava todos os dias de sua vida em que tinha de usar a toga, o traje de passeio oficial do homem romano bem-nascido. Bem, só as prostitutas usavam toga. Pelo menos eu não tinha de enfrentar isso.

Fui direto para os mercados de escravos.

Jacob tinha razão a respeito da população aqui. A cidade era cheia de homens e mulheres de todas as nações. Muitas mulheres caminhavam aos pares, de braço dado.

Capas gregas soltas eram inteiramente aceitáveis aqui, da mesma maneira

que as exóticas túnicas longas fenícias ou babilônias, tanto para homens quanto para mulheres. Era comum os homens usarem cabelo comprido e barbas volumosas. Algumas mulheres circulavam com túnicas do comprimento das dos homens. Outras andavam completamente cobertas, só com os olhos de fora, acompanhadas por guardas e servos.

As ruas eram mais limpas do que poderiam ser em Roma, o esgoto correndo para uma calha central mais larga, chegando mais rápido ao seu destino.

Bem antes de chegar ao fórum, ou praça central, passei por três portas diferentes onde ricos cortesãos discutiam sarcasticamente o preço com prósperos jovens gregos e romanos.

Ouí uma delas dizer a um belo rapaz:

— Quer que eu vá para a cama com você? Está sonhando. Pode ter qualquer uma das meninas, como eu já disse. Se me quiser, vá para casa e venda tudo o que tem!

Romanos ricos com suas togas amplas estavam à porta das lojas de vinho das esquinas, e honraram minha olhadela rápida com um simples cumprimento de cabeça quando passei.

Que ninguém me reconheça! A probabilidade de me reconhecerem era nula, e estávamos muito longe de Roma, e eu morara tanto tempo na casa de meu pai, satisfeita por ele me salvar da obrigação de ir a banquetes, ceias e até reuniões protocolares.

O fórum era bem maior do que eu vislumbrara naquele dia. Quando me deparei com aquela enorme praça inundada de sol, flanqueada nos quatro lados por pórticos ou templos, ou prédios imperiais, fiquei espantada.

Nos mercados cobertos, tudo estava à venda, os prateiros estavam agrupados, os tecelões tinham o seu ponto, os mercadores de seda se colocavam um ao lado do outro, e vi que a rua transversal que começava à minha direita era reservada à venda de escravos — os melhores, que talvez nunca tivessem de ir para uma quadra de leilão.

Ao longe, avistei os mastros altos dos navios. Eu sentia o cheiro do rio. Lá estava o templo de Augusto, seus fogos acesos, seus legionários uniformizados preguiçosamente a postos.

Eu estava com calor e afrita, porque meu manto ficava escorregando, de fato, essa seda toda escorregava muito, e havia muitos jardins de vinho abertos, com grupos de mulheres conversando. Eu poderia ter encontrado um lugar suficientemente perto de alguém para beber alguma coisa.

Mas eu precisava ter uma casa montada. Precisava ter escravos leais.

Ora, em Roma, naturalmente, eu nunca havia ido a um mercado de escravos. Eu jamais teria de fazer uma coisa dessas. Além do mais, tínhamos tantas famílias de escravos em nossas terras na Toscana e em Roma que raramente comprávamos um escravo novo. Ao contrário, meu pai tinha o hábito de herdar os decrepitos e sábios de seus amigos, e muitas vezes brincamos com ele sobre a Academia, que nada fazia no jardim dos escravos senão discutir sobre história.

Mas agora eu precisava fazer o papel da mulher experiente. Inspecionei

cada escravo doméstico de primeira linha ali exposto, logo me decidi por duas irmãs, muito jovens e muito assustadas com medo de ir a leilão ao meio-dia e parar num bordel. Mandeí buscar tamboretos e sentamos juntas.

Conversamos.

Elas vinham de uma boa casa de uma família pequena em Tiro. Já haviam nascido escravas. Conheciam bem o grego e o latim. Falavam aramaico. Eram de uma doçura angelical.

Tinham mãos imaculadas. Demonstraram ter todas as habilidades que eu exigia. Sabiam fazer penteados, maquiar um rosto, cozinhar. Deram-me receitas de pratos orientais dos quais eu nunca ouvira falar; mencionaram pomadas e rugas diferentes. Uma delas ficou vermelha de medo, depois disse:

— Senhora, posso pintar o seu rosto bem rápido e na perfeição!

Eu sabia que isso significava que eu tinha feito um péssimo serviço.

Sabia também que, vindo de uma família pequena, elas eram bem mais versáteis que as escravas de nossa casa.

Comprei as duas, suas preces foram atendidas. Exigi túnicas limpas de um comprimento decente para ambas, recebi as túnicas, de linho azul, embora não muito finas; em seguida encontrei um mercador ambulante com uma braçada de palas. Comprei um manto azul para cada uma. Elas ficaram na maior felicidade. Eram discretas e quiseram cobrir a cabeça.

Eu não tinha dúvida a respeito delas. Dariam a vida por mim.

Não me ocorreu que elas estivessem mortas de fome até que, enquanto procurava outros escravos, ouvi um grosseiro negociante de escravos avisar a um grego instruído e petulante que ele não receberia comida nenhuma enquanto não fosse vendido.

— Que horror — disse eu. — Meninas, vocês devem estar com fome. Vão para a casa de pasto no fórum. Olhem lá embaixo. Estão vendo ali, aqueles bancos e aquelas mesas.

— Sozinhas? — disseram elas, assustadas.

— Ouçam, meninas. Eu não tenho tempo para alimentá-las na mão como passarinhos. Não olhem nos olhos de homem nenhum. Comam e bebam à vontade.

Dei-lhes uma quantidade de dinheiro aparentemente escandalosa.

— E não saiam da casa de pasto até eu ir buscá-las. Se algum homem se aproximar de vocês, finjam que estão apavoradas, abaixem a cabeça e dêem a entender como puderem que não falam a língua dele. Se acontecer o pior, vão para o templo de Ísis.

Elas saíram correndo em direção ao banquete distante, e o azul tão lindo daqueles mantos enfunados pela brisa ficou de tal maneira gravado em minha retina que agora mesmo estou vendo aqueles riscos celestes na multidão suada debaixo daquela confusão de toldos. Mía e Lia. Fácil de lembrar, mas eu não conseguia diferenciar uma da outra.

Uma risada baixa e escarninha me surpreendeu. Era o escravo grego que acabara de ser ameaçado de fome pelo amo.

Ele disse ao amo:

— Está bem, me faça passar fome. E depois o que terá para vender? Um

homem doente e moribundo, em vez de um grande erudito fora do comum?

Grande erudito fora do comum!

Virei-me e fui até o homem. Ele estava sentado num banco e não se levantou para mim. Vestia apenas uma tanga imunda, o que era a maior estupidez da parte do mercador, mas essa negligência sem dúvida revelava que o escravo era um belo homem, bonito de rosto, de macios cabelos castanhos e olhos verdes amendoados, e uma expressão mordaz na boca bem-feita. Devia ter uns trinta anos, ou talvez um pouco menos. Estava em forma para a idade que tinha, como os gregos gostam de estar, com uma boa musculatura.

Seu cabelo castanho estava imundo, grosseiramente tosado, e, pendurada num cordão em volta do pescoço, ele usava a plaquinha mais deplorável que já vi, toda escrita em latim com uma letrinha miúda e bem apertada.

Puxando o manto novamente para o lugar, cheguei bem perto de seu maravilhoso peito nu, achando uma certa graça em seu olhar ousado, e tentei ler a plaquinha.

Ao que parecia, ele era capaz de ensinar tudo de filosofia, todas as línguas, tudo de matemática, cantava qualquer coisa, conhecia todos os poetas, sabia preparar banquetes completos, era paciente com crianças, conhecera o serviço militar com seu amo romano nos Balcãs, sabia desempenhar a função de segurança, era obediente e virtuoso e vivera a vida inteira em Atenas numa única casa.

Li isso com um certo desdém. Ele me fulminou com um olhar impertinente ao notar esse desdém. Com insolência, cruzou os braços logo abaixo da plaquinha. Encostou-se na parede.

De repente, vi por que o mercador que rondava por ali não fizera o grego se levantar. O grego só tinha uma perna boa. A esquerda, do joelho para baixo, era de marfim bem entalhado, completa com o pé e a sandália cuidadosamente esculpidos. Dedos perfeitos. Obviamente, esse belo conjunto de perna e pé de marfim era emendado, mas em três seções proporcionadas, cada qual arrematada por uma faixa trabalhada, e com peças separadas para os pés, unhas definidas e tiras da sandália finamente esculpidas.

Eu nunca havia visto um membro falso como aquele, antes uma capitulação ao artifício do que uma tentativa inadequada de imitação da natureza.

— Como perdeu a perna? — perguntei-lhe em grego. Nenhuma resposta. Aponte para a perna. Nenhuma resposta.

Repeti a pergunta em latim. Nenhuma resposta também. O comerciante de escravos estava na ponta dos pés de aflição e torcia as mãos.

— Senhora, ele sabe escrever, dirigir qualquer negócio; tem uma letra perfeita, é honesto com os números.

Humm. Então não se fala em ensinar a crianças? Eu não parecia uma mãe de família. Mau.

O grego sorriu com uma expressão escarninha e olhou para o outro lado. Disse suavemente, abafando a voz num latim incisivo, que se eu gastasse dinheiro com ele, eu estaria gastando com um homem morto. Sua voz era bela e macia, embora abatida e cheia de desprezo, sua enunciação impassível e refinada.

Perdi a paciência. Falei rapidamente em grego.

— Aprenda comigo, seu ateniense arrogante e idiota! — disse eu, rubra, furiosa por ter sido julgada de forma tão equivocada por um escravo e por um mercador de escravos. — Se você sabe escrever mesmo grego e latim, se realmente estudou Aristóteles e Euclides, cujos nomes aliás você escreveu errado, se foi educado em Atenas e esteve em batalhas nos Balcãs, se pelo menos metade dessa grande epopéia for verdadeira, por que você não haveria de querer pertencer a uma das mulheres mais profundamente inteligentes que você jamais irá conhecer, que irá tratá-lo com dignidade e respeito em troca da sua lealdade? O que você sabe sobre Aristóteles e Platão que eu não saiba? Eu nunca bati num escravo na vida. Você deixa passar a única ama que pode recompensá-lo por sua lealdade com qualquer coisa que sonhar. Essa placa é um monte de mentiras, não é?

O escravo estava perplexo, mas não com raiva. Esticou-se à frente, tentando me avaliar melhor sem ser óbvio. O comerciante fazia gestos furiosos mandando-o se levantar, o que ele fez e que lhe deu uma admirável vantagem em altura em relação a mim. Suas pernas eram saudáveis e fortes até o membro de marfim.

— Que tal me contar a verdade sobre o que você sabe fazer? — perguntei, passando para o latim.

Virei-me para o mercador de escravos.

— Dê-me uma pena para corrigir a grafia desses nomes. Se este homem tem alguma chance de se tornar professor, esses erros acabam com ela. Ele parece um idiota por ter escrito assim.

— Eu não tinha espaço suficiente para escrever! — declarou o escravo de repente, sussurrando numa perfeita fúria latina. Ele se inclinou para mim, como se eu tivesse obrigação de compreender.

— Olhe essa plaquinha, se é tão profundamente inteligente! Percebe a ignorância desse comerciante aqui? Ele não tem sensibilidade para saber que tem uma esmeralda, e acha que tem um pedaço de vidro verde. Isso é uma tristeza. Escrevi aqui todas as generalidades que pude.

Dei uma gargalhada. Estava seduzida e empolgada. Não conseguia parar de rir. Era engraçadíssimo! O comerciante ficou confuso. Castigar o escravo e baixar seu preço? Ou deixar que nós dois resolvêssemos isso?

— O que eu devia fazer- interpelou-me ele naquele mesmo tom confidencial, só que agora em grego —, gritar para cada passante: "Aqui está um grande mestre, aqui está um filósofo!"? — Ele ficou mais calmo, depois de desabafar a raiva. — Os nomes dos meus avós estão gravados na Acrópole de Atenas -disse ele.

O comerciante estava desorientado. Mas eu estava evidentemente deleitada e interessada. Meu manto tornou a escorregar e puxei-o com firmeza. Essas roupas. Alguém me disse algum dia que a seda desliza na seda?

— E Ovídio? — disse eu, respirando fundo. Estava quase morrendo de rir. — Você escreveu o nome de Ovídio aqui. Ovídio. Ovídio é popular aqui? Ninguém ousa escrever isso em seu cartão em Roma, posso lhe dizer. Sabe, eu nem sei se Ovídio ainda vive, e é uma pena. Ovídio me ensinou a beijar quando

eu tinha dez anos, quando li *Os amores*. Você já leu *Os amores*?

A atitude dele mudou por completo. Ele amaciou e vi que estava quase começando a ter alguma esperança, esperança de que eu fosse uma boa ama para ele. Mas não podia se permitir acreditar nisso.

O comerciante aguardava o menor sinal que indicasse o que ele deveria fazer. Era óbvio que estava acompanhando o nosso diálogo.

— Olhe, seu escravo insolente e perneta — disse eu. — Se eu achasse que você pudesse sequer ler Ovídio para mim à noite, eu o compraria logo. Mas essa plaquinha aqui faz de você um misto de Sócrates com Alexandre o Grande. Em que guerra dos Balcãs você serviu? Por que está nas mãos desse comerciante barato e ainda não foi levado para uma casa de fino trato? Como alguém poderia acreditar em tudo isso? Se o cego Homero tivesse cantado uma história tão absurda, as pessoas teriam levantado e ido embora da taverna.

Ele ficou revoltado, desapontado.

O comerciante estendeu a mão em alerta, como que para controlar o homem.

— O que diabos aconteceu com sua perna? — perguntei. — Como foi que a perdeu? Quem lhe fez essa magnífica prótese?

Baixando a voz para um sussurro irado porém eloquente, o escravo declarou lenta e pacientemente.

— Perdi a perna numa caçada de javali, com meu amo romano. Ele me salvou a vida. Caçávamos muito. Foi no Pentélico, o monte...

— Eu sei onde é o Pentélico, obrigada — disse eu.

Suas expressões faciais eram elegantes. Ele estava completamente confuso. Umedeceu os lábios ressecados e disse:

— Mande só esse mercador ir buscar o pergaminho e a tinta. — Ele falava o latim com muita beleza, a beleza de um ator ou de um retórico, porém sem esforço. — Escreverei de cor *Os amores* de Ovídio para a senhora — disse ele, suplicando com gentileza entre dentes cerrados, o que não é um feito banal. — E depois lhe copiarei toda a história dos persas de Xenofonte, se a senhora tiver tempo, em grego, naturalmente! Meu amo me tratava como filho; eu lutava com ele, estudava com ele, aprendia com ele. Escrevia as cartas dele. A educação dele foi a minha educação porque ele quis assim.

— Ah — disse eu com orgulho e alívio.

Ele agora parecia o perfeito cavalheiro, com raiva, pego numa situação impossível porém digna, e raciocinando com coragem suficiente para fortalecer a própria alma.

— E na cama? Você é bom de cama? — perguntei. Não sei dizer se foi raiva ou desespero que provocou essa pergunta.

Ele ficou realmente chocado. Bom sinal. Arregalou os olhos e franziu o cenho.

Enquanto isso, o mercador apareceu com mesa, banco, pergaminho, tinta e depositou tudo ali naquela calçada quente.

— Aqui, escreva — disse ele ao escravo. — Faça letras para essa mulher. Faça somas. Senão mato você e vendo sua perna.

Tive outro acesso de riso. Olhei para o escravo, que continuava aturdido.

Ele desviou os olhos da minha pessoa para lançar um olhar de desdém ao mercador.

— É seguro colocar você junto das escravas? — provoqueei-o. — Você gosta de garotos?

— Sou de inteira confiança! — respondeu o escravo. — Sou incapaz de desrespeitar qualquer amo.

— E se eu desejar você na minha cama? Sou a dona da casa, viúva duas vezes e independente, e sou romana.

O rosto dele se entristeceu. Não dava para especificar as emoções que pareciam passar por seu semblante, a tristeza, a indecisão, a confusão e a total perplexidade que o transformaram.

— Então? — perguntei.

— Vamos colocar a coisa da seguinte maneira. A senhora ficará muito mais satisfeita com o meu desempenho recitando Ovídio do que tentando encenar os versos dele.

— Você gosta de garotos — disse eu, com um gesto de cabeça afirmativo. — Nasci escravo, senhora. Me arranjei com garotos. Não conheço outra coisa. Nem preciso.

O rosto dele estava rubro, e ele baixara os olhos.

Pudor ateniense encantador.

Fiz sinal para que ele sentasse.

O que ele fez com espantosa simplicidade e graça, dadas as circunstâncias: o calor, a poeira, a massa de gente, o banco frágil e a mesa bamba.

Ele pegou da pena e rapidamente escreveu num grego impecável: "Terei eu ofendido essa grande dama culta e excepcionalmente paciente? Terei eu por imprudência causado minha própria perdição?" Escreveu em latim: "Terá razão Lucrécio ao dizer que não há que se ter medo da morte?" Ele refletiu um momento, depois tornou a escrever em grego: "Virgílio e Horácio equiparam-se mesmo a nossos grandes poetas? Acreditarão os romanos realmente nisso, ou apenas esperarão que seja assim, sabendo que são brilhantes em outras artes?"

Li tudo com muita atenção, sorrindo da forma mais agradável. Eu me apaixonei por ele. Olhei para seu nariz fino, seu queixo fendido e olhei para os olhos verdes que me fitavam.

— Como você veio parar aqui? — perguntei. — Numa loja de escravos em Antioquia? Você é ateniense, como disse.

Ele tentou se levantar para responder. Eu o fiz permanecer sentado.

— Não posso lhe contar nada sobre isso — disse ele. — Só que eu era muito querido pelo meu amo, que meu amo morreu na cama cercado de familiares. E que aqui estou.

— Por que ele não libertou você no testamento?

— Ele libertou, senhora, e com meios.

— O que aconteceu?

— Não posso lhe contar mais nada.

— Por quê? Quem o vendeu, por quê?

— Senhora — disse ele. — Por favor, respeite a minha lealdade a uma casa na qual servi toda a vida. Não posso falar mais. Se eu vier a servi-la, terá de mim

a mesma lealdade. Sua casa será a minha casa, e será sagrada para mim. O que acontecer dentro dela não sairá dali. Mencione a virtude e bondade de meu amo porque isso não tem nada de mais. Que eu não diga mais nada.

Sublime moralidade grega antiga.

— Escreva mais, rápido! — disse o mercador de escravos.

— Não fale — eu lhe disse. — Ele já escreveu o suficiente.

O belo escravo moreno, aquele lindo sedutor pernetas, caíra numa profunda infelicidade e olhava para o fórum distante, lampejo de figuras para lá e para cá no fim da rua.

— O que eu faria como um homem livre? — perguntou-me ele, olhando para mim de uma posição de absoluta solidão despreocupada. — Passaria o dia copiando nas livrarias por uma pitança? Escreveria cartas por dinheiro? Meu amo arriscou a própria vida para me salvar do javali. Na guerra, servi sob o comando de Tibério na Ilíria, onde, com umas quinze legiões, ele sufocou todas as revoltas. Decapitei um homem para salvar meu amo. O que sou agora?

Eu estava penalizada.

— O que sou agora? — tornou ele a perguntar.

— Se eu não fosse escravo, viveria só para comer, e quando dormisse em algum cortiço imundo, minha perna de marfim seria cortada e roubada!

Levei a mão aos lábios, espantada.

Ele ficou com os olhos cheios d'água quando olhou para mim e sua voz ficou ainda mais macia, porém articulada e incisiva:

— Ah, eu poderia ensinar filosofia ali embaixo das arcadas, sabe, ficar falando sobre Diógenes e fingir que gostava de andar maltrapilho, como fazem os seguidores dele atualmente. Que circo é aquele lugar, já viu? Nunca vi tantos filósofos na vida quanto nesta cidade! Dê uma olhada quando voltar. Sabe o que a pessoa tem que fazer para ensinar filosofia aqui? Tem que mentir. Tem que despejar a toda velocidade um monte de palavras sem sentido nos jovens, e ficar meditando quando não souber responder, e inventar absurdos e atribuir tudo aos velhos estoicos.

Ele fez uma pausa, tentando se controlar.

Eu estava quase em prantos quando tornei a olhar para ele.

— Mas está vendo, eu não sei mentir — disse ele. — Esta foi a minha ruína com a senhora, grande dama.

Eu estava despedaçada por dentro, as feridas silenciosamente abertas. A coragem que tirara do meu retiro estava se esgotando. Mas com certeza ele viu minhas lágrimas.

Tornou a olhar para o fórum.

— Sonho com um amo ou uma ama honrados, uma casa com honra. A contemplação da honra poderá dar honra a um escravo? A lei afirma que não.

Logo, todo escravo chamado como testemunha perante um tribunal deve ser torturado, pois não tem honra! Mas a razão diz outra coisa. Eu aprendi e posso dar aula de coragem e honradez. E tudo nessa placa é verdade, sim. Não tive tempo nem ocasião de amenizar seu estilo jactancioso.

Ele curvou a cabeça e tornou a olhar para o fórum, como se para o mundo perdido. Empertigou-se no banco, para mostrar coragem. Mais uma vez, tentou

se levantar.

— Não, fique sentado — disse eu.

— Senhora — disse ele —, se estiver procurando os meus serviços para uma casa de má reputação, já vou logo dizendo... se for para torturar e forçar moças como essas que acaba de comprar, se me der ordens de anunciar na rua os encantos delas, não vou obedecer. Isso é tão desonroso para mim quanto roubar ou mentir. Por que me quer?

As lágrimas estavam contidas, apenas repousando entre ele e a visão que ele tinha do mundo à sua volta. Seu semblante estava sereno.

— Eu tenho cara de prostituta? — perguntei-lhe, chocada. — Ó deuses, vesti minhas melhores roupas. Estou me esforçando ao máximo para ficar com um ar revoltantemente respeitável com todas essas sedas elegantes. Está vendo crueldade em meus olhos? Você acredita que talvez seja a alma temperada que sobreviva à dor? Não é preciso lutar num campo de batalha para se ter coragem.

— Não, senhora, não! — disse ele. Estava sentidíssimo.

— Então por que me lançar esses insultos agora? — perguntei, magoada. -E realmente, concordo com o que você escreveu aqui, nossos poetas romanos não se equiparam aos gregos. Não sei qual é nosso destino como Império, e isso está sendo um peso tão grande para mim quanto foi para meu pai e o pai do pai dele! Por quê? Não sei.

Virei-me como se para ir embora, mas não tinha realmente intenção de fazê-lo! Os insultos dele simplesmente foram longe demais. Ele inclinou-se para mim por sobre a mesa de escrever.

— Senhora — sibilou, em tom de voz ainda mais baixo e mais solícito. - Peço que perdoe minhas palavras irrefletidas. A senhora é um paradoxo absoluto. Seu rosto está maquiado de maneira excêntrica, e acho que o ruço dos lábios não está bem pintado. A senhora tem ruço nos dentes. Não tem os braços empoados. Está usando três vestidos de seda e posso ver através dos três! Seu penteado são duas tranças à moda bárbara que lhe caem nos ombros, e está chovendo um monte de grampinhos de ouro e prata da sua cabeça. Olhe esses grampinhos caindo. Senhora, esses grampos vão machucá-la. Seu manto, mais apropriado para a noite, caiu no chão. As suas bainhas estão arrastando na terra.

Sem perder o ritmo do discurso, ele abaixou-se com destreza e pegou a pala, imediatamente se levantando e dando a volta na mesa com um andar pesado, para vir entregá-la a mim, colocando-a sobre meus ombros.

— A senhora fala com uma velocidade espantosa, e é muito ferina - prosseguiu ele. -No entanto, carrega um punhal enorme na cinta. Esse punhal deveria estar escondido no seu antebraço, debaixo do manto. E a sua bolsa. A senhora tira ouro da bolsa para pagar as moças. É uma bolsa enorme, que dá muito na vista. E suas mãos, suas mãos são lindas, finas como seu latim e seu grego, mas estão encardidas como se a senhora tivesse cavoucado a terra.

Sorri. Eu havia contido as lágrimas.

— Você é muito observador — disse eu alegremente. Estava encantada. - Por que tive de cortar tão fundo para encontrar sua alma? Por que não podemos simplesmente nos revelar uns aos outros? Eu preciso de um intendente forte, um segurança que saiba pegar em armas, administrar a minha casa e protegê-la

porque sou sozinha. Você pode realmente ver através dessa seda toda?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Bem, agora que o manto está em seus ombros e escondendo o... punhal e a faixa...

Ele corou. Então, enquanto eu lhe sorria, tentando recobrar a calma, controlando a escuridão engolfante que me tiraria toda a confiança, toda a fê em qualquer tarefa, continuou:

— Senhora, aprendemos a esconder a alma porque somos traídos pelas pessoas. Mas eu lhe confiaria minha alma! Sei que confiaria, se a senhora reconsiderar o seu julgamento! Posso protegê-la, posso administrar sua casa. Não molestarei suas mocinhas. Mas, veja bem, apesar de ter lutado aquele tempo todo na Ilíria, tenho uma perna. Voltei para casa após três anos de batalhas cruentas e constantes e fui perder a perna para um javali, porque uma espada, malfeita e mal temperada, quebrou quando a cravei no animal.

— Como se chama? — perguntei.

— Flavius — respondeu ele. Era um nome romano.

— Flavius — disse eu.

— Senhora, a pala está escorregando de novo da sua cabeça. E esses grampinhos pontiagudos estão por toda a parte, vão machucá-la.

— Não ligue para isso — disse eu, embora o tivesse deixado arrumar minha roupa outra vez, como se ele fosse Pigmalião e eu, sua Galatéia. Ele usou a ponta dos dedos. Mas o manto já estava sujo.

— Essas meninas que você viu — eu disse —, elas são da minha casa, desde meia hora atrás. Você tem de ser o amo carinhoso das duas. Mas se deitar com qualquer mulher debaixo do meu teto, é melhor que seja comigo. Sou de carne e osso!

Ele balançou a cabeça, sem saber o que dizer.

Abri minha bolsa e tirei a quantia que pensei pagar, um preço razoável em Roma, imaginei, onde os escravos vivem se gabando do quanto custaram. Pus o ouro na mesa, sem pensar no cunho da moeda, só no valor da quantia.

O escravo olhou para mim cada vez mais fascinado, em seguida seus olhos fulminaram o mercador.

O comerciante malandro e impiedoso inchou como um sapo e me disse que esse inestimável erudito grego estava para ser leiloado por um preço alto. Muitos homens ricos haviam manifestado interesse. A classe inteira de uma escola estava para interrogá-lo em uma hora. Oficiais romanos haviam mandado seus intendentess para inspecioná-lo.

— Não tenho mais energia para isso — disse eu, e enfiei novamente a mão na bolsa.

Imediatamente, meu novo escravo Flavius esticou a mão delicadamente para impedir-me.

Ele arregalou os olhos para o comerciante com grande autoridade e um desprezo destemido.

— Por um homem pernetá! — disse Flavius entre dentes. — Seu ladrão! Você cobra isso de minha ama, aqui em Antioquia, onde há tanta fartura de escravos que os navios os levam para Roma, pois é a única maneira de diminuir

os prejuízos!

Fiquei bastante impressionada. Tudo corra muito bem. A escuridão refluiu para longe de mim, e, no momento, parecia haver um significado divino no calor do sol.

— Você está roubando a minha ama e sabe disso! Você é a escória da terra! — prosseguiu. — Senhora, algum dia vamos voltar a comprar com esse patife? Eu não aconselho!

O comerciante abriu um sorriso vazio, um esgar repulso de covardia e estupidez, fez uma mesura e devolveu-me um terço do que eu lhe dera.

Mal consegui conter outro acesso de riso. Eu tinha de pegar novamente o manto no chão. Flavius pegou. Dessa vez, amarrei-o direito na frente.

Olhei para o ouro que havia sido devolvido, peguei-o, entreguei-o a Flavius e fomos embora.

Uma vez mergulhados na densa multidão no centro do fórum, ri-me a valer do episódio todo.

— Bem, Flavius, você já está me protegendo, fazendo-me poupar dinheiro, dando-me excelentes conselhos. Se houvesse mais homens como você em Roma, o mundo seria melhor.

Ele estava engasgado. Não conseguia falar. Foi um esforço sussurrar:

— A senhora tem o meu corpo e minha alma em confiança para sempre. Fiquei na ponta dos pés e dei-lhe um beijo no rosto. Percebi que sua nudez, a sujeira de sua tanga, tudo isso era uma desgraça que ele suportava sem qualquer sinal de protesto.

— Tome — disse eu, dando-lhe algum dinheiro. — Leve as meninas para casa, ponha-as para trabalhar, depois vá aos banhos. Fique limpo. Fique limpo à romana. Satisfaça-se com um garoto, se quiser. Com dois. Depois compre boas roupas para você, não roupas de escravos, atenção, mas roupas que você compraria para um amo romano jovem e rico!

— Senhora, por favor, esconda essa bolsa! — disse ele ao pegar as moedas. — E como é o nome da minha ama? A quem direi que pertence, se perguntarem?

— A Pandora de Atenas — disse eu. — Embora você vá precisar me pôr a par da situação de minha cidade natal, porque, na verdade, eu nunca fui lá. Mas um nome grego é de grande utilidade para mim. Agora, vá. Está vendo, as meninas estão olhando!

Muita gente estava olhando. Ah, essa seda vermelha! E Flavius era uma figura de homem tão esplêndida!

Beijei-o de novo, e sussurrei-lhe no ouvido, com segundas intenções, demônio que sou:

— Preciso de você, Flavius.

Ele olhou para mim, assombrado.

— Sou seu para sempre, senhora — murmurou.

— Tem certeza de que não pode funcionar comigo na cama?

— Ah, acredite, eu já tentei! — confessou ele, tornando a corar. Cerrei os punhos e bati em seu braço musculoso.

— Muito bem — falei.

As donzelas já tinham se levantado, ao meu sinal. Sabiam que eu o mandara buscá-las.

Dei a ele a chave de casa, as instruções para chegar lá, descrevi as particularidades do portão e a velha fonte de bronze em forma de leão logo na entrada.

— E a senhora? — perguntou ele. — Vai andar no meio do povo desacompanhada? Senhora, a bolsa é grande! Está cheia de ouro.

— Espere para ver o ouro na casa — disse eu. — Qualifique-se como a única pessoa autorizada a abrir cofres, e então esconda-os em lugares óbvios. Substitua toda a mobília que eu quebrei durante a minha... solidão. Há muitas peças guardadas nas salas de cima.

— Ouro na casa! — Ele estava alarmado. — Cofres de ouro!

— Agora, não se preocupe comigo -disse eu. -Já sei onde procurar ajuda. E se você me trair, se roubar o meu legado e eu encontrar a minha casa destruída quando eu voltar, acharei que foi bem feito para mim. Cubra os cofres de ouro com tapetes. A casa tem pilhas de tapetinhos persas. Olhe no andar de cima. E cuide do santuário!

— Farei tudo o que mandar e mais alguma coisa.

— Foi o que pensei. O homem que não sabe mentir não sabe roubar. Agora o sol está intolerável aqui. Vá buscar as meninas. Elas estão esperando.

Virei as costas.

Ele me deteve, rodeando-me e postando-se à minha frente.

— Senhora, há uma coisa que preciso lhe contar.

— O quê? — perguntei com expressão funesta. -Não me diga que é eunuco. Os eunucos não desenvolvem músculos assim nos braços e nas pernas.

— Não — disse ele. Em seguida assumiu um ar subitamente solene. — Ovídio, a senhora falou em Ovídio. Ovídio está morto. Ovídio morreu há dois anos na miserável cidade de Tomi, na margem superior do mar Negro. Foi uma escolha desgraçada para exílio, uma posição avançada dos bárbaros.

— Ninguém me contou isso. Que silêncio revoltante. — Cobri o rosto com as mãos. O manto caiu. Ele pegou-o. Eu mal notei. — Rezei tanto para que Tibério deixasse Ovídio voltar a Roma! — Conveni-me de que não tinha tempo para parar por causa disso. — Ovídio. Não há tempo para chorar por ele agora...

— Realmente aqui os livros dele são encontrados à vontade — Flavius disse. — Em Atenas é muito fácil achá-los.

— Ótimo, talvez você tenha tempo de encontrar uns para mim. Agora, estou indo; assim mesmo, com grampos, tranças caídas ou manto que escorrega, pouco me importa. E não fique com esse ar tão preocupado. Quando sair de casa, apenas tranque as meninas e o ouro.

Quando finalmente fui embora, ele estava se encaminhando graciosamente para as meninas. O sol jogava belos reflexos em suas costas musculosas. Seu cabelo era encaracolado e castanho, mais ou menos como o meu. Ele deu uma parada rápida quando um vendedor abordou-o com uma braçada de túnicas baratas, capas e outras coisas mais, mercadorias certamente roubadas, tingidas com corantes que escorreriam na primeira chuva, mas quem sabe? Ele comprou às pressas uma túnica e enfiou-a pela cabeça, depois comprou uma faixa

vermelha e cingiu-se com ela.

Que transformação. A túnica ia até o meio da coxa. Deve ter sido um grande alívio para ele vestir algo limpo. Eu devia ter pensado nisso antes de deixá-lo. Idiota.

Eu o admirava. Nu ou vestido, ninguém carrega tanta beleza e dignidade se não tiver sido bem tratado. Ele usava a indumentária da afeição que lhe fora concedida e que fora gravada na arte de sua perna de marfim.

Em nosso breve encontro, um elo foi forjado para sempre.

Ele saudou as meninas. Abraçado a elas, tirou-as daquela multidão.

Fui direto ao templo de Ísis, e assim, inadvertidamente, dei o primeiro passo em direção a uma imortalidade ilícita, uma supernatureza inglória e imerecida, uma sina sem fim e absolutamente inútil.

CAPÍTULO 5



Tão logo entrei no complexo do templo, fui acolhida por diversas romanas ricas, que me receberam de braços abertos. Todas se achavam pintadas corretamente, com braços e rosto empoados de branco, sobrancelhas bem desenhadas, carmim nos lábios — todos os detalhes com os quais eu me havia atrapalhado toda naquela manhã.

Expliquei que embora tivesse posses, eu estava sozinha. Elas se mostraram dispostas a me ajudar em todos os sentidos. Quando souberam que eu havia sido realmente iniciada em Roma, ficaram assombradas.

— Agradeça à Mãe Ísis por eles não a terem descoberto e executado — disse uma romana.

— Entre e vá falar com a sacerdotisa — disseram elas. Muitas ainda não haviam passado pelas cerimônias secretas e aguardavam ser chamadas pela deusa para esse acontecimento momentoso.

Havia muitas outras mulheres ali, algumas egípcias, outras babilônias talvez. Eu só podia dar palpites. Jóias e sedas eram de praxe. Extravagantes galões pintados a ouro debruavam seus mantos; algumas usavam vestidos simples.

Mas pareceu-me que todas falavam grego.

Eu não conseguia me obrigar a entrar no templo. Ergui os olhos e vi mentalmente nossos sacerdotes crucificados em Roma.

— Graças a Deus você não foi reconhecida — disse uma.

— Muita gente fugiu para Alexandria — disse outra.

— Não reagi publicamente — lamentei desanimada. Ouviu-se um coro de solidariedade:

— Como poderia, no governo de Tibério? Acredite, todos os que puderam, fugiram.

— Não se martirize — disse uma jovem grega de olhos azuis, muito bem vestida.

— Eu me afastei do culto — retruquei.

Novamente ouviu-se um conjunto reconfortante de vozes macias.

— Agora entre — disse uma mulher — e peça para rezar mesmo no santuário de Nossa Mãe. Você é uma iniciada. A maioria de nós aqui não é.

Balancei a cabeça afirmativamente.

Subi a escadaria do templo e entrei.

Parei para sacudir de meu manto as coisas materiais, isto é, todas as

discussões banais que eu tivera. Eu estava concentrada na deusa e desesperada para acreditar nela. Abominei minha hipocrisia, o fato de eu estar usando aquele templo e aquele culto, mas naquela hora isso não me parecia significativo. O desespero que senti naquelas três noites tinha chegado muito fundo.

Que choque me aguardava lá dentro!

O templo era bem mais antigo do que o nosso em Roma, e suas paredes eram revestidas de pinturas egípcias. Imediatamente senti um arrepio. As colunas eram no estilo egípcio, redondas e lisas e não caneladas, pintadas de um laranja vivo, com enormes folhas de lótus nos capitéis. O cheiro do incenso era fortíssimo, e ouvi uma música emanando do santuário. Identifiquei as notas doces da lira, as cordas do sistro sendo beliscadas, as vozes cantando uma ladainha.

Mas aquele era um lugar inteiramente egípcio, que me envolveu de maneira tão firme quanto meus sonhos sanguinolentos. Quase desmaiei.

Os sonhos voltaram — aquela sensação profunda de estar paralisada dentro de algum santuário secreto no Egito, a alma engolida dentro de outro corpo!

A sacerdotisa veio a mim. Isso também foi um choque.

Em Roma, seu vestido teria sido puramente romano, e talvez ela usasse um pequeno adorno de cabeça exótico, uma pequena touca até os ombros, talvez.

Mas essa mulher usava roupas egípcias de linho plissado, à moda antiga, e um magnífico adorno de cabeça egípcio com peruca, a massa volumosa de longas tranças negras caindo reta sobre os ombros. Parecia mais extravagante do que Cleópatra jamais talvez tenha sido, ao que me constava.

Eu conhecia só de ouvir falar as histórias sobre o amor de Júlio César por ela, depois sobre o caso dela com Marco Antônio e sobre a morte dela. Tudo isso foi antes de eu nascer.

Mas eu sabia que a entrada triunfal de Cleópatra em Roma assustara muito o senso romano de moralidade. Eu sempre soubera que as famílias romanas antigas temiam a magia egípcia. No recente massacre punitivo romano, que há pouco descrevi, fez-se muito alarido sobre permissividade e luxúria; mas no fundo havia o medo não declarado dos mistérios e do poder que se escondiam atrás das portas do templo.

E agora, enquanto eu olhava para a sacerdotisa, para seus olhos maquiados, senti esse medo na alma. Eu o conhecia. Naturalmente essa mulher parecia ter saído daqueles sonhos, mas não era isso que tanto me impressionava, pois, afinal de contas, o que são os sonhos? Essa era uma mulher egípcia totalmente estranha e inescrutável para mim.

Minha Ísis era greco-romana. Até mesmo sua estátua no santuário romano tinha uma roupa grega maravilhosamente drapeada e um penteado natural à moda grega, com ondas em volta do rosto. Ela segurava o sistro e uma urna. Era uma deusa romanizada.

Talvez o mesmo tenha acontecido com a deusa Cibele em Roma. Roma deglutia as coisas e as romanizava.

Em pouquíssimos séculos, embora eu não tivesse idéia disso naquele tempo — e como poderia? —, Roma deglutiria os seguidores de Jesus de Nazaré e transformaria seus cristãos na Igreja Católica Romana.

Imagino que você conheça a expressão moderna "Em Roma, faça como os

romanos".

Mas ali, naquela penumbra avermelhada, em meio a luzes bruxuleantes e o incenso de aroma mais almiscarado que eu já experimentara, eu me ressentia calada da minha timidez. Então os sonhos baixaram, como tantos véus baixados um a um para me envolver. Num relance, vi a bela Rainha chorando. Não. Ela gritava. Gritava pedindo ajuda.

— Deixe-me — sussurrei para o ar ao meu redor. — Saia de mim, tudo o que for impuro e maligno. Saia de mim enquanto entro na casa de minha Abençoada Mãe.

A sacerdotisa me pegou pela mão. Ouvi vozes discutindo com violência no sonho. Esforcei-me para focalizar a visão, para ver os fiéis voltando ou indo ao santuário para meditar ou oferecer sacrifício, para pedir alguma graça. Tentei me dar conta de que era uma multidão numerosa e agitada, muito pouco diferente de Roma.

Mas o toque da sacerdotisa me abateu. Seus olhos maquiados eram medonhos. Seu colar me ofuscou. Voltas e voltas de placas de pedra.

Ela me conduziu a um apartamento privado do templo, ofereceu-me um divã suntuoso. Recostei-me, exausta.

— Saia de mim tudo o que for maligno — murmurei. — Inclusive sonhos. A sacerdotisa sentou-se a meu lado e envolveu-me em seus braços macios. Ergui os olhos e vi uma máscara!

— Fale comigo, sofredora — disse ela em latim, com um sotaque acentuado. — Ponha para fora tudo o que precisar sair.

De repente — sem conseguir me controlar — despejei toda a história de minha família, sua aniquilação, minha culpa, meus esforços.

— E se eu tiver sido responsável pela queda de minha família... por frequentar o templo de Ísis? E se Tibério tiver se lembrado disso? O que foi que eu fiz? Os sacerdotes foram crucificados e não fizeram nada. O que a Mãe Ísis quer de mim? Quero morrer.

— Isso ela *não* quer de você — disse a sacerdotisa, olhando para mim. Seus olhos eram pesados, ou seria a maquiagem? Não, o branco de seus olhos aparecia, muito brilhante e puro. Sua boca pintada emitia palavras soltas como uma leve brisa em tom monocórdio.

Eu ia entrando depressa num estado delirante e totalmente irracional. Murmurei o que pude sobre minha iniciação, todos os detalhes que eu podia contar a uma sacerdotisa, pois essas coisas todas eram secretíssimas, você sabe, mas confirmei para ela que eu havia renascido nos ritos.

Toda a fraqueza que eu acumulava foi-se embora de roldão.

Então expus minha culpa. Confessei que havia largado o culto a Ísis, que ultimamente eu só acompanhava as procissões até o mar, quando a deusa era carregada até a praia para abençoar os navios. Ísis, a deusa da Navegação. Eu não havia vivido uma vida devota.

Eu nada fizera quando os sacerdotes de Ísis foram crucificados, senão ficar falando mal do imperador pelas costas. Havia uma solidariedade entre mim e os romanos que consideravam Tibério um monstro, mas não ousamos falar publicamente em defesa de Ísis. Meu pai me mandara ficar calada. Era o

mesmo pai que me mandara viver.

Virei-me e escorreguei do divã, caindo no chão ladrilhado. Não sei por quê. Pressionei o rosto contra o ladrilho frio. Gostei da sensação de frio no rosto. Meu estado era de loucura, mas não incontrolável. Fiquei ali deitada, olhos vidrados.

Eu sabia de uma coisa. Eu queria sair daquele templo! Não gostei dali. Não, isso fora uma péssima idéia.

De repente odiei a mim mesma por ter ficado tão vulnerável a essa mulher, seja lá quem ela fosse, e a atmosfera dos sonhos sanguinolentos acenou para mim.

Abri os olhos. A sacerdotisa debruçou-se sobre mim. Vi a Rainha que chorava em meus pesadelos. Virei-lhe o rosto e fechei os olhos.

— Esteja em paz — disse ela em sua voz calculada e perfeita. — Você não fez nada de errado — disse a sacerdotisa.

Parecia um despropósito que aquela voz saísse daquela figura toda pintada, mas a voz era clara.

— Primeiro — disse a sacerdotisa — você deve entender que a Mãe Ísis perdoa qualquer coisa. Ela é a Mãe de Misericórdia. — Em seguida disse: -Pelo que escreveu, sua iniciação foi mais completa do que a de muitas aqui ou em qualquer parte. Você fez um longo jejum. Banhou-se no sangue sagrado do touro. Deve ter bebido a poção. Sonhou e viu seu próprio renascimento.

— Sim — disse eu, tentando reviver o antigo êxtase, o inestimável dom da fé em alguma coisa. — Sim. Vi as estrelas e grandes campos de flores, campos...

Não adiantou. Eu estava com medo dessa mulher e queria sair dali. Iria para casa confessar tudo isso a Flavius e fazê-lo deixar que eu chorasse em seu ombro.

— Não sou de natureza piedosa — confessei. — Eu era jovem. Gostava das mulheres livres que iam lá, as mulheres que dormiam com quem queriam, as prostitutas de Roma, as donas das casas de prazer, eu admirava as mulheres que pensavam por si mesmas e acompanhavam o que se passava no Império.

— Você pode conviver com esse tipo de gente aqui também — disse a sacerdotisa, sem pestanejar. — E não fique achando que seus antigos vínculos com o templo causaram a sua perdição em Roma. Temos muitas notícias confirmando que as pessoas bem-nascidas não foram perseguidas por Tibério quando ele destruiu o templo. São sempre os pobres que sofrem: a prostituta de rua e o tecelão simples, o barbeiro, o assentador de tijolos. Nenhuma família nobre foi perseguida em nome de Ísis. Você sabe disso. Algumas mulheres fugiram para Alexandria porque não queriam largar o culto, mas jamais estiveram ameaçadas.

Os sonhos chegavam.

— Oh, Mãe de Deus — murmurei. A sacerdotisa continuou falando.

— Você, como a Mãe Ísis, sofreu uma tragédia. E você, como a Mãe Ísis, precisa ganhar forças e caminhar sozinha, como fez Ísis quando seu marido, Osíris, foi assassinado. Quem a ajudou quando ela procurou por todo o Egito o corpo de seu marido morto, Osíris? Ela foi sozinha. É a maior das deusas. Ao recuperar o corpo de Osíris, e não achar nele órgão gerativo com o qual pudesse ser fecundada, ela extraiu o sêmen diretamente de seu espírito. Assim, o deus

Hórus nasceu de uma mulher e um deus. Foi o poder de Ísis que extraiu o espírito do homem morto. Foi Ísis quem induziu pela astúcia o deus Rá a revelar o seu nome.

Essa era mesmo a lenda antiga.

Desviei os olhos da sacerdotisa. Não conseguia olhar para seu rosto pintado! Certamente ela sentiu minha repulsa. Eu não devia magoá-la. Ela era bem-intencionada. Não tinha culpa de parecer um monstro aos meus olhos. Por que diabos eu fora ali!

Fiquei ali deitada, atordoada. A sala tinha uma suave luz dourada que entrava principalmente pelas três portas, que eram talhadas em estilo egípcio, mais largas na base do que no alto, e deixei que aquela luz toldasse minha visão. Pedi à luz que acesse fizesse.

Senti a mão da sacerdotisa. Um aveludado quente. Que coisa agradável, seu toque, sua doçura!

— Acredita nisso tudo? — sussurrei de repente.

Ela ignorou inteiramente a pergunta. Sua máscara pintada fez a profissão de fé.

— Você precisa ser como a Mãe Ísis. Não dependa de ninguém. Você não tem o fardo de resgatar um marido ou um pai. É livre. Receba em sua casa os amantes que quiser. Você não pertence a ninguém, senão à Mãe Ísis. Lembre-se, Ísis é a deusa que ama, a deusa que perdoa, a deusa da infinita compreensão, porque ela mesma sofreu.

— Sofreu — suspirei. Gemi, coisa que raramente fiz, na maior parte de minha vida. Mas vi a Rainha que chorava em meus sonhos, presa ao trono.

— Escute os sonhos que agora vou contar e diga-me o que está acontecendo — pedi. Eu estava com uma voz irritada e lamentava isso. — Esses sonhos não são provocados por vinho nem poções, nem longos períodos de vigília que deturpam a mente.

Então comecei outra confissão totalmente espontânea.

Contei a essa mulher sobre os sonhos sanguinolentos, os sonhos com o Egito antigo nos quais eu bebia sangue — o altar, o templo, o deserto, o sol nascendo.

— Amon-Rá! — exclamei. Era o nome egípcio do deus-sol, mas, que eu soubesse, nunca havia pronunciado esse nome. Agora o fazia. — Sim, Ísis induziu-o a revelar o nome dele, mas ele me matou e eu era bebedora de sangue dela, está me ouvindo, uma deusa sedenta!

— Não! — disse a sacerdotisa. Ela estava imóvel. Ficou um bom tempo pensando. Eu a assustara e agora isso me assustava ainda mais.

— Sabe ler a antiga escrita pictórica do Egito? — perguntou.

— Não — respondi.

Então ela disse, num tom mais relaxado e vulnerável:

— Você menciona lendas muito antigas, sepultadas na história de nosso culto a Ísis e Osiris. Lendas que confirmam que eles tomavam o sangue das vítimas como sacrifício. Há manuscritos aqui que contam essas lendas. Mas só há uma pessoa que sabe realmente decifrá-los...

Sua voz ficou ecoando.

— Quem é ela? — perguntei. Ergui-me nos cotovelos. Percebi que minhas

tranças estavam desmanchadas. Ótimo. Era uma sensação agradável porque agora o cabelo estava solto e macio. Alisei-o com os dedos das duas mãos à guisa de pente.

Qual era a sensação de ser sepultada maquiada e de peruca como essa sacerdotisa?

— Diga — pedi — quem é a pessoa que sabe ler essas lendas. Diga!

— Essas lendas são más — argumentou ela — ao afirmar que a própria Ísis e Osíris vivem, em algum lugar, numa forma material, bebendo sangue até hoje. — Fez uma expressão de negação e repulsa. — Mas este não é o nosso culto! Não sacrificamos humanos aqui! O Egito já era antigo e sábio antes de Roma nascer!

Quem ela estava tentando convencer? A mim?

— Nunca tive desses sonhos, assim em série, com o mesmo tema. Ela ficou muito empolgada com suas declarações.

— Nossa Mãe Ísis não gosta de sangue. Ela conquistou a morte e fez de seu marido Osíris o Rei dos Mortos, mas para nós ela é a própria vida. Ela não lhe enviou esses sonhos.

— Provavelmente não! Concordo. Mas então quem enviou? De onde vêm? Por que me perseguiram na viagem de navio? Quem é essa pessoa que sabe ler a escrita antiga?

Ela estava abalada. Soltara-me e estava com o olhar parado, expressando uma fúria enganosa devido ao contorno preto dos olhos.

— Talvez na infância você tenha ouvido uma lenda antiga, quem sabe de um velho sacerdote egípcio. Você esqueceu essa lenda e agora ela está ardendo em sua mente torturada. Ela se alimenta de um fogo ao qual não tem direito — a morte de seu pai.

— Sim, bem, espero mesmo que sim, mas jamais conheci algum velho egípcio. No templo, os sacerdotes eram romanos. Além disso, se tomarmos os sonhos e os ordenarmos, que estrutura aparece? Por que a Rainha está chorando? Por que o sol me mata? A Rainha está acorrentada. A Rainha é uma prisioneira. A Rainha está em agonia!

— Pare.

A sacerdotisa estremeceu. Depois abraçou-se a mim, como se ela é que precisasse de mim. Senti o linho engomado e o cabelo grosso de sua peruca, e por baixo disso as batidas aceleradas de seu coração.

— Não — disse ela. — Você está possuída por um demônio e podemos expulsar esse demônio de você! Talvez o caminho tenha sido aberto para esse demônio miserável quando seu pai foi atacado em seu próprio lar.

— Acredita mesmo que isso seja possível? — perguntei.

— Escute — disse ela, agora com a displicência das mulheres lá de fora. - Quero que você se banhe, que receba roupas limpas. Desse dinheiro que tem aí, quanto pode me dar? Se não puder dar nada, providenciaremos tudo para você. Aqui somos ricos.

— Estou cheia de dinheiro. Não me importo. Tirei a bolsa da faixa.

— Mandarei fazer tudo para você. Roupas novas. Essa seda é fina demais.

— Se é! — disse eu.

— Esse manto está rasgado. Seu cabelo está despenteado.

Deixei cair mais ou menos uma dúzia de moedas de ouro, mais do que pagara por Flavius.

Ela ficou chocada, mas disfarçou mais que depressa. De repente ficou me olhando, e aquela máscara pintada conseguiu fazer uma expressão flexível, uma carranca. Achei que poderia rachar.

Achei que ela iria chorar. Eu estava ficando mestra em fazer as pessoas chorarem. Mía e Lia haviam chorado. Flavius havia chorado. Agora ela iria chorar. A Rainha do sonho estava chorando!

Dei uma gargalhada alucinada, jogando a cabeça para trás, mas então vi a Rainha! Vi-a numa recordação distante e confusa, e senti tamanha tristeza que quase chorei também. Meu escárnio era uma blasfêmia. Eu estava mentindo para mim mesma.

— Aceite o ouro para o templo — disse eu. — Aceite-o para as roupas novas, para todas as minhas necessidades. Mas minha oferenda à deusa quero que sejam flores e um pãozinho assado na hora, quentinho.

— Muito bem — disse ela ávida, com um aceno de cabeça. — É isso o que Ísis quer. Ela não quer sangue. Não! Nada de sangue!

Ela começou a me ajudar a levantar. Fiz uma pausa.

— No sonho, entende-se que ela chore. Não está contente com esses bebedores de sangue, ela protesta, objeta. Não é ela quem bebe sangue.

A sacerdotisa ficou confusa, depois balançou a cabeça afirmativamente.

— Sim, isso é óbvio, não é?

— Eu também protesto e sofro — disse eu.

— Sim, venha — disse ela fazendo-me passar por uma porta alta e sólida. Deixou-me nas mãos das escravas do templo. Fiquei aliviada. Eu estava cansada.

Fui levada para a banheira ritual, banhada por donzelas do templo e cuidadosamente vestida de novo por donzelas do templo.

Que prazer ter tudo feito como devia ser.

Por um instante, fiquei pensando impotente se teriam de me ataviar com pregas brancas e tranças pretas, mas adotaram o estilo romano.

As moças me prenderam o cabelo corretamente num coque firme, deixando uma rica moldura de cachinhos em volta de meu rosto.

As roupas que recebi eram novas, de linho fino, com uma barra de flores bordadas. Esse requinte, tão perfeito e delicado, parecia mais valioso que ouro.

Se fosse, garanto que não teria me dado mais prazer.

Eu estava cansadíssima! E gratíssima.

As moças então me fizeram uma maquiagem como eu não saberia fazer melhor, mais à moda egípcia, e tomei um susto ao me ver no espelho. Um susto. Não era aquela pintura completa da sacerdotisa, mas meus olhos estavam delineados de preto.

— Como ousar reclamar? — murmurei.

Pousei o espelho. Ainda bem que ninguém precisa se ver. Apareci no grande salão do templo, uma romana respeitável, com aquela extravagante maquiagem oriental. Uma figura comum em Antioquia.

Encontrei a sacerdotisa com duas outras, vestidas tão formalmente quanto

ela, e um sacerdote que usava a mesma touca egípcia antiquada, só que sem peruca, apenas um capuz listrado. Sua túnica era curta, plissada. Ele virou-se e arregalou os olhos para mim enquanto eu entrava.

Medo. Medo esmagador. Fuja desse lugar! Esqueça a oferenda, ou mande-os fazerem-na por você. Vá para casa. Flavius está esperando. Vá embora!

Eu estava aturdida. Deixei o sacerdote me puxar de lado.

— Preste atenção — disse-me ele com gentileza. — Vou levá-la agora ao lugar sagrado. Vou deixá-la falar com a Mãe. Mas quando sair você tem que me procurar! Não saia sem vir falar comigo. Precisa prometer que voltará todos os dias, e se tiver mais desses sonhos, virá expô-los aqui para nós. Há uma pessoa a quem eles devem ser contados, isto é, a menos que a deusa os tire de sua cabeça.

— Claro que contarei a qualquer um que puder ajudar. — disse eu. — Odeio esses sonhos. Mas por que esse nervoso? Está com medo de mim?

Ele fez que não com a cabeça.

— Não estou com medo de você, mas há uma coisa que preciso lhe confiar. Preciso lhe falar hoje ou amanhã. Preciso lhe falar. Vá agora para a Mãe, depois venha me ver.

As outras conduziram-me à câmara do santuário; havia cortinas de linho brancas diante do altar. Vi minha oferenda depositada ali, uma grande guirlanda de flores brancas perfumadas e o pão quente. Ajoelhei-me. As cortinas foram descerradas por mãos invisíveis e me vi sozinha na câmara, ajoelhada diante da *Regina Coeli*, a Rainha dos Céus.

Outro choque.

Era uma antiga estátua egípcia de nossa Ísis, em basalto negro. Seu adorno de cabeça era longo, fino, puxado para trás das orelhas. Na cabeça, ela usava também um grande halo entre chifres. Seus seios estavam nus. Em seu colo, assentava-se o faraó adulto, seu filho Hórus. Ela segurava o seio esquerdo para lhe oferecer leite.

Fiquei desesperada! Aquela imagem nada significava para mim! Apalpei-a procurando a essência de Ísis.

— A senhora me enviou os sonhos, Mãe? — perguntei. Ofereci as flores. Parti o pão.

Não ouvi nada naquele silêncio da estátua antiga e serena.

Prostrei-me no chão, de braços abertos. E das profundezas de minha alma lutei para dizer: aceito, creio, sou sua, preciso da senhora, preciso!

Mas chorei. Tudo estava perdido para mim. Não apenas Roma e minha família, mas até minha Ísis. Essa deusa era a encarnação da fé de outra nação, outro povo.

Bem devagar, fui me acalmando completamente.

É isso, pensei. O culto de minha Mãe está em toda parte, Norte e Sul, Oriente e Ocidente. O poder desse culto vem do espírito que ele tem. Não preciso beijar literalmente os pés dessa imagem. A questão não é essa.

Ergui lentamente a cabeça, depois sentei-me nos calcanhares. Tive uma verdadeira revelação. Não consigo registrá-la inteiramente. Num instante, tive um conhecimento pleno.

Vi que todas as coisas eram símbolos de outras! Que todos os rituais eram

representações de outros acontecimentos! Que, com o nosso senso prático, concebíamos essas coisas com uma imensidão de alma que não permitiria que o mundo fosse desprovido de significado.

E essa estátua representava amor. Amor acima da crueldade. Amor acima da injustiça. Amor acima da solidão e da condenação.

Era isso o que importava, unicamente isso. Olhei para o rosto da deusa e conheci-a! Olhei para o pequeno faraó, o seio oferecido.

— Sou sua! — disse eu friamente.

Suas duras feições egípcias primitivas não eram barreira para meu coração. Olhei para a mão direita que segurava o seio.

Amor. Isso exige força de nós. Exige resistência. Exige aceitação de tudo o que é desconhecido.

— Afaste de mim os sonhos, Mãe Celeste — disse eu. — Ou revele o propósito deles. E o caminho que devo seguir. Por favor.

Em seguida, em latim, recitei uma velha ladainha:

Sois aquela que separou os Céus e a Terra.

Sois aquela que sobe na Estrela do Cão.

Sois aquela que fortalece o certo.

Sois aquela que faz os filhos amarem os pais.

Sois aquela que decretou misericórdia para todos os que clamam por misericórdia.

Eu acreditava nessas palavras, mas de uma forma inteiramente profana. Acreditava nelas porque achava que o culto à deusa havia extraído da mente dos homens e das mulheres as melhores idéias que eles podiam conceber. As deusas existiam para realizar essa função; era desse espírito que tiravam sua vitalidade.

O falo perdido de Osíris está no Nilo. E o Nilo insemina os campos. Ah, que lindo!

O segredo era não rejeitar isso, como poderia sugerir Lucrecio, e perceber o que sua imagem significava. Extrair dessa imagem o melhor em minha própria alma.

E quando olhei para as lindas flores brancas, pensei: "É sua sabedoria, Mãe, que essas flores desabrocham." E com isso eu queria dizer apenas que o mundo mesmo tinha tanta coisa para ser acarinhada, preservada, honrada, que o próprio prazer era resplandecente — e ela, Ísis, encarnava esses conceitos que eram demasiado profundos para serem chamados de idéias.

Eu amava essa expressão do bem que era Ísis.

Quanto mais eu olhava para seu rosto de pedra, mais parecia que ela me via. Um velho truque. Quanto mais eu me ajoelhava ali, mais parecia que ela falava comigo. Permiti que isso acontecesse, inteiramente consciente de que nada significava. Os sonhos eram algo remoto. Pareciam um enigma que encontraria a sua solução idiota.

Então, com um fervor sincero, arrastei-me até ela e beijei-lhe os pés.

Minha prece terminara.

Sai refeita, jubilosa.

Eu não teria mais aqueles sonhos. Ainda era dia. Eu estava feliz.

Encontrei muitas amigas no pátio do templo, e sentando com elas embaixo

das oliveiras consegui que me dessem todas as informações de que eu precisava para a vida prática, como arranjar banqueiros, cabeleiros, essa coisa toda. Onde comprar isso e aquilo.

Em outras palavras, minhas amigas me forneceram todo o aparato necessário à administração de uma boa casa sem realmente entulhá-la de escravos que eu não desejava. Eu podia ficar só com Flavius e as duas meninas. Excelente. O resto eu podia contratar ou comprar.

Finalmente, muito cansada, com a cabeça cheia de nomes e endereços para lembrar, e achando muita graça nas piadas e histórias dessas mulheres, encantada com a fluência delas em grego — língua que eu sempre adorara —, recostei-me e pensei: "Já posso ir para casa."

Posso começar.

O templo continuava muito movimentado. Olhei para as portas. Onde está o sacerdote? Bem, eu voltaria no dia seguinte. Não estava querendo reviver aqueles sonhos, isso era certo. Muita gente ia e vinha com flores e pão, algumas pessoas com pássaros para serem libertados em homenagem à deusa, pássaros que alçariam vôo da janela alta do santuário.

Como estava quente ali! Que esplendor de flores revestia a parede! Nunca pensara que pudesse haver um lugar mais lindo que a Toscana, mas talvez aquele ali também fosse lindo.

Sai do pátio diante da escadaria e entrei no fórum.

Embaixo da arcada, aproximei-me de um homem que falava a um grupo de rapazes, defendendo todas as idéias de Diógenes: a renúncia à carne e a seus prazeres, a adoção de uma vida pura com a negação dos sentidos.

Essa cena era bem parecida com a que Flavius havia descrito. Mas o homem era sincero, e preparado. Falava de uma resignação libertadora. Fiquei interessada. Pois foi esse sentimento que julguei ter conhecido no templo, o de uma resignação libertadora.

Os rapazes que assistiam eram jovens demais para ter esse conhecimento. Mas eu tinha. Gostei do homem. Tinha cabelo grisalho e usava uma túnica longa e simples. Não estava ostensivamente maltrapilho.

Fui logo entrando na conversa. Com um sorriso humilde, apresentei o argumento de Epicuro, de que os sentidos não nos teriam sido dados se não fossem bons. Não era assim?

— Precisamos nos negar? Olhem, lá atrás no pátio do templo de Ísis, olhem as flores no alto do muro! Não é um espetáculo a ser saboreado? Olhem o vermelho vivo daquelas flores! Só elas já bastam para tirar uma pessoa da depressão. Quem poderá dizer se os olhos são mais sábios que as mãos ou os lábios?

Os rapazes viraram-se para mim. Comecei a discutir com diversos deles. Como eram jovens e belos! Ali havia babilônios de cabelos longos e até hebreus bem-nascidos, de peito e braços hirsutos, e muitos romanos das colônias que ficaram fascinados com a minha tese de que na carne e no vinho encontramos a verdade da vida.

— As flores, as estrelas, o vinho, os beijos de um amante, tudo é parte da Natureza, com certeza — disse eu. Obviamente, eu já vinha inflamada, tendo

acabado de sair do templo, livre de todos os medos e com todas as dúvidas resolvidas. Naquele momento, eu era invencível. O mundo era novo.

O mestre, cujo nome era Marcellus, adiantou-se para me saudar.

— Ah, gentil senhora, você me espanta — disse ele. — Mas com quem aprendeu efetivamente essas coisas em que acredita? Terá sido com Lucrécio? Ou com a vida? Percebe que jamais devemos encorajar as pessoas a se entregarem aos sentidos?

— Eu falei em entrega? — perguntei. — Ceder não é se entregar. É honrar. Falo de uma vida prudente; de escutar a sabedoria de nosso corpo. Falo da suprema sabedoria da bondade e do gozo. E se quiser saber, Lucrécio não me ensinou tanto quanto se pode pensar. Eu sempre o achei muito árido. Aprendi a abraçar a glória da vida com poetas como Ovídio.

O grupo de rapazes vibrou.

— Aprendi com Ovídio — eles iam gritando em cadeia.

— Bem, isso é ótimo, mas lembrem-se de seus modos assim como de suas lições — disse eu com firmeza.

Mais vibração. Então os rapazes começaram a citar versos de *As metamorfoses* de Ovídio.

— Isso é esplêndido — declarei. — Quantos vocês são? Quinze. Por que não vêm cear comigo lá em casa? — convidei. — Daqui a cinco noites, todos vocês. Preciso de tempo para preparar. Tenho muitos livros que quero lhes mostrar. Prometo que lhes mostrarei o que um delicioso banquete pode fazer pela alma!

Meu convite foi aceito com alegria. Revelei o local de minha casa.

— Sou viúva. Meu nome é Pandora. Convido vocês com todo o decoro, e o banquete os aguarda. Não esperem ver dançarinas e dançarinos, pois não encontrarão nada disso em minha casa. Esperem uma comida deliciosa. Esperem poesia. Qual de vocês sabe recitar os versos de Homero? Qual de vocês recitaria agora esses versos por prazer?

Alegria, camaradagem. Vitória. Aparentemente, todo mundo ali sabia recitar Homero e estava satisfeito com a oportunidade de fazê-lo. Alguém mencionou delicadamente uma outra romana que ficaria toda enciumada ao descobrir que tinha uma rival em Antioquia.

— Tolice — disse outro —, a mesa dela está superlotada. Senhora, posso beijar sua mão?

— Vocês precisam me dizer quem ela é — observei. — Vou recebê-la de braços abertos. Quero conhecê-la e saber o que posso aprender com ela.

O mestre sorria. Dei-lhe algum dinheiro.

Começava a escurecer. Suspirei. Olhei. As estrelas subindo na tarde colorida que precede a escuridão.

Recebi o beijo casto dos rapazes e confirmei nosso banquete.

Mas algo mudara. Foi rápido como um piscar de olhos. Ah, não olhos pintados.

Talvez tenha sido apenas o terrível manto do crepúsculo.

Senti um estremecimento. *Fui eu que a chamei. Quem disse essas palavras? Cuidado, pois você será roubada de mim e não aceitarei isso.*

Eu estava pasma. Segurei a mão do mestre carinhosamente. Ele falava em moderação nos hábitos de vida.

— Olhe para a minha túnica simples — disse. — Esses rapazes têm tanto dinheiro que podem se destruir.

Os rapazes protestaram.

Mas isso era obscuro para mim. Tentei ouvir. Meus olhos não paravam. De onde vinha aquela voz? Quem pronunciava aquelas palavras? Quem me chamava e quem tentaria o roubo?

Então, para meu espanto mudo, vi um homem, a cabeça coberta pela toga, a me observar. Soube imediatamente quem era, pela testa e pelos olhos. Reconheci seu andar quando ele foi se afastando com passos regulares.

Era meu irmão, o mais novo, Lucius, aquele que eu desprezava. Só podia ser ele. E olhe como ele foi saindo de fininho para não ser visto.

Eu conhecia aquela pessoa. Lucius. Ele aguardava no fim do longo pórtico.

Eu não podia me mexer e estava escurecendo. Todos os mercadores que trabalhavam só de dia tinham ido embora. As tavernas estavam apagando as lanternas e as tochas. Uma livraria continuava aberta, com uma grande quantidade de livros expostos embaixo dos lampiões.

Lucius — meu irmão caçula odiado — em vez de vir chorando me receber, vai se esgueirando na escuridão do pórtico. Por quê?

Eu receava saber.

Enquanto isso, os rapazes estavam me implorando para acompanhá-los ao jardim de vinho ali perto, um lugar simpático. Disputavam entre si quem pagaria a minha ceia.

Pense, Pandora. Esse convite simpático serve para testar sutilmente até onde chegam minha audácia e minha independência. E eu não devia ir a uma taverna comum com os rapazes! Mas daqui a pouco estarei sozinha.

O fórum foi ficando calmo. O fogo ardia diante dos templos. Mas havia grandes espaços escuros. O homem de toga esperava.

— Não, preciso ir embora agora — disse eu.

Desesperada, eu pensava: o que devo fazer para arranjar um archoteiro? Ousarei pedir a esses rapazes que me acompanhem até em casa? Eu estava vendo os escravos deles ali à espera, alguns já acendendo os archotes ou as lanternas.

Do templo de Ísis, eu ouvia os cânticos.

Fui eu que a chamei. Cuidado... por mim e meu objetivo!

— Isso é loucura — murmurei, dando adeus para aqueles que iam saindo em grupos de dois ou três. Forcei-me a sorrir e dizer gentilezas.

Arregalei os olhos para o vulto distante de Lucius, que agora estava todo encolhido no final do pórtico diante das portas já fechadas para a noite. A própria postura dele era furtiva e covarde.

De repente, senti uma mão no ombro. Repeli-a na mesma hora, desejando estabelecer limites para esse tipo de intimidade, e então percebi que um homem me falava ao pé do ouvido:

— O sacerdote do templo pede-lhe que volte, senhora. Ele precisa lhe falar. Não pretendia deixá-la sair antes disso.

Virei-me e vi um sacerdote a meu lado, com um adorno de cabeça egípcio completo, impecavelmente vestido de linho branco, usando um medalhão da deusa no pescoço.

Ah, graças aos céus.

Mas antes que eu pudesse me recuperar ou responder, outro homem se adiantara com audácia, lançando pesadamente à frente a perna e o pé de marfim. Dois archoteiros o acompanhavam. Fomos envolvidos por uma luz cálida.

— A minha ama deseja falar com esse sacerdote? — perguntou.

Era Flavius. Ele seguiu minhas instruções. Estava maravilhosamente bem vestido como um cavaleiro romano, com a túnica longa e uma capa solta. Na qualidade de escravo, ele não podia usar toga. Seu cabelo estava decente e aparado e causava tanta impressão quanto o de qualquer homem livre. Vinha tinindo de limpo e parecia completamente seguro.

Marcellus, o mestre filósofo, ficou para trás.

— Senhora Pandora, a senhora não pode ser mais encantadora, e deixe-me dizer-lhe que a taverna freqüentada por esses rapazes pode fazer surgir outro Aristóteles ou outro Platão, mas não é um lugar adequado para a senhora.

— Sei disso — disse eu. — Não se preocupe.

O mestre olhou aflito para o sacerdote e para o belo Flavius. Abracei Flavius pela cintura.

— Este é o meu intendente, que vai recebê-lo quando o senhor vier à minha casa. Obrigada por deixar que eu perturbasse sua aula. O senhor é um homem bom.

A expressão do mestre ficou tensa. Então ele chegou mais perto.

— Há um homem ali no pórtico. Não olhe para ele agora, mas a senhora precisa de mais escravos que a protejam. Esta cidade está dividida, um perigo.

— Sim, então o senhor também o está vendo — disse eu. — E aquela toga maravilhosa, sinal de que ele tem berço!

— Está escurecendo — disse Flavius. — Chamarei mais archoteiros agora e uma liteira. Ali mesmo.

Agradeceu ao mestre, que se retirou com relutância. O sacerdote. Ele continuava esperando. Flavius chamou mais dois archoteiros, que vieram correndo. Agora tínhamos uma profusão de luz. Voltei-me para o sacerdote.

— Irei já para o templo, mas primeiro preciso falar com aquele homem ali! Aquele ali no escuro. — Apontei de forma bem ostensiva. Eu estava no foco da luz. Bem poderia estar num palco.

Vi aquele vulto se acuar e tentar se confundir com a parede.

— Por quê? — perguntou Flavius com a humildade de um senador romano. — Há algo de muito errado com aquele homem. Ele está rondando. O mestre tinha razão.

— Eu sei — respondi.

Ouvi os ecos distantes de uma gargalhada de mulher! Ó deuses, eu tinha de permanecer sã o tempo suficiente para chegar em casa! Olhei para Flavius. Ele não ouvira a gargalhada.

Havia uma única maneira segura de fazer isso.

— Archoteiros, venham todos comigo — disse eu aos quatro. — Flavius, fique aqui com o sacerdote e tome conta enquanto cumprimento esse homem. Eu o conheço. Só venha se eu chamar.

Ah, não estou gostando disso — disse Flavius.

— Nem eu — disse o sacerdote. — Estão querendo que vá ao templo, senhora, e temos muitos guardas para escoltá-la até em casa.

— Não decepcionarei vocês — disse eu, mas fui direto para o vulto de toga, atravessando aquelas praças pavimentadas, rodeadas de archotes acesos.

O homem de toga tomou um susto e deu um pulo para trás. Depois afastou-se alguns passos do muro.

Parei, ainda na praça.

Ele tinha de chegar mais perto. Eu não sairia dali. Os quatro archotes tremulavam ao vento. Qualquer pessoa ali perto poderia nos ver. Éramos a coisa mais iluminada do fórum.

O homem se aproximou. Veio devagar, depois se apressou. A luz bateu em seu rosto. Ele estava se roendo de raiva.

— Lucius — murmurei. — Estou vendo você, mas não acredito no que vejo.

— Nem eu — disse ele. — Que diabos você está fazendo aqui? — perguntou. — O quê?

Eu estava desconcertada demais para responder.

— Nossa família está em desgraça em Roma e você fica se exibindo em plena Antioquia! Olhe para você! Toda pintada e perfumada e com esse cabelo todo emplastrado! Você é uma prostituta.

— Lucius — protestei. — O quê, em nome dos deuses, você está pensando? Nosso pai está morto! Seus próprios irmãos podem estar mortos. Como você fugiu? Por que não está feliz em me ver? Por que não me leva à sua casa?

— Prazer em vê-la! — sibilo ele. — Estamos aqui escondidos, sua cadela!

— Quantos de vocês? Quem? E Antony? O que aconteceu com Flora? Ele deu uma risadinha exasperada.

— Eles foram assassinados, Lydia, e se você não se meter num lugar seguro, onde nenhum cidadão romano errante possa encontrá-la, está morta também. Ah, você aparecer aqui, arrotando filosofia! Todo mundo nas tabernas estava falando de você! E esse escravo de perna de marfim! Eu a vi ao meio-dia, sua peste. Vá para o inferno, Lydia!

Era o ódio puro e autêntico.

De novo, chegava o eco distinto daquela gargalhada. Obviamente ele não ouviu. Só eu conseguia ouvir.

— Sua mulher, onde está ela? Quero vê-la! Você vai me receber! — Não vou.

— Lucius, sou sua irmã. Quero ver sua mulher. Você tem razão. Fui tola. Não refleti direito sobre as coisas. Aqui é tão longe de Roma. Jamais me ocorreu...

— É exatamente isso, Lydia, você nunca tem uma idéia sensata ou prática. Nunca. Você é uma sonhadora intransigente, e idiota ainda por cima.

— Lucius, o que posso fazer?

Ele olhou de um lado para o outro, avaliando os archoteiros. Apertou os olhos. Eu sentia o seu ódio. Ah, meu pai, não veja isso do paraíso ou dos infernos. Meu irmão quer me ver morta!

— Sim — disse eu —, quatro archoteiros e estamos no meio do fórum. E não se esqueça do homem ali com a perna de marfim e o sacerdote — disse eu com voz macia. — E considere os soldados do lado de fora do templo do imperador. Tome nota. Como vai sua mulher? Preciso vê-la. Irei sem ninguém saber. Ela há de ficar feliz por eu estar viva, certamente, pois gosto dela como de uma irmã. Nunca hei de me ligar a você em público. Cometi um erro grave.

— Ah, pare com isso — disse ele. — Irmãs! Ela morreu! — Tornou a olhar de um lado para o outro. — Eles foram todos massacrados. Você não entende? Afaste-se de mim.

Ele recuou alguns passos, mas eu me adiantei, fazendo o foco de luz envolvê-lo de novo.

— Mas quem está com você, então? Quem fugiu com você? Quem mais está vivo?

— Priscilla — disse ele —, e tivemos uma sorte danada quando fugimos.

— O quê? Sua amante? Você veio para cá com a sua amante? E as crianças? Morreram todas?

— Sim, claro, devem ter morrido. Como poderiam ter escapado? Olhe, Lydia, dou-lhe uma noite para sair desta cidade e ir para longe de mim. Estou instalado aqui confortavelmente e não tolerarei você. Vá embora de Antioquia. Por mar ou por terra, eu não quero saber, mas vá embora!

— Você abandonou sua mulher e seus filhos à morte? E veio para cá com Priscilla?

— Como diabos você escapou, sua cadela no cio nojenta, responda! Claro, você não teve filhos, aquele famoso ventre estéril de nossa família! — Ele olhou para os archoteiros. — Vão embora daqui! — gritou.

— Fiquem onde estão.

Levei a mão ao punhal. Afastei o manto para que ele pudesse ver o brilho do metal.

Ele pareceu genuinamente surpreso, e então deu um sorriso falso e medonho. Ah, revoltante!!

— Lydia. Eu não a magoaria por nada! — disse ele como que ofendido. — Só estou preocupado com todos nós. Chegaram notícias de casa. Todos foram mortos. O que eu deveria fazer, voltar e morrer por nada?

— Você está mentindo. E não torne a me chamar de cadela no cio a menos que queira ser capado. Sei que está mentindo. Alguém o avisou e você deu o fora! Ou foi você que nos traiu a todos.

Ah, que pena ele não ser mais esperto, mais ligeiro. Ele não se ofendeu como deveria com essas acusações abomináveis. Apenas pôs a cabeça de lado e disse:

— Não, isso não é verdade. Olhe, venha comigo agora. Mande esses homens embora, livre-se daquele escravo, que vou ajudá-la. Priscilla adora você.

— Ela é uma mentirosa e uma vagabunda! E como você ficou calmo ouvindo as minhas suspeitas. Não se exaltou como quando me viu! Acabei de

acusá-lo de ter entregado nossa família aos *delatores*. Acusei-o de ter abandonado sua mulher e seus filhos nas mãos da Guarda Pretoriana. Você consegue ouvir tudo isso?

— É a maior idiotice. Eu nunca faria uma coisa dessas.

— Você fede a culpa. Olhe para você. Eu deveria matá-lo agora. Ele recuou.

— Vá embora de Antioquia! -disse. -Não quero saber como você me julga nem o que tive de fazer para salvar a mim e a Priscilla. Vá embora de Antioquia!

Não havia palavras para o julgamento que eu fazia. Era mais severo do que minha alma suportava.

Ele recuou, depois correu para a escuridão, desaparecendo antes de chegar ao pórtico. Ouvi seus passos ecoando pela rua.

— Ó, céus! — exclamei. Eu estava quase chorando. Minha mão, porém, continuava no punhal.

Virei-me para trás. O sacerdote e Flavius estavam muito mais perto do que eu havia mandado. Fiquei absolutamente desconcertada, paralisada. Não sabia o que fazer.

— Venha imediatamente para o templo — disse o sacerdote.

— Está bem — respondi. — Flavius, você vem comigo para ficar de guarda com os quatro archoteiros, quero vocês ao lado dos guardas do templo, e fique de olho naquele homem.

— Quem é ele, senhora? — perguntou Flavius, enquanto eu me encaminhava para o templo à frente dos dois.

Como ele era imponente! Tinha a presença de um homem livre. E sua túnica era de uma bela lã fina, com listras douradas, cinto dourado, bem ajustada no peito. Até sua perna de marfim havia sido lustrada. Eu estava bastante satisfeita. Mas estaria ele armado?

Por trás daquela calma, ele demonstrava uma atitude profundamente protetora em relação a mim.

Na minha infelicidade, eu não encontrava palavras para lhe responder.

Diversas liteiras estavam agora cruzando a praça, carregadas por escravos pressurosos, enquanto outros escravos escoltavam-nos com archotes acesos. Aquele movimento produzia uma espécie de luminescência suave. As pessoas estavam indo para jantares ou cerimônias privadas. Alguma coisa estava acontecendo no templo.

Virei-me para o sacerdote.

— Você garantirá a segurança de meu escravo e meus archoteiros?

— Sim, senhora — disse ele.

Era noite fechada. Soprava uma brisa suave. Viam-se algumas lanternas acesas sob os pórticos extensos. Aproximamo-nos dos braseiros da deusa.

— Agora preciso deixá-lo — disse eu. — Você tem minha permissão para dar a vida para defender minha propriedade, como já colocou de forma tão eloquente. Não se afaste dessas portas. Não sairei daqui sem você. Não vou demorar. Não quero. Mas você tem uma faca?

— Sim, senhora, mas não foi testada. Estava junto com as suas coisas, e como a senhora não voltava para casa e já estava escurecendo...

— Não me venha contar o que já sei — disse eu. — Você agiu certo. Provavelmente agirá sempre.

Virei as costas para a praça e disse:

— Deixe-me ver. Saberei se é decorativa ou afiada.

Quando ele a sacou da bainha do antebraço, toquei-a, e logo saiu sangue do corte que fiz no dedo. Devolvi-a. Essa faca havia sido de meu pai. Então meu pai, além daqueles tesouros todos, ainda colocara suas armas no meu baú para que eu pudesse viver!

Flavius e eu nos fitamos demoradamente antes de nos separarmos.

O sacerdote ficou muito nervoso.

— Senhora, por favor, entre — disse.

Vi-me entrando no templo por aquelas portas altas, sendo conduzida à presença da sacerdotisa e do sacerdote daquela tarde.

— Desejam alguma coisa de mim? — perguntei. Eu estava sem fôlego. Estava fraca. — Estou com muita coisa na cabeça, coisas que precisam ser feitas. Isso pode esperar?

— Não, senhora, não pode! — disse o sacerdote.

Senti as pernas bambas, como se eu estivesse sendo observada. As sombras altas do templo ocultavam muita coisa.

— Está bem — disse eu. — É sobre aqueles sonhos horríveis, não é?

— É — disse o sacerdote. — E mais do que isso.

CAPÍTULO 6



Fomos levados a uma outra câmara onde só havia uma lâmpada fraca.

Aquela chama bruxuleante não me deixava enxergar direito e percebi que não identificava o rosto do outro sacerdote e da outra sacerdotisa. Um biombo oriental, de ébano trabalhado, dividia a extremidade desse aposento, e tive certeza de que havia alguém atrás dele.

Mas as pessoas ali reunidas só me transmitiam gentileza. Olhei em volta. Eu estava infelicíssima por causa de meu irmão, e numa aflição tão grande que não me vinham palavras educadas.

— Por favor, vocês têm que me perdoar — disse eu. — Um problema muito sério exige que eu me apresse. — Eu começava a recear pela segurança de Flavius. — Mandem guardas proteger meu escravo lá fora, agora.

— Pois não, senhora — disse o sacerdote, o que eu conhecia. — Peço-lhe que fique e repita a sua história.

— Quem está aí? — apontei. — Atrás do biombo. Por que essa pessoa está escondida?

Aquilo era muita grosseria e irreverência de minha parte, mas eu estava bastante alarmada.

— É um de nossos colaboradores mais dedicados — disse o sacerdote que me havia escoltado até o santuário de Ísis há pouco. — Costuma vir à noite para orar no santuário e tem feito muitos donativos ao templo. Ele só quer ouvir o que temos a dizer.

— Bem, tenho minhas dúvidas. Mande-o aparecer! — disse eu. — Além do mais, o que devemos falar?

De repente eu ficara furiosa com a possibilidade de que eles tivessem revelado as minhas confidências. Eu não lhes dera meu nome romano verdadeiro, só contara minha tragédia, mas o templo era sagrado.

Eles se atrapalharam todos tentando ser gentis.

O vulto, togado, muito mais alto que meu irmão, aliás, impressionantemente alto, saiu de trás do biombo. A toga era escura, mas era aquela indumentária clássica. Seu rosto estava oculto pela toga. Eu só via seus lábios.

Ele disse:

-Não tenha medo. Você falou hoje à tarde com o sacerdote e a sacerdotisa sobre sonhos sanguinolentos.

— Falei confidencialmente! — disse eu, indignada. Eu estava

desconfiadíssima, pois havia contado bem mais do que sonhos sanguinolentos a essas pessoas.

Forcei a vista para ver aquele vulto. Ele tinha algo de nitidamente familiar — a voz, mesmo falando baixo... e mais alguma coisa.

— Senhora Pandora — disse a sacerdotisa que tanto me consolara antes. — A senhora falou comigo sobre um culto antigo e lendário que condenamos e não aceitamos. Um culto de nossa Mãe Adorada que já envolveu sacrifícios humanos. Eu lhe disse que abominamos essas coisas. E abominamos.

— No entanto — disse o sacerdote —, aqui em Antioquia existe alguém que bebe realmente sangue de humanos, sugando-os até matá-los. Depois, antes do amanhecer, vem jogar os corpos lá embaixo na nossa escada. A própria escada do templo. — Ele suspirou. — Senhora Pandora, estou lhe contando um imenso segredo.

Esqueci-me totalmente de meu irmão perverso. O cão dos sonhos avançou para mim com seu bafo fétido. Tentei me controlar. Pensei novamente na voz que eu ouvira na cabeça: *Fui eu que a chamei*. O riso feminino.

— Não, era um riso de mulher — murmurei.

— Senhora Pandora?

— Está me contando que há um bebedor de sangue agindo aqui em Antioquia.

— À noite. Ele não pode circular de dia — disse o sacerdote.

Vi o sonho, o sol nascente, sabendo que o bebedor de sangue morreria com os raios de sol.

— Está dizendo que esses bebedores de sangue que vi no sonho existem?

— perguntei. — Que um deles está aqui?

— Alguém está querendo nos fazer acreditar que as velhas lendas têm um fundo de verdade — ponderou o sacerdote —, mas não sabemos quem é. E desconfiamos das autoridades romanas. A senhora sabe o que aconteceu em Roma. Veio falando de sonhos em que o sol a matava, em que era uma bebedora de sangue. Senhora, eu não estou revelando as suas confidências aqui. Aquele ali — ele indicou o homem alto — é o que lê a escrita antiga. Ele leu as lendas. Seus sonhos repetem as lendas.

— Estou passando mal — disse eu. — Preciso de uma cadeira. Tenho inimigos com quem me preocupar.

— Eu vou protegê-la de seus inimigos — disse o homem misterioso de toga.

— Como? Nem sabe quem eles são.

Uma voz silenciosa vinha do homem alto de toga: *Seu irmão Lucius traiu a família inteira. Fez isso por ciúme de seu irmão Antony. Entregou todos aos delatores por um terço dos bens da família garantido antes do início da matança. Teve a colaboração de Sejanus da Guarda Pretoriana. Ele quer matá-la.*

Eu estava chocada, mas também não ia deixar essa pessoa me desarmar.

Você fala como a mulher — disse eu sem falar. *Fala direto para os meus pensamentos. Fala como a mulher que me disse na cabeça: "Fui eu que a chamei."*

Pude ver o choque que isto lhe causou. Mas eu também desabei, como se tivesse recebido um golpe mortal. Então essa criatura sabia tudo a respeito de meus irmãos, e Lucius nos traía. E essa criatura sabia.

O que você é? Disparei para o telepata, o homem alto. *Você é um mago?*

Nenhuma resposta.

O sacerdote e a sacerdotisa, que não podiam ouvir esse diálogo mental, continuavam sua exposição.

— Esse bebedor de sangue, senhora Pandora, deixa vítimas humanas na escada do templo antes do amanhecer. Escreve um nome egípcio antigo nas vítimas com o sangue delas. Se o governo descobrir isso, nosso templo pode ser responsabilizado. Isso não é o nosso culto.

— A senhora pode nos contar outra vez os seus sonhos aqui para o nosso amigo? Precisamos proteger o culto de Ísis. Não acreditávamos nessas velhas lendas... até essa criatura aparecer e começar a matar, então vem do mar uma bela romana que fala de seres semelhantes que aparecem em seus sonhos.

— Que nome esse bebedor de sangue escreve nas vítimas? — perguntei. — Será Ísis?

— É um nome sem sentido, proibido, em egípcio antigo. É um dos nomes pelos quais Ísis já foi chamada, mas nunca por nós.

— Qual é?

Nenhum deles, inclusive o que não falava, me respondeu.

Naquele silêncio, pensei em Lucius e quase chorei. Depois senti ódio, um ódio profundo, como senti no fórum quando falei com ele, vi sua fúria covarde. Traiu a família inteira. Ser fraco é um perigo. Antony e meu pai eram homens muito fortes.

— Senhora Pandora — disse o sacerdote. — Conte-nos o que souber dessa criatura de Antioquia. Já sonhou com ela?

Pensei nos sonhos. Tentei reagir de acordo com a gravidade do que essas pessoas nesse templo estavam me contando. O romano alto e distante falou:

— A senhora Pandora nada sabe a respeito desse bebedor de sangue. Ela está lhes dizendo a verdade. Conhece apenas os sonhos e não se falaram nomes nos sonhos dela. Nos sonhos, ela vê uma época antiga do Egito.

— Bem, obrigada, gentil senhor! — disse eu, furiosa. — E como chegou a essa conclusão?

— Lendo os seus pensamentos! — disse o romano, bastante sereno. — A mesma a que cheguei em relação àqueles que a ameaçariam aqui. Vou protegê-la de seu irmão.

— Não me diga. É melhor deixar isso comigo. Eu é que vou acertar essa conta com ele. Agora, vamos deixar de lado a questão da minha infelicidade pessoal. E explique-me, ó inteligência suprema, por que estou tendo esses sonhos! Use essa sua telepatia para alguma magia que preste. Sabe, um homem com os seus dons devia arranjar um emprego no tribunal e decidir os casos para os juizes se sabe ler a mente. Por que não vai para Roma e vira conselheiro do imperador Tibério?

Eu estava sentindo, sentindo concretamente, aquela leve agitação no coração do romano disfarçado e distante. De novo, senti que havia algo de familiar nessa criatura. Naturalmente que necromantes, astrólogos e oráculos não me eram estranhos. Mas esse homem mencionara nomes específicos - Antony, Lucius. Ele era um causador de espanto.

— Diga-me, ó homem misterioso — disse eu. — Até que ponto os meus sonhos chegam perto daquilo que você leu na escrita antiga? E esse bebedor de sangue, o que está rondando por aí em Antioquia, ele é um homem mortal?

Silêncio.

Esforcei-me para ver melhor o romano mas não consegui. Na verdade, de certa forma ele recuara para o escuro. Meus nervos estavam prestes a estourar. Eu queria matar Lucius; na verdade, eu não tinha escolha.

O romano disse delicadamente:

— Ela nunca ouviu falar desse bebedor de sangue. Informem-na do que sabem dele, pois talvez seja ele quem esteja lhe enviando esses sonhos.

Eu estava confusa. A voz feminina havia sido tão clara em minha cabeça antes: *Fui eu que a chamei.*

Isso estava confundindo o romano. Eu sentia essa confusão como uma pequena agitação no ar.

— Nós o vimos — disse o sacerdote. — Na verdade, ficamos de tocaia para recolher esses pobres corpos chupados antes que alguém os encontrasse e pusesse a culpa em nós. Ele tem o corpo todo queimado, parece um tição. Não pode ser homem. É um deus antigo, queimado como se tivesse saído de um inferno.

— Amon-Rá — disse eu. — Mas por que ele não morreu? Nos sonhos, eu morro.

— Ah, aquilo é medonho — disse a sacerdotisa subitamente, como se não conseguisse mais se conter. — Não pode ser humano. Tem os ossos aparecendo através da pele esturricada. Mas é fraco e suas vítimas são fracas. Mal anda e, no entanto, consegue chupar todo o sangue das pobres almas mutiladas de quem se alimenta. De manhã, foge se arrastando, como se não tivesse forças para andar.

O sacerdote parecia impaciente.

— Mas isso está vivo — disse o sacerdote. — Vivo, seja deus, demônio ou homem, isso vive. E cada vez que bebe o sangue de uma dessas pessoas fracas ganha um pouquinho de força. E é exatamente como está nas lendas antigas, e a senhora sonhou com ele. Usa o cabelo longo à moda antiga do Egito. Está desesperado por causa das queimaduras. Roga pragas para o templo.

— Que tipo de pragas?

A sacerdotisa interveio imediatamente.

— Aparentemente ele acha que a rainha Ísis o traiu. Ele fala em egípcio antigo. Quase não dá para entendê-lo. Nosso amigo romano aqui, nosso benfeitor, traduziu para nós o que ele disse.

— Pare! — exige. — Minha cabeça está girando. Não diga mais nada. Esse homem aí disse a verdade. Não sei nada desse maldito tição. Não sei por que tenho os sonhos. Acho que uma mulher os está enviando para mim. Pode ser a Rainha que descrevi para vocês, a Rainha no trono, acorrentada, que chora. Não sei por quê!

— A senhora nunca viu esse homem? — perguntou o sacerdote. O romano respondeu por mim.

— Não, nunca viu.

— Ah, lá vem você de novo com esses maravilhosos talentos de porta-voz

— disse eu ao romano. — Fascinante! Por que se esconde atrás dessa toga? Por que fica aí tão longe que não dá para eu vê-lo? Já conhecia esse bebedor de sangue?

— Tenha paciência comigo — disse ele.

Falou isso com tanta graça que não consegui lhe dizer mais nada. Virei-me para o sacerdote e a sacerdotisa.

— Por que não ficam de tocaia para pegar esse tição — perguntei —, esse fraco? Estou ouvindo vozes aqui dentro da cabeça. Mas é uma mulher falando, avisando-me do perigo. É uma mulher rindo. Quero ir embora já. Quero ir para casa. Preciso fazer uma coisa, e com inteligência, tenho que ir.

— Vou protegê-la de seu inimigo — disse o romano.

— Que amor! — respondi. — Se pode me proteger, se sabe quem é o meu inimigo, por que não pode ficar de tocaia para pegar esse bebedor de sangue? Pegue-o numa rede de gladiador. Espete-o com cinco tridentes. Cinco de vocês podem segurá-lo. Basta que o segurem até o sol nascer, os raios de Amon-Rá o matarão. Pode levar uns dois ou três dias, mas acabarão matando. Ele arderá como ardi no sonho. E você, telepata, por que não ajuda?

Interrompi-me, chocada e desorientada. Por que eu estava tão certa disso? Por que estava usando o nome de Amon-Rá com tanta naturalidade, como se acreditasse no deus? Eu mal conhecia suas fábulas.

— Aquilo sabe quando ficamos de tocaia — disseram o sacerdote e a sacerdotisa. — Sabe quando o amigo alto está aqui, e não vem. Somos atentos, pacientes, achamos que ele não vai mais aparecer, e ele surge. E agora você veio com os sonhos.

Um lampejo vivo e desagradável do sonho voltou. Eu era um homem. Discutia e praguejava. Recusava-me a cumprir alguma ordem que eu recebera. Uma mulher chorava. Eu brigava com os que tentavam me deter. Mas não previra que, ao fugir, chegaria a um lugar deserto onde não encontrava abrigo.

Se os outros falaram, eu não percebi. Ouvi a mulher do sonho chorando, a Rainha acorrentada, e a mulher também era bebedora de sangue.

— Você precisa beber da Fonte — disse o homem no sonho. E ele não era homem. Eu não era homem. Éramos deuses. Éramos bebedores de sangue. Por isso o sol me destruiu. Foi a força de um deus mais poderoso. Várias camadas de sonho jaziam por baixo desse pedaço de recordação.

Voltei a mim, ou a uma consciência dos outros, quando alguém colocou uma taça de vinho em minhas mãos. Bebi. Era um vinho excelente, da Itália, e senti-me revigorada, mas também cansada. A volta para casa seria muito mais cansativa se eu bebesse mais. Eu precisava de minhas forças.

— Leve isso embora — disse eu. Olhei para a sacerdotisa. — No sonho, contei-lhe, eu era um deles. Eles queriam que eu bebesse da Rainha. Chamavam-na de "a Fonte". Diziam que ela não sabia governar. Eu lhe contei.

A sacerdotisa caiu em prantos e virou as costas, encolhendo os ombros estreitos.

— Eu era um dos bebedores de sangue — disse eu. — Tinha sede de sangue. Ouçam, eu não gosto de sacrifícios cruentos. O que vocês aí sabem? A Rainha Ísis está realmente aqui nesse templo, acorrentada em algum lugar?

— Não! — exclamou o sacerdote. A sacerdotisa virou as costas, ecoando a mesma negativa horrorizada.

— Pois bem, então, mas segundo vocês, algumas lendas diziam que ela existia concretamente em algum lugar. Agora, o que acham que está acontecendo? Ela me chamou aqui para socorrer esse tição sem forças? Por que eu? Como posso fazer isso? Sou uma mortal. Lembrar de sonhos de uma vida passada não aumenta meu poder. Ouçam! Era uma voz de mulher, já contei, que falava comigo em minha cabeça, há menos de uma hora lá no fórum, e ela disse: "Fui eu que a chamei!", escutei isso, e ela jurou que não deixaria que me roubassem dela. Aí vem esse mortal que me ameaça mais do que qualquer coisa que eu tenha dentro da cabeça. A voz aqui dentro já me alertara sobre ele! Não quero saber dessa religião egípcia misteriosa de vocês. Eu me recuso a enlouquecer. Vocês, vocês todos aí — especialmente esse telepata cheio de talento — é que precisam encontrar essa coisa antes que ela cause mais problemas. Deixem que eu siga meu caminho.

Levantei-me e comecei a sair da câmara.

O romano falou às minhas costas, com muita gentileza:

— Vai mesmo sair no escuro sozinha, sabendo perfeitamente bem o que a espera, que tem um inimigo querendo matá-la e que seus sonhos contêm conhecimentos que podem atrair esse bebedor de sangue para a senhora?

Isso era uma tal mudança para o majestoso telepata, um tal escorregão para o vernáculo semi-sarcástico, que quase desatei a rir.

— Estou indo para casa agora! — disse eu com firmeza. Todos pediram, em tons e modos variados.

— Fique aqui no templo.

— De maneira alguma — disse eu. — Se os sonhos voltarem, anoto-os para vocês.

— Como pode ser tão tola! — disse o romano impaciente e com ares superiores. Você acharia até que *ele* era meu irmão!

— Isso é de uma impertinência imperdoável — disse eu. — Os magos e os telepatas não precisam ter boas maneiras? — Olhei para o sacerdote e a sacerdotisa. — Quem é esse homem?

Saí e eles me seguiram. Corri para a porta. Na luz, vi o rosto da sacerdotisa.

— Só sabemos que ele é nosso amigo. Por favor, ouça o conselho dele. Ele nunca fez nada que não fosse benéfico para o templo. Venha cá para ler os nossos livros. Ele vai nas lojas e compra tudo na hora em que os navios chegam com um carregamento para nós. É sábio. Sabe ler a mente, como pode ver.

— Vocês prometeram uma escolta de guardas — disse eu.

E eu estarei com você. A voz vinha do romano, embora eu não soubesse onde ele estava agora. Não estava na grande galeria.

— Venha, fique morando no templo de Ísis e nada poderá lhe fazer mal — disse o sacerdote.

— Eu não tenho exatamente o perfil da moradora do complexo do templo — disse eu, tentando parecer o mais humilde e grata possível. — Enlouqueceria vocês em uma semana. Por favor, abram a porta.

Sai. Parecia que eu tinha escapado de um túnel escuro de teias de aranha e estava em Roma à noite, cercada de colunas romanas e templos romanos.

Descobri Flavius chapado na coluna a meu lado, olhando para os degraus. Nossos quatro archoteiros estavam juntos perto de nós, muito alarmados.

Vi uns homens que só podiam ser guardas do templo, mas eles estavam colados às portas, como Flavius.

— Senhora, volte para dentro! — murmurou Flavius.

No pé da escada estava um grupo de soldados romanos de elmo na cabeça e uniforme militar completo, com couraças lustrosas no peito reproduzindo o relevo de músculos bem desenvolvidos, capas e túnicas vermelhas curtas. Carregavam aquelas espadas mortais como se estivessem em guerra. Os elmos de bronze brilhavam à luz dos braseiros do templo.

Uniforme de guerra na cidade? Só faltavam os escudos. E quem era o líder?

Lucius, meu irmão, estava ao lado do líder. Vestia a túnica vermelha, de guerra, mas sem couraça nem espada. Tinha a toga dobrada e redobrada sobre o braço esquerdo. Estava limpo, com o cabelo luzidio, transpirando dinheiro. Trazia um punhal cravejado de pedras no antebraço e outro na cinta.

Trêmulo, apontou para mim.

— Lá está ela — disse. — Foi a única da família a escapar da ordem de Sejanus. Havia um plano para assassinar Tibério e ela conseguiu comprar a liberdade e fugir de Roma!

Rapidamente avalei os soldados. Havia dois jovens asiáticos, mas os outros eram *velhos e romanos*; seis ao todo. Ó deuses, eles devem ter pensado que eu era Circe!

— Volte para dentro — disse meu querido e leal Flavius. — Peça asilo.

— Calma — disse eu. — Sempre há tempo para isso.

O líder, ele era a chave, e vi que era um homem idoso, mais velho que meu irmão Antony, porém mais moço que meu pai. Tinha sobrancelhas grossas e grisalhas e estava impecavelmente escanhado.

Exibia com orgulho as cicatrizes de guerra, uma no rosto e outra na coxa. Estava exausto. Tinha os olhos vermelhos e balançava a cabeça como se para enxergar melhor.

Seus braços estavam muito bronzeados, mas ele tinha uma boa musculatura. Isso significava guerra... muita guerra.

Lucius declarou:

— A família inteira está condenada. Ela deve ser executada imediatamente!

Decidi minha estratégia como se eu fosse o próprio César. Tomei a palavra imediatamente, descendo dois degraus:

— O senhor é o legado, não é? Como deve estar cansado! — Tomei a mão dele nas minhas. — Esteve sob o comando de Germânico?

Ele fez que sim com a cabeça. Primeiro golpe!

— Meus irmãos lutaram com Germânico no Norte — disse eu. — E Antony, o mais velho, após a marcha triunfal em Roma, teve tempo de nos contar das ossadas encontradas na Floresta de Teutoburgo.

— Ah, senhora, ver aquele campo de esqueletos, um exército inteiro

emboscado e os corpos largados para apodrecer!

— Perdi dois irmãos na guerra. Numa tempestade, no mar do Norte.

— Minha senhora, a senhora nunca viu semelhante desastre, mas acha que o deus bárbaro, Thor, poderia assustar o nosso Germânico?

— Nunca. E o senhor veio para cá com o general?

— Fui a toda parte com ele, das margens do Elba no norte até o extremo sul do rio Nilo.

— Que maravilha, e o senhor está tão cansado, tribuno, veja só, precisa dormir. Por onde anda o famoso governador Cneu Calpúrnio Piso? Por que custou tanto a acalmar a cidade?

— Porque ele não está aqui, senhora, e não ousa voltar. Uns dizem que está fazendo um motim na Grécia, outros que está fugindo para salvar a pele.

— Não dê ouvidos a ela — disse Lucius.

— Em Roma ele também não era muito querido — disse eu. — Era de Germânico que meus irmãos gostavam e era ele que meu pai elogiava.

— Sem dúvida, e se nos dessem mais um ano, um ano, senhora, poderíamos ter acabado com a raça daquele Rei Armínio sanguinário e arrogante! Nem seria preciso tanto tempo. A senhora falou no mar do Norte. Lutamos em todo tipo de terreno.

— Ah, sim, no meio da floresta, e diga-me uma coisa, o senhor estava lá quando encontraram o estandarte das legiões do general Varo? Essa história é verdadeira?

— Ah, senhora, quando aquela águia vermelha foi erguida, nunca se ouviu um clamor igual ao daqueles soldados.

— Essa mulher é uma mentirosa e uma traidora — gritou Lucius. Revidei.

— Não me provoque demais! Já perdi a paciência com você. Sabe que legiões do general Varo foram emboscadas na Floresta de Teutoburgo? Achei que não saberia! A Sétima, a Oitava e a Nona.

— Certo, correto — disse o legado. — E poderíamos ter arrasado completamente aquelas tribos. O Império chegaria até o Elba! Mas por alguma razão, e não estou em posição de questionar isso, nosso imperador Tibério nos chamou de volta.

— Humm, e então condena seu querido líder por ir ao Egito.

— Senhora, a viagem de Germânico ao Egito não foi para conquistar poder. Foi por causa de uma fome. "

— Sim, e Germânico foi proclamado *Imperium Maius* de todas as províncias orientais — disse eu.

— E havia tanta confusão! — disse o legado. — A senhora não pode imaginar o moral, os hábitos dos soldados aqui, mas nosso general não dormia! Ele partiu imediatamente quando soube da fome.

— E o senhor foi com ele?

— Todos nós, as suas coortes. No Egito, ele adorava ver os monumentos antigos. Eu também.

— Ah, que maravilha para ele! O senhor precisa me contar sobre o Egito! Sabe que eu, como filha de senador, também não posso ir ao Egito como os senadores. Eu gostaria tanto de...

— Por quê, senhora? — perguntou o legado.

— Ela está mentindo — rugiu Lucius. — Toda a família dela foi assassinada.

— Por uma razão muito simples, tribuno — disse eu ao legado. — Isso não é segredo de estado. Roma depende tanto dos cereais do Egito que o imperador deseja evitar que o país venha algum dia a cair nas mãos de um traidor poderoso. Certamente o senhor foi criado, como eu fui, com pavor de outra Guerra Civil.

— Confio em nossos generais — disse o legado.

— Tem razão para isso. E nunca viu outra atitude de Germânico a não ser lealdade, não é?

— Sem dúvida alguma. Ah, Egito. Vimos cada templo e cada estátua!

— As estátuas cantantes? — perguntei. — O senhor viu aquele homem e aquela mulher colossais que choram quando o sol nasce?

— Sim, ouvi, senhora — disse ele, balançando veementemente a cabeça de modo afirmativo. — Ouvi o som! É mágico. O Egito é cheio de magia!

— Humm.

Um tremor me percorreu. Expulsei-o. Num relance, vi duas imagens misturadas: a do romano alto de toga e a de uma criatura esperta, toda queimada! Pense direito, Pandora!

— E no templo de Ramsés o Grande — disse o legado — um dos sacerdotes leu a inscrição nas paredes. Tudo sobre vitória. Tudo sobre guerra. Rimos porque as coisas realmente não mudam, senhora.

— E o governador Piso, o senhor acredita nesses boatos? Não podemos falar deles sem correr riscos, como se fossem só boatos?

— Todo mundo o despreza! — disse o legado. — Ele foi um mau soldado, pura e simplesmente! E Agripina, a Velha, a esposa amada de Germânico, está a caminho de Roma com as cinzas do general. Ela vai acusar formalmente o governador perante o Senado!

— Sim, que coragem a dela! E é assim que deve ser feito. Se as famílias são condenadas sem julgamento é sinal de que caímos na tirania, não é? Você aí, amigo lunático, não está de acordo com isso?

Lucius estava sem fala. Ficou rubro.

— E na Floresta de Teutoburgo — disse eu docemente — aquela triste arena de nossa perdição, o senhor viu os esqueletos dos nossos legionários espalhados por lá?

— Enterrei-os, senhora, com estas mãos! — O legado ergueu as mãos curtidas e calejadas. — Pois quem poderia distinguir os nossos ossos dos deles? E senhora, o palanque daquele rei covarde e desprezível continuava em pé. E foi dali que aquele imbecil cabeludo e asqueroso ordenou que nossos homens fossem sacrificados aos deuses pagãos dele.

Os outros soldados reagiram com gestos de cabeça afirmativos e exclamações nobres.

— Eu era pequena — disse eu — quando chegou a notícia da emboscada do general Varo. Mas lembro-me de nosso Divino Imperador Augusto, de como deixou crescer o cabelo em sinal de luto e como batia com a cabeça nas paredes, gritando: "Varo, traça as minhas legiões de volta."

— A senhora o viu mesmo assim?

— Ah, muitas vezes, e estava presente uma noite quando ele discutia as idéias sobre as quais costumava falar, de que o Império não deveria tentar se expandir. Antes, deveria policiar os estados que já possuía.

— Então César Augusto dizia isso mesmo! — exclamou o legado fascinado.

— Ele se importava com as pessoas — acrescentei. — Há quantos anos o senhor está em campanha? É casado?

— Ah, como quero voltar para casa! — disse o legado. — E agora que meu general caiu. Minha mulher está grisalha assim como eu. Eu a vejo quando vamos a Roma desfilar nas paradas.

— Sim, e o serviço militar obrigatório era só de seis anos na época da República, mas agora a pessoa é obrigada a lutar durante quantos anos? Doze, vinte? Mas quem sou eu para criticar Augusto, de quem eu gostava como gostava de meu pai e de todos os meus irmãos que morreram?

Lucius viu o que estava acontecendo. Explodiu, com uma saraivada de perdigotos.

— Tribuno, leia meu salvo-conduto! Leia! O legado pareceu realmente aborrecido.

Meu irmão mobilizou o máximo que pôde da sua retórica, o que não era muito.

— Ela está mentindo. Está condenada. A família dela está morta. Fui obrigado a apresentar denúncia a Sejanus porque eles queriam matar o próprio Tibério!

— Você entregou sua própria família? — perguntou o soldado.

— Ah, não se desgaste com isso — disse eu. — Esse homem passou o dia todo me perseguindo. Descobriu que sou uma mulher sozinha, uma herdeira, e acha que aqui é um confim incivilizado do Império onde ele pode acusar sem provas a filha de um senador. Caro lunático, preste atenção. Júlio César municipalizou Antioquia há menos de cem anos. Há legiões lotadas aqui, não há?

Olhei para o legado.

O legado virou-se, olhou furioso para aquele meu irmão trêmulo.

— O que é esse salvo-conduto? — perguntei. — Ele traz o nome de Tibério. O legado arrancou o rolo das mãos de Lucius antes que este pudesse reagir e o entregou a mim. Tive de largar o punhal para desenrolar o documento.

— Ah, Sejanus da Guarda Pretoriana! Eu sabia. E o imperador provavelmente não está a par de nada. Tribuno, o senhor sabe que o soldo daqueles guardas palacianos é cinquenta por cento maior que o de um legionário? E agora eles têm esses *delatores*, incentivados a fazer denúncias por um terço dos bens do acusado!

O legado agora avaliava meu irmão e cada defeito de Lucius aparecia iluminado; sua postura covarde, suas mãos trêmulas, seus olhos fugidios, seu desespero crescente no rictus dos lábios.

Voltei-me para Lucius.

— Você se dá conta, seu louco, seja lá quem você for, do que está pedindo a esse oficial romano experiente e sábio? E se ele acreditar em suas mentiras insanas? O que será dele quando chegar a carta de Roma perguntando sobre o

meu paradeiro e a disposição de minha fortuna!

— Senhor, esta mulher é uma traidora! — gritou Lucius. — Por minha honra, juro...

— Que honra é essa? — perguntou o soldado com a voz abafada. Olhava fixo para Lucius.

— Se Roma permitisse — disse eu — que famílias antigas como a minha fossem executadas tão facilmente como esse homem aí deseja que eu seja, por que a viúva de Germânico ousaria pedir um julgamento ao Senado?

— Foram todos executados — disse meu irmão, que não podia estar mais soturno e em pior estado, parecendo ter perdido qualquer contato com o efeito de suas palavras —, todos eles, por terem participado de um plano para matar Tibério, e eu recebi um salvo-conduto e uma passagem para sair de Roma por denunciá-los, como era o meu dever, aos *delatores*, e a Sejanus, com quem falei pessoalmente!

O legado ia percebendo lentamente as possibilidades que se apresentavam.

— Tem aí algo que o identifique? — perguntei a Lucius.

— Eu não preciso de mais nada! — disse Lucius. — O seu destino é a morte.

— O mesmo que o de seu pai? — perguntou o legado. — E o de sua mulher? Vocês tinham filhos?

— Ponha-a na prisão essa noite e escreva a Roma! — exigiu Lucius. — Verá que falo a verdade!

— E onde estará você, seja lá quem for, enquanto eu estiver presa? Pilhando minha casa?

— Sua vagabunda! — bradou Lucius. — O senhor não vê que isso tudo são estratégias femininas e sensacionalismo para distrair!

Os soldados estavam chocados, o legado tinha uma expressão de repulsa. Flavius colocou-se ao meu lado.

— Oficial — perguntou Flavius com dignidade temperada. — O que posso fazer por minha ama contra este louco?

— Se tornar a usar essas palavras, senhor — disse eu a Lucius com firmeza —, vou perder a paciência.

O legado pegou Lucius pelo braço. Lucius levou a outra mão ao punhal.

— Quem é você? — perguntou o legado. — É um dos *delatores*? Está me dizendo que entregou toda a sua família?

— Tribuno — disse eu, tocando seu braço com a maior delicadeza. — As raízes de meu pai remontam à época de Rômulo e Remo. Somos cem por cento de origem romana. Idem por parte de minha mãe, que também era filha de senador. Esse homem está dizendo coisas... bem terríveis.

— Assim parece — disse o legado, apertando os olhos enquanto inspecionava Lucius. — Onde estão seus amigos aqui, seus companheiros. Onde mora?

— Não pode fazer nada comigo! — disse Lucius.

O legado arregalou os olhos para a mão de Lucius no punhal.

— Está se preparando para sacar isso contra mim? — perguntou. Lucius ficou visivelmente atapalhado.

— Por que veio para Antioquia? — perguntei-lhe. — Foi você quem trouxe o veneno que matou Germânico?

— Prenda-a! — gritou Lucius.

— Não, eu não acredito na acusação que estou fazendo. Nem mesmo Sejanus deixaria um ato de traição desses nas mãos de um patife ordinário como você! Pois bem, o que mais tem aí para ligá-lo a essa família, esse salvo-conduto que alega ter sido emitido por Sejanus?

Lucius estava absolutamente perplexo.

— Eu seguramente não tenho nada que me ligue às suas sagas e lendas selvagens e sanguinárias — disse eu.

O legado me interrompeu.

— Nada que a ligue ao nome dele? — Ele pegou o salvo-conduto da minha mão.

— Absolutamente nada — disse eu. — Nada senão esse louco aí dizendo atrocidades, querendo convencer todo mundo de que nosso imperador perdeu o juízo. Só que ele me liga sem nenhuma prova e nenhuma testemunha ao plano sanguinário dele e fica me insultando.

O legado enrolou o salvo-conduto.

— E o seu objetivo aqui, senhora? — perguntou baixinho.

— Viver tranqüila e em paz — respondi com voz macia. — Viver num local seguro e sob a verdadeira proteção das leis romanas.

Agora eu sabia que a batalha fora vencida. Porém, era necessário algo mais para confirmar a vitória. Arrisquei mais um golpe.

Devagarinho, tirei o punhal do suporte.

Lucius na mesma hora deu um pulo para trás. Sacou o punhal e avançou para mim. Foi imediatamente apunhalado pelo legado e pelo menos dois dos soldados.

Ficou ali sangrando com as armas deles espetadas, olhando de um lado para o outro, depois falou, mas estava com muito sangue na boca. Seus olhos se arregalaram; outra vez, parecia que ele iria falar. Então, enquanto os soldados guardavam os punhais, seu corpo dobrado tombou ao chão, ao pé da escada.

Meu irmão Lucius teve uma morte bem misericordiosa.

Olhei para ele e balancei a cabeça.

O legado olhou para mim.

Esse era um momento importante, e eu sabia.

— Tribuno — perguntei —, o que nos diferencia dos bárbaros de cabelos compridos do Norte? Não é a lei? A lei escrita? A lei tradicional? Não é a justiça? O fato de homens e mulheres terem que responder por seus atos?

— Sim, senhora — disse ele.

— Sabe — prossegui em tom reverente, olhando para aquele monte ensangüentado de roupas e carne jogado ali no chão —, vi nosso grande Imperador Augusto no dia em que ele morreu.

— Viu? Viu mesmo?

Fiz que sim com a cabeça.

— Quando se teve certeza de que ele iria morrer, fomos chamados à presença dele com outros amigos íntimos. Ele esperava acabar com boatos na

capital que poderiam causar agitação. Havia mandado buscar um espelho e se penteara. Estava todo arrumado. E nos perguntou, quando entramos, se não achávamos que ele tinha representado bem o seu papel na comédia da vida. Pensei: que coragem! Depois ele fez outra brincadeira, o velho refrão teatral que dizem depois das peças:

Se vos dei alegria, mostrai-me gentilmente o vosso apreço com um caloroso adeus.

— Eu poderia lhe contar mais, porém...

— Ah, conte, por favor — disse o legado.

— Bem, por que não? — perguntei. — Contaram-me que o imperador disse a respeito de Tibério, seu sucessor escolhido. "Pobre Roma, sendo lentamente mastigada por essas mandíbulas indolentes!"

O legado sorriu.

— Mas não havia mais ninguém — disse ele com voz abafada.

— Obrigada por sua ajuda, tribuno. O tribuno permitiria que eu tirasse de minha bolsa uma quantia que pagasse um bom jantar para o senhor e os seus soldados...

— Não, senhora, não quero que digam que eu ou algum homem aqui foi subornado. Agora, esse homem morto. Sabe algo mais sobre ele?

— Só isso, senhor oficial, que o lugar indicado para o corpo dele deve ser o rio.

Os soldados todos riram entre eles.

— Boa noite, gentil senhora — disse o soldado.

Então fui embora, atravessando a escuridão do fórum, escoltada por meu querido pernetta Flavius e pelos archoteiros.

Só então comecei a tremer. Só então fiquei toda molhada de suor.

Quando estávamos num pequeno beco escuro, sem qualquer iluminação, eu disse:

— Flavius, dispense esses archoteiros. Não há razão para que eles saibam aonde vamos.

— Senhora, eu não tenho lanterna alguma.

— A noite está toda estrelada e já é quase lua cheia. Olhe! Além do mais, há outras pessoas do templo nos seguindo.

— Há mesmo? — perguntou ele.

Ele pagou aos archoteiros, que voltaram correndo para o início da rua.

— Sim. Há uma vigiando. E além disso, podemos enxergar muito bem com a luz das casas e a claridade do céu, não acha? Estou cansada, cansadíssima.

Prossigui, lembrando a toda hora que Flavius não conseguia me acompanhar. Comecei a chorar.

— Responda-me com seu grande conhecimento filosófico — disse eu enquanto caminhava, decidida a conter as lágrimas. — Responda-me, por que as pessoas más são tão burras? Por que tantas delas são burras?

— Senhora, acho que há muita gente má que é bem esperta — disse ele. — Mas eu nunca tinha visto ninguém, bom ou mau, com uma retórica tão perfeita como a que a senhora acaba de demonstrar.

— Estou muito feliz por você saber que era apenas isso — disse eu. —

Retórica. E pensar que ele teve os mesmos mestres que eu, a mesma biblioteca, o mesmo pai...

Minha voz falseou.

Ele passou o braço cerimoniosamente em volta de meus ombros, e dessa vez eu não mandei que me largasse. Deixei-o me dar apoio. Andávamos mais rápido em par.

— Não, Flavius — disse eu —, os maus são, na maioria, simplesmente uns imbecis. Vi isso a vida inteira. É raro encontrar uma pessoa verdadeiramente má e esperta. É a incompetência que causa a maior parte da desgraça do mundo, burrice e incompetência absolutas. É subestimar o semelhante! Veja o que acontece com Tibério. Tibério César e a guarda. Veja o que acontece com aquele maldito Sejanus. A pessoa pode semear desconfiança por toda a parte, e se perder num campo onde a erva cresceu demais.

— Chegamos, senhora — anunciou ele.

— Ah, graças a Deus você sabe. Eu jamais poderia lhe dizer que a casa era essa.

Em instantes, ele parou e girou a chave na fechadura. O cheiro de urina era intenso, como sempre era nas ruelas das cidades antigas. Havia uma pequena lanterna iluminando nossa porta de madeira. A luz dançava no jato d'água que saía da boca do leão na fonte.

Flavius deu uma série de batidas. Pareceu-me que as mulheres que atenderam a porta interna estavam chorando.

— Ah, senhor, e agora? — disse eu. — Estou com muito sono. Seja lá o que for, trate de tudo.

Entrei.

— Senhora — gritou uma das meninas. Eu não conseguia lembrar o nome dela. — Eu não o deixei entrar. Juro que não destranquei a porta. Não tenho a chave do portão. Estávamos com a casa toda pronta para a senhora!

Ela soluçava.

— De que você está falando? — perguntei.

Mas eu sabia. Eu havia visto com o canto do olho. Eu sabia. Virei-me e vi um romano muito alto sentado em minha sala recém-redecorada. Estava relaxado, pernas cruzadas, o calcanhar sobre o joelho, sentado numa cadeira de madeira dourada.

— Está tudo bem, Flavius — disse eu. — Eu o conheço.

E conhecia. Porque era Marius. Marius, aquele celta alto. Marius, que me encantara quando eu era criança. Marius, que eu quase reconhecera na penumbra do templo.

Ele levantou-se imediatamente.

Veio até onde eu estava no escuro, no fim do átrio, e murmurou:

— Minha bela Pandora!

CAPÍTULO 7



Ele se deteve quando ia tocar em mim.

— Ah, por favor, me toque — disse eu.

Fui beijá-lo, mas ele se afastou. A sala tinha algumas lâmpadas espalhadas. Ele brincava com as sombras.

— Marius, claro, Marius! E parece que você não envelheceu nada desde que o vi quando eu era menina. Seu rosto está radioso, e seus olhos, que lindos são seus olhos. Se pudesse, eu cantaria esses elogios com uma lira me acompanhando.

Flavius se retirara de mansinho, levando com ele as meninas aflitas. Saiu sem fazer barulho.

— Pandora — disse Marius —, eu gostaria de abraçá-la, mas não posso, e você não pode me tocar, não porque eu não queira muito isso, mas porque não sou o que você pensa. O que você vê em mim não é evidência de juventude. É algo que está tão longe de qualquer promessa de juventude que só agora estou começando a compreender os sofrimentos que traz.

De repente, ele desviou os olhos. Ergueu a mão pedindo o meu silêncio e a minha paciência.

— Aquela coisa está lá fora — disse eu. — Aquele tição que bebe sangue.

— Esqueça seus sonhos por um momento — disse-me sem rodeios. — Pense em nossa juventude. Eu a amei quando você tinha dez anos. Quando tinha quinze, pedi sua mão a seu pai.

— Pediu? Ele nunca me contou.

Ele tornou a desviar os olhos. Então sacudiu a cabeça.

— O tição — disse eu.

— Eu receava isso — recriminou-se. — Ele a seguiu desde o templo! Ah, Marius! Você é bobo. Fez o que ele queria. Mas ele não é tão esperto como pensa.

— Marius, foi você que me enviou os sonhos?

— Não, nunca! Eu faria tudo o que pudesse para protegê-la de mim.

— E das velhas lendas?

— Não seja precipitada, Pandora. Sei que sua imensa inteligência ajudou-a muito com o asqueroso daquele seu irmão Lucius e o legado. Mas não fique pensando muito em... sonhos. Sonhos não são nada, e passam.

— Então os sonhos vieram dele, desse monstro queimado?

— Não tenho como saber! — disse ele. — Mas não pense nas imagens.

Não o alimento agora com seu pensamento.

— Ele lê a mente — disse eu — como você.

— Sim. Mas você pode disfarçar seus pensamentos. É um truque mental. Você pode aprender. Pode andar com a alma trancada numa caixinha de metal dentro da cabeça. Percebi que ele estava sofrendo muito. Transmítia uma imensa tristeza.

— Não se pode permitir que isso aconteça! — insisti eu.

— O que é isso, Marius? Você fala da voz da mulher, você...

— Não, fique quieta.

— Não fico! Vou até o fim disso!

— Você precisa seguir minhas instruções!

Ele se adiantou, e de novo pareceu que ia me tocar, me abraçar, como meu pai faria, mas se deteve.

— Não, é você que precisa me contar tudo — disse eu.

Eu estava espantada com a brancura de sua pele, sua perfeição absoluta. E mais uma vez aquele fulgor de seus olhos pareceu quase impossível. Inumano.

Só agora eu via todo o deslumbramento de seu cabelo longo. Ele tinha muita coisa dos celtas, que eram seus ancestrais. Seu cabelo batia no ombro. Da cor do trigo, tinha um brilho dourado reluzente e era todo cacheado.

— Olhe só para você — murmurei. — Você não é vivo!

— Não, olhe pela última vez, pois você vai embora daqui!

— O quê? — disse eu. — Última vez? — repeti as palavras dele. — Do que está falando! Acabei de chegar, fazer meus planos e me ver livre de meu irmão! Não vou sair daqui. Está querendo dizer que vai me deixar?

Havia uma terrível aflição em seu rosto, um apelo corajoso que eu jamais vira em homem algum, nem em meu pai, que rapidamente tomara as providências naqueles últimos momentos fatais lá em casa, como se estivesse simplesmente pretendendo me enviar para um encontro importante.

Os olhos de Marius estavam vermelhos. Ele chorava e as lágrimas lhe irritavam a vista! Não! Aquelas eram lágrimas iguais às da magnífica Rainha no sonho, que chorava presa ao trono, manchando o rosto, o pescoço e a roupa.

Ele queria negar isso. Balançou a cabeça, mas sabia que eu estava bem convencida.

— Pandora, quando vi que era você — disse ele. — Quando você entrou no templo e vi que era você que tinha esses sonhos sanguinolentos, fiquei fora de mim. Preciso deixar você longe disso, longe de todo esse perigo.

Abstrai-me do encanto dele, da aura de sua beleza. Olhei-o com isenção e escutei-o falar, reparando em tudo nele, do brilho de seus olhos até a maneira como ele gesticulava.

— Você precisa sair já de Antioquia — disse ele. — Passarei a noite aqui com você. E amanhã de manhã, pegue o seu fiel Flavius e as duas meninas, que são honestas, e leve-os com você. Vá para bem longe daqui durante o dia, que essa coisa não pode segui-la! Não me diga agora aonde pretende ir. Pode discutir isso tudo de manhã nas docas. Você tem bastante dinheiro.

— Quem está sonhando agora é você, Marius; eu não vou. De quem exatamente você está querendo que eu fuja? Da Rainha que chora no trono? Ou

desse tição que ronda por aí? A primeira consegue me alcançar até do outro lado do mar com chamados. Ela me alerta contra meu irmão perverso. Do outro, eu posso dar cabo facilmente. Não tenho medo dele. Por causa dos sonhos, já sei o que ele é e sei como o sol lhe fez mal, e vou pessoalmente amarrá-lo num muro debaixo de sol.

Ele estava calado, mordendo o lábio.

— Farei isso por ela, pela Rainha dos sonhos, para vingá-la.

— Pandora, estou lhe implorando.

— Não adianta — disse eu. — Acha que cheguei tão longe só para tornar a fugir? E a voz de mulher...

— Como sabe que foi com essa Rainha que você sonhou? Poderia haver outros bebedores de sangue nesta cidade. Homens, mulheres. Todos querem a mesma coisa.

— E você tem medo deles?

— Tenho asco! E preciso ficar longe deles, não lhes dar o que eles querem! Jamais lhes dar o que eles querem.

— Ah, estou entendendo tudo — disse eu.

— Não está! — disse ele, com um olhar de repreensão. Tão veemente, tão perfeito.

— Você é um deles, Marius. Você está inteiro. Não está queimado. Eles querem o seu sangue para se curar.

— Como pode pensar numa coisa dessas?

— Em meus sonhos, chamavam a Rainha de "a Fonte".

Voei para ele e prendi-o em meus braços! Ele era fortíssimo, duro como uma árvore! Jamais senti uma musculatura tão dura num homem. Encostei a cabeça em seu ombro, e seu rosto no alto de minha cabeça era frio!

Mas ele me envolveu delicadamente nos braços, afagando meu cabelo, desembaraçando-o de todos os grampos e deixando-o cair solto em minhas costas. Fiquei arrepiada dos pés à cabeça.

Duro, duríssimo, mas sem vida. Sem calor de sangue humano nos gestos delicados e ternos.

— Minha querida — disse ele. — Não conheço a fonte de seus sonhos, mas sei de uma coisa. Você será protegida contra mim e contra eles. Nunca será parte dessa velha lenda que continua se perpetuando por mais que o mundo mude! Eu não permitirei.

— Explique isso tudo para mim. Não vou colaborar enquanto você não explicar tudo. Conhece a aflição da Rainha do sonho? As lágrimas dela são como as suas. Olhe. Sangue. Você está manchando a túnica! Essa Rainha está aqui? Ela me chamou?

— E se ela tiver chamado e quiser castigá-la por essa vida passada com a qual você sonhou e na qual os deuses perversos a mantinham acorrentada. E se for isso!

— Não — disse eu. — A intenção dela não é essa. Além do mais, eu não faria o que os deuses morenos do sonho disseram. Eu não beberia da "Fonte". Fugi, e foi por isso que morri no deserto.

— Ah! — Ele jogou as mãos para o alto! E se afastou. Ficou olhando para o

peristilo escuro. Só as estrelas iluminavam as árvores ali. Vi uma luz fraca vindo da sala de jantar do outro lado da casa.

Olhei para ele, para sua enorme estatura e suas costas retas, e para a firmeza com que seus pés estavam plantados no chão de mosaico. O reflexo dos lampiões fazia aquele cabelo louro resplandecer.

Escutei o que ele disse, embora falasse baixo, de costas para mim.

— Como pôde acontecer uma estupidez dessas!

— Que estupidez? — perguntei. Cheguei perto dele. — Está se referindo ao fato de eu estar aqui, em Antioquia. Vou lhe contar. Meu pai providenciou a minha fuga, foi assim...

— Não, não, não me refiro a isso. Quero que você esteja a salvo, viva, fora de perigo, protegida, para desabrochar como foi feita para desabrochar. Suas pétalas nem estão machucadas nas pontas, veja só, e sua coragem aquece sua beleza! Seu irmão não era páreo para sua cultura e sua retórica. E no entanto você encantou os soldados e os subjugou com sua superioridade, sem despertar o ressentimento deles nem uma vez. Você tem anos de vida em você! Olhe. O principal é isso. Você precisa sair de Antioquia durante o dia.

— "Amigo do templo", foi assim que o sacerdote e a sacerdotisa o chamaram. Disseram que você sabia ler a escrita antiga. Que comprava todos os livros egípcios que chegavam ao porto. Porquê? Se está buscando a Rainha, então busque-a através de mim, porque foi ela quem disse que havia me chamado.

— Ela não falou nos sonhos! Você não sabe quem falou! E se a raiz dos sonhos estiver mesmo em sua alma migrante? E se você tiver vivido antes? E agora você chega ao templo e há um desses abomináveis deuses antigos à solta e você está em perigo. Precisa fugir, daqui, de mim, desse caçador ferido, que eu hei de encontrar.

— Você não está me contando tudo o que sabe! O que houve com você, Marius? O que houve? Quem lhe fez isso, o milagre dessa sua radiosidade? Isso não é disfarce, a luz vem de dentro!

— Droga, Pandora, acha que eu queria minha vida encolhida e meu destino estendido para sempre? — Ele estava sofrendo. Olhou para mim, sem querer falar, e me transmitiu tamanha dor, tamanha solidão, que por um instante foi insuportável.

Senti uma onda daquela minha aflição da longa noite da véspera, quando me deparei com a vacuidade absoluta de todas as religiões e todos os credos e o mero esforço de uma vida boa pareceu uma armadilha para os tolos, e nada mais.

Ele de repente me abraçou, surpreendendo-me, estreitando-me com firmeza e esfregando delicadamente o rosto em meu cabelo, e beijando minha cabeça. Indescreivelmente aveludado, liso, delicado.

— Pandora, Pandora, Pandora — disse ele. — A menina linda transformada na mulher maravilhosa.

Abracei essa estátua dura do homem mais espetacular e singular que jamais vi ou conheci: abracei-o e dessa vez ouvi as batidas de seu coração, o ritmo distinto delas. Encostei o ouvido em seu peito.

— Ah, Marius, se ao menos eu pudesse deitar minha cabeça junto da sua

para descansar. Se ao menos eu pudesse aceitar sua proteção. Mas você está me expulsando! Não está me prometendo que vai me defender, está me condenando a fugir, a vagar e a mais pesadelos, mistério e desespero. Não, não posso.

Desevencilhei-me de suas carícias. Eu sentia seus beijos em meus cabelos.

— Não diga que nunca mais tornarei a vê-lo. Não pense que posso suportar isso e mais aquilo tudo que já aconteceu. Não tenho ninguém aqui, e então quem chega senão aquele que me impressionou tanto quando eu era menina, que deixou sua marca profundamente estampada com todos os detalhes em meu coração, nítida como na moeda mais fina. E você está dizendo que nunca mais vai me ver de novo, que preciso ir embora.

Virei as costas.

Era desejo que brilhava em seus olhos. Mas ele reprimiu. Em tom macio, confessou com um discreto sorriso:

— Ah, como admirei o que você fez com o legado. Achei que vocês dois iriam planejar sozinhos toda a conquista das tribos germânicas. — Ele suspirou. — Você precisa encontrar uma boa vida, uma vida rica, uma vida em que sua alma e seu corpo sejam alimentados.

Seu rosto se inflamou. Ele olhou para mim, para meus seios, minhas ancas e depois para meu rosto. Envergonhado e tentando disfarçar. Desejo.

— Você continua sendo homem? — perguntei. Ele não respondeu. Mas sua expressão esfriou.

— Você nunca saberá inteiramente o que eu sou! — disse ele.

— Ah, mas não é homem! — disse eu. — Estou certa? Não é homem.

— Pandora, você está querendo me insultar. Por quê? Por que fazer isso?

— Essa transformação, essa passagem para a espécie de bebedores de sangue, isso não aumentou sua estatura. Será que aumentou alguma outra parte sua?

— Por favor, pare com isso.

— Deseje-me, Marius. Diga que você me deseja. Estou vendo isso. Confirme com palavras. O que lhe custa?

— Você é irritante! — disse ele. Ficou roxo de raiva e seus lábios perderam a cor de tanto que ele os apertou. — Graças aos deuses não deseje você! Não o suficiente para trair o amor em troca de um êxtase breve e sanguinolento.

— O pessoal do templo não sabe realmente quem você é, sabe?

— Não! — respondeu ele.

— E você não vai me abrir seu coração.

— Jamais. Você me esquecerá e esses sonhos vão se esvanecer. Aposto que posso conseguir que se esvançam rezando por você. Farei isso.

— Agora está ficando devoto — disse eu. — O que lhe dá tanto prestígio com a antiga Ísis, que bebia sangue e era a Fonte?

— Não diga isso; é tudo mentira, tudo. Você não sabe se essa Rainha que viu era Ísis. O que viu nesses sonhos? Pense. Você viu que essa Rainha era prisioneira daqueles que bebiam sangue e ela os condenava! Eles eram maus. Pense. Volte ao sonho. Pense. Você os achou maus, maus então, e agora também. No templo, você sentiu o cheiro do mal. Sei que sentiu. Observei você.

— Sim, mas você não é mau, Marius, não pode me convencer disso! Seu

corpo parece mármore, você bebe sangue, mas como um deus, e um deus que não é mau!

Ele estava prestes a protestar quando se deteve de novo. Olhou de soslaio. Depois virou a cabeça lentamente e deixou o olhar se perder acima do peristilo.

— A aurora está chegando? — perguntei. — Os raios de Amon-Rá?

— Você é o ser humano mais enlouquecedor que já conheci! — disse ele. — Se eu casasse com você, você me mataria antes do tempo. Eu seria poupado de tudo isso!

— Tudo o quê?

Ele chamou Flavius, que esteve todo o tempo ali por perto, escutando tudo.

— Flavius, já estou de saída — disse ele. — Preciso ir. Mas tome conta dela. Quando anoitecer, estarei aqui novamente, logo que puder. Se alguém chegar antes de mim, um assaltante medonho e bem estropiado, parta para a cabeça dele com essa espada. Para a cabeça, você lembra? E obviamente essa sua ama sem dúvida será bem capaz de dar uma mãozinha para se defender.

— Sim, senhor. Precisamos sair de Antioquia?

— Olhe o que diz, meu fiel grego — repreendi. — Quem manda aqui sou eu. Não estamos saindo de Antioquia.

— Tente convencê-la a se preparar — disse Marius. Ele olhou para mim.

Um longo silêncio caiu entre nós. Eu sabia que ele lia meus pensamentos. Então um arrepio dos sonhos sanguinolentos me percorreu. Vi os olhos dele brilharem. Alguma coisa se atçou em sua expressão. Espantei o sonho, aterrorizada. Terror não é comigo.

— Está tudo interligado — murmurei. — Os sonhos, o templo, o fato de você estar aqui, de eles lhe terem pedido ajuda. O que você é, um deus branco colocado na terra para caçar os bebedores de sangue morenos? A Rainha está viva?

— Ah, quisesa eu ser um deus desses! — disse ele. — Se pudesse, eu seria! Que nunca mais se criará um bebedor de sangue, eu garanto. Eles podem vir depositar flores num altar diante de uma estátua de basalto!

Senti um enorme amor por ele e, num ímpeto, corri para ele.

— Leve-me com você, para qualquer lugar.

— Não posso — disse ele. Piscou, como se sentisse alguma coisa incomodando a vista. Não podia erguer inteiramente a cabeça.

— É a claridade que vem chegando, não é? Você é um deles.

— Pandora, quando eu vier a você, esteja pronta para deixar este lugar! — disse ele.

E sumiu.

Num piscar de olhos, ele sumiu. Num piscar de olhos, saiu de meus braços, de minha sala e de minha casa.

Virei-me e fiquei caminhando na penumbra da sala. Olhei para as murais nas paredes; as figuras alegres com suas coroas de louro — Baco e suas ninfas, vestidas com bastante pudicícia para um grupo tão agitado.

Flavius falou:

— Senhora, uma espada que encontrei no meio de suas coisas, posso ficar com ela preparada?

— Sim, e com punhais aos montes, e fogo também, não esqueça do fogo. Aquilo foge do fogo. — Suspirei. Como eu sabia? Eu sabia. Inútil saber como.

— Mas Flavius — virei-me —, aquilo não vai aparecer antes de escurecer. Falta pouco para o amanhecer. Podemos ir dormir assim que o céu ficar arroxado.

— Levei a mão à testa. — Estou tentando lembrar...

— O quê, senhora? — perguntou Flavius. Ele não parecia menos esplêndido após o espetáculo de Marius, simplesmente um homem de outra proporção porém com a mesma elegância, e um calor humano na pele.

— Se os sonhos alguma vez vieram de dia. Foi sempre à noite? Ah, estou com sono e estão me chamando. Flavius, ponha uma luz no meu banheiro. Mas vou para a cama. Estou tonta. Você pode ficar vigiando?

— Sim, senhora.

— Olhe, as estrelas estão quase apagadas. Qual será a sensação de ser uma delas, Flavius, ser admirada só no escuro, quando os homens e as mulheres vivem à luz de velas e lâmpioes. Ser conhecida e descrita só na escuridão da noite, quando acabou todo o movimento do dia!

— A senhora é realmente a mulher mais engenhosa que já conheci — disse ele. — Como fez o homem que a acusou receber o castigo que merecia. — Ele me deu o braço, e fomos para o quarto onde eu me vestira naquela manhã.

Eu o amava. Uma vida inteira de crises não poderia ter fortalecido mais esse sentimento.

— A senhora não vai dormir na cama principal da casa, na sala de jantar? — Não — respondi. — Aquela é para exibição de núpcias, e nunca mais quero saber de casamento. Quero tomar banho, mas estou com muito sono.

— Posso acordar as meninas.

— Não, para a cama. Você tem um quarto decente?

— Tenho.

Ele foi à frente. Ainda estava bastante escuro. Pensei ter ouvido alguma coisa farfalhando. Verifiquei que não era nada.

E lá estava a cama com sua lamparina e, na cama, aquela profusão de almofadas à moda oriental, um ninho bem macio no qual eu caí, como um persa.

Imediatamente, o sonho:

Nós, os bebedores de sangue, estávamos num vasto templo. Era para estar escuro. Podíamos enxergar essa escuridão, como determinados animais só enxergam no escuro. Éramos todos morenos de pele, bronzeados ou dourados. Éramos todos homens.

Deitada no chão, a Rainha gritava. Sua pele era branca. Imaculada. Seus longos cabelos eram negros. Sua coroa tinha os chifres e o sol! A coroa de Ísis. Ela era a deusa! Eram necessários cinco bebedores de sangue de cada lado para segurá-la no chão. Ela se debatia virando a cabeça de um lado para o outro, os olhos como que crepitando com a Luz Divina.

— Sou vossa Rainha! Não podem fazer isso comigo! — Que alvura, a dela! E seus gritos ganhavam um tom mais desesperado e suplicante. — Grande Osiris, salve-me disso! Salve-me desses blasfemadores! Salve-me dos profanos!

O sacerdote a meu lado ria dela.

O Rei estava imóvel no trono. Mas não era para esse Rei que ela rezava. Rezava para um Osíris do além.

— Segurem-na com mais força.

Vieram mais dois para segurar-lhe os tornozelos.

— Beba! — disse o sacerdote para mim. -Ajoelhe-se e beba do sangue dela. O dela é o sangue mais poderoso do mundo. Beba.

Ela chorava baixinho.

— Monstros, filhos do demônio! — soluçava.

— Não beberei — disse eu.

— Beba! Você precisa do sangue dela!

— Não, não contra a vontade dela. Assim não! Ela é nossa Mãe Ísis!

— Ela é nossa Fonte e nossa prisioneira. — Não — disse eu.

O sacerdote me empurrou. Eu o derrubei no chão. Olhei para ela.

Ela olhou para mim tão indiscriminadamente como olhava para os outros. Seu rosto delicado estava soberbamente maquiado. A fúria não lhe distorcia as feições. Sua voz era baixa e carregada de ódio.

— Destruirei vocês todos — disse ela. — Um dia desses, hei de fugir para a luz do sol e todos vocês hão de arder! Vocês todos hão de arder! Como eu! Porque sou a Fonte! E o mal em mim será queimado e apagado em todos vocês para sempre. Venha, ó infeliz novata — disse ela para mim. — Faça o que eles estão mandando. Beba, e aguarde minha vingança.

"O deus Amon-Rá vai se levantar no Oriente e vou caminhar até ele, e seus raios mortais vão me matar. Serei um sacrifício de fogo para destruir cada um de vocês que nasceu de mim, transformado pelo meu sangue! Seus deuses levianos e gananciosos, que são capazes de usar o poder que possuímos para obter lucro!"

Então o sonho todo sofreu uma terrível transformação. Ela se pôs de pé. Estava impecável e acabara de ser toda enfeitada. Tochas se acendiam em volta dela, uma e duas e três e muitas mais, chamejando como se acabadas de ser acesas, e ela acabou rodeada de fogo. Os deuses haviam ido embora. Ela sorriu e fez sinal para mim. Abaixou a cabeça; o branco de seus olhos brilhou quando ela me fitou. Ela sorriu. Era astuciosa.

Acordei aos gritos.

Eu estava em minha cama. Antioquia. A lâmpada ardia. Flavius me abraçou. Vi a luz cintilar em sua perna de marfim quando ele a esticou. Vi a luz cintilar nos dedos esculpados.

— Abrace-me, abrace-me — disse eu. — Mãe Ísis! Abrace-me.

— Quanto tempo eu dormi?

— Só alguns minutos — disse ele. — Não.

— O sol acabou de nascer. Quer ir lá para fora, deitar no sol quente, talvez? — Não! — gritei. Ele estreitou mais aquele abraço quente, desesperadamente reconfortante.

— Foi só um sonho mau, minha bela senhora — disse ele. — Feche os olhos. Dormirei ao seu lado, com meu punhal aqui.

— Ah, sim, por favor, por favor, Flavius. Não deixe que eu vá. Abrace-me — pedi.

Deitei e ele se acomodou junto a mim, encaixando os joelhos nos meus e

envolvendo-me com o braço.

Abri os olhos. Ouvi de novo a voz de Marius:

— Graças aos deuses não desejo você! Não o suficiente para trair o amor em troca de um êxtase breve e sanguinolento.

— Oh, Flavius — disse eu. — Minha pele! Minha pele está ardendo? - Comecei a me levantar. — Apague a luz. Apague o sol!

— Não, senhora, sua pele está linda como sempre. Deite-se. Deixe-me cantar para a senhora.

— Sim, cante... — disse eu.

Acompanhei a canção, era Homero, era Aquiles e Heitor, e adorei a maneira como ele cantava, as pausas que fazia, imaginei aqueles heróis, e as muralhas da malfadada Tróia, e meus olhos ficaram pesados. Desliguei-me. Descansei.

Ele pôs a mão em minha cabeça, como se para afastar os sonhos, como se pretendesse ser um apanhador de sonhos humanos. E suspirei quando ele afagou meu cabelo.

Visualizei Marius, o brilho de sua pele. Era tão parecido com o da Rainha, e o deslumbramento de seus olhos, tão perfeitamente igual ao da Rainha, e escutei-o dizer:

— Droga, Pandora, acha que eu queria minha vida encolhida e meu destino estendido para sempre?

E, antes da inconsciência, veio o desespero absoluto, a sensação de inutilidade de qualquer luta. Era melhor não sermos mais que animais, como os leões na arena.

CAPÍTULO 8



Acordei. Eu ouvia os pássaros. Não tinha certeza, calculei que ainda fosse de manhã, o meio da manhã.

Descalça, passei pela sala ao lado e fui para o peristilo. Caminhei pela borda ladrilhada junto à terra e olhei para o céu azul. O sol ainda não estava a pino.

Destranquei a porta e fui descalça até o portão. Ao primeiro homem que vi, um beduíno, com um longo véu na cabeça, perguntei:

— Que horas são? Meio-dia?

— Ah, não, senhora — respondeu ele. — Ainda falta muito. A senhora dormiu demais? Que sorte.

Acenou com a cabeça e seguiu em frente.

Havia uma lâmpada acesa na sala. Entrei e vi que a lâmpada estava na escrivaninha que as criadas haviam preparado para mim.

Junto, havia tinta, penas e folhas de pergaminho em branco.

Sentei-me e anotei tudo o que me lembrei dos sonhos, esforçando-me para enxergar naquela sala mal iluminada, bem distante da claridade que inundava o jardim verdejante e fresco do peristilo.

Acabei com o braço doendo de tão rápido que escrevi. Descrevi detalhadamente o último sonho, as tochas, o sorriso da Rainha, seu gesto me chamando.

Estava pronto. Enquanto escrevia, eu ia espalhando as folhas preenchidas pelo chão para deixá-las secar. Não havia uma gota de vento para ameaçá-las. Recolhi-as.

Fui para o fim do jardim especialmente para olhar o céu azul, abraçada ao maço de papéis. Azul e límpido.

— E você cobre esse mundo — disse eu. — E não muda, senão por uma luz que se levanta e se põe — falei para o céu. — Aí vem a noite com vultos enganadores e sedutores!

— Senhora! — Era Flavius atrás de mim, estremunhado de sono. — A senhora quase não dormiu. Precisa descansar. Volte para a cama.

— Vai já buscar as minhas sandálias, depressa — disse eu.

Foi só ele sair por uma porta e eu sair pela outra. Fui para a rua, andando o mais rápido possível.

Eu estava na metade do caminho para o templo de Ísis quando percebi como era desagradável andar descalça por aquela rua imunda. Vi que estava

toda amarfanhada, com os vestidos de linho com que eu dormira. Meu cabelo estava solto. Mantive o passo.

Estava animada. Não me sentia indefesa como ao fugir da casa de meu pai. Não estava nervosa e correndo risco de vida como quando Lucius me apontou para os soldados romanos na noite anterior.

Não estava apavorada como quando a Rainha sorriu para mim no sonho. Nem trêmula como na hora em que acordei.

Fui andando. Eu estava vivendo um imenso drama. Eu o acompanharia até o último ato.

As pessoas passavam — gente que trabalhava cedo. Um velho com um cajado torto. Eu mal via essas pessoas.

Friamente, achei gostoso eles terem reparado em meu cabelo solto e minhas roupas amassadas. Pensei em como seria a pessoa se desligar completamente da civilização e nunca mais tornar a se preocupar com a posição de uma faixa ou de um grampo, dormir na relva, nada temer!

Nada temer! Ah, eu achava isso lindo.

Cheguei ao fórum. Os mercados estavam movimentados. Os pedintes já estavam em ação. Liteiras fechadas passavam para todo lado. Os filósofos ensinavam nos pórticos. Eu ouvia aquela barulheira estrondosa e estranha característica dos portos — de carga sendo jogada, talvez, eu não sabia. Senti o cheiro do Orontes. Torci para que o corpo de Lucius estivesse boiando em suas águas.

Subi as escadas e entrei direto no templo de Ísis.

— O sumo sacerdote e a sacerdotisa — disse eu. — Preciso vê-los. Passei por uma jovem confusa e com um ar nitidamente virginal e entrei no aposento onde eles falaram comigo pela primeira vez. Mesa, não havia. Só o divã. Entrei em outro aposento do templo. Uma mesa. Manuscritos.

Ouvi passos rápidos. A sacerdotisa dirigiu-se a mim. Já estava maquiada, com a peruca e os adornos colocados. Não fiquei chocada ao olhar para ela.

— Olhe — disse eu. — Tive outro sonho. — Apontei para o maço de folhas que eu deixara na mesa. — Anotei tudo para vocês.

O sacerdote chegou. Aproximou-se da mesa e ficou olhando para as folhas.

— Leiam tudo, palavra por palavra. Leiam isso já. Sejam testemunhas caso alguma coisa me aconteça!

O sacerdote e a sacerdotisa postaram-se, ele à minha esquerda e ela à direita, e o sacerdote estudou cada página individualmente antes de virar o maço todo.

— Sou uma alma migrante — disse eu. — Ela quer acertar alguma conta comigo ou quer algum favor meu, qual dos dois eu não sei, mas ela vive! Não é uma mera estátua.

Eles ficaram me olhando.

— Bem? Falem! Todo mundo vem para cá à procura de orientação.

— Mas, senhora — disse o sacerdote. — Não sabemos ler o que está aqui.

— O quê?

— Vem na forma mais antiga e complicada da velha escrita imagética. —

O quê!

Olhei para as folhas. Eu enxergava apenas o fluxo de palavras que me saía da mente numa cadência, através de minha mão, através de minha pena. Não conseguia fazer meus olhos se fixarem na forma das letras.

Peguei a última folha e li em voz alta: "O sorriso dela era astucioso. Amedrontou-me." Mostrei-lhes essa folha.

Eles balançaram a cabeça em convicta negativa.

De repente houve um pequeno tumulto e Flavius, todo afogado, foi admitido no aposento. Trazia as minhas sandálias. Olhou para mim e encostou-se na parede, numa atitude que demonstrava o grande alívio que sentia.

— Venha cá — disse eu. Ele obedeceu.

— Agora, olhe para estas folhas, leia-as, não estão em latim?

Dois escravos aproximaram-se timidamente e num instante me lavaram os pés e me amarraram as sandálias. Por cima de meu ombro, Flavius olhou para os escritos.

— É uma escrita egípcia antiga — disse Flavius. — A forma mais antiga que já vi. Isso poderia ser vendido por uma fortuna em Atenas!

— Acabei de escrever! — disse eu. Olhei para o sacerdote, em seguida para a sacerdotisa. — Chamem aquele seu amigo louro e alto — pedi. — Tragam-no aqui. Aquele que lê os pensamentos e conhece a escrita antiga.

— Não podemos, senhora. — O sacerdote olhou desamparado para a sacerdotisa.

— Por quê? Onde ele está? Ele só chega depois que escurece, não é? - perguntei.

Os dois balançaram afirmativamente a cabeça.

— E quando sai para comprar livros, todos sobre o Egito, também é sempre à luz de lampião? — perguntei. Já sabia a resposta.

Eles se entreolharam, confusos.

— Onde ele mora?

— Senhora, não sabemos. Por favor, não tente achá-lo. Ele estará aqui assim que escurecer. Avisou-nos ontem que a senhora era muito preciosa para ele.

— Não sabem onde ele mora. Levantei-me.

— Está bem — disse eu, pegando o maço de folhas, aquela minha escrita antiga espetacular.

Ao sair do aposento, eu perguntei:

— Aquele tição de vocês, aquele criminoso que bebe sangue, ele apareceu ontem à noite? Deixou alguma oferenda?

— Deixou — disse o sacerdote. Parecia humilhado. — Senhora Pandora, descanse e coma alguma coisa.

— Sim — disse o meu leal Flavius —, precisa comer.

— Sem chance — disse eu.

Agarrada aos escritos, encaminhei-me para a saída, no fim da grande galeria. Eles protestaram. Ignorei-os.

Fazia calor quando saí. Flavius seguiu-me. O sacerdote e a sacerdotisa insistiram para que ficássemos.

Dei uma olhada na enorme praça do mercado. Os bons livreiros estavam

concentrados no extremo esquerdo do fórum. Atravessei a praça.

Flavius esforçava-se para me acompanhar.

— Senhora, por favor, o que vai fazer? Perdeu a cabeça.

— Não perdi, e você sabe disso — respondi. — Você o viu ontem à noite!

— Senhora, espere-o no templo, como ele pediu — disse Flavius.

— Por quê? Por que eu deveria fazer isso? — perguntei.

As livrarias eram numerosas, com manuscritos em todas as línguas.

— Egito, Egito! — gritei em latim e grego.

Havia muito barulho, muita gente comprando e vendendo. Havia Platão por todo lado, e Aristóteles. Havia uma pilha inteira com a autobiografia de César Augusto, que ele terminou nos últimos anos de vida.

— Egito! — gritei. Mercadores mostravam rolos antigos. Fragmentos. Os toldos panejavam ao vento. Entrei numa sala atrás da outra, vi as fileiras de escravos ali copiando com diligência, molhando as penas, sem ousar erguer os olhos do trabalho.

Havia escravos lá fora, à sombra, escrevendo cartas ditadas por homens e mulheres humildes. O movimento era intenso.

Uma loja estava recebendo um carregamento. O proprietário, um velho, adiantou-se.

— Marius — disse eu. — Venho da parte de Marius, o louro alto que só aparece aqui à noite.

O homem não disse nada.

Entreí na loja seguinte. Tudo era egípcio, não apenas os rolos de manuscritos à mostra, mas também os fragmentos de pintura nas paredes, placas de estuque ainda com o perfil de um rei e de uma rainha, fileiras de pequenos jarros, imagens de alguma tumba há muito profanada. Como os egípcios gostavam de fazer essas estatuetinhas de madeira!

E lá vi exatamente o tipo de homem que eu procurava, o autêntico antiquário. Só com relutância ele ergueu os olhos do livro, um homem grisalho, o livro, um códice em egípcio moderno.

— Nada que interessasse Marius? — perguntei, entrando na loja. Havia baús e caixas atravancando toda a circulação ali dentro. — Conhece Marius, aquele romano alto que estuda os manuscritos antigos e compra os mais valiosos? Conhece esse homem a quem me refiro. Olhos muito azuis. Cabelos louros. Ele aparece à noite. A loja fica aberta para ele.

O homem confirmou com um gesto de cabeça. Olhou para Flavius e disse erguendo as sobrancelhas:

— Uma perna de marfim e tanto, essa aí. — Grego culto. Excelente. — Helênica, oriental e de uma alvura perfeita.

— Venho da parte de Marius — disse eu.

— Guardo tudo para ele, conforme ele pede — disse o homem, encolhendo levemente os ombros. — Não vendo nada sem primeiro lhe oferecer.

— Com certeza. Venho da parte dele. — Olhei em volta. — Posso me sentar?

— Ah, por favor, me desculpe — disse o homem. Apontou para um baú sólido. Flavius estava perplexo. O homem tornou a sentar-se diante de sua mesa

atulhada.

— Quem me dera ter uma mesa decente. Onde está meu escravo? Sei que tenho um vinho por aí. Eu... Eu estava lendo a história mais espantosa aqui neste texto!

— É mesmo? — disse eu. — Bem, dê uma olhada nisso! — Pus o maço de folhas na mão dele.

— Meu Deus, mas isso é uma beleza de cópia — disse ele — e tão recente! — Ele falava baixo, com voz abafada. Conseguia entender muitas das palavras. — Marius ficará interessadíssimo nisso. É sobre as lendas de Ísis, é isso que Marius estuda.

Peguei de volta os papéis com delicadeza.

— Escrevi isso para ele!

— A senhora escreveu?

— Escrevi, mas quero lhe fazer uma surpresa. Dar alguma coisa, um presente! Alguma coisa que tenha acabado de chegar, que ele ainda não tenha visto.

— Bem, aqui tem muita novidade.

— Flavius, dinheiro.

— Senhora, estou sem nenhum.

— Não é verdade, Flavius. Você não sairia de casa sem chave e sem dinheiro. Entregue.

— Ah, eu vendo fiado se for para Marius — disse o velho. — Humm, sabe, chegou muita novidade no mercado esta semana mesmo. É por causa da fome no Egito. As pessoas estão sendo obrigadas a vender, suponho. Nunca se sabe a origem de um manuscrito egípcio. Mas tome...

Ele tirou um papiro frágil de um nicho na estante de madeira empoeirada.

Pousou-o com reverência e abriu-o com o maior cuidado. O papiro estava bem conservado, mas com as pontas quebradiças. Acabaria se desintegrando se manuseado sem cuidado.

Levantei-me a fim de olhar para o papiro por cima do ombro dele. Fiquei tonta. Vi o deserto e uma cidade de choupanas cobertas de folhas de palmeira. Fiz força para abrir os olhos.

— Este — disse o velho — é positivamente o manuscrito egípcio mais antigo que já vi! Aqui, equilibre-se, minha cara. Apóie-se em meu ombro. Deixe-me lhe dar meu banco.

— Não, não é preciso — disse eu, vidrada nas letras. Li alto: — "Ao meu Senhor, Narmer, Rei do Alto e do Baixo Egito, quem são esses meus inimigos que dizem que não ando no caminho reto? Quando Vossa Majestade já me viu sendo incorreto? Na verdade, busco fazer sempre mais do que se pede ou que se espera de mim. Quando deixei de ouvir cada palavra do acusado, permitindo que ele fosse julgado com justiça, como Vossa Majestade teria feito?..."

Parei. Minha cabeça girava. Uma breve lembrança. Eu era criança e estávamos indo para as montanhas que davam para o deserto para pedir ao deus Osíris, o deus do sangue, para olhar dentro do coração do malfeitor. "Olhe", disseram as pessoas em volta. O deus era um homem perfeito, bronzado e ao luar; pegou o condenado e o sangrou. Ao meu lado, uma mulher murmurava que

o deus havia feito o seu julgamento e aplicado o castigo e que o sangue mau agora seria purificado e renasceria em outra pessoa e que esse sangue não prejudicaria.

Tentei afastar essa visão, essa sensação de recordação presente. Flavius estava preocupadíssimo comigo e me abraçava pelos ombros.

Eu estava suspensa entre dois mundos. Olhava para aquele sol refulgente batendo nas pedras do fórum, e vivia em outro lugar, era um homem subindo um morro, afirmando minha inocência.

— Chame o velho deus do sangue! Ele olhará dentro do coração de meu marido e verá que o homem está mentindo. Eu nunca deitei com outro.

Oh, doce escuridão, venha, eu precisava dela para envolver as montanhas porque o deus do sangue dormia de dia, oculto, para que Rá, o deus-sol, não o destruísse por ciúme.

— Porque ela conquistou todos eles — murmurei. Eu me referia à rainha Ísis. — Flavius, abraçe-me.

— Já estou abraçando, senhora.

— Aqui — disse o velho, que se levantara e me fizera sentar em seu tamborete.

A noite do Egito ficou toda estrelada. Eu enxergava isso tão claramente como a loja ali em volta de mim, em Antioquia, ao meio-dia. Vi as estrelas e soube que eu havia vencido. O deus teria o mando.

— Ah, por favor, saia dessa montanha, amado Osíris, e olhe no coração de meu marido e no meu coração, e se achar que agi mal meu coração é seu, eu prometo.

Ele estava vindo! Lá estava ele, como eu o vira na infância antes que os sacerdotes de Rá proibissem o antigo culto.

— Retidão, retidão, retidão! — cantavam as pessoas. O homem que era meu marido encolheu-se de medo quando o deus apontou-o com o dedo, julgando-o.

— Dê-me esse sangue ruim que o beberei — disse o deus. — Depois, tragam de volta minhas oferendas. Não sejam covardes diante de um sacerdócio rico. Vocês estão diante de um deus.

Ele apontou para cada aldeão e cada aldeã, chamando um por um pelo nome. Conhecia ofícios. Sabia ler a mente das pessoas! Arreganhara os lábios e mostrou as presas. A visão se dissolveu. Fiquei olhando para objetos comuns como se fossem vivos e venenosos.

— Oh, deuses — disse eu sinceramente aflita. — Preciso encontrar Marius. Preciso encontrá-lo já!

Quando ouvisse essas coisas, Marius me faria entrar na verdade com ele. Tinha de fazer isso.

— Chame uma liteira para sua ama — disse o velho livreiro a Flavius. — Ela está exaurida, e a subida é longa!

— Subida! — animei-me. Esse homem sabia onde Marius morava! Logo desanimei de novo, abaixando a cabeça, e com um gesto abatido, disse: — Por favor, meu senhor, diga precisamente ao meu intendente como se chega na casa.

— Claro. Conheço dois atalhos, um ligeiramente mais difícil que o outro.

Estamos sempre entregando livros em casa de Marius.

Flavius olhava horrorizado.

Tentei apagar o meu sorriso. Aquilo estava caminhando muito melhor do que eu jamais esperaria. Mas eu estava traumatizada por causa das visões do Egito. Eu odiava o aspecto do deserto, as montanhas, a idéia de deuses sanguinários.

Levantei-me para sair.

— É um casarão cor-de-rosa no extremo da cidade — disse o velho. — Fica junto aos muros e dá para o rio, a última casa. Antes era uma casa de campo fora da cidade. É numa pedreira. Mas ninguém atende o portão de Marius durante o dia. Todo mundo sabe que ele quer dormir de dia e passar a noite estudando, como é seu costume. Deixamos os livros com os rapazes.

— Ele vai me receber bem — disse eu.

— Se a senhora escreveu isso, é provável mesmo — disse o velho.

Então saímos. O sol estava a pino. A praça estava cheia de pessoas comprando. Mulheres levavam cestas na cabeça. Os templos floresciam. Era um jogo atravessar correndo aquela multidão, primeiro para um lado e depois para o outro.

— Vamos, Flavius — disse eu.

Foi uma tortura subir a ladeira com aquelas curvas cada vez mais acentuadas acompanhando o passo lento de Flavius.

— A senhora sabe que isso é loucura! — disse Flavius. -Ele não pode estar acordado durante o dia; a senhora já provou isso a mim e a si mesma! Eu, o ateniense incrédulo, e a senhora, a romana descrente. O que estamos fazendo?

Lá íamos nós subindo, passando por casas suntuosas, uma ao lado da outra. Portões trancados. Cães de guarda latindo.

— Rápido. Preciso ficar ouvindo esse sermão eternamente? Ah, ali, olhe, meu querido Flavius. A casa rosa, a última casa. Marius mora bem. Olhe só os muros e os portões.

Afinal eu segurava as barras de ferro. Flavius desabou na relva em frente à estradinha. Estava esgotado.

Toquei o sino.

Os galhos pesados das árvores pousavam no muro. Através da folhagem, divisei um vulto saindo no terraço do segundo andar.

— Não podem entrar! — gritou.

— Preciso falar com Marius — disse eu. — Ele está me esperando! — Gritei por entre as mãos em concha: — Ele quer que eu venha. Pediu que eu viesse.

Flavius fez uma rápida prece com a voz abafada.

— Ah, minha ama, espero que conheça esse homem melhor do que conhecia seu irmão.

Ri.

— Não há comparação — disse eu. — Pare de reclamar. O vulto desaparecera. Ouvi alguém correndo.

Finalmente, dois meninos morenos surgiram à minha frente. Eram pouco mais que duas crianças, imberbes, com longos cachos negros e belíssimas túnicas

debruadas de ouro. Pareciam caldeus.

— Abram o portão, rápido! — disse eu.

— Senhora, não posso deixá-la entrar — disse o porta-voz dos dois. — Não posso deixar ninguém entrar nessa casa antes de Marius chegar. São as ordens dele.

— Chegar de onde? — perguntei.

— Senhora, ele aparece quando quer e recebe quem deseje. Senhora, por favor, diga-me seu nome e eu direi a ele que esteve aqui.

— Ou você abre o portão ou eu pulo o muro — disse eu. Os meninos ficaram horrorizados.

— Não, a senhora não pode fazer isso!

— Bom? Vocês não vão gritar por socorro? — perguntei.

Os dois escravos olhavam espantados. Eram lindos. Um era ligeiramente mais alto que o outro. Ambos usavam braceletes maravilhosos.

— Exatamente o que pensei — disse eu. — Não há mais ninguém aqui a não ser vocês.

Virei-me e testei o grosso tronco da trepadeira que subia pelo muro. Subi, pisando no apoio mais alto que encontrei naquela trama densa e dei um impulso para passar os braços para o outro lado.

Flavius levantara-se da relva e corria para mim.

— Senhora, suplico que não faça isso — disse Flavius. — Senhora, isso é péssimo! Não pode simplesmente ir pulando o muro da casa desse homem.

Os criados do outro lado falavam freneticamente entre si. Acho que era em caldeu.

— Senhora, temo por sua segurança! — gritou Flavius. — Como posso protegê-la de um homem como esse Marius? Esse homem ficará furioso com a senhora!

Fiquei deitada de bruços em cima do muro, recobrando o fôlego. O jardim lá dentro era grande e lindo. E que fontes de mármore! Os dois escravos haviam recuado e olhavam para mim como se eu fosse um monstro poderoso.

— Por favor, por favor! — protestaram imediatamente os dois meninos. — Ele exigirá uma vingança terrível! A senhora não o conhece. Por favor, senhora, espere!

— Passe-me o manuscrito, Flavius, rápido. Não tenho tempo para ser desobedecida.

Flavius cedeu.

— Ah, isso está errado, erradíssimo! — disse. — Daí só pode sair um malentendido dos mais terríveis.

Então deslizei pelo outro lado do muro, espetando-me toda naquela camada de folhas duras e glabras, e deitei a cabeça no colchão de gavinhas e flores. Não tive medo das abelhas. Nunca tive. Descansei. Agarrei-me ao meu manuscrito. Depois, fui até o portão para ver Flavius.

— Deixe que eu cuido de Marius — falei. — Agora, você não saiu sem o punhal.

— Não, não sai — respondeu ele, levantando a capa para mostrar a arma —, e com a sua permissão, eu gostaria de transpassar meu coração com ele para

garantir que eu esteja morto antes que o dono dessa casa chegue e a encontre aí solta no jardim dele!

— Permissão negada- disse eu. -Não ouse. Não ouviu tudo o que foi dito? Você não está em guarda contra Marius mas sim contra um demônio murcho e manco todo esturricado. Ele aparece quando escurece! E se chegar aqui antes de Marius?

— Oh, céus, me ajudem! — Ele tapou o rosto com as mãos.

— Flavius, controle-se. Você é um homem! Será que terei que ficar sempre lhe lembrando isso? Você está de vigia esperando por esse tição magricelo e medonho, e ele é fraco. Lembre-se do que Marius disse. Parta para a cabeça dele. Fure-lhe os olhos, corte-o todo e me chame, que eu virei. Agora vá dormir até escurecer. Antes disso ele não pode vir, mesmo que saiba o caminho! Além do mais, acho que Marius chegará primeiro.

Virei-me e fui andando na direção das portas abertas da casa. Os lindos meninos de cabelos longos estavam em prantos.

Por um instante a tranquilidade e o ar fresco do jardim acalmaram todos os meus medos, e senti-me a salvo, num cenário que eu conhecia, bem longe de templos escuros, a salvo na Toscana, ali nos jardins de nossa família, que eram tão viçosos quanto esse.

— Deixe-me implorar-lhe pela última vez para sair do jardim desse homem! — gritou Flavius.

Ignorei-o.

Todas as portas dessa encantadora casa de alvenaria estavam abertas para os terraços em cima ou para o jardim embaixo. Ouça o murmúrio das fontes. Havia limoeiros, e muitas estátuas de mármore de uma deusa ou um deus preguiçoso e sensual, rodeadas de flores púrpura ou azuis. Diana, a caçadora, erguia-se de um leito de flores cor-de-laranja, o mármore desgastado pelo tempo. E ali, um preguiçoso Ganimedes, recoberto de musgo verde, marcava uma trilha coberta de mato. Ao longe, eu via a Vênus nua, abaixando-se para banhar-se à beira de um lago. A água corria para o lago. Havia fontes por todo lado.

Os pequeninos lírios brancos comuns tinham virado mato, e aquelas velhas oliveiras, todas retorcidas, eram uma maravilha para as crianças treparem.

Havia uma doçura pastoral no ar, no entanto a natureza fora mantida à distância. As paredes de estuque estavam recém-pintadas, bem como as persianas de madeira, escancaradas.

Os dois meninos choravam.

— Senhora, ele vai ficar irado.

— Bem, não com vocês — disse eu, entrando na casa. Eu viera pelo gramado e praticamente não deixara pegada alguma no chão de mármore.

— Meninos, parem de soluçar! Vocês nem precisam tentar convencê-lo a acreditar no que dizem. Não é verdade? Ele lerá a verdade em seus pensamentos.

Isso assustou cada um de uma maneira diferente. Eles me olharam preocupados.

Detive-me tão logo passei a porta. Aquela casa emitia alguma coisa, algo que não era suficientemente alto para ser chamado de som, mas se assemelhava

muito àquele ritmo que precede o som. Eu já ouvira antes aquele ritmo silencioso. Quando? No templo? Quando entrei na sala onde Marius estava escondido atrás do biombo?

Fui entrando de sala em sala, todas com chão de mármore. A brisa brincava com as lâmpadas pendentes. Havia muitas lâmpadas. E velas. Quantas! E lâmpadas de pé. Ora, tudo aceso, esse lugar deveria ser claro como o dia!

E aos poucos fui percebendo que todo o andar inferior era uma biblioteca, salvo pela indefectível suntuosa banheira romana, e por um enorme guarda-roupa.

Sala sim, sala não, era cheia de livros. Só livros. Obviamente havia divãs para se deitar e ler, e mesas para se escrever, mas cada parede tinha sua prodigiosa pilha de rolos ou suas estantes de livros encadernados.

Havia também portas estranhas. Pareciam dar para escadas ocultas. Mas não tinham tranca e pareciam feitas de granito polido. Encontrei pelo menos duas dessas! E havia uma câmara do primeiro andar revestida de pedra e trancada da mesma forma, por portas impenetráveis.

Enquanto os escravos tremiam e soluçavam, saí e subi a escada que levava ao segundo andar. Vazio. Todos os cômodos vazios, salvo o que evidentemente pertencia aos meninos! Lá estavam suas camas, seus pequenos altares e seus deuses persas, e ricos tapetes e almofadas decoradas e os habituais floreios orientais.

Desci.

Os meninos estavam sentados à porta principal, parecendo estátuas de mármore, cada qual com os joelhos para cima, cabeça baixa, chorando baixinho, talvez ficando um pouco cansados.

— Onde são os quartos desta casa? Onde é o quarto de Marius? Onde é a cozinha? Onde é o altar da casa?

Um deles soltou um grito macio e engasgado.

— Aqui não há quartos.

— Claro que não — disse eu.

— A comida é trazida para nós — gemeu o outro. — Cozida e deliciosa. Mas receio que tenhamos feito a última refeição sem saber.

— Ah, calma. Como ele pode culpá-los pelo que fiz? Vocês são apenas crianças e ele é uma pessoa gentil, não é? Aqui, ponham esses papéis na mesa dele e coloquem um peso em cima para não voarem.

— Sim, ele é gentilíssimo — disse o menino. — Mas muito rigoroso. Fechei os olhos. Senti novamente aquele som, aquelas ondas invasivas.

Aquilo seria para ser ouvido? Eu não sabia. Parecia uma coisa impessoal, como o ritmo de um coração adormecido ou a água correndo nas fontes.

Fui até um divã grande e muito bonito, forrado de fina seda estampada em um padrão persa. Era bem largo e parecia conservar a marca de um corpo de homem, mesmo depois de bem esticado. A almofada estava toda estufada, mas eu continuava vendo a marca da cabeça, onde o homem deitara.

— Ele deita aqui?

Os meninos levantaram-se de um salto, cachos voando.

— Sim, senhora, esse é o divã dele — disse o porta-voz. — Por favor, não

encoste aí. Ele passa horas aí deitado, lendo. Senhora, por favor! Ele não nos deixa deitar nem de brincadeira nesse divã na ausência dele, embora nos dê inteira liberdade em todos os outros aspectos.

— Basta a senhora encostar aí que ele vai saber! — disse o outro menino, abrindo a boca pela primeira vez.

— Vou dormir aqui — disse eu. Deitei e fechei os olhos. Virei-me e encolhi as pernas. — Estou muito cansada. Só quero dormir. Estou me sentindo a salvo pela primeira vez em muito tempo.

— Está? — perguntou um dos meninos.

— Ah, venham cá e deem comigo. Tragam almofadas para a cabeça, para que ele me veja antes de ver vocês. Ele me conhece bem. Os papéis que eu trouxe, onde estão? Sim, ali na mesa, bem, aquilo vai esclarecer por que entrei aqui. Agora tudo mudou. Querem alguma coisa de mim. Não tenho escolha. Não tenho como voltar atrás. Marius compreenderá. Vim ficar o mais perto dele possível para me proteger.

Deitei exatamente na marca da almofada onde ele deitava. Respirei fundo.

— A brisa aqui parece uma música — murmurei. — Estão ouvindo? Dormi aquele sono profundo e exausto ao qual eu resistia há mais de um dia e uma noite.

Devo ter dormido horas.

Acordei com um sobressalto. O céu estava púrpura. Os escravos se encolhiam junto ao divã, bem embaixo de mim, como bichinhos acuados.

Tornei a ouvir o barulho, nítido, uma pulsação. Estranhamente, lembrei-me de algo que eu gostava de fazer em criança. Era o seguinte: eu encostava o ouvido no peito de meu pai. E o beijava quando ouvia seu coração batendo. Ele sempre gostava disso.

Levantei, percebendo que não estava inteiramente desperta, mas certa de que não estava sonhando. Eu estava na linda casa de Marius em Antioquia. As salas de mármore se interligavam.

Fui para a última sala, a murada em pedra. As portas eram absurdamente pesadas. Mas de repente, sem ruído, elas se abriram como que empurradas pelo lado de dentro.

Entreí numa câmara imensa. Havia outro par de portas à minha frente. Estas também eram de pedra. Tinham de levar a uma escada, pois a casa terminava logo depois.

Essas portas também se abriram de repente, como se acionadas por uma mola!

Luz vindo de baixo.

Uma escada para baixo saía da porta. Era de mármore branco, e nova, sem marcas de desgaste. As placas de mármore bem lisas e limpas.

Um conjunto suave de chamas ardia lá embaixo, lançando para cima suas sombras brincalhonas.

O barulho agora parecia mais alto. Fechei os olhos. Ah, que o mundo todo fossem essas câmaras polidas e tudo o que existe pudesse ser explicado lá dentro.

De repente, ouvi um grito alto.

— Senhora Pandora! Girei nos calcanhares.

— Pandora, ele está em cima do muro!

Os meninos atravessaram a casa correndo, ecoando o grito de Flavius.

— Senhora Pandora!

Uma coisa negra surgiu à minha frente e caiu em cima de mim, jogando os meninos indefesos e suplicantes para o lado. Rolei as escadas.

Então percebi que estava nas garras daquele tição. Olhei e vi um braço preto, todo encarquilhado como couro velho, a me segurar. Cheiros de especiarias fortes me enchiam as narinas. Roupas limpas cobriam a perna horrivelmente fina que vi, o pé murcho.

— Meninos, peguem as lâmpadas, acendam-nas! — gritei. Lutei desesperadamente, fazendo com que nós dois recuássemos da escada, mas não conseguia me desvencilhar da criatura. — Meninos, as lâmpadas lá embaixo!

Os meninos se agarravam um ao outro.

— Peguei você! — disse-me suavemente essa criatura ao pé do ouvido. — Não, não pegou! — retruquei, e dei-lhe um belo golpe com o cotovelo direito. Ele se desequilibrou e quase caiu. Mas não me soltou. A alvura de sua túnica sobressaía na penumbra quando ele novamente me agarrou e praticamente me imobilizou.

— Meninos, lá embaixo, lampiões de azeite! — disse eu. — Flavius!

A criatura me envolveu como se fosse uma cobra gigante. Eu mal podia respirar.

— Não podemos descer! — gritou um dos meninos.

— Não temos autorização — disse o outro.

A criatura riu no meu ouvido, uma gargalhada vibrante e profunda.

— Nem todo mundo é capaz de se insurgir como você, beleza, levando a melhor sobre seu irmão no pé da escadaria do templo.

Foi chocante ouvir essa voz límpida e articulada saindo de um corpo tão esturricado que parecia impossível estar vivo. Observei os dedos escuros passando sobre os meus. Senti uma coisa fria no pescoço. Depois, a perfuração. As presas dele.

— Não! — gritei. Debatí-me em suas garras e joguei-me com todo o peso contra ele, quase derrubando-o novamente, mas ele não caiu.

— Pare, sua vaca, senão mato você.

— Por que não faz isso? — perguntei.

Torci-me para ver seu rosto. Parecia o de um cadáver seco há muito no deserto, escuro, com um nariz muito fino e uma boca arqueada aparentemente incapaz de se fechar sobre os dentes brancos e as duas presas que ele agora exibia ao olhar para mim.

Seus olhos estavam cheios de sangue, como os de Marius ficaram. Tinha uma vasta cabeleira preta, o cabelo muito grosso, solto e macio, como se jorrando do corpo, renovando-se como se por magia.

— Sim -disse ele em tom seguro. -É o que acaba de acontecer. E já já terei o sangue de que preciso para me refazer! Não serei esse monstro medonho que você está vendo. Serei o que era antes de aqueles egípcios idiotas a terem posto no sol!

— Humm, então ela cumpriu a promessa — disse eu. — Ela entrou nos

raios de Amon-Rá para que vocês todos se consumissem.

— O que sabe sobre isso? Ela não se move nem fala há mil anos. Eu era velho assim quando removeram as pedras que a encerravam. Ela não poderia ter entrado no sol. Ela é um grande frasco sagrado de sangue, uma fonte de poder entronizada, só isso, e eu terei esse sangue, que o seu Marius roubou do Egito.

Refleti, procurando desesperadamente um meio de me libertar.

— Você foi um presente para mim — disse o tição. — Você era tudo o que eu precisava para enfrentar Marius! Ele fica exibindo a afeição e o fraco que tem por você como roupas de seda vistosas para me chamar a atenção!

— Entendo — disse eu.

— Não entende, não! — rebateu ele. Minha cabeça foi puxada para trás pelos cabelos. Gritei irritada.

Ele cravou os caninos afiados em meu pescoço. Senti uma série de fios quentes me passando toda.

Desmaiei. Um êxtase me imobilizava. Tentei resistir, mas tive visões. Vi-o em seu esplendor, um homem dourado de uma terra do Oriente, num templo de caveiras. Vestia calças de seda de um verde vivo, com uma tira ornamentada na testa. Rosto de feições delicadas. Então eu o vi inexplicavelmente pegar fogo, o que provocou uma gritaria entre seus escravos. Ele se contorcia e se debatia nas chamas, sem morrer, mas num sofrimento atroz.

Minha cabeça girava e eu fraquejava. Meu sangue fluíu de todas as partes do corpo para aquela forma miserável. Lembrei-me de meu pai, dele dizendo: "Viva, Lydia!" Puxei o pescoço para longe dele e virei-me, dando-lhe um forte encontrão com o ombro, depois empurrando-o com as duas mãos, derrubando-o de costas no chão. Dei-lhe uma joelhada. Nada o fazia soltar-me.

Tentei pegar meu punhal, mas estava muito zozna, e além do mais, estava sem o punhal. Minha única chance era o azeite quente dos lampiões no pé da escada. Virei-me cambaleando e o monstro tornou a me agarrar com as duas mãos pelos cabelos. Ele me puxou de volta.

— Seu demônio! — exclamei.

Sua força me desgastara. Ele foi lentamente me apertando mais. Eu sabia que em breve meus braços iriam quebrar.

— Ah — disse ele, desvencilhando-se de mim e segurando com mais força do que nunca. — Meu propósito está satisfeito.

De repente, uma luz mais forte inundou a escada. Um archote foi colocado lá embaixo. Então Marius surgiu. Aparentava uma calma absoluta e parecia estar olhando através de mim nos olhos de meu captor.

— E agora, o que vai fazer, Akbar? — perguntou Marius. — Se machucá-la ou violentá-la mais uma vez, eu o mato. Se matá-la, você morrerá agonizando. Se soltá-la, poderá fugir.

Ele subiu a escada degrau por degrau.

— Você me subestima — disse o tição. — Seu romano estabonado e arrogante, acha que não sei que você guarda a Rainha e o Rei, que você os roubou do Egito? Isso é sabido. A notícia se espalhou pelo mundo todo, pelas florestas do Norte, pelas terras selvagens, pelas terras que você nem conhece. Você matou o ancião que guardava o Rei e a Rainha e os roubou! O Rei e a

Rainha não se movem nem falam há mil anos. Você tirou nossa Rainha do Egito. Acha que é um imperador romano? Acha que ela é uma Rainha que pode guardar cativa, como Cleópatra! Cleópatra era uma prostituta grega. Essa é nossa Ísis, nossa Akasha! Seu blasfemador tolo. Agora leve-me à presença de Akasha. Se me enfrentar, esta mulher, a única mortal que você ama de verdade, morre.

Marius subia degrau após degrau em nossa direção.

— Akbar, seus informantes lhe contaram que foi o ancião no Egito, a própria pessoa que a guardava há muito tempo, que deixou o Casal Real se expor ao sol? — perguntou Marius. Ele subiu mais um degrau. — Eles lhe contaram que foi o ancião quem fez o sol atingi-los, o fogo que destruiu centenas de nós, e poupou os mais velhos só para que eles vivessem sofrendo assim como você?

Marius fez um gesto rápido. Senti as presas no pescoço. Não consegui fugir. Mais uma vez, vi essa criatura em seu antigo esplendor, fazendo pouco de mim com sua beleza, dançando com jóias nos pés, cercado de mulheres pintadas.

Ouvi Marius bem a meu lado, mas não consegui distinguir as palavras.

Aquela loucura toda me passou pela cabeça. Eu conduzira aquela criatura até Marius, mas era isso o que a Mãe desejava? Akasha, este era o nome antigo escrito nos corpos jogados na escada do templo. Eu sabia o nome dela. Eu sabia nos sonhos. Eu estava perdendo a consciência.

— Marius — gritei com toda a força.

Minha cabeça caiu para a frente, livre das presas. Lutei contra essa fraqueza total cativante. Deliberadamente, visualizei o imperador Augusto nos recebendo no leito de morte.

— Não verei o fim desta comédia — murmurei.

— Ah, verás, sim. — Era a voz calma de Marius bem junto a nós. Abri os olhos. — Akbar, não arrisque de novo, você já mostrou sua determinação.

— Não torne a vir para cima de mim, Marius — disse a criatura. — Meus dentes estão acariciando o pescoço dela. Porém, mais uma gota e o coração dela se cala.

A densa escuridão da noite realçava a tocha lá embaixo. Isso era tudo o que eu conseguia ver. A tocha.

— Akasha — murmurei.

O tição respirou fundo, o peito encostado no meu.

— O sangue dela é lindo — disse ele. Beijou meu rosto com aqueles lábios crestados. Fechei os olhos. Eu estava achando cada vez mais difícil respirar. Não conseguia abrir os olhos.

Ele continuou falando.

— Está vendo, não tenho medo de levá-la para a morte comigo, Marius, pois se eu tiver de morrer nas suas mãos, por que não com ela como consorte?

Essas palavras soavam longínquas, um eco.

— Pegue-a nos braços — disse Marius. Estava muito perto de nós. — E leve-a com cuidado, como se ela fosse sua filha querida, e desça comigo para o santuário. Venha ver a Mãe. Ajoelhe-se diante de Akasha e veja o que ela vai conceder!

Desmaiei de novo, mas ouvi a criatura rir. Pegou-me no colo e minha

cabeça caiu para trás. Descemos a escada.

— Marius — disse eu. — Ele é fraco. Você pode matá-lo. — Meu rosto encostava no peito daquele tição enquanto descíamos. Eu sentia os ossos de seu tórax. — Fraquíssimo mesmo — disse eu, mal conseguindo permanecer consciente. Akasha, sim, seu nome verdadeiro.

— Cuidado, amigo — disse Marius. — Se ela morrer, acabo com você. Você quase superestimou o seu jogo. Suas chances vão caindo na medida em que ela custa a respirar. Pandora, fique quieta, por favor. Akbar é um grande bebedor de sangue, um grande deus.

Senti uma mão fria e firme segurar a minha.

Havíamos chegado ao andar inferior. Tentei erguer a cabeça. Vi fileiras de lamparinas, esplêndidos quadros pendurados com pregos de ouro nas paredes, uma tenda de ouro no teto.

Duas grandes portas de pedra foram abertas. No interior havia uma capela, uma capela inundada por uma luz religiosa bruxuleante e o estonteante perfume de lírios.

O bebedor de sangue que me segurava deixou escapar um grito.

— Mãe Ísis — disse ele em tom que inspirava piedade. — Oh, Akasha! Soltou-me, colocando-me de pé, enquanto Marius imediatamente me segurou. Então, o estropiado correu para o altar.

Fiquei olhando, pasma. Mas eu estava morrendo. Não conseguia respirar. Estava caindo no chão. Tentei sorver o ar, mas não consegui. Não conseguia ficar de pé sem a ajuda de Marius.

Mas ah, deixar a Terra e todos os seus mistérios com uma visão dessas:

Lá estavam eles sentados, a Grande Deusa Ísis e o Rei Osíris, ou assim pareciam, de pele bronzeada, não brancos como a pobre Rainha cativa de meus sonhos, mas enfeitados com vestes tecidas de ouro, plissadas e costuradas segundo a moda egípcia estabelecida. Seus cabelos eram longos, trançados, verdadeiros. A maquiagem de seus rostos era fresca, o delineador e o rimel escuro dos olhos, o carmim dos lábios.

Ela não estava com a coroa de chifres e halo de sol. Sua gargantilha de ouro e pedrarias era soberba, cintilante e viva em meus olhos.

— Preciso pegar a coroa, restaurar a coroa! — disse eu em voz alta, ouvindo essa voz sair de mim como se tivesse outra origem para me dar instruções. Meus olhos se fecharam.

O tição ajoelhou-se diante da Rainha.

Eu não conseguia ver direito. Senti os braços de Marius, depois me veio à boca uma golfada de sangue quente.

-Não, Marius, proteja-a! -tentei falar. As palavras foram arrastadas por essa infusão de sangue. — Proteja a Mãe! — Fiquei outra vez com a boca cheia e tive de engolir. Imediatamente senti a força, o poder desse sangue, infinitamente maior que a força de Akbar. O sangue corria como um rio para o mar, através de meu corpo. Era incontrolável. Seguiu-se mais uma golfada, como se uma tremenda tempestade tivesse feito o rio penetrar mais rápido no delta, seus riachos fragmentados e adventícios procurando cada pedaço de carne.

Abriu-se um mundo vasto e maravilhoso e me teria acolhido, raio de sol na

mata fechada, mas eu não o veria. Soltei-me.

— A Rainha, salve-a dele! — murmurei.

O sangue correu dos meus lábios? Não, já entrara em mim.

Marius não me ouvia. De novo uma ferida sangrenta foi pressionada em minha boca e o sangue correu ainda mais rápido. Senti o ar me encher os pulmões. Senti o comprimento de meu corpo, vigoroso, sustentando-se em pé. O sangue brilhava como uma luz dentro de mim, como se tivesse incendiado meu coração. Abri os olhos. Eu era um pilar. Vi o rosto de Marius, seus cílios dourados, seus fundos olhos azuis. Seu cabelo longo repartido ao meio chegava até os ombros. Ele não tinha idade, era um deus.

— Proteja-a! — gritei. Virei-me e aponte.

Foi retirado um véu que durante toda a minha vida estivera suspenso entre mim e as coisas. Agora na cor e na forma reais, elas manifestavam sua finalidade: a Rainha olhava à frente, imóvel como o Rei. A vida não poderia ter imitado tamanha serenidade, tamanha paralisia. Ouvi a água pingando das flores. Gotículas batendo no chão de mármore, uma única folha caindo. Virei-me e vi, enrolada e balançando nas pedras, essa folhinha. Ouvi a brisa passar embaixo da tenda dourada do teto. E as lâmpadas tinham línguas de chama para cantar.

O mundo era uma canção tecida, uma tapeçaria de música. Os mosaicos multicoloridos refulgiram, em seguida perderam toda e qualquer forma, depois até o padrão. As paredes se transformaram em nuvens de uma névoa colorida e acolhedora, dentro da qual podíamos ficar vagando para sempre.

E lá estava ela sentada, a Rainha dos Céus, reinando sobre todos numa imobilidade suprema e tranqüila.

Todo o desejo de meu coração infantil foi satisfeito.

— Ela vive, é real, ela reina sobre a Terra e os Céus.

O Rei e a Rainha. Eles não se moviam. Seus olhos nada enxergavam. Eles não olhavam para nós. Não olharam para aquele tição quando ele foi se aproximando cada vez mais do trono.

Os braços do Casal Real estavam cobertos por muitos braceletes inscritos e intrincados. Eles tinham as mãos pousadas sobre as coxas. Era a pose de muitas estátuas egípcias. Mas nunca houve estátua alguma que se equiparasse a qualquer um deles.

— A coroa, ela terá a coroa — disse eu. Com espantosa energia, dirigi-me para ela.

Marius me deu a mão. Ansioso, ele observava o progresso do tição.

— Ela é anterior a essas coroas todas — disse Marius —, elas nada significam para ela.

Essa idéia estourou com a doçura de uma uva em minha língua. Claro que ela era anterior. Em meus sonhos, ela não tinha coroa. Ela estava a salvo. Marius a mantinha a salvo.

— Minha Rainha — disse Marius às minhas costas. -Aí tem um suplicante. É Akbar do Oriente. Ele quer beber o sangue real. Qual é a sua vontade, Mãe?

A voz dele estava tão serena! Ele não tinha medos.

— Mãe Ísis, deixe que eu beba! — gritou esse tição. Ele se pôs de pé, jogou os braços para cima e criou outra visão dançante de seu antigo eu. Usava um

cinto com caveiras penduradas. Usava um colar de dedos humanos escuros! Outro de orelhas humanas escuras! Aquilo era medonho e revoltante, mas para aquele ser parecia algo sedutor e irresistível. Logo a imagem o deixou. O deus da terra longínqua estava ajoelhado.

— Sou e sempre fui seu servo! Só matei malfeitores, como me ordenou. Nunca abandonei seu verdadeiro culto.

Como parecia frágil e insignificante esse pedinte, tão revoltante, tão fácil de ser afastado da presença dela! Olhei para o Rei Osíris, distante e indiferente como a Rainha.

— Marius — disse eu —, o milho para Osíris; ele não quer o milho? Ele é o deus do milho. — Tive a visão de cenas de nossas procissões em Roma, de gente cantando e levando as oferendas.

— Não, ele não quer o milho —disse Marius. Pousou a mão em meu ombro.

— Eles são de verdade, são reais! — exclamei. — É tudo real. Tudo mudou. Tudo está redimido.

O queimado virou-se e me fuzilou com os olhos. Mas eu não conseguia raciocinar. Ele virou-se novamente para a Rainha e abaixou-se para pegar-lhe o pé.

Como brilhavam naquela luz as unhas dos artelhos com a carne dourada embaixo! Mas ela estava absolutamente imóvel, como o Rei sem coroa, aparentemente sem discernimento ou poder.

A criatura de repente deu um pulo e tentou agarrar a Rainha pelo pescoço! Gritei.

— Sem-vergonha, indigno.

Num instante, o braço direito paralisado da Rainha se ergueu. A mão envolveu o crânio do tição e esmagou-o. O sangue escorria por ela enquanto o monstro dava o último grito desafinado pedindo clemência. Ela aparou o corpo que lhe caiu no colo. Girou-o no ar e todos os membros se soltaram, espatifaram-se no chão como pedaços de pau.

Uma rajada de vento juntou os restos num monte enquanto um lampião caía do tripé, derramando azeite fervente naquilo tudo.

— O coração, olhe — disse eu. — Estou vendo o coração. Está batendo. Mas o fogo logo consumiu o coração, os dedos tortos, os artelhos retorcidos. Houve uma grande agitação, uma dança naquela fogueira de ossos, ossos rodopiando nas chamas, e então os ossos se carbonizaram, se quebraram, se esfarelaram. A criatura acabou reduzida a cinzas fumegantes espalhadas pelo chão.

Então a brisa voltou, trazendo o ar do jardim, levantando essas cinzas e levando-as embora, como uma nuvem de insetos frágeis e minúsculos, para a penumbra da antecâmara.

Eu estava enfeitiçada.

A Rainha estava como antes, a mão no lugar de sempre. Ela e o Rei fitavam o vazio, como se nada houvesse acontecido. Só aquela mancha infeliz em sua roupa denunciava alguma coisa.

Seus olhos não tomavam conhecimento de Marius nem de mim.

Então, na cripta, só havia silêncio. Só um silêncio doce e perfumado. Luz

dourada. Respirei fundo. Eu ouvia o azeite das lamparinas virando fogo. Os mosaicos eram povoados de fiéis artisticamente elaborados. Percebi os primeiros sinais de deterioração nas várias flores, e isso parecia apenas outro trecho da mesma música que expressava seu crescimento, as pontas secas apenas outra cor que não entrava em contradição com as cores vivas.

— Perdoe-me, Akasha — disse Marius com voz macia —, por eu ter deixado que ele chegasse tão perto. Não fui inteligente.

Chorei. Uma torrente de lágrimas saía de mim.

— A senhora me chamou — disse eu em prantos à Rainha. — Chamou-me aqui! Farei tudo o que quiser de mim.

Lentamente seu braço direito se ergueu; separou-se da coxa e se estendeu, a mão curvou-se com muita delicadeza no gesto convidativo do sonho, mas não havia sorriso, não havia mudança naquele semblante congelado.

Senti algo invisível e irresistível a me envolver. Vinha de seu braço acolhedor estendido. Era uma coisa doce, macia e carinhosa. Fez um jato de prazer perpassar meus membros e meu rosto.

Adiantei-me, estimulada com a vontade dela.

— Eu lhe imploro, Akasha! — Marius disse com delicadeza. — Imploro-lhe sob o nome de Inanna, sob o nome de Ísis, sob o nome de todas as deusas, não a machuque!

Marius simplesmente não entendia! Marius não conhecia o culto! Eu, sim. Sabia que os filhos da deusa bebedores de sangue pretendiam ser juizes dos malfetores, e beber apenas dos condenados, segundo as leis dela. Vi o deus da caverna escura, que eu vira na visão. Eu entendia tudo.

Queria contar a Marius. Mas não podia. Não agora. O mundo renascia, todos os sistemas baseados em ceticismo ou egoísmo eram frágeis como teias de aranha e deveriam ser varridos do mundo. Meus próprios momentos de desespero não haviam sido nada mais do que desvios que levavam a uma escuridão perversa e autocentrada.

— A Rainha dos Céus — murmurei. Eu sabia que estava falando na língua antiga. Uma prece me veio aos lábios.

— E Amon-Rá, o Deus-Sol, com todo o seu poder, jamais conquistará o Rei dos Mortos ou sua noiva, pois ela é a soberana dos céus estrelados, da lua, e daqueles que oferecerão o sacrifício dos malfetores. Maldito seja aquele que fizer mau uso dessa magia. Maldito seja aquele que procurar roubá-la!

Eu, uma humana, senti que os intrincados fios de sangue que Marius me dera mantinham-me inteira. Senti o desenho desse suporte. Meu corpo não tinha peso.

Fui levantada em direção a ela. Seu braço envolveu-me e tirou-me o cabelo do rosto. Estendi os braços para abraçar seu pescoço porque não podia fazer mais nada. Estávamos perto demais para qualquer outra possível manifestação de amor.

Senti o toque macio e sedoso de suas tranças de cabelo verdadeiro, e o frio e a firmeza de seus ombros, seu braço. No entanto, ela não olhou para mim.

Era uma coisa petrificada. Poderia olhar para mim? Teria escolhido permanecer calada, olhando à frente? Estaria encantada por algum feitiço

maligno, um feitiço do qual mil hinos poderiam despertá-la?

Em meu delírio, vi as palavras gravadas em chapas de ouro no meio das jóias de sua gargantilha: "Traga-me o malfeitor e beberei seu sangue. "

Parecia que eu estava no deserto e o colar rolava pela areia, com o vento, mais ou menos como o corpo do tição rolar. Caído, perdido, para ser refeito.

Senti a cabeça ser atraída para seu pescoço. Ela abriu os dedos sobre meus cabelos. Conduzia aquela operação, mandava que meus lábios sentissem sua pele.

— É isso o que deseja, não é? — perguntei. Mas minhas palavras pareciam distantes de mim, uma expressão patética da plenitude de minha alma. — Que eu me torne sua filha?

Ela inclinou um pouco a cabeça, distanciando-se, então vi seu pescoço. Vi o relevo da veia, a veia da qual ela queria que eu bebesse.

Seu dedo passou delicadamente por meu cabelo, sem puxar nem machucar, apenas acariciando minha cabeça, desencadeando em mim um êxtase furioso e pressionando delicadamente minha cabeça para baixo, fazendo com que meus lábios já não conseguissem evitar sua pele cintilante.

— Oh, minha Rainha adorada — murmurei. Eu jamais conhecera tanta certeza, um êxtase tão sem limites e sem causa terrena. Jamais conhecera uma fê tão explosiva e triunfante como a que eu tinha nela.

Abri a boca. Nada humano conseguiria perfurar aquela carne dura! No entanto, a carne cedeu, como se fosse fina, e o sangue foi bombeado para mim, "a Fonte". Ouvi seu coração trabalhando, uma força ensurdecadora que vibrava em meus tímpanos. Aquilo não era sangue. Era um néctar. Era tudo que qualquer criatura poderia desejar algum dia.

CAPÍTULO 9



Com o néctar passando para mim, mudei de esfera. O riso sonoro da Rainha ressoava no corredor; ela corria à minha frente, infantil, felina, sem sentir o peso da majestade. Fez sinal para que eu a seguisse. Lá fora sob as estrelas, Marius estava sozinho naquele jardim macio e selvagem. Ela apontou para ele. Vi Marius levantar-se e me tomar nos braços. Seu cabelo longo era um belíssimo adorno. Vi o que ela desejava. Era Marius que eu beijava nessa visão ao beber dela; era com Marius que eu dançava.

Uma chuva de pétalas de flor caiu sobre nós como sobre um casal de noivos em Roma, Marius me deu o braço como se tivéssemos acabado de nos casar, e as pessoas cantavam à nossa volta. A felicidade era completa, uma felicidade tão profunda que algumas pessoas não devem sequer ter nascido com capacidade de senti-la.

Ela estava no alto de um vasto altar de diorito.

Era noite. Era um lugar fechado, repleto de gente, mas escuro e frio com o vento trazendo areia do fundo do vale, e ela olhava para a pessoa que lhe estava sendo oferecida. Era um homem de olhos fechados e mãos atadas. Não se debatia.

Ela mostrou os dentes; ouviu-se o espanto dos fiéis que lotavam o recinto, então ela pegou o homem pelo pescoço e bebeu-lhe o sangue. Quando terminou, soltou-o e ergueu os braços.

— Estou purificada de tudo! — anunciou. De novo a chuva de pétalas, de todas as cores, penas de pavão balançando à nossa volta, e folhas de palmeira, e havia uma cantoria em grandes explosões empolgadas, a marcação de um tambor desenfreado, e ela sorria olhando lá do alto, o rosto extraordinariamente corado, expressivo e humano, os olhos pintados de preto observando os fiéis.

Todos começaram a dançar, exceto ela, que observava. Então ergueu os olhos lentamente e olhou por cima da cabeça das pessoas, pelas janelas altas e retangulares, para o céu todo estrelado. Flautas tocavam. A dança agora era frenética.

Uma expressão mal disfarçada de abatimento insinuou-se em seu semblante, uma perturbação, como se sua alma tivesse deixado aquele ambiente e subido aos céus, aí ela olhou para baixo com tristeza. Parecia perdida. A raiva dominou-a.

Então ela gritou com uma voz ensurdecedora:

— O patife bebedor de sangue! — As pessoas se calaram. — Tragam-no

para mim.

A congregação abriu alas para dar passagem a esse deus furioso que se debatia enquanto era arrastado para o altar da deusa.

— Você ousa me julgar! — gritou ele. Era babilônio, com cabelo e barba longos e crespos, e bigode. Foram precisos dez mortais para segurá-lo.

— Para o queimadeiro, nas montanhas, no sol, com os grilhões mais resistentes! — sentenciou ela. O deus foi arrastado.

Ela tornou a erguer os olhos. As estrelas cresceram. Formas antiqüíssimas ganharam nitidez. Flutuávamos sob as estrelas.

Um menino numa delicada cadeira dourada discutia com as pessoas que o cercavam. Os homens eram velhos, meio indistintos no escuro. Uma lâmpada iluminava o rosto do menino. Ficamos à porta. O menino era franzino, as pernas muito finas.

— E vocês dizem — questionou o menino incrédulo — que esses bebedores de sangue são reverenciados nas montanhas?

Eu sabia que ele era o faraó pela mecha sagrada de cabelo que lhe saía da calva, pela maneira como os outros o serviam. Ele ergueu os olhos horrorizado quando ela se aproximou. Os guardas fugiram.

— Sim — ela disse. — E você não fará nada para terminar com isso!

Ela ergueu aquele menino franzino e avançou em seu pescoço como um animal poderia ter feito, deixando o sangue jorrar da ferida fatal.

— Reizinho — disse ela. — Reinozinho. A visão terminou.

Sua pele branca e fria estava fechada sob os meus lábios. Beije-a então. Não bebi mais.

Senti minha própria forma, senti-me cair sobre seu braço e escorregar dali.

Naquela meia-luz radiosa, seu perfil permanecia igual, silencioso e insensível. Duro, um rosto sem nenhuma imperfeição ou ruga. Caí outra vez nos braços de Marius. O braço dela voltou à rígida posição inicial.

Tudo estava claríssimo, o Rei e a Rainha imóveis, as artísticas figuras representadas em lápis-lazúli nos mosaicos dourados.

Senti uma dor aguda no coração, no ventre, como uma punhalada.

— Marius! — gritei.

Ele me pegou no colo e me levou da câmara.

-Não, quero me ajoelhar aos pés dela- disse eu. A dor me tirava o fôlego. Tentei não gritar por causa disso. Ah, o mundo acabara de renascer. E agora essa agonia.

Ele me depositou na relva alta, que amassou com o meu peso. Um fluido humano amargo jorrava de meu ventre e até de minha boca. Vi as flores ali ao lado. Vi os céus simpáticos, vividos como em minha visão. A dor era atroz.

Agora eu sabia por que ele me tirara do santuário.

Limpei o rosto. Não estava suportando aquela sujeira. A dor me devorava. Esforcei-me para ver novamente o que ela me havia revelado, para lembrar do que ela dissera, mas a dor me bloqueava demais.

— Marius! — gritei.

Ele me cobriu e beijou meu rosto.

— Beba de mim — disse ele. — Beba até a dor passar. É só o corpo que

está morrendo, beba. Pandora, você é imortal.

— Me complete, me possua — disse eu. Estendi a mão para tocar entre suas pernas.

— Agora isso não importa.

Mas estava duro, esse órgão que eu buscava, o órgão que o deus Osiris perdera para sempre. Guiei-o, duro e frio como estava, para dentro de meu corpo. Então fiquei bebendo, e quando senti novamente seus dentes no pescoço, quando ele começou a me chupar, sugando a nova mistura que corria em minhas veias, chupou com doçura, e eu o conheci e o amei e soube todos os seus segredos num relance que nada significava.

Ele estava certo. Os órgãos inferiores nada significavam. Ele se alimentou de mim. Eu me alimentei dele. Este foi o nosso casamento. Em volta de nós, a relva balançava suavemente ao vento, um majestoso leito conjugai, e o cheiro do verde me inundou.

A dor passara. Estendi o braço e senti a maciez das flores.

Ele rasgou meu vestido desfeito e me pegou no colo. Carregou-me para o lago onde a Vênus de mármore ficava naquela eterna posição encurvada, erguendo um pé sobre a água fria.

— Pandora! — ele murmurou.

Os meninos estavam a seu lado, oferecendo-lhe cântaros.

Ele encheu o cântaro d'água e despejou-a em mim. Eu sentia na sola dos pés os ladrilhos do fundo do lago enquanto a água me escorria pela pele. Jamais conhecera uma sensação dessas! Levei outro banho de cântaro, uma delícia. Por um instante, receei que a dor voltasse, mas não. Já passara.

— Amo você de todo o coração — disse eu. — Todo o meu amor pertence a eles e a você, Marius. Marius, estou enxergando no escuro, estou enxergando naquela escuridão fechada embaixo das árvores.

Marius me abraçou. Os meninos nos banharam devagar, enchendo os cântaros e derramando em nós aquela água prateada.

— Ah, ter você comigo — disse Marius. — Ter você aqui, não estar só, mas sim com você, minha linda, logo você! Você.

Ele recuou e eu estava no auge da felicidade com ele, encharcada daquele jeito, adiantei-me para tocar seus longos cabelos selvagens e estrangeiros. Gotículas cintilavam em todo o seu corpo.

— Sim — disse eu. — Era exatamente isso que ela desejava.

Ele ficou sério. Franziu o cenho. Olhou para mim. Algo mudara completamente, e para pior. Eu sentia.

— O quê? — perguntou ele.

— É isso que ela deseja. Deixou claro para mim nas visões. Ela queria que eu ficasse com você, para você não estar sozinho.

Ele recuou. Seria uma reação de raiva?

— Marius, o que há com você? Não está vendo o que ela fez? Ele recuou mais, afastando-se de mim.

— Você não percebeu que era isso que estava acontecendo? — perguntei. Os meninos ofereceram toalhas. Marius pegou uma e enxugou o rosto e o cabelo. Fiz o mesmo.

Ele estava furioso. Tremia de raiva.

Este foi ao mesmo tempo um momento de rara beleza e de horror — aquele corpo branco ali, o lago brilhando, a luz da casa se derramando com graça pela abertura das portas, e no céu, as estrelas, as estrelas dela. E Marius furioso e irado, o olhar escandalizado.

Olhei para ele.

— Agora sou sacerdotisa dela — disse eu. — Devo restaurar o culto. É isso que ela deseja. Mas ela também me trouxe para você, porque você estava sozinho — disse eu. — Marius, vi isso tudo. Vi nosso casamento em Roma, como se fosse antigamente e nossas famílias estivessem conosco. Vi os fiéis dela.

Ele estava realmente horrorizado.

Eu não queria ver isso. Naturalmente eu o estava interpretando mal.

Fiquei de pé na relva. Deixei os meninos me secarem. Olhei para as estrelas. A casa com todas as suas lâmpadas cálidas parecia tosca e frágil, uma tentativa desastrada de se criar uma ordem de coisas, que não se comparava à criação de uma flor completa.

— Oh, como a noite é espetacular! — disse eu. — Parece um insulto a ela falar de propósito e intenção, quando esse momento simples é tão pleno de paz e de um designio abençoado. Tudo segue seu curso.

Recuei e rodopiei, sacudindo a água do corpo. Eu estava fortíssima. Não fiquei tonta quando parei. Sentia um poder infinito.

Um dos meninos ofereceu-me uma túnica. Era um modelo masculino, mas, como já disse diversas vezes aqui, as roupas romanas eram simplíssimas.

Esta era apenas uma túnica curta. Vesti-a e deixei que o menino me cingisse com a faixa. Sorri para ele. Ele estremeceu e afastou-se de mim.

— Enxugue meu cabelo — disse-lhe eu. Ah, que sensações! Lentamente, ergui os olhos. Marius também foi enxugado e vestido. Ele continuava me olhando com um ar profundamente contrariado e indignado.

— Alguém precisa ir lá dentro — disse eu — trocar-lhe o vestido dourado. Aquele blasfemador deixou-a toda ensanguentada.

— Eu vou! — disse Marius sem esconder a raiva.

— Ah, então a coisa está assim — disse eu.

Olhei em volta, seduzida pela beleza a esquecer completamente aquilo, a voltar para ele mais tarde depois de ter passeado no bosque de oliveiras e me unido às constelações.

Mas a raiva dele me feria. A ferida era estranha, e profunda, desligada dos vários estágios da carne mortal e do comando mental da dor.

— Ah, não é esplêndido! — exclamei. — Fico sabendo que a deusa reina, que ela é real, que criou todas as coisas! Que o mundo não é apenas um imenso cemitério! Mas fico sabendo disso ao me dar conta de que estou num casamento arranjado! E olhe o noivo! Como ele alimenta a própria irritação.

Ele suspirou e baixou a cabeça. Iria eu vê-lo chorar de novo, esse deus adorado, perfeito e conhecido, no meio dessas flores amassadas?

Ele ergueu os olhos.

— Pandora — disse. — Ela não é deusa. Não criou o mundo.

— Como ousa dizer isso!

— Tenho que dizer! Eu teria dado a vida pela verdade quando era vivo e darei agora. Mas ela não deixará que isso aconteça. Precisa de mim e precisa de você para me fazer feliz!

— Pois muito bem! — Deixei as mãos caírem. — Fico feliz em fazer isso. E vamos restaurar o culto dela.

— Não vamos! — reagiu ele. — Como você pode sequer pensar numa coisa dessas?

— Marius, quero cantar isso do alto das montanhas; quero contar ao mundo que esse milagre existe. Quero correr pelas ruas cantando. Vamos colocá-la novamente no trono dela num grande templo no meio de Antioquia!

— Você está dizendo uma loucura! — gritou ele. Os meninos haviam fugido.

— Marius, você se fazendo de surdo para as ordens dela? Nosso dever é caçar e matar os deuses renegados dela e providenciar para que novos deuses nasçam dela, deuses que estudem as almas, que busquem justiça, não mentiras, deuses que não sejam idiotas fantásticos e lascivos ou essas criaturas caprichosas e bêbadas lá do Norte que ficam atirando raios do céu. Seu culto é baseado no bem, na pureza!

— Não, não — disse ele. Recuou como se isso desse mais ênfase a suas palavras. — Você está dizendo disparates! — exclamou. — Idiotices, superstições grosseiras!

— Não acredito que tenha dito isso. Você é um monstro! — exclamei. — Ela merece o trono! O Rei ao lado dela também. Eles merecem que os fiéis venham trazer-lhes flores. Acha que o poder de ler a mente lhe foi dado à toa? — Adiantei-me. — Lembra-se da primeira vez que caçoei de você no templo? Quando disse que você deveria arranjar um emprego no tribunal e ler a mente dos réus? Acabei acertando em cheio com essa ironia!

— Não! — rugiu ele. — Isso absolutamente não é verdade.

Virou as costas para mim e correu para a casa.

Segui-o.

Ele desceu correndo para o santuário, estacando diante da Rainha. Ela e o Rei estavam sentados na mesma posição. Nem um cílio se movia. Só as flores aferravam-se à vida perfumando o ambiente.

Olhei para minhas mãos, tão brancas! Eu já podia morrer? Viveria séculos como aquele tição?

Estudei-lhes os rostos aparentemente divinos. Não sorriam. Não sonhavam. Só olhavam.

Ajoelhei-me.

— Akasha — murmurei. — Posso chamá-la por esse nome? Diga-me o que deseja.

Não houve nenhuma mudança nela. Absolutamente nenhuma.

— Bem, fale, Mãe! — exigiu Marius, a voz carregada de tristeza. — Fale! É isso o que sempre desejou?

De repente saiu correndo, subiu os dois degraus da plataforma e começou a lhe socar os seios.

Fiquei horrorizada.

Ela continuou imóvel, sem pestanejar. Ele batia numa massa duríssima que nem se mexia. Somente o cabelo, atingido pelo braço dele, balançou ligeiramente.

Corri para ele e tentei puxá-lo dali.

— Pare, Marius, ela vai acabar com você!

Fiquei espantada com minha força. Seguramente era igual à dele. Mas ele deixou que eu o puxasse para trás, o rosto banhado de lágrimas.

— Ah, o que foi que eu fiz! — disse ele olhando para ela. — Oh, Pandora, Pandora! O que foi que eu fiz! Criei outro bebedor de sangue depois de ter jurado que nunca mais se criaria outro, não enquanto eu sobrevivesse!

— Vamos subir! — disse eu com calma. Olhei para o Rei e a Rainha. Nenhuma sinal de resposta ou reconhecimento. — Não fica bem, Marius, discutirmos aqui no santuário. Vamos subir.

Ele assentiu com um gesto de cabeça.

Deixou que eu o conduzisse lentamente para fora da cripta. Estava cabisbaixo.

— Esse cabelo longo de bárbaro assenta muito bem em você. E agora tenho olhos para vê-lo como nunca vi antes. Nosso sangue está misturado como estaria num filho nascido de nós.

Ele enxugou o nariz, e não olhou para mim. Entrou na grande biblioteca.

— Marius, não há nada em mim que lhe interesse, nada que ache bonito?

— Ah, sim, minha querida, tudo! — disse ele. — Mas por amor aos céus, ponha o seu juízo nisso! Não está vendo! Sua vida foi roubada não por uma verdade sagrada, mas sim por um mistério abjeto! A capacidade de ler a mente não me torna mais sábio que outra pessoa qualquer! Eu mato para viver! Como ela fazia há milhares de anos. Ah, e ela sabia que tinha de fazer isso. Sabia que chegara a hora.

— Que hora? O que ela sabia?

Fiquei olhando para ele. Aos poucos fui percebendo que não conseguia mais ler os pensamentos dele, e certamente ele não conseguia ler os meus. Mas aqueles meninos ali rondando apavorados, eles simplesmente eram livros abertos, considerando-se empregados de demônios de muito bom coração mas muito barulhentos.

Marius suspirou.

— Ela fez isso porque quase tive coragem de fazer o que devia! Colocar os dois e a mim no sol e concluir definitivamente a tarefa que o ancião egípcio pretendia concluir — livrar o mundo do Rei e da Rainha e de todos os homens e mulheres de presas grandes que se banqueteiavam com a morte! Ah, ela é muito inteligente.

— Você realmente planejava fazer isso? — perguntei. — Imolá-los e se imolar também?

Ele emitiu um ruído sarcástico.

— Claro, planejava, sim. Na próxima semana, no próximo mês, ou ano, ou na próxima década, ou daqui a cem anos, talvez duzentos, talvez depois que eu tiver lido todos os livros do mundo e visto todos os lugares, talvez daqui a quinhentos anos, talvez... talvez breve, quando eu estiver sozinho.

A princípio, fiquei chocada demais para falar.

Ele sorriu para mim com uma expressão sábia e triste.

— Ah, mas choro como criança — disse com voz macia.

— Onde entra a confiança — perguntei — para acabar tão rápido com uma prova tão clara de magia complexa e divina?

— Magia! — amaldiçoou ele.

— Acho melhor você não fazer isso — disse eu. — Não estou falando do choro, estou falando de você queimar a Mãe e o Pai e...

— Tenho certeza de que acharia! — respondeu ele. — E acha que eu suportaria fazer isso contra a sua vontade, submeter você ao fogo? Sua idiota inocente e desesperada! Restaurar os altares! Ah! Restaurar o culto! Ah! Você perdeu o juízo!

— Idiota! Você tem a ousadia de me insultar! Acha que trouxe uma escrava para casa? Nem sequer trouxe uma esposa.

Sim. Nossas mentes agora estavam incomunicáveis, e depois eu descobriria que isso se devia à nossa intensa troca de sangue. Mas tudo o que eu sabia então era que tínhamos de nos contentar com palavras como homens e mulheres mortais.

— Eu não pretendia usar insultos tolos! — disse ele. Estava aflito.

— Bem, então aguace essa sua maravilhosa racionalidade masculina e essa sua retórica pomposa e elegante — disse eu.

Entreolhamo-nos furiosos.

— É! Racionalidade — disse ele. Ergueu o dedo. — Você é a mulher mais inteligente que já conheci. E é racional. Explicarei tudo e você entenderá. É o que precisa ser feito.

— Sim, e você é estourado e sentimental, vive chorando e esmurrou a própria Rainha com raiva, como se fosse uma criança geniosa!

O rosto dele imediatamente ficou rubro de raiva. A raiva não o deixava falar.

Ele virou as costas e foi embora.

— Você me expulsa? — perguntei. — Quer que eu vá embora? — gritei. — Esta casa é sua. Diga agora se quer que eu vá embora. Vou na mesma hora!

Ele parou.

— Não — disse.

Ele virou-se e olhou para mim, abalado e pego de surpresa. Em tom sincero, disse:

-Não vá, Pandora! — Piscou como se para ver melhor. — Não vá. Por favor. — Então deixou escapar baixinho. — Temos um ao outro.

— E aonde você vai agora, para fugir de mim?

— Só vou trocar a roupa dela — disse ele com um sorriso amargurado. - Limpar e vestir de novo "uma prova tão clara de magia complexa e divina".

Ele desapareceu.

Voltei-me para o jardim todo violeta. Para as nuvens que a lua mexia num caldeirão, desafiando a escuridão. Para as árvores grandes e velhas que diziam: Suba em nossos galhos, acolheremos você! Para as flores que se espalhavam por tudo e convidavam: Somos sua cama. Venha deitar conosco.

E assim a briga de duzentos anos começou.
E nunca terminou realmente.

CAPÍTULO 10



Ainda de olhos fechados, eu ouvia o burburinho da cidade, vozes da vizinhança; ouvia homens falando ao passar na estrada lá fora. Ouvia uma música vindo não sei de onde, e o riso de mulheres e crianças. Quando me concentrava, conseguia ouvir o que diziam. Prefери não fazer isso, e as vozes se confundiram com a brisa.

De repente, aquele estado ficou insuportável. Parecia que não havia nada a fazer senão voltar correndo para a capela, ajoelhar ali e rezar! Esses sentidos que eu recebera pareciam não servir para mais nada. Se era esse o meu destino, o que seria de mim?

Durante esse tempo todo, ouvi uma alma chorando agoniada; era um eco da minha, uma alma separada de um curso de grande esperança, que mal podia acreditar que o que começara tão bem pudesse terminar em terror!

Era Flavius.

Pulei para a velha oliveira nodosa. Foi simples como dar um passo. Equilibrei-me entre os galhos, depois passei para a outra, e então para cima do muro, coberto com a trepadeira. Fui por cima do muro até o portão.

Lá estava ele, a testa encostada na grade, segurando as barras de ferro com as duas mãos. Seu rosto sangrava, cheio de talhos. Ele rangia os dentes.

— Flavius! — exclamei.

Ele ergueu os olhos com um sobressalto.

— Senhora Pandora!

Seguramente ali ao luar ele viu o milagre operado em mim, seja lá que causa tivesse. Pois eu vi a mortalidade dele, as rugas profundas de sua pele, a agitação dolorosa em seu olhar, a fina camada de poeira que o recobria todo, grudada na umidade natural daquela pele mortal.

— Você precisa voltar para casa — disse eu, sentando no muro com as pernas para fora. Debrucei-me para que ele pudesse me ouvir. Ele não recuou, mas tinha os olhos arregalados, fascinado. — Vá tratar das meninas e dormir, e mandar cuidar desses cortes. O demônio está morto, não precisa mais se preocupar com ele. Volte aqui amanhã à noite.

Ele balançou a cabeça. Tentava falar mas não conseguia. Tentava gesticular mas não conseguia. Seu coração estava aos pulos. Ele olhou para as luzes distantes de Antioquia lá embaixo. Olhou para mim. Ouvi seu coração galopando. Senti seu choque, seu medo, e o medo era por mim, não por ele. Medo de que algum desastre terrível tivesse acontecido comigo. Ele agarrou-se

ao portão, enganchando-se nas barras como se não pretendesse sair dali.

Enxerguei-me como ele me via em sua mente — com uma túnica masculina cingida por uma faixa, cabelos soltos, sentada em cima do muro, como se meu corpo fosse jovem e flexível. Eu me livrara de todas as rugas da idade. Ele me via com um rosto que ninguém jamais poderia ter pintado.

Mas a questão era essa: o homem chegara ao seu limite. Não agüentava mais. E eu sabia perfeitamente o quanto o amava.

— Está bem — disse eu. Levantei-me e debrucei-me com as duas mãos para baixo. — Venha, vou ajudá-lo a pular o muro, se eu conseguir.

Ele ergueu os braços, incrédulo, os olhos ainda sorvendo cada detalhe da minha transformação.

Ele não pesava nada. Levantei-o e depusitei-o do outro lado. Joguei-me na relva junto a ele e envolvi-o com o braço. Que susto ele levou! Que coragem a sua!

— Acalme seu coração — disse eu. Conduzi-o para a casa, e ele olhou para mim, arquejando como se estivesse sem fôlego, mas era apenas o choque. - Cuidarei de você.

— Cheguei a pegar aquele tição — disse ele. — Segurei-o pelo braço! — Como sua voz soava opaca, quanto esforço e quantos fluidos vivos revelava! — Dei-lhe diversas punhaladas, mas ele simplesmente me cortou o rosto e pulou o muro como se fosse uma nuvem de mosquitos, só um vulto escuro, um vulto imaterial!

— Flavius, o tição está morto, foi queimado e virou cinzas!

— Se eu não tivesse ouvido a sua voz, ah, eu já estava enlouquecendo! Ouvi os meninos chorando. Não consegui pular o muro com essa maldita perna. Então ouvi a sua voz e vi que estava viva! — Ele exultava. — A senhora estava com o seu Marius. — A facilidade com que eu sentia seu amor era doce e assombrosa.

Uma súbita sensação do santuário me voltou, do néctar da Rainha e da chuva de pétalas de flores. Mas eu precisava manter o equilíbrio nesse novo estado. Flavius também estava profundamente perplexo.

Beijei-o nos lábios, lábios cálidos e mortais, e então, como uma gata sabida, lambi o sangue dos cortes de seu rosto, sentindo um arrepio me percorrer.

Levei-o para a biblioteca que, nessa casa, era a sala principal. Os meninos estavam por ali rondando. Tinham acendido a casa toda e agora estavam acuados, cheios de medo. Eu sentia o cheiro do sangue e da carne humana tenra deles.

— Você vai ficar comigo, Flavius. Meninos, podem preparar um quarto para meu intendente aqui neste andar? Vocês têm frutas e pão, não? Estou sentindo o cheiro. Têm móveis suficientes para arrumar um lugar confortável para ele no fim da ala direita, onde ele não estorva ninguém?

Eles saíram correndo dos respectivos esconderijos e me impressionaram como vivamente humanos. Eu estava perturbada. Suas características mais insignificantes e mais naturais pareciam preciosas, as grossas sobrancelhas negras, as boquinhas redondas, os rostos glabros.

— Sim, senhora, sim! — disseram quase em uníssono. Vieram logo. -Este é Flavius, meu intendente. Ele ficará aqui conosco. Por ora, levem-no ao banho,

esquentem a água e sirvam-no. Tragam-lhe vinho.

Eles se encarregaram imediatamente de Flavius. Mas ele se deteve. -Não me abandone, senhora — disse de súbito com a expressão mais séria e cuidadosa. — Sou leal em todos os aspectos.

— Eu sei — respondi. — Ah, e como entendo bem! Você nem imagina. Então foi para o banho com os meninos babilônios, que pareciam encantados por terem algo para fazer.

Encontrei os armários enormes de Marius. Ele tinha roupas suficientes para vestir os reis da Pártia, da Armênia, a mãe do imperador, Livia, a falecida Cleópatra e algum patricio que gostasse de ostentar e não fizesse caso das estúpidas leis suntuárias de Tibério.

Vesti uma túnica longa, muito mais fina, num tecido de seda e linho, e escolhi uma faixa de ouro. E com os pentes e as escovas de Marius, desembaracei meu cabelo todo, deixando-o caído como um manto sedoso e solto, ondulado e macio como era quando eu era menina.

Ele tinha muitos espelhos, que, como se sabe, naquele tempo eram apenas metal polido. E fiquei deprimida e confusa pelo simples fato de ter rejuvenescido; meus mamilos estavam cor-de-rosa, como ele dissera; as rugas da idade já não interrompiam os dotes pretendidos de meu rosto ou meus braços. Talvez seja mais preciso dizer que eu fosse atemporal. Atemporal como adulta. E cada objeto sólido parecia estar ali para satisfazer minha nova força.

Olhei para as placas de mármore de que era feito o chão e vi nelas uma profundidade, uma prova de um processo prodigioso que mal começava a ser compreendido.

Eu queria ir para fora novamente, falar com as flores, colhê-la aos punhados. Queria falar urgentemente com as estrelas. Eu não ousava ir ao santuário por medo de Marius, mas se ele não estivesse por perto eu teria entrado ali e ajoelhado diante da Mãe e apenas olhado para ela, olhado para ela numa contemplação silenciosa, esperando escutar a menor articulação, embora soubesse, com bastante certeza, que depois de ver o comportamento de Marius não haveria nenhuma.

Ela movera o braço direito aparentemente sem o conhecimento do resto do corpo. Ela o movera para matar, depois para convidar.

Entre na biblioteca, sentei à mesa onde estavam meus escritos e esperei.

Finalmente, quando Marius entrou, reparei que tinha também acabado de trocar de roupa, e estava com o cabelo repartido ao meio, caído nos ombros. Pegou uma cadeira a meu lado. Era uma cadeira de ébano abaulada e com incrustações de ouro, e olhei para ele, vendo como ele se parecia com a cadeira — uma grande extensão preservada de todas as matérias-primas que entraram na sua execução. A natureza fizera a escultura e a incrustação, depois a peça toda fora laqueada.

Eu queria chorar nos braços dele, mas engoli a solidão. A noite jamais me abandonaria, e ela era fiel em cada porta aberta com aquela relva intrusiva, e os galhos nodosos das oliveiras erguendo-se para pegar o luar.

— Bendita seja aquela que é feita bebedora de sangue na lua cheia — eu disse —, quando as nuvens parecem montanhas subindo na noite clara.

— Deve ser — disse ele.

Ele afastou a lâmpada ali em cima da mesa entre nós para que a chama não incomodasse meus olhos.

— Deixei meu intendente à vontade aqui — eu disse. — Ofereci-lhe um banho, cama e roupas. Você me perdoa? Gosto dele e não quero perdê-lo. É muito tarde para ele voltar agora para a cidade.

— Ele é um homem extraordinário — disse Marius —, e é muito bem-vindo aqui. Amanhã talvez ele possa trazer as moças. Então os meninos terão companhia e haverá uma certa ordem durante o dia. Flavius conhece livros, entre outras coisas.

— Você é muito gentil. Reccei que ficasse irritado. Por que está sofrendo tanto? Não consigo ler sua mente, não fui contemplada com esse dom. -Não, isso não era verdade. Consegui ler a mente de Flavius. Vi que os meninos agora mesmo estavam muito aliviados com a presença dele enquanto o ajudavam a vestir-se para deitar.

-Estamos muito intimamente ligados pelo sangue — disse ele. — Tampouco posso tornar a ler seus pensamentos. Somos obrigados a recorrer às palavras como os mortais, mas nossos sentidos estão infinitamente mais aguçados, e às vezes somos desprendidos e frios como as geleiras do Norte; às vezes inflamados e arrebatados como um mar fervente.

— Humm — eu disse.

— Você me despreza — disse ele suavemente, contrito — porque cortei seu arroubo. Tirei-lhe as alegrias, as convicções. — Ele parecia arrasado mesmo.

— Fiz isso com você exatamente no momento mais feliz de sua conversão.

— Não tenha tanta certeza de tê-lo cortado. Ainda posso fazer os templos dela, pregar o culto. Sou uma iniciada. Apenas comecei.

— Você não ressuscitará o culto dela! — disse ele. — Isso eu lhe garanto! Você não contará a ninguém sobre ela, sobre o que ela é ou sobre onde ela é guardada, e jamais fará outro bebedor de sangue.

— Puxa, se ao menos Tibério tivesse tanta autoridade ao se dirigir ao Senado! — eu disse.

— Tudo o que Tibério sempre quis era estudar no ginásio de Rodes, calçar umas sandálias e vestir uma capa e sair fantasiado de grego todos os dias para falar de filosofia. E assim floresce a propensão à ação em homens de temperamento mais fraco, que o usam em sua solidão sem amor.

— Isso é uma preleção para meu aperfeiçoamento? Acha que não sei disso? O que você não sabe é que o Senado não ajudará Tibério a governar. Roma quer um imperador para já, para ser reverenciado e amado. Foi a sua geração, no governo de Augusto, que nos acostumou a quarenta anos de autocracia. Não me venha falar de política como se eu fosse uma tola.

— Eu deveria ter percebido que você compreendia tudo — disse ele. - Lembro-me de você pequena. Ninguém tinha o seu brilho. Sua fidelidade a Ovídio e aos escritos eróticos dele eram uma sofisticação rara, você sabia o que era sátira e ironia. Um estado de espírito romano bem cultivado.

Olhei para ele. Qualquer indicio de idade também havia sido apagado de seu rosto. Eu agora tinha tempo para apreciar essas características, os ombros

retos, o pescoço apumado e firme, a expressão inconfundível de seus olhos e de suas sobrancelhas bem colocadas. Tínhamos sido retratados em mármore por um escultor de primeira.

— Sabe — disse eu —, mesmo debaixo desse irritante bombardeio de definições e declarações que você me dirige, como se eu estivesse chorando pela sua ratificação, sinto amor por você, e sei muito bem que estamos sozinhos nisso, e casados um com o outro, e eu não estou infeliz.

Ele pareceu surpreso, mas não disse nada.

— Estou entusiasmada, mesmo com o coração machucado — disse eu. - Uma peregrina endurecida. Mas gostaria muito que você não falasse comigo como se sua principal preocupação fosse me doutrinar e me ensinar tudo!

— Tenho que falar dessa maneira! — disse ele suave. Sua voz era toda delicadeza, apesar da veemência. — Minha principal preocupação é essa -disse ele. — Se você entende o que aconteceu com o fim da República Romana, se entende Lucrécio e os estoicos, de um modo geral pode entender quem somos. Você precisa entender!

— Deixarei passar esse insulto — respondi. -Não estou disposta a lhe fazer uma lista com todos os poetas que já li. Nem a ficar repetindo qual era o nível da conversa em torno de nossa mesa à noite.

— Pandora, eu não quis ofender! Mas Akasha não é uma deusa! Lembre-se de seus sonhos. Ela é um reservatório de uma força preciosa. Seus sonhos lhe contaram que ela podia ser usada, que qualquer bebedor de sangue inescrupuloso podia passar o sangue para outro, que ela é uma forma de demônio, e abriga o poder que partilhamos.

— Ela pode ouvi-lo! — murmurei, scandalizada.

— Claro que pode. Há quinze anos sou o guardião dela. Expulsei aqueles renegados do Oriente. E outros cúmplices do interior da África. Ela sabe o que ela é.

Ninguém poderia adivinhar a idade dele, a não ser pela seriedade de sua expressão. Um homem em plena forma, era o que ele parecia. Tentei não me deslumbrar com ele, com a noite que pulsava atrás dele, e no entanto eu queria muito me deixar arrebatado.

— Que festa de casamento — disse eu. — Tenho coisas para falar com as árvores.

— Elas estarão aqui amanhã à noite — disse ele.

A última imagem que eu tinha dela passou diante de meus olhos, avivada em êxtase; ela tirou o jovem faraó da cadeira e o fez em pedaços. Eu a vi antes dessa revelação, no começo do desfalecimento, correndo pelo corredor, rindo.

O medo foi lentamente se insinuando em mim.

— O que é isso? — perguntou Marius. — Confie em mim.

— Quando bebi dela, vi-a como uma menina, rindo. -Tornei então a contar sobre o casamento, a chuva de pétalas de rosas, depois aquele templo egípcio esquisito, cheio de fiéis frenéticos. Afinal, eu lhe contei como ela entrara na câmara do reizinho, cujos conselheiros o alertaram contra os deuses dela.

— Ela o quebrou como se ele fosse um boneco de pau. Disse: "reizinho, reinozinho".

Peguei meus escritos, que eu havia deixado na escrivaninha dele. Descrevi o último sonho que eu tivera com ela, quando, aos gritos, ela ameaçou entrar no sol e destruir seus filhos desobedientes.

Descrevi todas as coisas que eu tinha visto — as muitas migrações de minha alma.

Meu coração estava doendo demais. Mesmo enquanto explicava, eu via a vulnerabilidade dela, o perigo nela encarnado. Expliquei finalmente como eu escrevera tudo isso em egípcio.

Eu estava cansada e desejei realmente nunca ter aberto os olhos nessa vida! Senti novamente o desespero profundo e completo daquelas noites de choro em minha casinha de Antioquia quando batera nas paredes e cravara o punhal no chão. Se ela não tivesse corrido pelo corredor às gargalhadas! O que significava a imagem? E o reizinho, quebrado sem ter como se defender?

Sintetizei isso com bastante facilidade. Fiquei aguardando os comentários depreciativos de Marius. Não estava com muita paciência para ele agora.

— Como interpreta isso? — perguntou ele delicadamente. Tentou pegar a minha mão, mas retirei-a.

— São pedaços da recordação dela — disse eu. Eu estava de coração partido. — É o que ela lembra. Só há um futuro sugerido nisso tudo — disse eu. — Só há uma imagem compreensível de um desejo: nosso casamento, que fiquemos juntos.

Minha voz estava cheia de tristeza, no entanto perguntei-lhe:

— Por que está chorando de novo, Marius? Ela deve colher recordações como flores apanhadas ao acaso no jardim do mundo, como folhas caindo em suas mãos, e, com essas recordações, ela fez uma grinalda para mim! Uma grinalda de casamento! Uma armadilha. Não tenho alma migrante. Acho que não. Se tivesse, por que ela, um ser tão arcaico, indefeso, irrelevante para o mundo propriamente dito, tão fora de moda e desligado do poder, seria a única a saber disso? Para que eu ficasse sabendo? A única a saber?

Olhei para ele. Ele estava interessado mas chorando. Não parecia achar vergonha alguma nisso, e obviamente não se desculparia.

— O que disse antes? — perguntei. — "Que a capacidade de ler a mente não me torna mais sábio que outra pessoa qualquer?" — Sorri. — Essa é a chave. Como ela riu ao me conduzir até você. Como queria que eu conhecesse a sua solidão.

Ele apenas balançou afirmativamente a cabeça.

— Gostaria de saber como ela lançou a rede dela tão longe — disse eu — para me encontrar do outro lado do mar.

— Lucius, foi assim que ela soube. Ela ouviu vozes de muitas terras. Vê o que desejava ver. Uma noite, dei um susto terrível aqui num romano que pareceu me reconhecer e depois fugiu, como se eu fosse uma ameaça para ele. Fui atrás dele, com a vaga idéia de que havia alguma coisa naquilo, no medo excessivo do homem.

"Logo me dei conta de que ele carregava um peso muito grande na consciência, que lhe torcia todos os pensamentos e movimentos. Ele estava apavorado que alguém da capital o reconhecesse. Queria ir embora.

"Ele foi à casa de um mercador grego, batendo à porta tarde da noite, à luz de archotes, e cobrou uma dívida de seu pai. O grego lhe disse o que já lhe havia dito antes, que o dinheiro só seria pago a seu pai pessoalmente.

"Na noite seguinte, tentei encontrar Lucius de novo. Dessa vez o grego tinha uma surpresa para ele. Uma carta de seu pai acabara de chegar por navio militar. Isso foi talvez uns quatro dias antes da sua chegada. A carta dizia explicitamente que seu pai estava pedindo um favor ao grego em nome da hospitalidade e da honra. Se o favor fosse feito, todas as dívidas seriam quitadas. Tudo seria explicado por uma carta que acompanharia uma carga despachada para Antioquia. A carga custaria um pouco a chegar, já que o navio faria muitas escalas. O favor era de importância crucial.

"Quando seu irmão viu a data dessa carta, levou um baque. O grego, que já estava completamente farto de Lucius àquela altura, bateu-lhe a porta na cara.

"Abordei Lucius a poucos passos dali. Naturalmente ele se lembrava de mim, o Marius excêntrico de muito tempo atrás. Fingi que estava surpreso por encontrá-lo ali e perguntei por você. Ele ficou apavorado e inventou uma história dizendo que você estava casada, morando na Toscana e alegou que estava saindo da cidade naquele momento. Apressou-se para ir embora. Mas esse breve contato bastara para mostrar o testemunho que ele prestara à Guarda Pretoriana contra a família — só mentiras — e para imaginar as consequências disso.

"Da outra vez, ao acordar, não consegui encontrá-lo. Fiquei vigiando a casa dos gregos. Pensei em fazer uma visita ao velho, o mercador grego, e em alguma forma de fazer amizade com ele. Pensei em você. Visualizei você. Lembrava de você. Compunha mentalmente poemas sobre você. Não ouvi nem vi nada sobre seu irmão. Presumi que ele deixara Antioquia.

"Então, acordei uma noite, subi e vi vários incêndios espalhados pela cidade. Germânico havia morrido, sem retirar a acusação de que Piso o envenenara.

"Quando cheguei à casa do mercador grego, só encontrei escombros de incêndio. Não vi sinal de seu irmão em lugar algum. Ao que me constava, estavam todos mortos, seu irmão e a família do mercador grego.

"Nas noites seguintes, procurei algum sinal de seu irmão Lucius. Eu não tinha noção de que você estava aqui, só estava fixado em você. Tentei pôr na cabeça que, se fosse chorar por cada laço mortal que eu tivesse tido em vida, eu enlouqueceria muito antes de ter aprendido qualquer coisa sobre os dons que recebi de nosso Rei e nossa Rainha.

"Então, uma noite dessas eu estava na livraria, e o sacerdote veio correndo me procurar. Ele apontou para você. Você estava no fórum, e o filósofo e os discípulos lhe davam adeus. Eu estava tão perto!

"O amor que senti foi tamanho que nem escutei o que o sacerdote dizia até perceber que ele estava falando de sonhos estranhos enquanto apontava para você. Estava dizendo que só eu podia juntar aquelas peças todas. Os sonhos tinham a ver com o bebedor de sangue que recentemente estivera em Antioquia, o que de vez em quando acontecia. Já matei outros bebedores de sangue antes. Jurei que pegaria aquele.

"Então, vi Lucius. Vi você ao lado dele. A raiva e a culpa quase me

cegavam com essa visão de bebedor de sangue. Eu a ouvia de longe, sem esforço, mas só sairia de onde estava quando você estivesse a salvo, longe dele.

"Eu queria matá-lo, mas a atitude mais sensata parecia ser ficar com você, entrar no templo e ficar a seu lado. Não sabia ao certo se tinha direito de matar seu irmão para você, se era isso o que você queria. Eu só soube que era quando lhe falei da culpa dele. Aí vi o quanto você queria que isso fosse feito.

"Naturalmente eu não tinha idéia de como você era inteligente, não sabia que continuava com todo aquele talento para a argumentação que eu tanto apreciara em você quando você era menina. De repente você estava no templo, com um raciocínio três vezes mais rápido do que os outros mortais ali presentes, ponderando cada aspecto do que tinha pela frente, levando a melhor sobre todo mundo. Então veio o espetacular confronto com seu irmão, no qual você armou uma rede de verdades inteligentíssima para pegá-lo, e assim acabou com ele, sem jamais lhe encostar a mão, mas, em vez disso, arranjando três testemunhas militares como cúmplices da morte dele. "

Ele se interrompeu, depois disse:

— Em Roma, anos atrás, eu a segui. Você tinha dezesseis anos. Lembre-me de seu primeiro casamento. Seu pai me chamou de lado, ele era muito delicado. "Marius, seu destino é ser um historiador errante", falou. Não tive coragem de lhe dizer o que eu realmente achava de seu marido.

"E agora você chega em Antioquia, e, aut centrado como sou, como você já vai ver, fico achando que se uma mulher algum dia foi criada para mim, você é essa mulher. E sei que, assim que a deixar de manhã, terei de dar um jeito e tirar a Mãe e o Pai de Antioquia, levá-los para longe, mas então esse bebedor de sangue tem de ser destruído, e só depois disso será seguro deixá-la. "

— Abandonada com segurança — disse eu.

— Você me culpa? — perguntou ele.

A pergunta me pegou desprevenida. Olhei para ele por um instante interminável, permitindo que sua beleza me enchesse os olhos e sentindo com uma clareza intolerável a tristeza e o desespero dele. Ah, como ele precisava de mim! Como estava desesperadamente precisado não apenas de uma alma qualquer em quem confiar, mas de mim especificamente.

— Você queria mesmo me proteger, não? — perguntei. — E sua explicação de todos os pontos é completamente racional, de uma elegância matemática. Não há necessidade de reencarnação, nem de destino, nem de qualquer desculpa milagrosa para nada do que aconteceu.

— É nisso que acredito — disse ele incisivo. Ele ficou com uma expressão impassível, depois severa. — Eu nunca lhe diria nada que não fosse a verdade. Você é uma mulher que precisa sempre ser agradada?

— Não seja fanático em seu racionalismo — disse eu. Essas palavras o deixaram chocado e ofendido.

— Não se aferre tão desesperadamente à razão num mundo com tantas contradições tão monstruosas!

Ele estava calado.

— Se você se aferrar tanto à razão — disse eu —, um dia ela pode lhe faltar e aí você pode acabar se refugiando na loucura.

— O que diabos você quer dizer?

— Você é feito de razão, lógica e religião. Obviamente só assim pode suportar o que lhe aconteceu, o fato de você ser um bebedor de sangue e, aparentemente, deter a guarda dessas divindades deslocadas e esquecidas.

— Não são divindades! — Ele se irritou. — Milhares de anos atrás, elas foram criadas, por uma combinação de espírito e carne que as tornou imortais. Elas se refugiam obviamente no esquecimento. Bondosa como é, você interpreta isso como um jardim onde a Mãe colheu flores e folhas para lhe fazer uma grinalda, uma armadilha, como você disse. Mas essa interpretação é a sua poesia infantil açucarada. Não sabemos que faça sentido.

— Não sou uma menina açucarada — disse. — A poesia é de todos. Fale comigo! — disse eu. — E deixe de lado as palavras "menina" e "mulher". Não tenha tanto medo de mim.

— Eu não tenho — disse ele irritado.

— Tem, sim! Mesmo enquanto esse sangue novo corre nas minhas veias, me corrói e me transforma, eu não me aferro nem à razão nem à superstição para encontrar segurança. Posso entrar e sair de um mito! Você tem medo de mim, porque não sabe o que eu sou. Pareço mulher, falo como mulher, e sua razão diz que essa essência é impossível!

Ele levantou-se da mesa. Seu rosto ganhou um reflexo como se estivesse suado, porém bem mais radioso.

— Deixe-me contar-lhe o que me aconteceu! — disse ele decidido.

— Ótimo, conte mesmo — disse eu. — Sem rodeios.

Ele deixou isso passar. Falei contrariando meu coração. Eu só queria amá-lo. Conhecia os cuidados dele. Mas apesar daquela sabedoria toda, ele demonstrava uma enorme vontade, uma vontade de homem, e eu tinha de conhecer a fonte disso. Escondi o meu amor.

— Como eles atraíram você?

— Eles não atraíram — disse ele calmamente. — Fui capturado pelos celtas na Gália, na cidade de Massília. Fui levado para o Norte, deixaram meu cabelo crescer, e depois fiquei preso junto com bárbaros no oco de uma árvore na Gália. Um bebedor de sangue com o corpo queimado me transformou num "novo deus" e me mandou fugir dos sacerdotes locais, ir para o sul do Egito e descobrir por que todos os bebedores de sangue haviam sido queimados, por que os mais jovens morreram e os velhos ficaram sofrendo. Fui por motivos pessoais! Eu queria saber o que eu era!

— Entendo muito bem — disse eu.

— Mas só depois que vi o culto do sangue em seu aspecto mais medonho e atroz — eu era aquele deus, lembre-se, o Marius, que a seguia em adoração por toda Roma — e era a mim que esses homens eram oferecidos.

— Li isso na história de César.

— Leu mas não viu. Como ousa vir se gabar para mim de uma coisa tão banal!

— Desculpe, esqueci do seu mau gênio infantil. Ele suspirou.

— Desculpe, esqueci de sua inteligência prática e naturalmente impaciente.

— Sinto muito. Estou arrependida de ter dito o que disse. Eu era obrigada a assistir a execuções em Roma. Era uma obrigação. E isso era em nome da lei. Quem sofre mais e quem sofre menos? As vítimas do sacrifício ou as da lei?

— Muito bem. Fugi desses celtas e fui para o Egito, e lá encontrei o ancião, que era o guardião da Mãe e do Pai, da Rainha e do Rei, os primeiros bebedores de sangue de todos os tempos, de quem vem esse enriquecimento de nosso sangue. Esse ancião me contou histórias vagas mas interessantes. O Casal Real já havia sido humano, não era mais. Um espírito ou demônio possuía um deles ou os dois, arraigando-se tão firmemente ali que nenhum exorcismo conseguiu expulsá-lo. O Casal Real podia transformar os outros dando o sangue. Eles pretendiam criar uma religião. Essa religião foi derrubada. Foi derrubada muitas vezes. Qualquer um que possuía o sangue pode fazer outro! Naturalmente esse ancião afirmou ignorar por que tantos haviam sido queimados. Mas foi ele quem arrastou para o sol aqueles seres sagrados e reais que ele guardava, não se sabe com que finalidade, sob seus cuidados há tantos séculos! O Egito estava morto, ele me disse. "O celeiro de Roma", dizia ele. Segundo ele, o Casal Real estava imóvel há mil anos.

Isso me causou a mais impressionante e poética sensação de pavor.

— Bem, um dia de sol quente já não bastava para destruir os pais antigos, mas pelo mundo inteiro os filhos sofriam. E esse ancião covarde, que só teve como recompensa a dor das queimaduras que sofreu, perdeu a coragem necessária para continuar a exposição do Casal Real. Ele não tinha objetivo algum.

"Akasha falou comigo. Falou como pôde. Em imagens, símbolos do que acontecera desde o princípio, como essa tribo de deuses e deusas originou-se dela, e como ocorreram revoltas, e como muita história se perdeu, e propósito também, e quando se tratava de formar palavras, Akasha só conseguia formar algumas sentenças mudas: 'Marius, tire-nos do Egito!' — Ele fez uma pausa. — 'Tire-nos do Egito, Marius. O ancião quer nos destruir. Guarde-nos ou pereceremos aqui...' "

Ele tomou fôlego; estava mais calmo agora, não tão irritado, mas muito abalado, e em minha visão vampiresca cada vez mais aguçada fiquei sabendo mais coisas a respeito dele, como era corajoso, determinado a ser fiel aos princípios nos quais acreditava, apesar da magia que o engolira inteiro antes que ele sequer tivesse tempo de questioná-la. Ele tentava viver uma vida nobre, apesar de tudo.

— O meu destino — disse ele — estava diretamente ligado ao dela, a eles! Se eu os deixasse, o ancião mais cedo ou mais tarde os colocaria novamente no sol, e eu, sem o sangue de séculos, queimaria como cera! Minha vida, já alterada, teria terminado. Mas o ancião não me pediu para criar um nova ordem sacerdotal. Akasha não me pediu para criar uma nova religião! Ela não falava de altares nem de culto. Só o velho deus de pele escura daquele bosque no Norte entre os bárbaros me pediu para fazer uma coisa dessas quando me mandou para o Sul, para o Egito, a terra mãe de todos os mistérios.

— Há quanto tempo você os guarda?

— Há mais de quinze anos. Perdi a conta. Eles não se mexem nem falam.

Os feridos, aqueles que se queimaram tanto que levarão séculos para se regenerar, ficam sabendo que estou aqui. Eles aparecem. Tento eliminá-los antes que façam uma transmissão de pensamento para outras mentes distantes confirmando o que viram. Ela não guia esses filhos queimados para onde ela está, como me guiou antes! Se eu for ludibriado ou dominado, ela só faz aquele movimento que você viu, para esmagar o bebedor de sangue. Mas ela chamou você, Pandora, foi buscá-la. E sabemos especificamente para quê. E fui cruel com você. Desajeitado.

Ele virou-se para mim. Sua voz ficou terna.

— Diga-me, Pandora — perguntou —, na visão que você teve, quando nos casamos, éramos jovens ou velhos? Você era aquela menina de quinze anos que procurei antes da hora, talvez, ou essa criatura plenamente desabrochada de agora? As famílias estão felizes? Somos bonitos?

Fui impetuosamente envolvida pela sinceridade de suas palavras. A aflição e a súplica que havia por trás delas.

— Éramos como somos agora — disse eu, cautelosamente respondendo com um sorriso ao sorriso dele. — Você foi um homem fixado para sempre no melhor momento da vida, e eu? Como estou neste momento?

— Acredite - disse ele com doçura. — Eu não teria falado com tanta rispidez logo hoje, mas agora você tem muitas noites pela frente. Nada pode matá-la agora, senão o sol ou o fogo. Nada em você vai se deteriorar. Você tem mil experiências a descobrir.

— E o êxtase que senti ao beber dela? — perguntei. — E a origem e os sofrimentos dela? Ela não tem alguma espécie de ligação com o sagrado?

— O que é sagrado? — perguntou ele, encolhendo os ombros. — Me diga. O que é sagrado? O que você viu nos sonhos dela era santidade?

Baixei a cabeça. Não sabia responder.

— Certamente não o Império Romano — disse ele. — Nem os templos de Augusto César. Nem o culto de Cibele! Nem a religião daqueles que reverenciam o fogo na Pérsia. O nome de Ísis ainda é sagrado, ou já terá sido algum dia? O ancião no Egito, o único instrutor que tive a respeito de tudo isso, disse que Akasha inventava as histórias de Ísis e Osíris com segundas intenções, para poetizar o culto dela. Acho mais é que ela tenha se enxertado em velhos mitos. O demônio nesses dois cresce com cada novo bebedor de sangue que é criado. Ele precisa.

— Mas sem uma finalidade?

— Para saber mais? — disse ele. — Para ver mais, sentir mais, através de cada um de nós que leva o sangue dele? Talvez o demônio seja uma criatura assim e cada um de nós seja apenas uma ínfima parte dele, carregando todos os sentidos e capacidades que ele tem e lhe dando em troca nossas experiências. Ele nos usa para conhecer o mundo!

"Posso lhe dizer isso — afirmou. Fez uma pausa e pôs as mãos na mesa. — Esse demônio que arde em mim não se importa se a vítima é inocente ou culpada de algum crime. Ele tem sede. Não todas as noites, mas com frequência! Ele não fala! Não me fala no coração sobre altares! Ele me guia como se eu fosse o cavalo de batalha e ele o general cavaleiro! É Marius quem separa o que é

bom do que é mau, segundo o costume antigo, por razões que você bem pode entender, mas não essa sede insaciável; essa sede conhece a natureza mas não sabe o que é moral. "

— Amo você, Marius — disse eu. — Você e meu pai são os únicos homens que já amei realmente. Mas preciso sair sozinha agora.

— O quê? — Ele ficou perplexo. — Passa de meia-noite.

— Você foi muito paciente, mas agora preciso sair sozinha.

— Vou com você.

— Não vai, não — disse eu.

— Mas simplesmente você não pode ficar perambulando por Antioquia sozinha.

— Por quê? Já posso escutar o pensamento dos mortais se eu quiser. Acabou de passar uma liteira. Os escravos estão tão embriagados que só por milagre não a derrubaram, largando o amo na estrada. E o amo está ferrado no sono. Quero caminhar sozinha, lá fora, na cidade, nos lugares escuros e perigosos e ruins e nos lugares aonde nem mesmo... aonde nem mesmo um deus iria.

— Essa é a sua vingança contra mim — disse ele. Fui para o portão e ele veio atrás. — Pandora, sozinha, não.

— Marius, meu amor — disse eu, virando-me e pegando a mão dele. — Não é vingança. Aquelas palavras que você falou antes, "menina" e "mulher", elas sempre me limitaram. Eu só quero agora caminhar sem medo com os braços nus e o cabelo caído nas costas, e entrar em todos os antros perigosos que eu quiser. Ainda estou embriagada com o sangue dela, com o seu! Há coisas que deviam brilhar e estão piscando. Preciso ficar sozinha para ponderar tudo o que você disse.

— Mas você precisa estar de volta antes de clarear, bem antes. Precisa estar comigo lá embaixo na cripta. Não pode simplesmente se deitar num quarto qualquer por aí. A luz mortal penetrará...

Ele estava tão protetor, tão resplandecente, tão furioso!

— Eu volto — disse eu — e bem antes do amanhecer, e agora, ficarei de coração partido se, de agora em diante, não ficarmos presos um ao outro.

— Estamos presos — disse ele. — Pandora, você quase me enlouquece. Ele parou junto ao portão.

— Não passe daí — disse eu ao sair.

Desci para Antioquia. Minhas pernas tinham tamanha força e elasticidade, e o chão pedregoso da estrada não era nada para os meus pés, e meus olhos penetravam na escuridão e enxergavam toda aquela quantidade de corujas e pequenos roedores me espiando ali das árvores e depois fugindo como se o instinto os alertasse contra mim.

Logo cheguei à cidade propriamente dita. Acho que a firmeza com que eu caminhava por aquelas ruelas já bastava para assustar qualquer um que cogitasse me molestar. Eu só ouvia covardias e xingamentos eróticos no escuro, aqueles xingamentos feios e confusos que os homens dirigem às mulheres que eles desejam — um misto de ameaça e repúdio.

Eu sentia as pessoas ferradas no sono em suas casas e ouvia os guardas de vigia, falando em seus alojamentos atrás do fórum.

Fiz tudo que os bebedores de sangue novatos fazem sempre. Tocava na superfície dos muros e ficava fascinada olhando para um archote comum e as mariposas que se ofereciam ao fogo. Senti nos braços nus e naquela túnica frágil o contato de todos os sonhos de Antioquia a me envolver.

Ratos corriam para cima e para baixo pelos esgotos e pelas ruas. O rio emitia seus próprios ruídos, e eu ouvia o eco da água batendo por mais de leve que fosse no casco dos navios fundeados.

O fórum, resplandecente com aquelas chamas permanentemente acesas, capturava a lua como se fosse uma grande armadilha humana preparada para ela, exatamente o oposto de uma cratera terrestre, um projeto feito pelo homem que podia ser visto e abençoado pelos céus intransigentes.

Quando cheguei na casa que era minha, vi que podia subir em seu ponto mais alto com a maior facilidade, e lá fiquei sentada nas telhas, tão relaxada, segura e livre, olhando para o pátio lá embaixo, para o peristilo, onde eu aprendera — sozinha naquelas três noites — as verdades que me prepararam para o sangue de Akasha.

Com calma e sem sofrer, recordei tudo aquilo, como se eu devesse essa reconsideração à mulher que eu havia sido, a iniciada, aquela que procurara refúgio no templo. Marius estava certo. A Rainha e o Rei eram possuídos por algum demônio que se disseminava através do sangue, alimentando-se do sangue e crescendo, como eu agora podia sentir que estava acontecendo dentro de mim.

O Rei e a Rainha não inventaram a justiça! A Rainha, que quebrou o pequeno faraó em pedaços, não inventou a lei nem o direito!

E as cortes romanas, manifestando-se confusa e canhestramente em cada decisão, ponderando todos os lados, rejeitando qualquer artifício mágico ou religioso, até nesses tempos terríveis lutavam por justiça. Aquele sistema baseava-se não na revelação dos deuses, mas sim na razão.

Mas eu não podia lamentar o momento de embriaguez quando bebi-lhe o sangue e acreditei nela, e vi as flores caírem sobre nós. Não podia lamentar o fato de qualquer mente ser capaz de conceber tão perfeita transcendência.

Ela havia sido minha Mãe, minha Rainha, minha deusa, meu tudo. Eu soube disso como era suposto sabermos quando bebemos a poção no templo, quando cantamos, quando balançamos ao som delirante das músicas. E nos braços dela, eu soube. Nos braços de Marius eu também soube, e com mais segurança, e agora só queria estar com ele.

Como parecia repulsivo o culto da deusa! Impura e ignorante, sendo elevada a tamanho poder! E como de repente era revelador que no cerne dos mistérios jazessem explicações tão degradantes. Sangue derramado em suas vestes douradas!

Todas as imagens e todos os lampejos significativos só não nos ensinam coisas mais profundas, pensei de novo, como pensara no templo, quando me contentei com o consolo de uma estátua de basalto.

Eu, e só eu, é que tenho de transformar minha vida em lenda heróica.

Eu estava muito feliz por Marius encontrar tanto conforto na razão. Mas a razão era apenas uma criação, imposta com fê ao mundo, e as estrelas não prometem nada a ninguém.

Eu havia visto algo mais profundo naquelas noites escuras aqui nessa casa em Antioquia, chorando a perda de meu pai. Vi que no âmago da criação pode muito bem existir algo tão incontrolável e incompreensível como um vulcão em erupção.

Sua lava destruiria as árvores e os poetas da mesma maneira.

Portanto, aceite esse dom, Pandora, eu disse a mim mesma. Vá para casa, agradecida por estar casada outra vez, pois você nunca arranhou um par melhor nem previu um futuro mais tantalizador.

Quando voltei (e voltei rápido, aprendendo várias coisas novas em matéria de pular telhados e muros, mal encostando neles), encontrei Marius como o havia deixado, só que mais triste. Ele estava sentado no jardim, exatamente como na visão que Akasha me mostrara.

Provavelmente era um lugar que ele adorava, nos fundos daquela casa cheia de portas, um banco que dava para a mata e um córrego natural que brincava nas pedras e descia no meio da relva alta.

Ele se levantou imediatamente.

Abracei-o.

— Marius, me perdoe — eu disse.

— Não diga uma coisa dessas, eu é que sou culpado de tudo. E não a defendi.

Estávamos abraçados, eu queria cravar-lhe meus dentes, beber o seu sangue, e fiz isso, e senti-o bebendo o meu. Essa era uma união mais forte do que qualquer outra que eu já conhecera num leito conjugal, e entreguei-me a ela como jamais me entregara a alguém na vida.

De repente, senti-me exausta. Retirei o beijo com os dentes.

— Agora venha — disse ele. — Seu escravo está dormindo. E durante o dia, enquanto precisamos dormir, ele trará todas as suas coisas para cá, e aquelas suas moças, se você quiser ficar com elas.

Descemos as escadas, entramos em outra sala. Marius precisou de toda a força para abrir a porta, o que significava que nenhum mortal conseguiria movê-la.

Lá estava um sarcófago, simples, de granito.

— Consegue levantar a tampa do sarcófago? — perguntou Marius.

— Estou me sentindo fraca.

— É o sol nascendo, tente levantar a tampa. Escorregue-a para o lado. Fiz isso, e lá dentro encontrei uma cama de lírios e pétalas de rosas amassados, com travesseiros de seda e pedaços de flores secas para perfumar. Entrei, virei-me, sentei e deitei naquela prisão de pedra. Imediatamente ele tomou o seu lugar na tumba a meu lado e tornou a fechar a tampa, e toda e qualquer espécie de claridade do mundo ficou de fora, como se os mortos assim o quisessem.

— Estou zozna. Mal posso formar as palavras.

— Que bênção! — disse ele.

— Não há necessidade de um insulto desses — murmurei. — Mas está perdoado.

— Pandora, amo você! — exclamou ele desarmado.

— Ponha isso dentro de mim — disse eu, pegando o que ele tinha entre as

pernas. — Me complete e me abrace.

— Isso é bobagem e superstição!

— Nada disso — disse eu. — É uma coisa simbólica e reconfortante.

Ele obedeceu. Nossos corpos se uniram, ligados pelo órgão estéril dele que agora para ele era a mesma coisa que seu braço, mas como amei aquele braço que ele passou em volta de mim e os lábios que ele encostou em minha testa.

— Amo você, Marius, meu Marius estranho, alto e lindo.

— Não acredito em você — disse ele, num fio de voz.

— O que quer dizer com isso?

— Você logo me desprezará pelo que lhe fiz.

— Não, ó pessoa racional. Não estou tão ansiosa para envelhecer, definhar e morrer como você pode achar. Eu gostaria de ter uma chance para saber mais, ver mais...

Senti na testa os lábios dele.

— Você tentou mesmo casar comigo quando eu tinha quinze anos?

— Ah, recordações torturantes! Os insultos de seu pai ainda me ferem os ouvidos! Ele quase me expulsou de sua casa!

— Amo você de todo o coração — murmurei. — E você venceu. Agora tem a mim como sua esposa.

— Tenho você como alguma coisa, mas acho que "esposa" não é a palavra. Não sei se terá esquecido a sua firme objeção ao termo.

— Juntos — disse eu, mal conseguindo falar por causa de seus beijos. Eu estava tonta e adorei sentir seus lábios, aquela súbita afeição pura. — Juntos pensaremos em outra palavra mais nobre do que "esposa".

De repente recuei. Não conseguia vê-lo no escuro.

— Você está me beijando para não me deixar falar?

— Sim, é exatamente isso que estou fazendo — disse ele. Virei-lhe as costas.

— Vire-se para mim, por favor — ele disse. — Não — respondi.

Fiquei imóvel, percebendo ligeiramente que seu corpo agora me parecia bastante normal, porque o meu estava duro como o dele, igualmente forte, talvez. Que vantagem sublime! Ah, mas eu o amava. Eu o amava! Então que ele me beijasse o pescoço por trás! Ele não poderia obrigar-me a virar para ele!

O sol deve ter nascido.

Pois um silêncio caiu sobre mim como se o universo com todos os seus vulcões e maremotos — e todos os seus imperadores, reis, juizes, senadores, filósofos e sacerdotes — tivesse se apagado.

CAPÍTULO 11



Bem, David, aí está.

Eu poderia continuar a comédia à moda de Plauto e Terêncio por páginas e páginas. Poderia competir com *Muito barulho por nada*, de Shakespeare.

Mas a história básica é essa. É o que está por trás da irreverente versão condensada no *Vampiro Lestat*, elaborada em sua forma definitiva por Marius ou Lestat, quem sabe.

Deixe-me conduzi-lo por esses pontos que são sagrados e continuam ardentes em meu coração, apesar da facilidade com que outros os descartaram.

E a história de nossa separação não é mera desarmonia, mas pode ensinar alguma coisa.

Marius ensinou-me a caçar, a pegar somente os malfetores e a matar sem dor, envolvendo a alma de minha vítima em visões doces ou permitindo que a alma iluminasse a própria morte com uma torrente de fantasias que eu não deveria julgar, mas apenas engolir, como o sangue. Nada disso exige documentação detalhada.

Nossa força se equiparava. Quando alguma dessas criaturas queimadas, bebedoras de sangue cruéis e ambiciosas, conseguia chegar a Antioquia, como algumas conseguiram no início, nós dois a executávamos. Esses suplicantes tinham mentalidades monstruosas, forjadas em épocas praticamente incompreensíveis para nós, e procuravam a Rainha como um chacal procura cadáveres humanos.

Nunca brigamos por causa deles.

Muitas vezes líamos em voz alta um para o outro. Rimos juntos com o *Satiricon* de Petrônio e compartilhamos lágrimas e gargalhadas lendo as sátiras amargas de Juvenal. Estavam sempre chegando de Roma e Alexandria sátiras e livros de história.

Mas uma coisa afastou Marius de mim para sempre.

O amor aumentou, mas as discussões constantes também, e essas discussões passaram a ser cada vez mais a liga perigosa que mantinha a união.

Ao longo dos anos, Marius preservou sua racionalidade delicada como uma vestal guarda uma chama sagrada. Se porventura eu entrasse em algum transe extático, ele estava lá para me agarrar pelos ombros e dizer sem meias palavras que aquilo era irracional. Irracional, irracional, irracional!

Quando o terrível terremoto do século II arrasou Antioquia, e nada sofremos, usei dizer que aquilo era uma Bênção Divina. Marius ficou furioso

com isso e logo assinalou que essa mesma Intervenção Divina também havia protegido o imperador Trajano de Roma, que estava na cidade na época. Qual era a conclusão que eu deveria tirar daí?

Só para lembrar, Antioquia se reergueu logo, os mercados prosperavam, mais levas de escravos chegavam, nada detinha as caravanas cujo destino eram os navios, e o destino dos navios eram as caravanas.

Mas muito antes do terremoto já andávamos às turras todas as noites.

Se eu me demorasse na câmara da Mãe e do Pai, Marius invariavelmente vinha me buscar e chamar de volta ao estado de consciência normal. Ele não conseguia ler em paz quando eu estava alterada. Não conseguia raciocinar porque sabia que eu estava lá embaixo deliberadamente chamando a loucura.

Por quê, perguntava eu, ele precisava querer mandar em todos os cantos daquela casa e daquele jardim? E como é que, quando se tratava de ter de dar cabo de algum daqueles velhos bebedores de sangue que conseguiam chegar a Antioquia e de cujos crimes ficávamos sabendo, minha força era igual à dele?

— Não temos a mesma inteligência? — perguntei.

— Só você pode responder a essa pergunta! — foi o que ele disse. Naturalmente a Mãe e o Pai nunca mais tornaram a se mexer nem a falar.

Nenhum sonho sanguinolento, nenhuma instrução divina jamais me ocorreu. Só de vez em quando Marius me lembrava disso. E depois de muito tempo, permitiu que eu cuidasse do santuário com ele e testemunhasse a magnitude do silêncio e da submissão aparentemente indiferente deles. Eles pareciam absolutamente inatingíveis; sua cooperação era apática e assustadora de se ver.

Quando Flavius adoeceu aos quarenta anos, Marius e eu tivemos a primeira de nossas brigas verdadeiramente terríveis. Isso aconteceu logo, bem antes do terremoto.

Aliás, aquela foi uma época maravilhosa porque o velho e perverso Tibério estava enchendo Antioquia de prédios novos e deslumbrantes. Antioquia era rival de Roma. Mas Flavius estava doente.

Marius mal conseguiu suportar isso. Ele se afeiçoara demais a Flavius - conversavam sobre Aristóteles o tempo todo, e Flavius demonstrou ser uma daquelas pessoas que podem fazer tudo por você, desde dirigir uma casa até copiar na perfeição o texto mais esotérico e mal conservado.

Flavius jamais nos fez uma só pergunta sobre o que éramos. Na cabeça dele, verifiquei, a dedicação e a aceitação sobrepujavam de longe a curiosidade ou o medo.

Esperávamos que Flavius tivesse apenas uma doença sem importância. Mas afinal, quando a moléstia se agravou, ele passou a virar o rosto para Marius sempre que este o visitava. Mas segurava a minha mão quando eu lhe oferecia. Muitas vezes eu ficava horas deitada ao lado dele, como ele já se deitara ao meu lado.

Então, uma noite, Marius me levou até o portão e disse:

— Ele estará morto quando eu voltar. É capaz de agüentar isso sozinha?

— Você está fugindo disso? — perguntei.

— Não — disse ele. — Mas ele não quer que eu o veja gemendo de dor.

Concordei com um gesto de cabeça.

Marius saiu.

Marius há muito tempo decretara que não se deveria nunca mais criar outro bebedor de sangue. Não me dei ao trabalho de questioná-lo sobre isso.

Assim que ele saiu, transformei Flavius em vampiro. Fiz tudo igualzinho ao que o tição, Marius e Akasha haviam feito comigo, pois Marius e eu discutimos longamente os métodos, sugar o máximo de sangue possível, e devolvê-lo até estarmos prestes a desmaiar.

Eu desmaiei mesmo e, quando acordei, vi esse grego deslumbrante de pé em cima de mim, com um sorrisinho, livre de qualquer doença. Ele se abaixou para pegar a minha mão e me ajudar a ficar em pé.

Marius entrou, olhou perplexo para o renascido Flavius e disse:

— Saia, saia desta casa, desta cidade, desta província, deste império. As últimas palavras de Flavius para mim foram:

— Obrigado pelo Dom das Trevas.

Era a primeira vez que eu ouvia aquela expressão específica, que aparece com tanta frequência nos escritos de Lestat. Como esse ateniense culto a entendia bem!

Passei horas evitando Marius. Eu nunca seria perdoada! Então fui para o jardim. Descobri que ele estava sofrendo, e quando ergueu os olhos, percebi que tinha certeza absoluta de que eu pretendia partir com Flavius. Ao ver isso, abracei-o. Ele ficou todo aliviado e amoroso; perdoou imediatamente aquela minha "impulsividade extrema".

— Não percebe — disse eu, dando-lhe a mão — que adoro você? Mas você não pode mandar em mim! Não consegue enxergar dessa sua maneira racional que o principal aspecto do nosso dom lhe escapa? É a libertação da prisão dos conceitos de masculino e feminino!

— Você não pode me convencer nem por um minuto — disse ele — que não sente, pensa e age como uma mulher. Nós dois amávamos Flavius. Mas por que mais um bebedor de sangue?

— Não sei, a não ser pelo fato de que Flavius queria isso. Flavius sabia tudo a respeito de nossos segredos, havia um... entendimento entre mim e Flavius! Ele foi leal nos piores momentos de minha vida mortal. Ah, eu não sei explicar.

— Sentimentos de mulher, precisamente. E você lançou essa criatura na eternidade.

— Ele se une à nossa busca — retruquei.

Em meados do século, quando a cidade estava riquíssima e a paz reinava no Império como não voltaria a reinar nos próximos duzentos anos, o cristão Paulo chegou a Antioquia.

Fui ouvi-lo falar uma noite e voltei para casa comentando que ele era capaz de converter até as pedras à sua fé, tamanho era seu carisma.

— Como pode gastar o seu tempo com essas coisas! — indignou-se Marius. — Cristãos. Eles nem chegam a ser um culto! Uns reverenciam João, outros Jesus. Vivem brigando entre si! Não vê o que esse Paulo fez?

— Não, o quê? — perguntei. — Eu não disse que ia entrar para essa seita. Só que parei para ouvi-lo. Quem sai prejudicado com isso?

— Você, sua cabeça, seu equilíbrio, seu bom senso. Tudo isso fica comprometido por essas bobagens pelas quais você se interessa, e a verdade sai francamente prejudicada! — Ele só estava começando.

— Deixe-me contar-lhe uma coisa sobre esse Paulo — disse Marius. — Ele não conheceu nem o João Batista nem o Jesus da Galiléia. Os hebreus o expulsaram do grupo. Jesus e João eram ambos hebreus! Então Paulo agora está se dirigindo a todo mundo. Judeus e cristãos, gregos e romanos, e dizendo: "Vocês não precisam seguir as prescrições hebraicas. Esqueçam as festas em Jerusalém. Esqueçam a circuncisão. Tornem-se cristãos."

— Sim, é verdade — suspirei.

— Essa é uma religião fácil de se adotar — disse ele. — Não é nada. A pessoa precisa acreditar que esse homem ressurgiu dos mortos. E por falar nisso, pesquisei os textos disponíveis espalhados pelo mercado. Você pesquisou?

— Não. Para mim é uma surpresa o fato de você ter achado que valia a pena gastar seu tempo com essa pesquisa.

— Nos escritos daqueles que conheceram João e Jesus, não vi Jesus nem João dizendo que ressuscitarão dos mortos, ou que todos os que acreditarem neles viverão após a morte. Paulo acrescentou tudo isso. Que promessa sedutora! E você devia ouvir o seu amigo, Paulo, a respeito do Inferno! Que visão cruel — os mortais imperfeitos serem capazes de cometer pecados tão deploráveis que os condenariam ao fogo por toda a eternidade.

— Ele não é meu amigo. Você exagera os meus comentários. Por que isso o afeta tanto?

— Já lhe disse, eu me importo com a verdade, com o que é racional!

— Bem, há uma característica desse grupo de cristãos que você não está percebendo, um modo especial que eles têm, quando estão reunidos, de compartilhar um amor eufórico e de acreditar numa generosidade maior...

— Ah, de novo não! E você vai me dizer que isso é bom?

Não respondi.

Ele voltava aos seus afazeres quando falei.

— Você tem medo de mim — eu lhe disse. — Tem medo de que eu perca a cabeça por alguém de fé e abandone você. Não. Não, não é isso. Você tem medo de ser arrebatado. De ser de alguma maneira seduzido a voltar para o mundo. Aí você não vai ficar mais aqui comigo, a observadora romana superior reclusa, mas vai voltar, buscando os confortos mortais do companheirismo, da convivência, da amizade com os mortais, querendo que eles o reconheçam como sendo um deles quando você não é!

— Pandora, você não está dizendo coisa com coisa.

— Guarde seus segredos nobres — disse eu. — Mas receio por você, isso eu vou confessar.

— Receio por mim? E por quê? — perguntou ele.

— Por que você não percebe que tudo morre, tudo é artifício! Que nem a lógica nem a matemática nem a justiça têm um significado último!

— Isso não é verdade — disse ele.

— Ah, é, sim. Uma noite dessas você ainda vai ver o que eu vi, quando cheguei a Antioquia, antes de você me encontrar, antes dessa transformação que

deveria ter varrido tudo que encontrasse pelo caminho.

"Você verá uma escuridão — prossegui —, uma escuridão tão completa como nunca existiu nem existirá na natureza em nenhum lugar sobre a face da terra! Só a alma humana é capaz de conhecê-la. E ela não tem fim. E faço votos para que quando afinal você não conseguir fugir mais dela, quando perceber que ela o envolve completamente, que a sua lógica e a sua razão o ajudem a enfrentá-la."

Ele me olhou com o máximo respeito. Mas ficou calado. Prossegui:

— Resignação não vai lhe fazer bem nenhum — disse eu — quando essa hora chegar. Resignação exige vontade, e vontade exige decisão, e decisão exige fé, e a fé exige que haja algo em que se tenha fé! E toda ação ou aceitação exige um conceito de uma testemunha! Bem, não há nada, e não há testemunhas! Você ainda não sabe disso, mas eu já sei. Espero que quando descobrir, alguém possa consolá-lo quando você estiver vestindo e arrumando aquelas relíquias monstruosas lá embaixo! Quando você estiver lhes trazendo flores!

Eu estava furiosa. Continuei:

— Lembre-se de mim quando chegar essa hora, se não para ser perdoado, pelo menos para ter um modelo. Pois eu vi isso e sobrevivi. E pouco importa que eu tenha parado para ouvir Paulo pregar sobre Cristo, ou que eu faça coroas de flores para a Rainha, ou que eu fique dançando feito uma idiota ao luar no jardim antes de o dia raiar, ou que eu... que eu ame você. Pouco importa. Porque não existe nada. E não há ninguém para ver. Ninguém! — Suspirei. Estava na hora de terminar.

"Volte para a sua história, esse monte de mentiras que tenta associar os acontecimentos a uma causa e um efeito, essa fé absurda que postula que uma coisa seja consequência de outra. Vou lhe dizer, não é assim. Mas é muito romano de sua parte achar que é."

Ele estava calado me olhando. Eu não sabia dizer o que lhe ia na cabeça nem no coração. Então ele perguntou:

— O que quer que eu faça? — Ele jamais pareceu tão inocente.

Com amargura, eu ri. Não falávamos a mesma língua? Ele não ouvira nem uma palavra que eu dissera. No entanto, não me deu uma resposta, apenas fez essa pergunta simples.

— Está bem — eu disse. — Vou lhe dizer o que quero. Quero que você me ame, Marius, que me ame, mas me deixe em paz! — protestei. Eu nem sequer refletira. As palavras foram saindo. — Me deixe em paz, para que eu procure meus próprios confortos, meus próprios meios de continuar viva, pouco importa o quanto esses confortos lhe pareçam idiotas ou sem nexos. Me deixe em paz!

Ele estava ferido, tão perplexo, com um ar tão inocente apesar de tudo.

Tivemos muitas discussões semelhantes pelas décadas afora.

Algumas vezes, ele depois me procurava; começava a tecer longas considerações sobre o que estava acontecendo com o Império, como os imperadores estavam enlouquecendo e o Senado estava sem poder, como o próprio progresso do homem era único na natureza e algo a ser acompanhado. Como ele precisava da vida, achava ele, até a vida acabar.

— Mesmo que não reste nada a não ser um deserto desolado — disse ele -

eu quero estar lá, para ver aquelas dunas todas — prosseguiu. — Se só restasse uma única lâmpada no mundo, eu haveria de querer ficar olhando para a chama dela. E você também.

Mas o teor e o calor das brigas nunca mudaram muito.

No fundo ele achava que eu o odiava por ter sido tão duro no dia em que recebi o Sangue das Trevas. Eu lhe dizia que isso era infantilidade. Não conseguia convencê-lo de que minha alma e minha inteligência eram muito grandes para um ressentimento desses, e que eu não lhe devia explicação alguma a respeito de meus pensamentos, palavras e atos.

Durante duzentos anos, vivemos e amamos juntos. Ele se tornava cada vez mais belo para mim.

Quando aumentou o fluxo migratório de bárbaros do Norte e do Oriente para a cidade, ele começou a achar desnecessário vestir-se como romano, e passou a usar muito aquelas roupas bordadas dos orientais. Seu cabelo parecia mais fino, mais claro. Ele raramente o cortava, o que naturalmente precisaria fazer todas as noites se quisesse usá-lo curto. Era um esplendor sobre seus ombros.

Quando seu rosto foi ficando mais liso, desapareceram as poucas rugas que muito facilmente poderiam desenhar nele uma expressão de raiva. Como já lhe disse, ele é muito parecido com Lestat. Só é de complexão mais compacta e já tinha as mandíbulas e o queixo ligeiramente mais amadurecidos antes do Dom das Trevas. Mas as pregas indesejáveis estavam recuando de seus olhos.

Às vezes passávamos noites a fio sem falar para não brigar. Entre nós sempre houve uma afeição física — abraços, beijos, às vezes apenas o enlace silencioso de nossas mãos.

Mas sabíamos que já tínhamos superado em muito uma expectativa normal de vida humana.

Você não precisa que eu lhe conte uma história detalhada daquela época extraordinária. Já é mais que conhecida. Deixe-me apenas colocar aqui algumas advertências. Deixe-me apenas lhe esboçar meu ponto de vista sobre as transformações que estavam acontecendo por todo o Império.

Antioquia como cidade próspera mostrava-se indestrutível. Os imperadores começaram a agraciá-la com seu favor e a visitá-la. Ergueram-se mais templos para os cultos orientais. E cristãos de todos os tipos não paravam de chegar.

Na verdade, os cristãos de Antioquia acabaram formando um fascinante e imenso grupo de pessoas que discutiam entre si.

Roma entrou em guerra contra os judeus, esmagando Jerusalém completamente e destruindo o templo sagrado dos hebreus. Muitos brilhantes pensadores judeus mudaram-se para Antioquia bem como para Alexandria.

Por duas ou até três vezes, as legiões romanas passaram por nós a caminho da Pártia, ao Norte. Uma vez até chegamos a ter uma pequena revolta própria, mas Roma sempre segurava a cidade de Antioquia. Então o mercado passou um dia fechado! O comércio continuava, a grande volúpia das caravanas pelos navios, e dos navios pelas caravanas, e Antioquia era o leito em que a união dos dois deveria se consumir.

Havia pouca novidade em termos de poesia. Sátira. A sátira agora parecia

ser a única expressão segura ou honesta da mentalidade romana, e assim tivemos o hilariante conto *O asno de ouro*, de Apuleio, que aparentemente zombava de todas as religiões. Mas o poeta Marcial tinha uma certa amargura. E as cartas de Plínio que chegaram a mim continham severas críticas ao caos moral de Roma.

Como vampira, comecei a me alimentar exclusivamente de soldados. Eu gostava de soldados, de seu aspecto, sua força. Alimentei-me de tantos que tornei-me uma lenda entre eles, "A Dama da Morte Grega", isso por causa de minhas roupas que lhes pareciam arcaicas. Eu atacava a esmo, nas ruas escuras. Não havia a menor possibilidade de me cercarem ou deterem, tamanha era a minha habilidade, a minha força e a minha sede.

Mas eu captava coisas na morte combativa deles, as chamas de uma batalha campal num pântano, uma luta corpo a corpo numa encosta íngreme. Eu acabava com eles delicadamente, fartando-me com seu sangue, e às vezes, aparentemente através de um véu, eu via as almas daqueles que eles próprios haviam matado.

Quando contei isso a Marius, ele disse que era exatamente esse tipo de misticismo disparatado que ele esperaria de mim.

Eu não insisti na questão.

Ele observava com vivo interesse os progressos de Roma. A mim, eles pareciam meramente surpreendentes.

Ele lia atentamente os relatos históricos de Dio Cássio, Plutarco e Tácito, e dava murros quando ouvia falar nas intermináveis escaramuças no rio Reno, no avanço para a Britânia no Norte e na construção da muralha de Adriano para conter definitivamente os escotos, que, como os germânicos, não se submetiam a ninguém.

— Eles não estão mais patrulhando, preservando ou contendo um Império — dizia ele. — Conservando um modo de vida! É só guerra e comércio!

Eu não podia discordar.

A coisa realmente era ainda pior do que tínhamos conhecimento. Se ele soubesse para ouvir os filósofos tanto quanto eu saía, ficaria apavorado.

Magos apareciam por toda parte, afirmando serem capazes de voar, ter visões, curar pelas mãos! Eles entravam em brigas com os cristãos e os judeus. Acho que o exército romano não prestava nenhuma atenção neles.

A medicina que eu conhecera em minha vida mortal fora inundada de fórmulas secretas, amuletos, rituais e pequenas imagens orientais.

Bem mais que a metade do Senado já não era de italianos natos. Isso significava que Roma já não era a nossa Roma. E o título de imperador virara uma piada. Havia tantos assassinatos, complôs, querelas, imperadores falsos e golpes palacianos que logo ficou evidente que era o exército quem mandava. O exército escolhia o imperador. O exército lhe dava apoio.

Os cristãos estavam divididos em seitas antagônicas. Era realmente espantoso. A religião não se extinguia nessa disputa. Ela se fortalecia na divisão. As perseguições violentas que aconteciam de vez em quando — em que as pessoas eram executadas por não estarem rezando diante de um altar romano — pareciam apenas aumentar a simpatia do povo por esse novo culto.

E o novo culto se alastrava debatendo cada princípio relacionado aos

judeus, Deus e Jesus.

Acontecera a coisa mais espantosa com essa religião. Alastrando-se rapidamente graças a navios rápidos, boas estradas e vias de comércio bem conservadas, de repente achou-se numa estranha posição. O mundo não acabara como Jesus e Paulo haviam previsto.

E todas as pessoas que conheceram ou viram Jesus haviam morrido. Finalmente, haviam morrido todas as que conheceram Paulo.

Surgiram filósofos cristãos, fazendo um apanhado de idéias gregas e tradições hebraicas antigas.

Justino de Atenas afirmava que Cristo era o Logos. A pessoa podia ser atéia e ainda assim ser salva em Cristo se defendesse a razão.

Eu tinha de contar isso a Marius.

Achei que certamente isso iria animá-lo, e a noite estava monótona, mas ele apenas me rebateu com mais conversas estranhas a respeito dos gnósticos.

— Um homem chamado Saturnino apareceu hoje no fórum — ele disse. — Talvez tenha ouvido falar nele. Ele prega uma variante louca desse credo que você acha tão engraçado, na qual o Deus dos hebreus é na verdade o Diabo e Jesus, o novo Deus. Não foi a primeira vez que esse homem apareceu. Ele e os seguidores dele, graças ao bispo cristão da cidade, Inácio, estão indo para Alexandria.

— Aqui já há livros vindos de Alexandria com essas idéias — disse eu. — Elas são incompreensíveis para mim. Talvez não sejam para você. Falam de Sofia, um princípio feminino da Sabedoria, anterior à Criação. Tanto judeus quanto cristãos querem incluir de alguma forma esse conceito de Sofia em suas crenças. Isso me lembra muito a nossa amada Ísis.

— A sua amada Ísis! — corrigiu ele.

— Parece que há mentes que juntariam tudo isso, todos os mitos, ou a essência deles, para fazer um tecido glorioso.

— Pandora, você está me deixando doente de novo — ele alertou. — Deixe-me dizer-lhe o que os seus cristãos estão fazendo. Eles estão se organizando muito. Esse bispo Inácio será sucedido por outro, e os bispos agora estão querendo determinar que a era da revelação individual chegou ao fim; eles querem tirar ensinamentos de todos esses manuscritos loucos que aparecem no mercado e fazer um cânone em que todos os cristãos acreditem.

— Nunca achei que uma coisa dessas pudesse acontecer — disse eu. — Eu concordava com você mais do que você podia perceber ao condená-los.

— Eles estão tendo sucesso porque estão se afastando da moral emocional — disse ele. — Estão se organizando como os romanos. Esse bispo Inácio é muito rígido. Ele delega poderes. Pronunciou-se sobre a precisão dos manuscritos. Repare que os profetas estão sendo expulsos de Antioquia.

— É, tem razão — disse eu. — O que acha? Isso é bom ou mau?

— Quero que o mundo seja melhor — disse ele. — Melhor para os homens e as mulheres. Melhor. Só uma coisa está clara: os antigos bebedores de sangue agora estão mortos, e não há nada que você nem eu nem a Rainha nem o Rei possamos fazer para interferir no fluxo dos acontecimentos humanos. Acho que os homens e as mulheres precisam tentar com mais afinco. Tento entender mais

profundamente o mal com cada vítima que pego.

— Qualquer religião que faça afirmações e exigências fanáticas com base na vontade de um deus me assusta.

— Você é um verdadeiro discípulo de Augusto — disse eu. — Concorro com você, mas é divertido ler esses gnósticos loucos. Esse Marcião e esse Valentino.

— Talvez divertido para você. Eu vejo perigo em toda parte. Essa nova cristandade não está apenas se espalhando, ela está se modificando em cada lugar aonde chega; é como um animal que se alimenta da fauna e da flora locais e depois adquire uma determinada capacidade com aquela alimentação.

Não discuti com ele.

No final do século II, Antioquia era uma cidade eminentemente cristã. E, à medida que eu lia as obras de bispos e filósofos novos, parecia-me que coisas piores do que o cristianismo podiam se abater sobre nós.

Fique sabendo, porém, David, que Antioquia não jazia sob uma nuvem de decadência. Não havia no ar a sensação de fim do Império. Havia era um clima de dinamismo e atividade. O comércio dá essa sensação, essa impressão de que há crescimento e criatividade, talvez, quando não há nada disso. Há uma troca, não necessariamente para melhor.

Então veio a era negra para nós. Houve uma conjunção de duas forças que abateram Marius, exigindo toda a sua coragem. Antioquia estava mais interessante do que nunca.

A Mãe e o Pai não estavam imóveis desde aquela noite em que eu chegara!

Deixe-me descrever o primeiro desastre, porque para mim ele não é tão difícil de suportar, e o que senti foi só pena de Marius.

Como já disse, a questão da escolha do imperador virará uma piada. Mas tornou-se realmente de morrer de rir com os acontecimentos do início do século III.

O imperador atual era Caracala, um rematado assassino. Numa peregrinação a Alexandria para visitar os despojos de Alexandre o Grande, sem mais nem menos, ele reuniu milhares de jovens alexandrinos e massacrou-os. Alexandria jamais assistira a semelhante carnificina.

Marius ficou perturbado. O mundo inteiro ficou perturbado.

Marius falou em sair de Antioquia, em ir para bem longe da decadência do Império. Comecei a concordar com ele.

Então esse revoltante imperador Caracala veio marchando para a nossa cidade, pretendendo guerrear com os partos ao Norte e a Leste de nós. Nada de extraordinário para Antioquia!

A mãe dele — e você não precisa se lembrar desses nomes —, Julia Domna, veio residir em Antioquia. Ela estava morrendo de câncer no seio. E deixe-me acrescentar que, juntamente com o filho Caracala, essa mulher mandara assassinar seu outro filho, Geta, porque os irmãos estavam partilhando o poder imperial e ameaçando fazer uma guerra civil.

Deixe-me prosseguir, e mais uma vez você não precisa se lembrar dos nomes.

Tropas foram reunidas para essa guerra contra dois reis do Oriente, Vologeso V e Artabano V. Caracala foi à guerra, venceu e voltou em triunfo. Então, a poucos quilômetros de Antioquia, foi assassinado por seus próprios soldados enquanto tentava se aliviar!

Tudo isso deixou Marius deprimido. Ele passava horas sentado no santuário, contemplando a Mãe e o Pai. Eu achava que sabia o que ele estava pensando, que devíamos nos imolar junto com eles, mas não conseguia suportar essa idéia. Eu não queria morrer. Não queria perder a vida. Não queria perder Marius.

Eu não me importava tanto com o destino de Roma. A vida ainda se estendia à minha frente, continuando a promessa de maravilhas.

Voltemos à comédia. O exército logo transformou em imperador um homem das províncias chamado Macrino, que era mouro e usava um brinco na orelha.

Ele teve uma briga com a mãe do imperador, Julia Domna, por recusar-se a autorizá-la a sair de Antioquia para ir morrer em outro lugar. Ela parou de comer e acabou morrendo.

Isso tudo estava acontecendo ao nosso lado! Esses lunáticos estavam em nossa cidade, ali perto, numa capital que pranteávamos.

Então estourou novamente a guerra, porque os reis do Oriente, que haviam sido pegos desprevenidos por Caracala, agora estavam preparados, e Macrino teve de conduzir as legiões ao campo de batalha.

Como lhe disse, as legiões agora controlavam tudo. Alguém deveria ter avisado isso a Macrino. Em vez de lutar, ele subornou o inimigo. As tropas não ficaram nada orgulhosas com isso. Então ele endureceu com elas, cortando-lhes uma parte dos privilégios.

Ele aparentemente não percebeu que precisava conservar a aprovação do exército para continuar vivo. Mas o que adiantou isso para Caracala, que era querido das tropas?

Seja como for, a irmã de Julia Domna, chamada Julia Maesa, que era síria e de uma família dedicada ao deus-sol sírio, aproveitou esse triste ensejo para levar as saudáveis legiões a aclamarem seu neto, filho de Julia Soemis, imperador! Esse foi realmente um plano escandaloso, por uma série de razões. A principal era o fato de todas as Julias serem sírias. O próprio menino tinha catorze anos, e era também um sacerdote hereditário do deus-sol sírio.

Mas de uma maneira ou de outra, Julia Maesa e o amante de sua filha, Ganis, conseguiram convencer um punhado de soldados de que esse menino sírio de catorze anos deveria ser feito imperador de Roma.

O exército rebelou-se contra o imperador Macrino, e ele e seu filho foram perseguidos e assassinados.

Então, esse menino de catorze anos desfilou aclamado por orgulhosos soldados! Mas ele não quis ser chamado pelo nome romano. Quis ser chamado pelo nome do deus que ele adorava na Síria, Heliogábalo. A própria presença dele em Antioquia dava nos nervos de todos os cidadãos. Afinal, ele e as três Julias remanescentes — sua tia, sua mãe e sua avó, todas sacerdotisas sírias deixaram Antioquia.

Na Nicomédia, que era bem perto de nós, Heliogábalo assassinou o

amante da mãe. Então, quem sobrou? Ele também levou para Roma uma enorme pedra negra dizendo que era uma pedra consagrada ao deus solar sírio, a quem todos agora deveriam adorar.

Ele já estava bem longe, do outro lado do mar, mas às vezes uma carta remetida de Roma não levava mais de onze dias para chegar a Antioquia e, em pouco tempo, os boatos corriam soltos. Quem algum dia saberá a verdade a respeito desse imperador?

Heliogábalo. Ele ergueu um templo para a pedra no monte Palatino. Fazia os romanos se postarem em círculo vestidos de fenícios enquanto ele imolava bois e ovelhas em sacrifício.

Quis obrigar os médicos a fazer uma operação para transformá-lo em mulher, criando uma abertura adequada entre suas pernas. Os romanos ficaram horrorizados com isso. A noite, ele se vestia de mulher, com peruca e tudo, e ia rondar as tavernas.

Por todo o Império, os soldados começaram a se amotinar.

Até as três Julias, a avó Julia Maesa, a tia Julia Domna e a mãe Julia Soemis, começaram a faltar-se dele. Após quatro anos, quatro anos, veja bem, desse governo insano, os soldados mataram-no e atiraram seu corpo no Tibre.

Marius achava que não restava mais nada do mundo que chamávamos de Roma. E não agüentava mais os cristãos de Antioquia, suas brigas por questões de doutrina. Agora estava achando que todas as religiões de mistério eram um perigo. Ele considerava esse imperador lunático um exemplo perfeito do fanatismo que ganhava terreno na época.

E ele estava certo. Estava certo.

Isso foi tudo o que consegui fazer para evitar que ele entrasse em desespero. Na verdade, ele ainda não enfrentara aquela escuridão tenebrosa da qual eu já falara. Vivia agitadíssimo, irritadíssimo e extremamente suscetível. Mas eu estava muito assustada por ele, sofrendo por ele, e não queria que ele visse as coisas mais negras, como eu estava vendo, que ele ficasse mais desligado, sem expectativa nenhuma, quase achando graça na queda de nosso Império.

Então, aconteceu o pior, algo que, de uma forma ou de outra, nós dois temíamos, e que aconteceu da pior forma.

Uma noite, surgiram cinco bebedores de sangue à nossa porta sempre aberta.

Nenhum de nós os ouviu chegar. Entretidos com nossos livros, erguemos os olhos e vimos esses cinco — três mulheres, um homem e um menino —, todos de preto. Estavam vestidos como eremitas e ascetas cristãos que renegam a carne e vivem jejuando. Antioquia tinha muito desse tipo de gente vivendo no deserto, nos arredores da cidade.

Mas esses eram bebedores de sangue.

Morenos de pele, cabelos e olhos negros, eles se postaram à nossa frente, braços cruzados.

Morenos de pele, pensei logo. São jovens. Foram criados antes da grande queimação. E daí que sejam cinco?

De um modo geral, eram bastante bonitos de rosto, com feições bem

desenhadas e sobranceiras feitas, e fundos olhos negros, e os vi cobertos com as marcas de seus corpos vivos — as ruguinhas perto dos olhos, as pregas das juntas dos dedos.

Pareciam tão chocados em nos ver quanto nós a eles. Olhavam a biblioteca feericamente iluminada; olhavam para nossa elegância, que contrastava violentamente com suas vestes ascéticas.

— Bem — disse Marius —, quem são vocês?

Ocultando meus pensamentos, tentei sondar os deles. Eles estavam com a mente bloqueada. Dedicavam-se a alguma coisa, que cheirava a fanatismo. Tive um pressentimento terrível.

Eles foram timidamente entrando porta adentro.

— Não, parem, por favor — disse Marius em grego. — Esta é minha casa. Digam-me quem são vocês e aí talvez eu os convide a entrar.

— Vocês são cristãos, não? — perguntei. — São fanáticos.

— Somos! — disse um deles em grego. O homem. — Somos o flagelo da humanidade em nome de Deus e de seu filho Cristo. Somos os Filhos das Trevas.

— Quem criou vocês? — perguntou Marius.

— Fomos criados numa caverna sagrada e em nosso templo — disse uma das mulheres, falando também em grego. — Conhecemos a verdade da serpente e as presas da serpente são as nossas presas.

Levantei-me e fui para junto de Marius.

— Achamos que vocês estariam em Roma — disse o jovem. Ele tinha cabelos pretos e curtos, e olhos inocentes muito redondos. — Porque o bispo cristão de Roma agora é o sumo sacerdote dos cristãos e a teologia de Antioquia já não tem muita importância.

— Por que estaríamos em Roma? — perguntou Marius. — O que é o bispo de Roma para nós?

A mulher adiantou-se. Usava o cabelo severamente repartido ao meio, mas seu rosto tinha feições muito nobres e regulares. A boca, sobretudo, era lindamente desenhada.

— Por que fogem de nós? Há anos ouvimos falar em vocês! Sabemos que sabem de coisas sobre nós e sobre a origem do Dom das Trevas, que sabem como Deus o colocou no mundo, e sabemos que salvaram a nossa espécie da extinção.

Marius estava simplesmente horrorizado, mas não demonstrava muito.

— Não tenho nada a lhes contar — disse ele, talvez depressa demais. — A não ser que não acredito no seu Deus nem no seu Cristo e não acredito que Deus tenha colocado esse Dom das Trevas, como vocês chamam, no mundo. Vocês cometeram um terrível engano.

Eles eram altamente céticos e absolutamente dedicados.

— Vocês quase chegaram à salvação — disse o menino no final da fila. Usava o cabelo comprido caído nos ombros. Tinha uma voz máscula, mas os membros atarracados. — Vocês quase chegaram àquele ponto em que são tão fortes, brancos e puros que não precisam beber!

— Quisera que isso fosse verdade, mas não é — disse Marius.

— Por que não nos acolhem bem? — perguntou o menino. — Por que não

nos orientam e nos ensinam a melhor forma de disseminar o Sangue das Trevas, e a castigar os mortais pecadores! Somos puros de coração. Fomos escolhidos. Cada um de nós entrou corajosamente na caverna e lá o diabo moribundo, uma criatura seca, só sangue e ossos, expulsa do Paraíso em meio às chamas, transmitiu-nos os ensinamentos dele.

— Quais foram esses ensinamentos? — perguntou Marius.

— Façam-nos sofrer — disse a mulher. — Tragam a morte. Abstenham-se das coisas do mundo, como fazem os estoícos e os eremitas do Egito, mas tragam a morte. Castiguem-nos.

A mulher ficara hostil.

— Esse homem não vai nos ajudar — disse ela baixinho. — Esse homem é profano. Esse homem é um herege.

— Mas precisa nos receber — disse o jovem que tinha falado primeiro. — Estamos procurando há muito tempo e viemos de muito longe, e estamos aqui humildemente. Se desejam morar num palácio, talvez tenham esse direito, vocês o conquistaram, mas nós, não. Vivemos na escuridão, não temos outro prazer além do sangue, banqueteamo-nos igualmente com os fracos, os doentes e os inocentes. Fazemos a vontade de Cristo como a serpente fez a vontade de Deus no Éden ao tentar Eva.

— Venham para o nosso templo — disse um dos outros — e vejam a árvore da vida com a serpente sagrada enrolada no tronco. Temos as presas da serpente, o poder dela. Deus a criou, assim como criou Judas Iscariotes, ou Cairn, ou os perversos imperadores de Roma.

— Ah — disse eu. — Estou entendendo. Antes de se depararem com o deus na caverna, vocês adoravam a serpente. São ofitas, setianos, nassenianos.

— No começo, éramos chamados assim — disse o menino. — Mas agora somos os Filhos das Trevas, dedicados a imolar e matar, dedicados a infligir sofrimento.

— Ah, Marcião e Valentino — sussurrou Marius. — Vocês não sabem os nomes, sabem? São os gnósticos poéticos que inventaram essa sua filosofia confusa cem anos atrás. É o dualismo, segundo o qual, num mundo cristão, o mal poderia ser tão poderoso quanto o bem.

— Sim, sabemos disso. — Vários falaram ao mesmo tempo. — Não sabemos esses nomes profanos. Mas conhecemos a serpente e sabemos o que Deus quer de nós.

— Moisés levantou a serpente acima da cabeça no deserto — disse o menino. — Até a Rainha do Egito conhecia a serpente e usava-a na coroa.

— A história do grande Leviatã foi erradicada em Roma — disse a mulher. — Cortaram-na dos livros sagrados. Mas nós a conhecemos.

— Então vocês aprenderam tudo isso com os cristãos armênios — disse Marius. — Ou terá sido com os sírios.

Um homem baixo de olhos cinzentos que não falara durante todo esse tempo, adiantou-se e dirigiu-se a Marius com grande autoridade.

— Acreditamos em verdades antigas — disse ele — e vocês as usam de forma profana. Todo mundo conhece vocês. Os louros Filhos das Trevas dos bosques do Norte conhecem vocês e sabem que roubaram um segredo

importante do Egito antes do nascimento de Cristo. Muitos já vieram aqui, viram você e a mulher e foram embora com medo.

— Muito sábio — disse Marius.

— O que acharam no Egito? — perguntou a mulher. -Monges cristãos agora vivem nesses aposentos antigos que já pertenceram a uma raça de bebedores de sangue. Os monges não sabem de nós, mas sabemos tudo sobre eles e vocês. Havia escritos lá, havia segredos, havia algo que por vontade divina nos pertence.

— Não, não havia nada — disse Marius. A mulher tornou a tomar a palavra:

— Quando os hebreus saíram do Egito, quando Moisés afastou as águas do mar Vermelho, os hebreus deixaram alguma coisa para trás? Por que Moisés levantou a serpente no deserto? Sabe quantos somos? Quase cem. Viajamos para o extremo norte, para o sul e até para o leste, para terras que você acharia incríveis.

Eu via que Marius estava perturbado.

— Muito bem — eu disse —, entendemos o que desejam e por que foram levados a pensar que podemos satisfazê-los. Pedimos que façam o favor de ir para o jardim e nos deixar falar. Respeitem a nossa casa. Não façam mal aos nossos escravos.

— Nem sonharíamos fazer uma coisa dessas.

— E já voltamos.

Peguei Marius pela mão e arrastei-o lá para baixo.

— Aonde você vai? — perguntou ele. — Bloqueie todas as imagens de sua mente! Eles não podem ver nada.

— Nem verão — disse eu —, e de onde eu estiver quando falar com você, tampouco ouvirão.

Ele pareceu captar o que eu queria dizer. Conduzi-o ao santuário da Mãe e do Pai inalterados, fechando as portas de pedra ao passar. Arrastei Marius para trás dos tronos do Pai e da Mãe.

— Eles provavelmente podem ouvir o coração do casal — sussurrei o mais baixo que pude para ser ouvida. — Mas talvez esse barulho abafe a nossa voz. Agora, temos de matá-los, destruí-los completamente.

Marius estava espantado.

— Veja bem, você sabe que precisamos fazer isso! — disse eu. — Precisamos matá-los e matar qualquer um como eles que se aproximar de nós. Por que está tão chocado? Prepare-se. A maneira mais simples é primeiro cortá-los em pedaços e depois queimá-los.

— Ah, Pandora — suspirou ele.

— Marius, por que está se acovardando?

— Eu não estou me acovardando, Pandora — disse ele. — Vejo que um ato desses vai me transformar para sempre. Matar quando estou com sede, para me manter e manter esses aqui que precisam que alguém os mantenha, isso eu já faço há muito tempo. Mas virar carrasco? Ficar igual aos imperadores que queimam cristãos! Iniciar uma guerra contra essa raça, essa ordem, esse culto, seja lá o que for isso, é adotar essa posição.

— Não há escolha, venha. Há muitas espadas decorativas no aposento onde dormimos. Vamos pegar aqueles sabres. E a tocha. Vamos chegar para eles e dizer o quanto lamentamos o que temos de fazer com eles, e então fazer!

Ele não respondeu.

— Marius, você vai deixá-los ir embora para que outros venham atrás de nós? Só teremos segurança se destruírmos cada bebedor de sangue que vier a nos descobrir e ao Rei e à Rainha.

Ele se afastou de mim e postou-se diante da Mãe. Olhou nos olhos dela. Eu sabia que ele estava falando com ela em silêncio. E sabia que ela não estava respondendo.

— Há uma outra possibilidade — disse eu —, e bem real. — Fiz sinal para que ele voltasse para trás deles, onde eu considerava um lugar mais seguro para conspirar.

— O que é? — perguntou ele.

— Entregue a eles o Rei e a Rainha. E ficamos livres. Eles cuidarão do Rei e da Rainha com um fervor religioso! Talvez o Rei e a Rainha até os deixem beber...

— Isso é inadmissível! — disse ele.

— Exatamente o que eu acho. Nunca saberemos se estamos seguros. E eles vão infestar o mundo como roedores sobrenaturais. Então você tem um terceiro plano?

— Não, mas estou preparado. Usaremos o fogo junto com os sabres. Já para você encantá-los com a sua lábia enquanto nos aproximamos armados de sabres e tochas?

— Já, sim, claro — respondi.

Entramos na câmara e pegamos aqueles afiadíssimos sabres que os árabes usavam no deserto. Acendemos outra tocha com a que estava no pé da escada e subimos juntos.

— Venham a mim, Filhos — disse eu ao entrar na sala, em alto e bom som —, venham, pois o que tenho a revelar exige a luz dessa tocha, e logo vocês ficarão conhecendo a finalidade sagrada desta espada. Como vocês são devotos!

Postamo-nos diante deles.

— Como vocês são jovens! — disse eu.

De repente, eles se agarraram em pânico. Simplificaram tanto aquela operação para nós ajuntando-se assim que terminamos tudo em questão de minutos, ateando-lhes fogo às vestes, cortando seus membros, ignorando seus gritos de dar dó.

Nunca eu havia usado toda a minha força, toda a minha agilidade e toda a minha vontade como usara contra eles. Foi divertidíssimo cortá-los, atear-lhes fogo, cortá-los até derrubá-los, até que eles perdessem toda a vida. Além do mais, eu não queria que eles sofressem.

Por serem eles tão jovens, tão novinhos como bebedores de sangue, levamos algum tempo queimando os ossos, até vê-los transformados em cinzas.

Mas enfim terminamos a operação e ficamos juntos — Marius e eu — no jardim, com as roupas sujas de fuligem, olhando para a relva que a brisa soprava, certificando-nos com nossos próprios olhos de que as cinzas fossem sopradas aos

quatro ventos.

Marius virou-se de súbito e desceu correndo para o santuário da Mãe.

Fui atrás dele, em pânico. Ele segurava a tocha e a espada ensanguentada — ah, como eles perderam sangue — e olhava nos olhos de Akasha.

— Ah, Mãe sem amor! — murmurou.

Tinha o rosto sujo de sangue e fuligem. Olhou da tocha acesa para a Rainha.

Akasha e Enkil não deram o menor sinal de terem percebido o massacre lá de cima. Não demonstraram nem aprovação, nem agradecimento, nem qualquer outro sinal de conhecimento. Não demonstravam ter consciência da tocha que ele segurava nem do que ele estava pensando.

Esse foi o fim de Marius, o fim desse Marius que eu conhecia e amava nessa época.

Ele decidiu não deixar Antioquia. Eu era a favor de partirmos e levá-los, de grandes aventuras, e de ver as maravilhas do mundo.

Mas ele não quis. Tinha uma única obrigação. Que era ficar de tocaia aguardando os outros bebedores de sangue até acabar com todos eles.

Ele passou semanas mudo e imóvel, só reagindo se eu o sacudisse, e aí pedia que eu o deixasse em paz. Só se levantava da tumba para ficar sentado com a tocha e a espada na mão, esperando.

Essa situação tornou-se insuportável para mim. Meses se passaram. Eu disse:

— Você está enlouquecendo. Devíamos levá-los embora!

Então, uma noite, furiosa e sentindo-me muito só, desabafei irrefletidamente:

— Quem me dera estar livre deles e de você! Saí de casa e só voltei três noites depois.

Eu dormia em lugares escuros e seguros que eu arranjava com facilidade. Cada vez que pensava nele, eu o via ali sentado imóvel, idêntico a eles, e ficava com medo.

Se ao menos ele soubesse o que era o desespero verdadeiro; se ao menos tivesse enfrentado o que atualmente chamamos de "absurdo". Se ao menos tivesse se defrontado com o nada! Aí esse massacre não o teria deprimido.

Afinal, um dia, pouco antes do romper da aurora, quando eu me encontrava num esconderijo seguro, um estranho silêncio caiu sobre Antioquia. Um ritmo que eu sempre havia ouvido ali se calara. Eu tentava pensar, o que significava aquilo? Mas havia tempo para descobrir.

Eu havia cometido um erro de cálculo fatal. A casa estava vazia. Ele providenciara a mudança de dia. Eu não tinha nenhuma pista que me indicasse aonde ele havia ido! Todos os seus pertences haviam sido retirados, e todos os meus, escrupulosamente deixados.

Eu lhe faltei quando ele mais precisou de mim. Fiquei dando voltas no santuário vazio. Gritei e deixei meu grito ecoar para além daquelas paredes.

Ele nunca mais voltou a Antioquia. Nunca mandou nenhuma carta.

Passados uns seis meses, desisti e fui embora.

Naturalmente você sabe que os vampiros cristãos dedicados e religiosos

não morreram, não até Lestat aparecer todo vestido de veludo vermelho e peles para deslumbrá-los e ridicularizar suas crenças. Isso foi na Idade da Razão. Foi aí que Marius recebeu Lestat. Quem saberá que outros cultos vampírescos existem?

Quanto a mim, a essa altura eu perdera Marius de novo.

Eu o vi apenas por uma preciosa noite cem anos antes, e naturalmente milhares de anos depois do desmoronamento daquilo que chamamos de "o mundo antigo".

Eu o vi! Foi naquela época elegante e delicada de Luís XIV, o Rei Sol. Estávamos num baile da corte em Dresden. A música tocava — um conjunto experimental de cravo, alaúde e violino — animando aquelas danças artificiais que pareciam resumir-se a medidas e volteios.

Do outro lado de uma sala de repente vi Marius!

Ele vinha olhando para mim há um bom tempo, e aí dirigiu-me o mais trágico e amoroso dos sorrisos. Usava uma grande peruca cacheada, tingida da própria cor de seu cabelo verdadeiro, uma vistosa casaca de veludo, e várias camadas de renda, o que era tão ao gosto dos franceses. Sua pele estava dourada. Isso significava fogo. De repente vi que ele havia passado por algo terrível. Uma expressão de amor triunfante encheu seus olhos azuis, e sem abandonar a posição displicente — estava com o cotovelo apoiado na beira do cravo — ele soprou-me um beijo com os dedos.

Eu sinceramente não conseguia acreditar no que estava vendo. Estaria ele realmente ali? Estaria eu mesma sentada ali, com um corpete justo e decotado, e aquelas enormes saias em camadas superpostas apanhadas em pregueados complicados que deixavam à mostra a barra da saia de baixo? Minha pele nessa época parecia uma coisa artificial. Meu cabelo havia sido preso num coque elaborado no alto da cabeça pelas mãos de um profissional.

Eu não prestara atenção a essas mãos mortais que me constrangeram dessa maneira. Nessa época, eu me deixava conduzir pelo mundo por um vampiro asiático violento, a quem eu pouco ligava. Eu caíra numa daquelas eternas armadilhas de que as mulheres são vítimas: tornara-me o bibelô de luxo de uma personalidade masculina que, apesar de toda a exaustiva crueldade verbal, era suficientemente forte para carregar a nós dois através dos tempos.

O asiático estava num quarto do andar superior, possuindo com vagar sua vítima cuidadosamente escolhida.

Marius veio até onde eu estava e me beijou e me abraçou. Fechei os olhos.

— Esse é o Marius! — eu disse baixinho. — O Marius mesmo.

— Pandora! — ele disse, recuando para olhar para mim. — Minha Pandora! A pele dele fora queimada. Leves cicatrizes. Mas estava quase regenerada. Ele me levou para a pista de dança! Era a personificação perfeita de um ser humano. Guiou-me nos passos da dança. Eu mal conseguia respirar. Seguindo-o, pasma com a euforia que eu via estampada em seu rosto em cada um daqueles volteios elaborados, eu não conseguia calcular os séculos nem os milênios. De repente eu queria saber tudo — onde ele estivera, o que lhe acontecera. Não me deixava dominar pelo orgulho nem pela vergonha. Poderia ele ver que eu não passava de um fantasma da mulher que ele conhecera?

— Você é a esperança da minha alma! — murmurei.

Rapidamente ele me levou dali. Fomos de carruagem para o palácio dele. Ele me cobriu de beijos. Agarrei-me a ele.

— Você — disse ele —, meu sonho, esse tesouro tão levemente jogado fora, você está aqui, você perseverou.

— Porque você me vê, estou aqui — disse eu com amargura. — Porque você ergue a vela, quase consigo ver minha força no espelho.

De repente, ouvi um barulho, um barulho antigo e terrível. Eram as batidas do coração de Akasha, as batidas do coração de Enkil. A carruagem parara. Portões de ferro. Criados. O palácio era amplo, elegante, a residência suntuosa de um nobre rico.

— Eles estão aqui, a Mãe e o Pai?

— Ah, estão, inalterados. Absolutamente confiáveis naquele eterno silêncio. — Sua voz parecia desafiar o horror dessa afirmação.

Eu não estava suportando. Tinha de fugir das batidas do coração dela. Uma imagem do Rei e da Rainha petrificados surgiu diante de meus olhos.

— Não! Leve-me embora daqui. Eu não posso entrar. Marius, eu não posso olhar para eles!

— Pandora, eles estão escondidos embaixo do palácio. Não há necessidade de olhar para eles. Eles não saberão. Pandora, continuam os mesmos.

Ah! Os mesmos! De repente minha mente voltou ao passado por um terreno perigoso e chegou às primeiras noites que passei sozinha e mortal em Antioquia, às vitórias e derrotas que tive depois nessa época. Ah! Akasha era a mesma! Eu receava que fosse começar a gritar e não conseguisse parar.

— Muito bem — disse Marius —, vamos aonde você quiser. Expliquei ao cocheiro onde ficava o meu esconderijo.

Eu não conseguia olhar para Marius. Ele continuava bravamente simulando um encontro feliz. Falou de ciência e literatura, Shakespeare, Dryden, do Novo Mundo cheio de selvas e rios. Mas por trás de sua voz, eu escutava a alegria que ele perdera.

Apertei meu rosto contra ele. Quando a carruagem parou, saltei e corri para a porta de minha casinha. Olhei para trás. Ele estava na rua.

Estava cansado e abatido, e lentamente balançou a cabeça, fazendo um gesto de aceitação.

— Posso esperar que isso passe? — perguntou ele. — Há alguma esperança de você mudar de idéia? Esperarei aqui para sempre!

— Não é minha intenção! — respondi. — Estou deixando esta cidade agora. Me esqueça. Esqueça que algum dia me viu!

— Meu amor — disse ele ternamente. — Meu único amor.

Entrei em casa correndo e bati a porta. Ouvi a carruagem partir. Descontrolei-me como não me descontrolava desde a vida mortal, dando murros na parede, tentando conter minha imensa força e os uivos e os gritos que queriam sair de mim.

Finalmente olhei para o relógio. Faltavam três horas para o dia raiar.

Sentei-me à escrivaninha e escrevi para ele.

Marius,

Quando amanhecer, estarei em Moscou. Este mesmo caixão em que descanso vai me transportar por muitos quilômetros no primeiro dia. Marius, estou atordoad. Não posso procurar abrigo em sua casa, debaixo do mesmo teto que o Pai e a Mãe. Por favor, Marius, venha para Moscou. Ajude-me a livrar-me dessa situação. Depois você pode me julgar e me condenar. Eu preciso de você, Marius. Ficarei assombrando os arredores do palácio do czar e da grande catedral até você chegar. Marius, sei que estou lhe pedindo que faça uma longa viagem, mas por favor, venha. Sou escrava dessa vontade de bebedora de sangue.

Amo você, Pandora.

Saí correndo para a casa dele, tentando refazer o caminho que tão estupidamente eu ignorara.

Mas e as batidas do coração? Eu iria ouvir aquele barulho medonho! Eu tinha de passar correndo por esse barulho, e conseguir entregar a Marius essa carta, talvez deixá-lo me agarrar pelo braço e me obrigar a ir para um lugar seguro, e expulsar antes do amanhecer o vampiro asiático que me guardava.

Então a própria carruagem apareceu, transportando o meu colega bebedor de sangue do baile.

Ele parou imediatamente para me pegar.

Chamei o cocheiro de lado.

— O homem que me levou para casa — disse eu. — Fomos à casa dele, um palácio enorme.

— Sim, o conde Marius — disse o cocheiro. — Acabei de deixá-lo lá de volta.

— Você precisa lhe entregar esta carta. Depressa! Precisa ir à casa dele e lhe entregar isso em mãos! Diga-lhe que eu não tinha dinheiro para lhe dar, que ele tem de lhe pagar, quero que diga isso a ele. Ele lhe pagará. Diga que a carta é de Pandora. Você tem de encontrá-lo.

— De quem você está falando? — perguntou meu companheiro asiático. Fiz sinal para o cocheiro partir!

— Vá!

Naturalmente meu consorte ficou indignado. Mas a carruagem já seguia em frente.

Passaram-se duzentos anos até eu ficar sabendo da verdade simplíssima: Marius jamais recebeu aquela carta!

Ele voltara para casa, arrumara suas coisas e, na noite seguinte, deixara Dresden deprimido. Só encontrou a carta muito tempo depois, segundo contou ao Vampiro Lestat, "um escrito frágil", como disse, "que ficara esquecido no fundo de uma mala de viagem atulhada de coisas".

Quando tornei a vê-lo?

No mundo de hoje. Quando a Rainha antiga se ergueu do trono e demonstrou os limites de sua sabedoria, sua vontade e seu poder.

Duzentos anos depois, em nosso século XX ainda repleto de colunas, estátuas, frontões triangulares e peristilos, infestado de computadores e emissoras de tevê que vendem entusiasmo, com Cícero e Ovídio em todas as bibliotecas públicas, nossa Rainha, Akasha, foi despertada pela imagem de Lestat na tela de um televisor, no mais moderno e seguro dos santuários, e tentou reinar como

uma deusa, não apenas sobre nós, mas também sobre toda a humanidade.

Na hora mais crítica, quando ela tentou nos destruir a todos se não lhe obedecêssemos — e ela já matara muitos —, foi Marius, com sua argumentação, seu otimismo, sua filosofia, quem falou com ela, quem tentou acalmá-la e distraí-la, quem adiou suas intenções destrutivas até que um inimigo antigo chegou para realizar uma maldição antiga, e abateu-a com uma simplicidade antiga.

David, o que você fez comigo incentivando-me a escrever esta narrativa?

Fez com que eu me envergonhasse dos anos que desperdicei. Me fez reconhecer que nunca houve escuridão capaz de apagar meu conhecimento pessoal do amor, amor por mortais que me trouxeram ao mundo, amor por deusas de pedra, amor por Marius.

Sobretudo, não posso negar a ressurgência desse amor por Marius.

E estou sempre vendo indícios de amor à minha volta nesse mundo. Por trás da imagem da Virgem Abençoada e seu Menino Jesus, por trás da imagem do Cristo Crucificado, por trás da recordação daquela estátua de basalto representando Ísis. Vejo amor. Vejo amor no esforço humano. Vejo a inegável penetração do amor em todas as realizações humanas, na poesia, na pintura, na música, nas relações interpessoais e na recusa à aceitação do sofrimento como destino.

Acima de tudo, porém, vejo amor na própria composição do mundo, a qual ofusca toda forma de arte e não pode, por pura obra do acaso, ter acumulado tanta beleza.

Amor. Mas de onde vem esse amor? Por que faz tanto segredo de sua fonte, esse amor que cria a chuva e as árvores e salpicou as estrelas lá no céu como os deuses e as deusas alegavam ter feito?

Então Lestat, o príncipe moleque, despertou a Rainha; e nós sobrevivemos à destruição dela. Aí Lestat, o príncipe moleque, foi aos Céus e ao Inferno e voltou trazendo descrença, horror e o Véu de Verônica. Verônica, um nome cristão inventado que significa *vera ikon*, ou ícone verdadeiro. Ele esteve na Palestina exatamente nos anos em que eu vivia, e lá viu algo que tanto prezamos e abalou a faculdade dos humanos: fé, razão.

Preciso ir a Lestat, olhar nos olhos dele. Preciso ver o que ele viu!

Que os jovens cantem canções de morte. Eles são idiotas.

A melhor coisa sob o sol e a lua é a alma humana. Fico maravilhada com os pequenos milagres de bondade que acontecem entre os humanos, fico maravilhada com o desenvolvimento da consciência, com a persistência da razão diante da superstição e do desespero. Fico maravilhada com a resistência humana.

Tenho mais uma história para lhe contar. Não sei por que desejo registrá-la aqui. Mas desejo. Talvez por achar que você — um vampiro que vê espíritos — entenderá isso, e talvez entenderá por que não me comovi com ela.

Uma vez no século VI — ou seja, quinhentos anos após o nascimento de Cristo e trezentos após eu ter deixado Marius — fui passear pela Itália bárbara. Os ostrogodos há muito tinham invadido a península.

Então outras tribos vieram atacá-los, pilhando, incendiando, roubando pedras de templos antigos.

Para mim, ir lá era o mesmo que andar num braseiro.

Mas Roma realmente lutava com uma certa concepção de si mesma, de seus princípios, tentando misturar pagãos e cristãos e ter uma trégua dos ataques bárbaros.

O Senado romano continuava existindo. Entre todas as instituições, foi a que sobreviveu.

E um estudioso, da mesma cepa que eu, Boécio, um homem curtíssimo que estudava os antigos e os santos, acabara de ser condenado à morte, mas não antes de nos ter dado um grande livro. Hoje esse livro pode ser encontrado em qualquer biblioteca. Trata-se, naturalmente, de *Consolatio philosophiae*.

Eu precisava ver com meus próprios olhos as ruínas do fórum, as colinas incendiadas e estéréis de Roma, os porcos e as cabras passeando por onde Cícero discursava para o povo. Eu precisava ver os miseráveis que viviam esquecidos e sem esperanças às margens do Tibre.

Eu precisava ver o mundo clássico decaído. Precisava ver as igrejas e os santuários cristãos.

Eu precisava ver um estudioso em particular. Como Boécio, ele era romano de antiga cepa e, como Boécio, lera os clássicos e os santos. Era um homem que se correspondia com o mundo todo, inclusive com o estudioso Beda na Inglaterra.

E construiu um mosteiro, uma explosão de criatividade e otimismo, apesar da decadência e da guerra.

Esse homem naturalmente era o erudito Cassiodoro, e seu mosteiro ficava na ponta da bota da Itália, na paradisíaca e verdejante Calábria.

Cheguei lá à noitinha, como planejado, quando o mosteiro parecia uma maravilhosa cidadezinha toda iluminada.

Os monges estavam copiando furiosamente no *scriptorium*.

E em sua cela que se abria para a noite escura, Cassiodoro, um homem de mais de noventa anos, escrevia.

Ele sobrevivera à política bárbara que desgraçara seu amigo Boécio, e, após servir ao imperador ariano ostrogodo Teodorico e aposentar-se do funcionalismo público, dedicara-se à construção desse mosteiro, seu sonho, e à correspondência com outros monges pelo mundo afora, para com eles compartilhar seu conhecimento da antigüidade e conservar a sabedoria dos gregos e dos romanos.

Terá sido ele realmente o último representante do mundo antigo, como dizem alguns? O último homem que sabia latim e grego? O último que dava valor a Aristóteles e ao dogma do papa romano? A Platão e a São Paulo?

Eu não sabia nessa época que ele seria tão bem lembrado. Nem com que rapidez seria esquecido!

Vivarium, naquelas encostas escarpadas, era um triunfo arquitetônico. Tinha lagos cintilantes que eram criatórios de peixes — donde o nome "Vivarium". Tinha uma igreja cristã com o indefectível cruzeiro, dormitórios, aposentos para acolher o peregrino fatigado. Sua biblioteca possuía uma grande variedade de clássicos de minha época, bem como evangelhos que se perderam no tempo. O mosteiro era rico em todos os produtos agrícolas, possuía de tudo

que se planta para comer, árvores carregadas de frutos, extensos trigais.

Os monges cuidavam de tudo isso, e dedicavam-se dia e noite à cópia de livros no extenso *scriptorium*.

Havia também um apiário nessa suave encosta enluarada, com centenas de colméias das quais os monges colhiam mel para sua mesa e cera para as velas sacras e geléia real para a fabricação de unguentos. As colméias cobriam um morro maior que a horta e o pasto de Vivarium.

Fiquei espiando Cassiodoro. Passei no meio das colméias e me deslumbrei com a incrível organização das abelhas, pois os mistérios das abelhas, de sua dança, de sua caçada ao pólen, de seu acasalamento, tudo isso eu já conhecia de vista antes que fosse compreendido pelo mundo dos humanos.

Deixando as colméias, quando me dirigia para a cela de Cassiodoro orientada pela luz de sua lâmpada ao longe, olhei para trás. E vi uma coisa.

Algo se formava nas colméias, uma coisa imensa e invisível e poderosa que eu sentia e ouvia. Eu não estava com medo, estava apenas animada por uma esperança passageira de que uma Coisa Nova tivesse vindo ao mundo. Pois não sou nem nunca fui de ver fantasmas.

Essa força vinha das próprias abelhas, de seu conhecimento intrincado e de seus inúmeros padrões sublimes, como se elas de alguma forma tivessem sofrido uma mutação, ou dotado esse conhecimento de consciência por meio de sua infinita criatividade, meticulosidade e resistência.

Parecia um espírito da floresta dos antigos romanos.

Vi essa força sobrevoar livremente os campos. Vi-a entrar no corpo de um espantalho que lá estava, um boneco que os monges haviam feito com uma cabeça redonda de madeira, olhos pintados, nariz bruto e boca sorridente — uma criatura sólida que às vezes era mudada de lugar, intacta com aquele capuz e aquele hábito de monge.

Vi esse espantalho, esse boneco de palha e madeira ir rodopiando e dançando por campos e vinhas até chegar à cela de Cassiodoro.

Fui atrás!

Então ouvi um gemido silencioso vindo desse ser. Ouvi isso e vi o espantalho todo curvado numa dança aflita, tapando os ouvidos que ele não tinha com os feixes de palha que eram suas mãos. Ele se contorcia de dor.

Cassiodoro estava morto. Morrerá mansamente em sua cela iluminada, a porta aberta, sentado à escrivaninha. Sua cabeça grisalha de ancião repousava sobre o manuscrito. Ele vivera mais de noventa anos. E estava morto.

Essa criatura, esse espantalho, estava desesperado de dor, balançando o corpo e gemendo, embora nenhum humano tivesse capacidade de ouvir esses gemidos.

Eu, que nunca tinha visto espíritos, fiquei olhando espantada para aquilo. Então essa coisa percebeu a minha presença. Virou-se. Ele — pois parecia homem com aquelas roupas maltrapilhas e aquele corpo de palha — tentou me pegar. Esticou os braços. A palha saía pelas mangas. Sua cabeça de madeira balançava na vara que a sustentava. Essa coisa me implorava: suplicava que eu lhe desse as respostas para as indagações mais importantes já feitas por humanos e imortais. Encarava-me à espera de respostas!

Então, dando mais uma olhada para o corpo de Cassiodoro, veio correndo para mim pela relva, e a necessidade a deixou, derramou-se de dentro dela, que me olhava de braços abertos. Não teria eu uma explicação? Não poderia eu atribuir a algum desígnio divino o mistério e a perda de Cassiodoro? Cassiodoro que com seu Vivarium rivalizava com as abelhas em elegância e glória! Foi Vivarium que reuniu essa consciência a partir das abelhas! Não poderia eu amenizar a dor dessa criatura?

— Há coisas horríveis neste mundo — murmurei. — São feitas de mistério e dependem do mistério. Se quiser ter paz, volte para as colméias, abandone a forma humana e torne a baixar, fragmentando-se na vida inconsciente das abelhas satisfeitas da qual você saiu.

Ele estava imóvel, e me ouvia.

— Se quiser ter uma vida carnal, humana e árdua que possa se passar no tempo e no espaço, lute por isso. Se quiser ter uma filosofia humana, esforce-se e torne-se sábio, a fim de que nada possa magoá-lo. Sabedoria é força. Seja lá o que você for, transforme-se em algo que tenha um objetivo.

— Mas fique sabendo de uma coisa: Tudo aqui embaixo é especulação. Todos os mitos, todas as religiões, todas as filosofias, toda a história — tudo isso são mentiras.

A coisa, fosse ela homem ou mulher, ergueu aqueles feixes de palha que eram suas mãos, como se para cobrir a boca. Virei-lhe as costas.

Fui andando calada pelas vinhas. Logo logo os monges descobririam que seu Padre Superior, seu gênio, seu santo, morrera enquanto trabalhava.

Olhei para trás espantada e vi que o boneco de palha continuava lá, organizado, assumindo a postura de um ser ereto, a me observar.

— Não acreditarei em você! — gritei para esse espantelho. -Não procurarei as respostas com você! Mas fique sabendo disso: se você quiser virar um ser organizado como está vendo que eu sou, ame toda a humanidade, homens, mulheres e crianças. Não tire sua força do sangue! Não se alimente do sofrimento. Não se eleve como um deus sobre o povo cantando em adoração. Não minta!

A coisa ouvia. Escutava. Continuava imóvel.

Saí correndo. Subi aquelas ladeiras pedregosas e corri por aquelas matas calabresas até estar bem longe do mosteiro. Do alto, vi o majestoso Vivarium com seus claustros e telhados inclinados espreado-se por toda a orla daquela enseada banhada pelo luar.

Nunca mais tornei a ver a criatura de palha. Não sei o que era aquilo. Não quero que me faça nenhuma pergunta sobre ela.

Você me diz que os espíritos e os fantasmas andam. Sabemos que esses seres existem. Mas essa foi a última vez que vi aquele.

E quando voltei a passear pela Itália, Vivarium já fora destruído há muito. Os terremotos acabaram jogando abaixo o resto dos muros do mosteiro. Antes dos terremotos, já teriam os vândalos, a horda seguinte de homens altos e ignorantes do Norte da Europa, saqueado Vivarium? Teria sido um terremoto a causa de sua destruição?

Ninguém sabe. O que resta disso tudo são as cartas de Cassiodoro.

Pouco depois os clássicos foram declarados profanos. O papa Gregório escreveu homílias recheadas de magia e milagres, porque essa era a única maneira de converter ao cristianismo e catequizar milhares de tribos do Norte supersticiosas, batizando-as em massa.

Ele conquistou os guerreiros que Roma nunca poderia conquistar.

Durante cem anos, a história da Itália permanece na escuridão total após Cassiodoro. Como os livros colocam isso? Durante um século não se fala da Itália.

Ah, que silêncio!

Agora, David, agora que você está chegando a estas páginas finais, devo confessar que já o deixei. Os sorrisos com que lhe entreguei esses cadernos são falsos. Estratagemas femininos, diria Marius. A promessa que fiz de encontrá-lo amanhã à noite aqui em Paris era mentira. Já não estarei mais em Paris quando você estiver lendo estas linhas. Vou para Nova Orleans.

Foi você quem fez isso, David. Você me transformou. Você me fez acreditar desesperadamente que na narrativa há a sombra de um significado. Agora conheço uma energia nova e gritante. Você me treinou, graças ao esforço de linguagem e de memória que exigiu de mim, a viver de novo, a acreditar novamente que existe algum bem neste mundo.

Quero encontrar Marius. Há pensamentos de outros imortais pelo ar. Gritos, súplicas, mensagens estranhas...

Alguém que aparentemente nos deixara, agora é dado como sobrevivente.

Tenho bons motivos para acreditar que Marius foi para Nova Orleans, e preciso ir ao seu encontro. Preciso procurar Lestat, ver esse príncipe moleque decaído deitado no chão da capela incapaz de falar ou mover-se.

Venha encontrar-se comigo, David. Não tenha medo de Marius! Sei que ele virá para ajudar Lestat. Estou fazendo o mesmo.

Volte para Nova Orleans.

Mesmo que Marius não esteja lá, quero ver Lestat. Quero ver os outros de novo. O que você fez, David? Agora eu tenho — com essa curiosidade nova, com essa capacidade apaixonada de me importar de novo com as coisas, com a capacidade de cantar renascida —, agora eu tenho a terrível capacidade de desejar e amar.

Só por isso, se não for por mais nada, e há tanto mais, eu já lhe serei eternamente grata. Pouco importa o que eu vá sofrer, você me despertou. E nada que você faça ou diga poderá acabar com meu amor por você.